ISAAC ASIMOV

FIM DA ETERNIDADE

SHOUT
SHARE
IT

Annotation

Andrew Harlan é um Eterno: membro da classe dominante do futuro. Seu trabalho é viajar pelos séculos monitorando e alterando realidades, corrigindo assim os erros dos homens. A humanidade estava a salvo. Até que Harlan comete o pior dos pecados: apaixona-se. Tido como um de seus melhores trabalhos, este clássico nos mostra mais uma vez por que Asimov é considerado o grande mestre da ficção científica moderna.

- Isaac Asimov
  - 1. TÉCNICO
  - 2. OBSERVADOR
  - 3. APRENDIZ
  - 4. COMPUTADOR
  - 5. TEMPISTA
  - 6. ESBOÇADOR DE VIDA
  - 7. PRELÚDIO DO CRIME
  - 8. CRIME
  - 9. INTERLÚDIO
  - 10. ENCURRALADO!
  - 11. CÍRCULO COMPLETO
  - 12. O COMEÇO DA ETERNIDADE
  - 13. ALÉM DO TÉRMINO DA ESCALA DESCENDENTE
  - 14. O CRIME ANTERIOR
  - 15. BUSCA ATRAVÉS DO PRIMITIVO
  - 16. OS SÉCULOS OBSCUROS
  - 17. O FECHAMENTO DO CÍRCULO
  - 18. O COMEÇO DA INFINIDADE
- notes
  - 1
  - 2

Isaac Asimov
O fim da eternidade

1. TÉCNICO

Andrew Harlan pisou dentro da caldeira. Seus lados eram perfeitamente redondos e ela se ajustava confortavelmente dentro de um eixo vertical composto de barras largamente espaçadas, que tremeluziam numa neblina invisível, dois metros acima da cabeça de Harlan. Este tomou os controles e acionou calmamente a alavanca de partida da caldeira.

Ela não se moveu.

Harlan não esperava que ela o fizesse. Não esperava nenhum movimento; nem para cima nem para baixo, esquerda ou direita, para frente ou para trás. Contudo, os espaços entre as barras tinham-se fundido numa claridade acinzentada, que era sólida ao toque, porém imaterial para tudo o mais. E havia a pequena agitação em seu estômago, o leve (psicossomático?) traço de vertigem que lhe revelavam que tudo que a caldeira continha, inclusive ele, estava se precipitando para cima na escala do Tempo, através da Eternidade.

Ele tinha embarcado na caldeira no século 575; a base de operações o nomeara dois anos antes. Na época, o século 575 tinha sido o mais distante na escala do Tempo em que ele já tinha viajado. Agora estava dirigindo-se ao século 2456.

Sob circunstâncias normais, ele poderia ter-se sentido um pouco perdido com a perspectiva. Seu século nativo era no distante passado, o século 95, para ser exato.

Era um século rigidamente restringido de poder atômico, levemente rústico, amigo de madeira natural como material para construção, exportadores de certas bebidas destiladas aceitáveis em quase todas as épocas e importadores de sementes de trifólio. Apesar de que Harlan não estivera no século 95 desde que entrara para o treinamento especial e se tornara um Aprendiz, com a idade de quinze anos, havia sempre aquele sentimento de perda quando alguém deixava o “lar”. No século 2456, estaria aproximadamente a duzentos e quarenta milênios de sua época natal, e esta distância é considerável, mesmo para um Eterno calejado.

Sob circunstâncias normais, tudo seria assim.

Mas naquele exato momento Harlan estava com um péssimo ânimo para pensar em qualquer coisa, senão no fato de que seus documentos pesavam em seu bolso e seu plano pesava em seu coração. Estava um pouco assustado, um pouco tenso, um pouco confuso.

Foram suas mãos, atuando por si mesmas, que trouxeram a caldeira para o lugar adequado no século correto.

Era estranho que um Técnico sentisse tensão ou nervosismo por

alguma coisa. Foi o que disse o Educador Yarrow certa vez:

"Acima de tudo, um Técnico deve ser imparcial. A Mudança de Realidade que ele inicia pode mudar as vidas de cerca de cinqüenta bilhões de pessoas. Um milhão ou mais delas poderiam ser tão drasticamente afetadas, a ponto de serem consideradas novos indivíduos. Sob estas condições, uma atitude emocional é uma desvantagem evidente."

Harlan tirou da mente a lembrança da voz seca de seu professor, com um quase selvagem chacoalhar de cabeça. Naqueles dias, não tinha nunca imaginado que ele tivesse o peculiar talento para aquela mesma posição. Mas a emoção tinha-o atacado, afinal de contas. Não pelos cinqüenta bilhões de pessoas. O que significava para ele, no Tempo, cinqüenta bilhões de pessoas? Havia apenas uma. Uma só pessoa.

Apercebeu-se de que a caldeira estava imóvel e, com uma pequena pausa para coordenar seus pensamentos e situar-se dentro da estrutura mental impessoal e fria que um Técnico deve ter, saiu. A caldeira de que saiu, naturalmente, não era a mesma que aquela em que havia embarcado, no sentido de que não era composta dos mesmos átomos. Não se preocupou com isso mais do que um Eterno se preocuparia. Preocupar-se com a mística da viagem no Tempo, antes que com o simples fato dela existir, era característica de um Aprendiz, de um recém-chegado à Eternidade.

Deteve-se novamente diante da cortina ilimitadamente fina de não-Espaço e não-Tempo que o separava, de um lado, da Eternidade, e do outro, do Tempo normal.

Este seria um Setor da Eternidade completamente novo para ele. Conhecia-o de uma maneira superficial, naturalmente, tendo verificado no Manual Temporal. Entretanto, não havia substituto para a situação atual, e ele se firmou para o choque inicial de ajustamento.

Ajustou os controles; uma coisa simples no passar para a Eternidade (e bastante complicada no passar para o Tempo: um tipo de passagem que era relativamente menos freqüente). Atravessou a cortina e encontrou-se ofuscado pela claridade. Automaticamente levantou a mão para proteger os olhos.

Somente um homem o encarou. A princípio, Harlan pôde ver somente sua silhueta.

— Sou o Sociólogo Kantor Voy — disse o homem. — Imagino que você seja o Técnico Harlan.

Harlan fez que sim com a cabeça e disse: — Pai Tempo! Não é ajustável este tipo de ornamentação?

Voy olhou ao redor e disse tolerantemente: — Refere-se às películas moleculares?

— Certamente — respondeu Harlan. O Manual as havia

mencionado, mas não dizia nada a respeito de uma insana confusão de reflexos de luz.

Harlan percebeu ser a sua contrariedade totalmente razoável. O século 2456 estava orientado para a matéria, assim como a maioria dos séculos, de maneira que ele tinha o direito de esperar uma compatibilidade básica desde o princípio. Não teria nada da total confusão (para qualquer um nascido orientado para a matéria) dos vórtices de energia dos séculos 300, ou das dinâmicas de campo dos séculos 600. No século 2456, para conforto do Eterno comum, a matéria era usada para tudo, desde as paredes aos pregos.

Para ser exato, havia matéria e matéria. Um membro de um século orientado para a energia não poderia compreender isso. Para ele, toda a matéria poderia parecer como sendo variações menores de um objeto que era grosseiro, pesado e bárbaro. Para Harlan, orientado para a matéria, contudo, havia madeira, metal (subdivisões, nebuloso e claro), plástico, silicatos, concreto, couro e assim por diante.

Mas- matéria consistindo unicamente de espelhos!

Esta foi sua primeira impressão do século 2456. Qualquer superfície brilhava e refletia a luz. Em todo lugar estava a ilusão de completa lisura; o efeito de uma película molecular. E em seu sempre repetido reflexo, no do Sociólogo Voy, no de qualquer coisa que ele pudesse ver, em fragmentos e inteiro, em todos os ângulos, havia confusão. Extravagante confusão e náusea!

— Sinto muito — disse Voy — é o costume do século, e o Setor encarregado dele acha de boa praxe adotar os costumes onde forem praticáveis. Você se acostumará a isso depois de algum tempo.

Voy caminhou rapidamente sobre os pés de um outro Voy de cabeça para baixo, que o imitou passo por passo. Adiantou-se para acionar o indicador de contato-cabelo e baixou-o para o ponto de origem, numa escala espiral.

Foram-se os reflexos; desvaneceu-se a estranha luz. Harlan sentiu-se novamente em seu mundo.

— Se você vier comigo agora… — disse Voy. Harlan seguiu por um corredor vazio que, como ele sabia, devia ter sido, momentos atrás, uma confusão de luz artificial e reflexos, subindo por uma rampa, atravessando uma ante-sala e entrando num escritório.

Durante toda a pequena jornada, nenhum ser humano fora visto. Harlan estava tão acostumado a isso e aceitava tanto o fato, que teria ficado surpreso, quase chocado, se a silhueta de uma figura humana tivesse atingido seus olhos. Não havia dúvida de que se havia espalhado a notícia de que um Técnico estava vindo por ali. Mesmo Voy conservou distância, e quando, acidentalmente, a mão de Harlan esbarrou em sua luva, Voy se retraiu com visível espanto.

Harlan estava vagamente surpreso com o toque de amargura que

sentiu com tudo isso. Tinha pensado que a concha que havia criado em volta de seu espírito fosse mais grossa, mais suficientemente insensível do que aquilo. Se estava enganado, se sua casca tinha ficado mais fina, poderia haver somente uma razão para isso.

Noys!

O Sociólogo Kantor Voy inclinou-se para a frente diante do Técnico, no que pareceu uma maneira bastante amável, mas Harlan notou automaticamente que estavam sentados em lados opostos do longo eixo de uma mesa razoavelmente grande.

— Estou satisfeito por ter aqui um Técnico de sua reputação interessado em nosso pequeno problema — disse Voy.

— Sim — respondeu Harlan, com a fria impessoalidade que as pessoas esperariam dele. — Tem seus pontos de interesse.

(Seria ele suficientemente impessoal? Certamente seus motivos reais deviam ser aparentes, sua culpa soletrada em gotas de suor em sua testa.)

Ele removeu de um bolso interno o resumo frustrado da Mudança de Realidade projetada. Era a mesma cópia que havia sido enviada ao Conselho Geral um mês antes. Através de sua afinidade com o Computador Sênior Twissell (o Twissell, ele mesmo), Harlan tivera pouca dificuldade em deitar as mãos nela.

Antes de desenrolar a folha, deixando-a cair sobre o tampo da mesa, onde seria atraída por um suave campo magnético, Harlan pausou por um momento.

A película molecular que cobria a mesa estava subjugada, mas não a zero. Seu olhar fixou-se no movimento de seu braço, e por um instante o reflexo de seu próprio rosto pareceu fitá-lo sombriamente do tampo da mesa. Ele tinha trinta e dois anos, mas parecia mais velho. Não precisava que lho dissessem. Podia ser em parte o seu rosto alongado e sobrancelhas escuras sobre olhos mais escuros que lhe davam a expressão sombria e olhar frio associados com a caricatura do Técnico nas mentes de todos os Eternos. Podia ser apenas sua própria realização por ser um Técnico.

Mas então agitou a folha sobre a mesa e retomou o assunto.

— Não sou Sociólogo, senhor.

Voy sorriu. — Isso parece formidável. Quando se começa por expressar falta de competência em dado campo, normalmente implica que se seguirá uma opinião positiva naquele campo, quase que imediatamente.

— Não — disse Harlan — não uma opinião. Apenas um pedido. Admiro-me se o senhor não olhar este resumo e ver se cometeu um pequeno engano em algum lugar dele.

Voy pareceu imediatamente sério. — Espero que não — disse.

Harlan conservou um braço sobre o encosto da cadeira e o outro

no colo. Não devia deixar nenhuma das duas mãos tamborilar dedos impacientes. Não devia morder os lábios. Não devia mostrar seus sentimentos de forma alguma.

Depois que toda a orientação de sua vida tinha se modificado tanto, ele estivera observando os resumos das Mudanças de Realidade projetadas, à medida que passavam pelo esfalfante mecanismo administrativo do Conselho Geral. Como Técnico pessoalmente nomeado pelo Computador Sênior Twissell, podia arranjá-lo com uma leve flexão de éticas profissionais. Particularmente com a atenção de Twissell presa sempre mais firmemente em seu próprio projeto esmagador. (As narinas de Harlan se dilataram. Agora sabia um pouco sobre a natureza daquele projeto.)

Harlan não tivera garantia de que sempre encontraria o que procurava em um tempo razoável. Quando tinha examinado a primeira vez a Mudança de Realidade projetada 2456-2781, Número Serial V-5, estivera meio inclinado a acreditar que seus poderes de raciocínio estavam desvirtuados por querer. Durante um dia inteiro ele tinha conferido e reconferido equações e relações em uma viva incerteza, misturada com crescente excitação e uma amarga gratidão por lhe ter sido ensinado ao menos psico-matemática elementar.

Então Voy repassou aquelas mesmas configurações de furos com um olhar meio perplexo, meio preocupado.

— Parece-me — começou ele — eu disse parece-me que isto tudo está perfeitamente em ordem.

— Chamo sua atenção — disse Harlan — particularmente para a questão das características de namoro da sociedade da Realidade atual deste século. Isto é sociologia e, portanto, de sua responsabilidade, creio. Eis por que procurei o senhor quando cheguei, antes de alguém mais.

Voy estava agora carrancudo. Estava polido, mas então com um frio comportamento. — Os observadores designados para nosso Setor — disse ele — são altamente competentes.

Tenho toda a certeza de que aqueles designados a esse projeto forneceram dados corretos. Tem prova em contrário?

— De forma alguma, Sociólogo Voy. Aceito os dados deles. É do desenvolvimento dos dados que duvido. O senhor não tem um complexo-tensor alternado, neste ponto, se os dados de namoro são levados propriamente em consideração?

Voy pareceu admirado, e então uma expressão de alívio passou por ele visivelmente. — Naturalmente, Técnico, naturalmente, mas isso se reduz a uma identidade. Há um ramal de pequenas dimensões sem afluentes em nenhum dos lados. Espero que me desculpe por usar linguagem pitoresca ao invés de expressões matemáticas precisas.

— Aprecio isso — disse Harlan secamente. — Não sou mais

Computador do que um Sociólogo.

— Muito bem, então. O complexo-tensor alternado a que se refere, ou a bifurcação da estrada, como poderíamos dizer, é insignificante. Os desvios juntam-se novamente em uma única estrada. Não havia nem mesmo qualquer necessidade de mencioná-lo em nossas recomendações.

— Se o diz, senhor, submetê-lo-ei a melhor julgamento. Contudo, há ainda a questão da M.M.N.

O Sociólogo retraiu-se diante das iniciais, como Harlan sabia que faria. M.M.N.: Mínima Mudança Necessária. Nisto o Técnico era superior. Um Sociólogo podia considerar-se acima de críticas por parte de seres inferiores em qualquer coisa que envolvesse as análises matemáticas das infinitas Realidades possíveis no Tempo, mas em questão de M.M.N. o Técnico era supremo.

Compute mecânico não adiantava. O maior Computaplex já construído, manejado pelo Computador Sênior mais inteligente e experiente já nascido, não podia fazer melhor do que indicar as áreas nas quais a M.M.N. poderia ser encontrada. Era então o Técnico, examinando os dados, que decidia quanto a um ponto exato dentro daquela área.

Um bom Técnico raramente errava. Um ótimo Técnico nunca errava.

Harlan nunca errava.

— Agora, a M.M.N. recomendada por seu Setor — disse Harlan (falava fria e calmamente, pronunciando a Linguagem Intertemporal Padrão em sílabas precisas) — envolve indução de um acidente no espaço e a morte imediata, por meios bem horríveis, de doze ou mais homens.

— Inevitável — disse Voy, encolhendo os ombros.

— Por outro lado — disse Harlan — sugiro que a M.M.N. possa ser reduzida ao mero deslocamento de um receptáculo de uma coluna para outra. Aqui!

Seu dedo alongado apontou. A unha branca e bem cuidada de seu indicador traçou uma leve marca ao longo de uma fileira de perfurações. Voy considerou as coisas com uma dolorosa mas silenciosa intensidade.

— Isso não altera a situação com vantagem para sua bifurcação considerada? — perguntou Harlan. — Isso não tira vantagem da bifurcação de menor probabilidade, mudando-a para quase certeza, e isso então não, conduz…

— Virtualmente à M.R.D. — murmurou Voy.

— Exatamente à Máxima Resposta Desejada — afirmou Harlan.

Voy levantou os olhos, com sua face escura contorcendo-se por algo entre desapontamento e raiva. Harlan distraidamente notou que

havia um espaço entre os grandes incisivos superiores do homem, que lhe dava a expressão de um coelho, totalmente em desacordo com a força contida de suas palavras.

— Suponho que terei notícias do Conselho Geral? — perguntou Voy.

— Não creio. Pelo que sei, o Conselho Geral não sabe disso. Pelo menos, a Mudança de Realidade projetada foi-me passada sem comentário.

Ele não explicou a palavra "passada", nem Voy perguntou.

— Você descobriu esse erro, então?

— Sim.

— E não o comunicou ao Conselho Geral?

— Não.

Alívio a princípio, e então um endurecimento do semblante. — Por que não?

— Pouquíssimas pessoas poderiam ter evitado este erro. Senti que poderia corrigi-lo antes que o dano fosse feito. Agi assim. Por que ir mais além?

— Bem… obrigado, Técnico Harlan. Você tem sido um amigo. O erro do Setor que, como você diz, era praticamente inevitável, teria parecido injustificavelmente mau no relatório.

— Naturalmente — continuou ele após um momento de pausa — em vista das alterações em personalidade a serem induzidas por esta Mudança de Realidade, a morte de alguns homens como preliminar é de pouca importância.

Ele não parece realmente agradecido — pensou Harlan imparcialmente. Ele provavelmente se ressente disso.

Se parar para pensar, ressentir-se-á ainda mais de ser salvo de uma queda de posição por um Técnico. Se eu fosse um Sociólogo, ele me apertaria a mão, mas não apertará a mão de um Técnico. Defende a condenação de uma dúzia de pessoas à asfixia, mas não tocará um Técnico.

E porque seria fatal esperar e deixar o ressentimento aumentar, Harlan disse sem demora: — Espero que sua gratidão se estenda o suficiente para que seu Setor faça uma pequena tarefa para mim.

— Uma tarefa?

— Uma questão de Esboço de Vida. Tenho os dados necessários aqui comigo. Tenho também os dados para uma Mudança de Realidade sugerida no século 482. Quero saber o efeito da Mudança sobre o padrão de probabilidades de um certo indivíduo.

— Não estou bem certo — disse o Sociólogo lentamente — de tê-lo entendido. Certamente você tem as facilidades para fazê-lo em seu próprio Setor?

— Tenho. Contudo, aquilo em que estou empenhado é uma

pesquisa pessoal que não desejo que apareça nos relatórios por enquanto. Seria difícil tê-la executado em meu próprio Setor sem… — ele gesticulou uma conclusão incerta para a sentença incompleta.

— Então você a quer concluída, mas não por canais oficiais — disse Voy.

— Quero-a feita confidencialmente. Quero uma resposta confidencial.

— Bem, nessas circunstâncias, é muito regular. Não posso concordar.

Harlan franziu as sobrancelhas. — Não mais irregular do que minha omissão quanto a comunicar seu erro ao Conselho Geral. O senhor não fez objeção quanto a isso.

Se vamos ser estritamente regulares em um caso, devemos ser tão estritos e regulares no outro. O senhor me compreende, creio?

A expressão do rosto de Voy era prova positiva disso. Ele ofereceu sua juda. — Posso ver os documentos?

Harlan relaxou um pouco. O principal obstáculo tinha sido vencido. Observou ansiosamente enquanto a cabeça do Sociólogo inclinava-se sobre as folhas que ele havia trazido.

Somente então o Sociólogo falou. — Por Tempo, esta é uma pequena Mudança de Realidade.

Harlan aproveitou a oportunidade e improvisou. — Sim. Pequeníssima, creio. Eis sobre o que é o argumento. Está abaixo de diferença crítica, e selecionei um indivíduo como caso-teste. Naturalmente, seria antidiplomático usar as facilidades de nosso próprio Setor até que eu estivesse certo de estar correta.

Voy não respondeu e Harlan parou. Seria inútil levar as coisas além do ponto de segurança.

Voy levantou-se. — Passarei isso adiante para um de meus Esboçadores de Vida. Nós a conservaremos em segredo. Você entende, no entanto, que isso não é para ser tomado como abertura de um precedente.

— Naturalmente que não.

— E se não se importa, gostaria de ver efetuar-se a Mudança de Realidade. Creio que você nos favorecerá, conduzindo pessoalmente a M.M.N.

Harlan acenou afirmativamente. — Assumirei toda a responsabilidade.

Duas das telas da câmara de observação estavam em funcionamento quando eles entraram. Os engenheiros já as tinham focalizado nas coordenadas exatas no Espaço e no Tempo e então haviam saído. Harlan e Voy estavam a sós na sala resplandecente. (O arranjo de película molecular era perceptível, e até mesmo um pouco mais que perceptível, mas Harlan estava olhando para as telas.)

Ambas as cenas estavam imóveis. Elas poderiam ter sido cenas mortas, já que retratavam instantes matemáticos do Tempo.

Um cenário estava em cor nítida e natural; era a sala de máquinas do que Harlan sabia ser uma aeronave experimental. Uma porta estava semicerrada, e um reluzente sapato de um material vermelho e semitransparente era apenas visível pelo espaço que sobrava. Ele não se movia. Nada se movia. Se se pudesse tornar o cenário suficientemente minucioso para retratar as partículas de poeira do ar, elas não teriam se movido.

— Durante duas horas e trinta e seis minutos após o instante retratado — disse Voy — esta sala de máquinas continuará vazia. Isto é, na Realidade corrente.

— Eu sei — murmurou Harlan. Ele estava calçando suas luvas e já seus olhos rápidos estavam memorizando a posição do receptáculo crítico em sua coluna, medindo os degraus até ele, estimando a melhor posição para a qual transferi-lo. Ele lançou um rápido olhar à outra tela.

Se a sala de máquinas, estando na área descrita como "presente" com respeito àquele Setor da Eternidade no qual agora se encontravam, era clara e em cor natural, a outra cena, estando uns vinte e cinco século no "futuro", levava o brilho azulado que todas as cenas do "futuro" deviam ter.

Era um porto espacial. Um céu profundamente azul, edifícios de metal exposto azulados sobre solo azul-esverdeado. Um cilindro azul de desenho estranho, repleto de saliências, jazia em primeiro plano. Dois outros iguais estavam ao fundo. Todos os três apontavam narizes fendidos para cima, com a rachadura mordendo fortemente as partes vitais da nave.

Harlan franziu os sobrolhos. — São fantásticos.

— Eletrogravitantes — disse Voy. — O 2481 é o único século a desenvolver viagens especiais eletrogravitantes. Nada de propelentes, nada de ciência nuclear.

É um invento esteticamente agradável. É uma pena termos de mudá-lo. Uma pena.

Seus olhos fixaram-se em Harlan com distinta desaprovação. Os lábios de Harlan comprimiram-se. Desaprovação, naturalmente! Por que não? Ele era o Técnico.

Para ser exato, tinha sido algum Observador quem havia introduzido os detalhes de adicionamento de drogas. Tinha sido algum Estatístico quem havia demonstrado que recentes Mudanças tinham aumentado o índice de adicionamento, que até agora era o mais alto de toda a Realidade corrente do homem. Algum Sociólogo, talvez o próprio Voy, tinha-o interpretado dentro do perfil psiquiátrico de uma sociedade. Finalmente, algum Computador tinha executado a

Mudança de Realidade necessária para reduzir o adicionamento a um nível seguro e descoberto que, como efeito secundário, as viagens espaciais eletrogravitantes deveriam sofrer. Uma dúzia, uma centena de homens de todos os graus da Eternidade haviam participado disso.

Mas então, enfim, um Técnico tal como ele devia entrar em cena. Seguindo as direções que todos os outros haviam combinado em lhe dar, devia ser ele a iniciar a verdadeira Mudança de Realidade. E então todos os outros o olhariam com insolente acusação. Seus olhares diriam: "Você, não nós, destruiu essa coisa maravilhosa."

E por isso, eles o condenariam e o evitariam. Passariam suas próprias culpas para seus ombros e o desprezariam.

— Naves não são o que importa — disse Harlan asperamente. — Estamos preocupados com aquelas coisas.

As "coisas" eram pessoas, tolhidas pela espaçonave, como a Terra e a sociedade da Terra estão sempre tolhidas pelas dimensões físicas do vôo espacial.

Eram pequenas marionetes em bandos, aquelas pessoas. Seus braços e pernas minúsculos estavam em posições erguidas e como que artificiais, apanhados no instante morto do Tempo.

Voy encolheu os ombros.

Harlan estava ajustando o "pequeno gerador de campo em torno do pulso esquerdo. — Mandemos fazer esta tarefa.

— Um minuto. Quero entrar em contato com o Esboçador de Vida e saber quanto tempo levará a tarefa para você. Também quero mandar fazer esta tarefa.

Suas mãos manejaram habilmente um pequeno contato móvel e seu ouvido escutou astutamente a configuração de cliques que voltavam. (Uma outra característica deste Setor da Eternidade, pensou Harlan: códigos sonoros em cliques; inteligentes, mas afetados como as películas moleculares.)

— Ele diz que não levará mais de três horas — disse Voy finalmente. — A propósito, também ele se admira do nome da pessoa envolvida. Noys Lambert. É uma mulher, não é?

Houve um nó na garganta de Harlan. — Sim.

A boca de Voy torceu-se em um lento sorriso. — Parece interessante. Gostaria de conhecê-la; coisa nunca vista antes. Não houve mulheres neste Setor durante meses.

Harlan não se fiou em responder. Fitou o Sociólogo por um momento e voltou-se bruscamente.

Se havia um defeito na Eternidade, envolvia mulheres. Ele soubera para que era a falha, desde quase sua primeira entrada na Eternidade, mas sentiu-a pessoalmente apenas naquele dia em que encontrou Noys pela primeira vez. Desde aquele momento tinha sido um caminho fácil para esta, no qual ele permanecia infiel ao seu

juramento como Eterno e a tudo em que tinha acreditado.

Para quê?

Para Noys.

E não estava envergonhado. Era aquela que realmente o acalentava. Ele não estava envergonhado. Não sentia culpa pelo crescendo de crimes que havia cometido, aos quais esta última adição do uso imoral de Esboço de Vida confidencial poderia somar-se apenas como uma pequena falta.

Faria a pior coisa entre suas piores, se fosse necessário.

Pela primeira vez veio-lhe o pensamento específico e claro. E embora o repelisse com horror, sabia que, uma vez tendo vindo, não retornaria.

O pensamento era simplesmente este: ele arruinaria a Eternidade, se tivesse de fazê-lo.

O pior era que ele sabia que tinha o poder de fazê-lo.

2. OBSERVADOR

Harlan parou na passagem do Tempo e imaginou-se em novos caminhos. Havia sido bem simples certa vez. Havia tantas coisas, como ideais, ou ao menos lemas, pelos quais e para os quais viver. Cada estágio da vida de um Eterno tinha uma razão. Como começavam os "Princípios Básicos"?

"A vida de um Eterno pode ser dividida em quatro partes…"

Tudo surgira claramente, porém tudo tinha mudado para ele, e o que estava quebrado não podia se tornar inteiro novamente.

Contudo ele tinha passado fielmente pelas quatro partes da vida de um Eterno. Primeiro, houve um período de quinze anos no qual ele não foi de forma alguma um Eterno, mas apenas um habitante do Tempo. Somente um ser humano fora do Tempo, um Tempista, podia tornar-se Eterno; ninguém podia nascer nessa posição.

Na idade de quinze anos foi escolhido por um cuidadoso processo de eliminação e joeiramento, de cuja natureza não tivera concepção na época. Foi levado além do véu da Eternidade após um último e agoniado adeus à sua família. (Foilhe então deixado claro que nunca retornaria, o que quer que acontecesse. A verdadeira razão disso ele não iria saber antes de muito tempo depois.)

Uma vez dentro da Eternidade, passou dez anos na escola como Aprendiz e, então, graduou-se para iniciar seu terceiro período, como Observador. Foi somente depois disso que se tornou Especialista e um verdadeiro Eterno. A quarta e última parte da vida do Eterno: Tempista, Aprendiz, Observador e Especialista.

Ele, Harlan, tinha passado por tudo isso bastante habilmente. com êxito, poderia ele dizer.

Podia lembrar-se, tão claramente, o momento em que terminaram o Aprendizado, o momento em que se tornaram membros independentes da Eternidade, o momento em que, embora não Especializados, receberam o título legal de "Eternos".

Podia lembrá-lo. Escola completa, Aprendizado terminado, ele estava em pé com os cinco que com ele completaram o treinamento, com as mãos enganchadas na cintura, as pernas um pouquinho separadas, os olhos voltados para a frente, ouvindo.

O Educador Yarrow estava em uma escrivaninha, falando-lhes. Harlan conseguia lembrar-se bem de Yarrow: um homenzinho intenso, de rubros cabelos desgrenhados, antebraços sardentos e uma expressão de perda nos olhos. (Não era incomum essa expressão de perda nos olhos de um Eterno… a perda do lar e de suas raízes, a inadmitida e inadmissível saudade do século que ele nunca poderia ver.)

Harlan não podia se lembrar das palavras exatas de Yarrow, naturalmente, mas sua essência continuava nítida.

Em substância, Yarrow dissera: — Vocês serão Observadores, agora. Não é uma posição altamente considerada. Os Especialistas a vêem como uma tarefa de criança. Pode ser que vocês, Eternos (ele fez uma pausa deliberada após esta palavra, para dar a cada homem a oportunidade de endireitar o corpo e animar-se diante de tal glória), também pensem assim. Se pensam, vocês são tolos que não merecem ser Observadores.

— Os Computadores não teriam Computação para fazer, os Esboçadores de Vida não teriam vindas para Esboçar, os Sociólogos não teriam sociedades para perfilar, nenhum dos Especialistas teria qualquer coisa para fazer, se não fosse pelo Observador. Sei que já lhes foi dito isso antes, mas quero que estejam bem firmes e claros em suas mentes quanto a isso.

— Serão vocês, jovens, que sairão no Tempo, sob as mais estrênuas condições, para trazer fatos. Fatos frios e objetivos, e não coloridos por suas próprias opiniões e preferências, vocês entendem. Fatos suficientemente precisos para alimentar as máquinas de Computação. Fatos suficientemente definidos para fazer com que as equações sociais se provem satisfatórias. Fatos honestos o bastante para formar-se uma base para Mudanças de Realidade.

— E, lembrem-se disso, também: o período como Observador não é algo para se completar tão rápida e reservadamente quanto possível. É como Observadores que vocês estabelecerão seus graus. Não o que fizeram na escola, mas o que farão como Observadores determinará suas Especialidades e a que ponto subirão nelas. Este será o curso de pós-graduação, Eternos, e falhas nele, mesmo uma pequena falha, colocá-los-á na Manutenção, não importando quão brilhantes suas potencialidades pareçam agora. Isso é tudo.

Ele apertou a mão de cada um deles, e Harlan, sério, dedicado, orgulhoso em sua convicção de que os privilégios de ser um Eterno continham seu maior privilégio na suposição de responsabilidade pela felicidade de todos os seres humanos que estavam ou que algum dia estariam dentro do alcance da Eternidade, estava aprofundado em auto-respeito.

As primeiras tarefas de Harlan foram pequenas e sob orientação cuidadosa, mas ele aguçou sua habilidade no rebolo da experiência em doze séculos, através de doze Mudanças de Realidade.

Em seu quinto ano como Observador, recebeu a categoria de Sênior nesse campo e foi designado para o século 482. Pela primeira vez estaria trabalhando sem supervisão, e o conhecimento deste fato roubou-lhe um pouco de sua autoconfiança quando pela primeira vez se apresentou ao Computador encarregado do Setor.

Este era o Computador Assistente Hobbe Finge, cuja boca enrugada e suspeita e olhos sombrios pareciam ridículos em um rosto tal como o dele. Possuía um botão redondo como nariz e dois botões maiores como bochechas. Precisava apenas de um toque de vermelho e uma franja de cabelos brancos para se converter na figura do mito Primitivo de São Nicolas ou Papai Noel, ou Kriss Kringle[1]. Harlan conhecia todos os três nomes. Duvidava que um Eterno entre cem mil já tivesse ouvido falar de qualquer um deles.

Harlan tinha um tímido e secreto orgulho por esse tipo de conhecimento arcano. Desde seus primeiros dias de escola havia cavalgado os cavalinhos de pau da História Primitiva, para o que o Educador Yarrow o havia encorajado. Harlan tinha se tornado verdadeiramente afeiçoado àqueles séculos pervertidos e estranhos que jaziam, não somente antes do começo da Eternidade, no século 27, mas mesmo antes da invenção do próprio campo Temporal, no século 24. Tinha usado velhos livros e periódicos em seus estudos.

Tinha até mesmo viajado bem abaixo na escala do Tempo, até os mais primitivos séculos da Eternidade, quando podia conseguir permissão, para consultar melhores fontes.

Durante mais de quinze anos tinha conseguido reunir uma notável biblioteca privada, quase toda em impressão em papel. Havia um volume escrito por um homem chamado H. G. Wells, outro por um homem de nome W. Shakespeare e algumas histórias esfarrapadas. Melhor que tudo, havia uma série completa de volumes encadernados de um jornal semanal Primitivo que ocupava espaço excessivo, mas que ele não pudera, por sentimentalismo, suportar a idéia de reduzir a microfilme.

Ocasionalmente perdia-se em um mundo onde vida era vida e morte, morte; onde o homem tomava suas decisões de maneira irrevogável; onde o mal não podia ser evitado, nem o bem, estimulado; e a Batalha de Waterloo, tendo sido perdida, estava perdida de uma vez para sempre. Havia até mesmo um fragmento de poesia que ele entesourava, que determinava que um dedo móvel, uma vez tendo escrito, nunca poderia ser atraído de volta para anular o que havia escrito.

E então era difícil, quase chocante, trazer seus pensamentos de volta à Eternidade e a um universo onde a Realidade era algo flexível e evanescente, algo que homens como ele podiam segurar na palma da mão e moldar em um aspecto melhor.

A ilusão de Papai Noel despedaçou-se quando Hobbe Finge falou-lhe em uma maneira viva e prosaica. — Você pode começar amanhã com um esquadrinhamento rotineiro da Realidade corrente. Quero-o bom, completo e conciso. Não haverá negligências permitidas. Seu primeiro mapa espaço-temporal estará pronto para você amanhã cedo.

Entendeu?

— Sim, Computador — respondeu Harlan. Decidiu, a partir daí, que ele e o Computador Assistente Hobbe Finge não se dariam bem, e lastimava-o.

Na manhã seguinte, Harlan recebeu seu mapa em configurações intrincadamente perfuradas, quando emergiram do Computaplex. Usou um decodificador de bolso para traduzi-las em Intertemporal Padrão, em sua ansiedade de não cometer nem mesmo o menor engano bem no começo. Naturalmente, havia atingido o estágio em que podia ler as perfurações diretamente.

O mapa dizia-lhe onde e quando no mundo do século 482 ele poderia ir e onde não poderia, o que poderia e o que não poderia fazer e o que tinha de evitar a todo custo.

Sua presença deveria impor-se apenas sobre aqueles lugares e tempos em que não comprometessem a Realidade.

O século 482 não lhe era confortável. Não era como seu próprio século natal, rigoroso e conformista. Era uma época sem éticas ou princípios, como aqueles que estava acostumado a imaginar. Era hedonista, materialista, mas que um pouco matriarcal. Era a única época (ele verificou isto nos registros da maneira mais esmerada) na qual florescia nascimento ectogênico e, no máximo, quarenta por cento de suas mulheres davam à luz eventualmente, simplesmente acrescentando um óvulo fertilizado ao ovário. O casamento era feito e desfeito por mútuo consentimento e não era reconhecido legalmente como qualquer coisa mais do que um acordo pessoal sem força de ligação. A união visando gravidez era, naturalmente, cuidadosamente diferenciada das funções sociais do casamento e arranjada sobre bases puramente eugênicas.

Em centenas de maneiras Harlan considerou a sociedade defeituosa e conseqüentemente desejou uma Mudança de Realidade. Mais de uma vez ocorreu-lhe que sua própria presença no século, como um homem de outra época, poderia bifurcar sua história. Se sua presença se tornasse bastante importuna em algum ponto importante, um ramal diferente de possibilidade tornar-se-ia real, um ramal no qual milhões de mulheres em busca de prazer se encontrariam transformadas em mães verdadeiras e de coração puro. Elas estariam em uma outra Realidade com todas as lembranças que pertenciam a ela, incapazes de dizer, sonhar ou imaginar que já haviam sido qualquer coisa mais.

Infelizmente, para fazê-lo, teria de transpor os limites do mapa espaço-temporal, e isso era inconcebível. Mesmo que não fosse, transpô-los ao acaso poderia mudar a Realidade em diversas maneiras possíveis. Poderia ser piorada. Somente análise e Computação cuidadosas poderiam estabelecer adequadamente a natureza de uma

Mudança de Realidade.

Externamente, quaisquer que fossem suas opiniões particulares, Harlan continuava sendo um Observador, e o Observador ideal era simplesmente um conjunto de feixes de nervos sensitivos ligado a um mecanismo de escrever relatórios. Entre a percepção e o relatório não devia haver intervenção da emoção.

Nesse aspecto, os relatórios de Harlan eram a própria perfeição.

O Computador Assistente Finge chamou-o após seu segundo relatório semanal.

— Congratulações, Observador — disse ele, com uma voz sem entusiasmo — pela organização e clareza de seus relatórios. Mas o que você realmente pensa?

Harlan buscou refúgio em uma expressão tão em branco, como se meticulosamente lascada da madeira nativa do século 95. — Não tenho opiniões pessoais quanto ao assunto — respondeu.

— Oh, vamos. Você é do século 95 e ambos sabemos o que isso significa. Certamente este século o perturba.

Harlan encolheu os ombros. — Algo em meus relatórios o leva a pensar que estou perturbado?

Era quase uma imprudência, e o tamborilar das unhas rudes de Finge sobre a escrivaninha o mostrava. — Responda minha pergunta — disse Finge.

— Sociologicamente — disse Harlan — diversas facetas do século revelam exagero. As últimas três Mudanças de Realidade nas épocas próximas o têm acentuado. Eventualmente, suponho que o caso deveria ser retificado. Exageros nunca são saudáveis.

— Então você se deu ao trabalho de examinar as Realidades anteriores do século.

— Como Observador, devo examinar todos os fatos pertinentes.

Era uma situação de equilíbrio. Harlan, naturalmente, tinha o direito e o dever de examinar aqueles fatos.

Finge devia saber disso. Todos os séculos estavam sendo continuamente sacudidos por Mudanças de Realidade. Nenhuma Observação, por mais meticulosa que fosse, podia ficar por muito tempo sem nova inspeção. Era procedimento padrão na Eternidade ter-se todos os séculos em um estado constante de Observação. E para se Observar adequadamente, devia-se ser capaz de levar em consideração não somente os fatos da Realidade corrente, mas também sua relação com os das Realidades anteriores.

Contudo, a Harlan parecia que essa investigação das opiniões dos Observadores não era simplesmente desagradabilidade da parte de Finge. Este parecia definitivamente hostil.

Em uma outra vez Finge disse a Harlan (tendo-lhe invadido o pequeno escritório para trazer as novas): — Seus relatórios estão

criando uma impressão bem favorável no Conselho Geral.

Harlan vacilou, incerto, e então murmurou: — Obrigado.

— Todos concordam que você mostra um grau de penetração incomum.

— Faço o melhor que posso.

— Já conhece o Computador Sênior Twissell? — perguntou Finge subitamente.

— Computador Twissell? — Os olhos de Harlan se arregalaram. — Não, senhor. Por que pergunta?

— Ele parece estar particularmente interessado em seus relatórios.

As bochechas arredondadas de Finge repuxaram-se para baixo amuadamente e ele mudou de assunto. — Parece-me que você elaborou uma filosofia própria, um ponto de vista de História.

A tentação arrastou Harlan firmemente. A vaidade e a cautela lutaram e a primeira ganhou. — Estudei História Primitiva, senhor.

— História Primitiva Na escola?

— Não exatamente, Computador. Por minha conta. É meu… passatempo. É como ver a História ainda em pé, fixa! Ela pode ser estudada em detalhes, ao passo que os séculos da Eternidade estão sempre mudando.

Ele se animou um pouco com esse pensamento.

— É como se fôssemos tomar uma série de poses de um livro-filme e estudar minuciosamente cada uma delas. Veríamos um bocado de coisas que deixaríamos passar se apenas examinássemos o filme à medida que passasse. Creio que isso me ajuda um bocado em meu trabalho.

Finge o fitou com estupefação, arregalou um pouco os olhos e saiu sem mais observações.

Depois disso, trazia ocasionalmente à tona o assunto de História Primitiva e aceitava os relutantes comentários de Harlan, sem expressão decisiva em seu próprio rosto arredondado.

Harlan não estava certo se devia lastimar o caso todo ou se devia considerá-lo como uma maneira possível de acelerar sua própria ascensão.

Decidiu pela primeira alternativa quando, ao passar um dia pelo Corredor A, Finge disse bruscamente e na presença de outros: — Grande Tempo, Harlan, você nunca sorri?

Veio a Harlan o chocante pensamento de que Finge o odiava. Depois disso, seus próprios sentimentos em relação a Finge aproximaram-se de algo como detestação.

Três meses de rastelamento através do século 482 tinham consumido a maior parte de sua preciosa carne, e, quando Harlan recebeu um súbito chamado para comparecer ao escritório de Finge,

não ficou surpreso. Estava esperando uma mudança de tarefa. Seu resumo final havia sido preparado dias antes. O século 482 estava ansioso por exportar mais material têxtil à base de celulose para séculos deflorestados, tais como o 1174, mas não desejava aceitar peixe defumado em troca. O resumo continha uma longa lista de tais itens em ordem correta e com análises exatas.

Ele levou consigo o rascunho do resumo.

Mas não foi feita nenhuma menção do século 482. Em vez disso, Finge apresentou-o a um homenzinho mirrado e enrugado, de escassos cabelos brancos e um rosto gnômico, que durante toda a entrevista ficou estampado com um perpétuo sorriso. Variou entre extremos de ansiedade e jovialidade, mas nunca desapareceu completamente. Entre dois de seus dedos amarelados havia um cigarro aceso.

Era o primeiro cigarro que Harlan via, caso contrário teria prestado mais atenção ao homem, menos ao cilindro fumegante, e estado melhor preparado para a apresentação de Finge.

— Computador Sênior Twissell, este é o Observador Andrew Harlan — disse Finge.

Os olhos de Harlan desviaram-se em choque, do cigarro do homenzinho para seu rosto.

— Como vai? — disse o Computador Sênior Twissell, com uma voz aguda. — Então este é o jovem que escreve aqueles excelentes relatórios?

Harlan não encontrou a voz. Laban Twissell era uma lenda, um mito vivo. Laban Twissell era um homem que ele devia ter reconhecido imediatamente. Ele era o Computador saliente da Eternidade, que é uma outra maneira de se dizer que era o mais notável Eterno vivo. Era o decano do Conselho Geral. Havia dirigido mais Mudanças de Realidade do que qualquer homem na História da Eternidade. Ele era… Ele tinha…

A mente de Harlan falhou-lhe completamente. Sacudiu a cabeça com um sorriso apatetado e não disse nada.

Twissell colocou o cigarro na boca, deu rápidas baforadas e afastou-o. — Deixe-nos, Finge. Quero conversar com o rapaz.

Finge levantou-se, murmurou algo e saiu.

— Você parece nervoso, rapaz — disse Twissell. — Não há nada por que estar nervoso.

Mas conhecer Twissell dessa forma era um choque. É sempre desconcertante descobrir que alguém que você imaginou ser um gigante tem na verdade menos de um metro e sessenta e cinco centímetros de altura. Poderia o cérebro de um gênio realmente ajustar-se por detrás da reluzente testa calva e recuada? Seria aguçada inteligência ou apenas bom humor que irradiava dos olhinhos que se apertavam em mil rugas?

Harlan não sabia o que pensar. O cigarro parecia obscurecer todo pequeno esforço de inteligência que conseguia reunir. Retraiu-se visivelmente quando uma lufada de fumaça o alcançou.

Os olhos de Twissell apertaram-se como se estivessem tentando perscrutar através da nuvem de fumaça, e ele disse em dialeto decamilenaí horrivelmente acentuado:

— Sentir-se-ia melhor você se eu em seu próprio dialeto falasse, i-apaz?

Harlan, trazido à súbita iminência de riso histérico, respondeu cuidadosamente: — Falo Intertemporal Padrão perfeitamente bem, senhor.

Disse-o na Intertemporal que ele e todos os outros Eternos em sua presença tinham usado, desde seus primeiros meses na Eternidade.

— Bobagem — disse Twissell imperiosamente. — Não me preocupo com Intertemporal. Meu modo de falar em dialeto decamilenar está mais que perfeito.

Harlan julgou ter-se passado uns quarenta anos desde que Twissell tivera de fazer uso de dialetos locais.

Mas tendo alcançado seu objetivo, para sua própria satisfação, aparentemente, ele mudou para Intertemporal e permaneceu nele. — Oferecer-lhe-ia um cigarro — disse ele — mas estou certo de que você não fuma. O fumo é aprovado apenas em algumas épocas da História. Na verdade, os bons cigarros são feitos somente no século 72, e os meus têm de ser especialmente importado de lá. Dou-lhe esta sugestão para o caso de algum dia você se tornar um fumante. É tudo muito ruim. Na semana passada, fiquei parado no século 123 durante dois dias. Nada de fumo. Quero dizer, nem mesmo no Setor da Eternidade destinado ao século 123. Os Eternos de lá absorveram os costumes. Se eu tivesse acendido um cigarro, teria sido como a queda do céu. Às vezes acho que gostaria de calcular uma grande Mudança de Realidade e eliminar todos os tabus contra o fumo em todos os séculos, fora o que qualquer Mudança de Realidade como essa faria pelas guerras do século 58 ou por uma sociedade de escravos do século 1000. Sempre alguma coisa.

Harlan ficou a princípio confuso e depois ansioso. Certamente estas vivas inaplicabilidades deviam estar escondendo algo.

Ele sentiu sua garganta um pouco apertada. — Posso perguntar por que me procurou, senhor? — disse ele.

— Gosto de seus relatórios, rapaz.

Houve um vislumbre de alegria disfarçado nos olhos de Harlan, mas ele não sorriu. — Obrigado, senhor.

— Têm um toque artístico. Você é intuitivo. Você sente intensamente. Creio que conheço sua posição adequada na Eternidade e vim oferecê-la a você.

Não posso crer, pensou Harlan.

Ele conteve todo o triunfo de sua voz. — É uma grande honra, senhor — disse.

Então o Computador Sênior Twissell, tendo chegado ao fim de seu cigarro, produziu outro na mão esquerda por alguma proeza de prestidigitação e acendeu-o. — Pelo amor do Tempo, rapaz — disse ele entre baforadas — você fala como se recitando versos. Grande honra, bah! Besteira. Bobagem. Diga o que sente em linguagem clara.

Você está satisfeito, hein?

— Sim, senhor — respondeu Harlan cautelosamente.

— Está bem. Você deve estar, Gostaria de ser um Técnico?

— Um Técnico! — exclamou Harlan, pulando da cadeira.

— Sente-se, sente-se. Você parece surpreso.

— Não tinha esperado ser um Técnico, Computador Twissell.

— Não — disse Twissell secamente — de certa forma ninguém espera. Esperam qualquer coisa menos isso. Contudo. Técnicos são difíceis de encontrar e estão sempre em demanda. Nenhum Setor da Eternidade tem o número total de Técnicos que considera suficiente.

— Não creio que eu sirva.

— Você quer dizer que não serve para assumir um cargo que inclui aborrecimento. Por Tempo, se você for devotado à Eternidade, como creio que é, não se importará com isso. Portanto, os tolos o evitarão e você se sentirá condenado ao ostracismo. Você se acostumará a isso. E terá a satisfação de saber-se necessário, e muitíssimo necessário. Para mim.

— Para o senhor! Para o senhor particularmente?

— Sim.

Um princípio de perspicácia entrou no sorriso do velho.

— Você não vai ser apenas um Técnico. Será meu Técnico pessoal. Terá cargo especial. O que isso lhe parece agora?

— Não sei, senhor — respondeu Harlan. — Não posso qualificá-lo.

Twissell sacudiu firmemente a cabeça. — Preciso de você. Preciso exatamente de você. Seus relatórios asseguram-me que você tem o que preciso aqui.

Bateu prontamente na testa com a ponta da unha do indicador.

— Sua ficha como Aprendiz é boa; os Setores para os quais você Observou apresentaram relatórios favoráveis. Finalmente, o relatório de Finge foi o mais conveniente de todos.

Harlan ficou honestamente surpreso. — O relatório do Computador Finge foi favorável?

— Você não o esperava?

— Eu… não sei.

— Bem, rapaz, eu não disse que foi favorável. Disse que foi

conveniente. Na verdade, o relatório de Finge não foi favorável. Ele recomendou que você fosse removido de todas as funções relacionadas com Mudanças de Realidade. Sugeriu que não seria seguro conservar você em qualquer lugar, senão na Manutenção.

Harlan enrubesceu. — Quais foram suas razões para dizê-lo, senhor?

— Parece que você tem um passatempo, rapaz. Está interessado em História Primitiva, não?

Gesticulou expansivamente com o cigarro e Harlan, em sua raiva esquecendo de controlar a respiração, inalou uma nuvem de fumaça e tossiu desamparadamente.

Twissell considerou benignamente o acesso de tosse do jovem Observador e disse: — Não é assim?

— O Computador Finge não tinha o direito… — começou Harlan.

— Ora, ora. Contei-lhe o que havia no relatório porque disso depende o propósito para o qual mais preciso de você. Na verdade, o relatório era confidencial e você tem de esquecer que eu lhe disse o que continha. Permanentemente, rapaz.

— Mas o que há de errado no fato de eu estar interessado em História Primitiva?

— Finge acha que seu interesse nisso mostra um forte Desejo-de-Tempo. Entende-me, rapaz?

Harlan entendia. Era impossível deixar de assimilar dialeto psiquiátrico. Especialmente aquela frase. Supunha-se que todos os membros da Eternidade tinham uma forte inclinação, a mais forte por ser oficialmente suprimida em todas as suas manifestações, a voltar, não necessariamente ao seu próprio Tempo, mas ao menos a algum Tempo definido; a se tornar parte de um século, ao invés de continuar sendo um viajante através de todos eles. É claro que na maioria dos Eternos a inclinação permanecia escondida em segurança no inconsciente.

— Não creio que seja esse o caso — disse Harlan.

— Nem eu. Na realidade, acho que seu passatempo é interessante e valioso. Como eu disse, eis por que o quero. Quero que ensine a um Aprendiz que lhe trarei tudo que sabe e tudo que puder aprender sobre História Primitiva. Ao mesmo tempo, você também será meu Técnico pessoal. Começará dentro de alguns dias. Isso lhe é agradável?

Agradável? Ter permissão oficial para aprender tudo que puder sobre os dias anteriores à Eternidade? Estar pessoalmente associado com o mais notável de todos os Eternos? Mesmo o odioso fato da posição de Técnico parecia tolerável sob essas condições.

Sua cautela, contudo, não o abandonou por completo. — Se isso é necessário para o bem da Eternidade, senhor… — disse ele.

— Para o bem da Eternidade? — gritou o gnômico computador

em súbita excitação. Atirou a ponta do cigarro com tal energia, que esta atingiu a parede mais distante e caiu em uma chuva de centelhas.
— Preciso de você para a existência da Eternidade.

3. APRENDIZ

Harlan estivera no século 575 durante semanas antes que conhecesse Brinel d'água d'águaey Sheridan Cooper. Teve tempo de se acostumar com seus novos aposentos e com a antissepcia do vidro e da porcelana. Aprendeu a usar a insígnia de Técnico apenas com acanhamento moderado e a abster-se de tornar as coisas piores, colocando-se em posição de modo que a insígnia ficasse escondida contra uma parede ou encoberta pela interposição de algum objeto que estivesse carregando.

Os outros sorriam com desdém quando isso era feito e tornavam-se mais indiferentes, como se suspeitassem de uma tentativa de invadir sua amizade sob falsos pretextos.

O Computador Sênior Twissell trazia-lhe problemas diariamente. Harlan os estudava e escrevia suas análises em rascunhos que eram reescritos quatro vezes, sendo a última versão entregue com relutância mesmo assim.

Twissell avaliava-os, acenava com a cabeça e dizia:

— bom, bom.

Então seus velhos olhos lançavam-se rapidamente sobre Harlan e seu sorriso se estreitava um pouco quando dizia:

— Testarei esta suposição no Computaplex.

Ele sempre chamava a análise de “suposição”. Nunca dizia a Harlan o resultado do exame do Computaplex, e este não ousava perguntar. Estava desesperado quanto ao fato de nunca lhe ter sido pedido para colocar qualquer uma de suas próprias análises em ação. Será que aquilo significava que o Computaplex não estava conferindo com ele, que estivera escolhendo o item errado para a indução de uma Mudança de Realidade, que não tinha aptidão para ver a Mínima Mudança Necessária em uma área indicada? (Somente bem depois é que ele ficou suficientemente sofisticado para ter a frase rolando para fora da língua como M.M.N.)

Certo dia. Twissell entrou com um indivíduo embaraçado, que pareceu mal ousar levantar os olhos para encontrar os de Harlan.

— Técnico Harlan — disse Twissell — este é o Aprendiz B. S. Cooper.

— Olá — disse Harlan automaticamente; examinou a aparência do homem e não ficou impressionado. O companheiro estava ao lado do homenzinho, de cabelos escuros repartidos ao meio. Seu queixo era estreito, seus olhos de uma cor castanha clara indefinida e suas unhas, roídas.

— Este é o rapaz a quem você vai ensinar História Primitiva — disse Twissell.

— Grande Tempo! — disse Harlan com interesse subitamente aumentado. — Olá! Tinha quase esquecido.

— Arranje com ele um horário que lhe convenha, Harlan — disse Twissell. — Se puder dispor de duas tardes por semana, creio que será ótimo. Use seu próprio método para ensiná-lo. Deixarei isso ao seu encargo. Se for precisar de livros-filme ou velhos documentos, diga-me, e se eles existem na Eternidade ou em qualquer parte do Tempo que possa ser alcançada, nós os arranjaremos. Certo, rapaz?

Ele tirou um cigarro aceso de lugar nenhum (como sempre parecia) e o ar se encheu de fumaça. Harlan tossiu, e pela torção da boca do Aprendiz, ficou bem óbvio que este teria feito o mesmo, se tivesse ousado.

Depois que Twissell saiu, Harlan disse: — Bem, sente-se… — hesitou por um momento e então acrescentou determinadamente: — Filho. Sente-se, filho. Meu escritório não é grande coisa, mas é seu sempre que estivermos juntos.

Harlan estava quase ansioso. Este projeto era seu! História Primitiva era algo que era tudo de si.

O aprendiz levantou os olhos (pela primeira vez, na verdade) e disse tropegamente: — O senhor é um Técnico.

Uma parte considerável da excitação e entusiasmo de Harlan morreu. — E daí?

— Nada — disse o Aprendiz. — Eu apenas…

— Ouviu o Computador Twissell dirigir-se a mim como Técnico, não foi?

— Sim, senhor.

— Pensou que fosse um lapso da língua? Algo ruim demais para ser verdade?

— Não, senhor.

— Que há de errado com seu modo de falar? — perguntou Harlan brutalmente; e mesmo quando o fez, sentiu a vergonha cutucá-lo.

Cooper enrubesceu exageradamente. — Não estou muito bom em Intertemporal Padrão.

— Por que não? Quanto tempo faz que você é Aprendiz?

— Menos de um ano, senhor.

— Um ano? Que idade tem você, pelo amor do Tempo?

— Vinte e quatro fisioanos, senhor.

Harlan arregalou os olhos. — Está tentando me dizer que o receberam na Eternidade com a idade de vinte e três fisioanos?

— Sim, senhor.

Harlan sentou-se e esfregou as mãos. Isso realmente não estava certo. De quinze para dezesseis anos era a idade de se entrar na Eternidade. O que era isso? Uma nova maneira de testá-lo, por parte de Twissell?

— Sente-se e comecemos — disse ele. — Seu nome completo e seu século natal.

— Brineld'água d'águaey Sheridan Cooper, do século 78, senhor gaguejou o Aprendiz.

Harlan quase se enterneceu. Esse era familiar. Estava a apenas dezessete séculos abaixo de seu próprio século natal. Quase um vizinho temporal.

— Está interessado em História Primitiva? — perguntei a ele.

— O Computador Twissell pediu-me para aprender. Não sei muito a respeito.

— O que mais está aprendendo?

— Matemática. Engenharia Temporal. Por enquanto estou apenas aprendendo os princípios. Lá no século 78 eu fazia consertos de Vácuo-rápido.

Não havia objetivo em perguntar a natureza de um Vácuo-rápido. Podia ser um limpador por sucção, uma máquina de computação, um tipo de pulverizador de pintura. Qualquer coisa. Harlan não estava particularmente interessado.

— Você não sabe nada sobre História? Qualquer tipo de História? — perguntou ele.

— Estudei História Européia.

— Sua unidade política particular, suponho.

— Nasci na Europa. Sim. Muitas vezes, é claro, ensinam-nos História Moderna. Depois das revoluções de 54; isto é, de 7554.

— Está bem. A primeira coisa a fazer é esquecer isso, Não significa nada. A história que tentam ensinar aos Tempistas muda com cada mudança de Realidade.

Não que eles o compreendam. Em cada Realidade, sua história é a única. É isto que é tão diferente em História Primitiva. Essa é a beleza dela. Não importa o que qualquer um de nós faça; ela existe precisamente como sempre existiu. Colombo e Washington, Mussolini e Hereford; todos eles existem.

Cooper sorriu debilmente. Esfregou o dedinho sobre o lábio superior e pela primeira vez Harlan notou lá um vestígio de cerdas, como se o Aprendiz estivesse cultivando um bigode.

— Não pude me acostumar completamente, todo o tempo que estive aqui.

— Acostumar-se a quê?

— A estar quinhentos séculos longe de casa.

— Eu mesmo estou quase isso. Sou do 95.

— Eis outra coisa. O senhor é mais velho que eu, e no entanto sou dezessete séculos mais velho que o senhor, em outro aspecto. Posso ser seu tetra-tetra-tetravô e assim por diante.

— Qual é a diferença? Suponhamos que seja?

— Bem, é preciso se acostumar a isso. Houve um sinal de rebelião na voz do Aprendiz.

— É necessário para todos nós — disse Harlan insensivelmente, e começou a falar sobre os Primitivos. No momento em que três horas se haviam passado, ele estava se aprofundando em uma explicação relativa às razões por que havia séculos antes do século I.

— Mas o século I não é "o primeiro"? — perguntara Cooper lamentosamente.

Harlan terminou por dar um livro ao Aprendiz; não um bom, realmente, mas um que serviria como início. — Eu lhe conseguirei material melhor à medida que prosseguirmos — disse ele.

No fim de uma semana, o bigode de Cooper tinha se tornado uma marca escura pronunciada que o fazia parecer dez anos mais velho e acentuava a estreiteza de seu queixo.

Tudo por tudo, decidiu Harlan, não seria uma melhoria aquele bigode.

— Terminei seu livro — disse Cooper.

— Que achou dele?

— De certa forma… — houve uma longa pausa. — Partes do Primitivo posterior têm algo em comum com o século 78 — começou Cooper novamente. — Isso me fez pensar em casa, sabe. Por duas vezes sonhei com minha esposa.

— Sua esposa? — explodiu Harlan.

— Eu era casado, antes de vir para cá.

— Grande Tempo? Trouxeram sua esposa, também? Cooper sacudiu a cabeça. — Nem mesmo sei se ela foi mudada no último ano. Se foi, suponho que agora não seja realmente minha esposa.

Harlan recobrou-se. É claro que se o Aprendiz tinha vinte e três anos quando foi recebido na Eternidade, era totalmente possível que tivesse sido casado. Uma coisa sem precedente levava a outra.

O que estava acontecendo? Uma vez que fossem introduzidas modificações nas regras, não seria um longo passo até o ponto onde tudo declinaria em uma massa de incoerência.

A Eternidade era uma organização muito primorosamente equilibrada para tolerar modificações.

Foi sua raiva em favor da Eternidade, talvez, que colocou uma aspereza involuntária nas próximas palavras de Harlan. — Espero que não esteja planejando voltar ao século 78 para ver como está ela.

O Aprendiz ergueu a cabeça e seus olhos estavam firmes e seguros. — Não.

Harlan alterou-se inquietamente. — Ótimo. Você não tem família. Nada. Você é um Eterno e jamais pense em qualquer pessoa que conheceu no Tempo.

Os lábios de Cooper adelgaçaram-se, e seu sotaque sobressaiu-se

nitidamente em suas rápidas palavras. — O senhor está falando como um Técnico.

Os punhos de Harlan cerraram-se em torno dos braços da cadeira. — O que você deduz? — perguntou ele roucamente. — Que sou um Técnico e portanto faço as Mudanças?

Portanto as defendo e exijo que você as aceite? Olhe, garoto, você não esteve aqui um ano, não fala Intertemporal, está todo mal ajustado no Tempo e na Eternidade, mas pensa que sabe tudo sobre Técnicos e como chutar-lhes os dentes.

— Sinto muito — disse Cooper rapidamente. — Não quis ofendê-lo.

— Não, não; quem ofende um Técnico? Você apenas ouve os outros conversando, é isso? "Frio como o coração de um Técnico", dizem eles, não é? "Um trilhão de personalidades mudadas… apenas um bocejo de um Técnico", dizem. Pode ser que digam mais algumas outras coisas. Qual é a resposta, Sr. Cooper? Isso o faz sentir-se sofisticado para aderir? Isso o torna um grande homem? Uma, grande roda na Eternidade?

— Eu disse que sinto muito.

— Está bem. Apenas quero que saiba que sou Técnico há menos de um mês e que nunca induzi pessoalmente uma Mudança de Realidade. Agora, cheguemos ao assunto.

No dia seguinte, o Computador Sênior Twissell chamou Andrew Harlan em seu escritório.

— Gostaria de sair em uma M.M.N., rapaz? — perguntou ele.

Era quase demasiadamente conveniente. Toda aquela manhã Harlan estivera lastimando sua covarde retratação quanto a estar pessoalmente envolvido no trabalho de Técnico; seu grito infantil: ainda não fiz nada de errado, portanto não me culpe.

Isso significava uma admissão de que havia algo de errado quanto ao trabalho de Técnico. E que ele mesmo estava inocente porque era muito novo na atividade para ter tido tempo de se tornar um criminoso.

Ele aceitou de bom grado a oportunidade de eliminar agora aquela desculpa. Seria quase uma penitência. Ele poderia dizer a Cooper: Sim, por causa de algo que fiz, estes vários milhões de pessoas têm novas personalidades, mas foi necessário e estou orgulhoso de ter sido a causa.

— Estou pronto, senhor — disse Harlan, então, jovialmente.

— Ótimo, ótimo. Você ficará satisfeito em saber, rapaz — (uma baforada e a ponta do cigarro ardeu brilhantemente) — que cada uma de suas análises conferiram com precisão de alta ordem.

— Obrigado, senhor. — (Eram análises, agora, pensou Harlan, e não suposições.)

— Você tem talento. Mais que um toque, rapaz. Procuro grandes coisas. E podemos começar com esta: século 223. Sua declaração de que uma garra condutora bloqueada supriria a bifurcação necessária sem efeitos paralelos indesejados está perfeitamente correta. Você a bloqueará?

— Sim, senhor.

Esta foi a verdadeira iniciação de Harlan na carreira de Técnico. Depois disso, ele era mais do que apenas um homem com um emblema encarnado. Tinha lidado com a Realidade. Ele havia adulterado um mecanismo retirado do século 223 durante rápidos minutos e, como resultado, um jovem não alcançou uma conferência sobre mecânica, à qual tencionara comparecer. Nunca entrou em engenharia solar, conseqüentemente, e uma invenção perfeitamente simples foi retardada em seu desenvolvimento durante uma crucial dezena de anos. Uma guerra no século 224, bastante surpreendentemente, foi removida da Eternidade, como resultado.

Isso não foi bom? E daí se as personalidades foram mudadas? As novas personalidades eram tão humanas quanto as velhas e tão merecedoras de vida. Se algumas vidas foram abreviadas, mais foram prolongadas e tornadas mais felizes. Uma grande obra de literatura, um monumento da inteligência e sentimento do homem, nunca foi escrita na nova Realidade, mas diversas cópias foram preservadas nas bibliotecas da Eternidade, não foram? E novas obras criativas tinham vindo a existir, não tinham?

Contudo, naquela noite, Harlan passou horas em uma viva agonia de insônia, e quando finalmente cochilou embriagadamente, fez algo que não havia feito durante anos.

Sonhou com sua mãe.

Apesar da fraqueza de tal começo, um fisioano foi suficiente para fazer Harlan conhecer toda a Eternidade como o “Técnico de Twissell” e, com mais de um traço de mau humor, como “O Menino-Prodígio” e o “Nunca-Errado”.

Seu contato com Cooper tornou-se quase confortador. Eles nunca ficaram completamente amigos. (Se Cooper pudesse ter-se esforçado para progredir, Harlan poderia não ter sabido como responder.) Contudo, eles trabalhavam bem juntos, e o interesse de Cooper por História Primitiva cresceu até o ponto onde quase rivalizava com o de Harlan.

— Olhe, Cooper, você se importaria de vir amanhã, em vez de hoje? — disse-lhe Harlan certo dia. — Tenho de subir até os séculos 3000 qualquer dia desta semana para conferir uma Observação, e o homem que quero ver está livre esta tarde.

Os olhos de Cooper iluminaram-se avidamente. — Por que não posso vir?

— Você quer?

— Certamente. Nunca estive numa caldeira, exceto quando me trouxeram do século 78 para cá, e na ocasião eu não sabia o que estava acontecendo.

Harlan estava acostumado a usar a caldeira na Coluna C, que era, por costume tradicional, reservada aos Técnicos, ao longo de toda sua imensurável extensão através dos séculos. Cooper não mostrou embaraço ao ser levado lá. Entrou na caldeira sem hesitação e tomou seu assento na moldura curva que o circundava completamente.

Quando Harlan, contudo, tinha ativado o Campo e impelido a caldeira em movimento ascendente, o rosto de Cooper contorceu-se em uma expressão de surpresa quase cômica.

— Não sinto nada — disse ele. — Há algo de errado?

— Nada está errado. Você não está sentindo nada porque não está realmente se movendo. Está sendo impelido ao longo da extensão temporal da caldeira. Na verdade — disse Harlan, tornando-se didático — você e eu não somos matéria, realmente, apesar das aparências. Centenas de homens podem estar usando esta mesma caldeira, movendo-se (se é que se pode chamar isto de movimento) em várias velocidades, em ambas as direções do Tempo, atravessando um o outro e assim por diante. As leis do universo comum quase não se aplicam às colunas de caldeira!

A boca de Cooper torceu-se um pouco e Harlan pensou preocupadamente: o garoto está aprendendo engenharia temporal e sabe mais do que eu sobre isso. Por que não me calo e paro de passar por idiota?

Ele se refugiou no silêncio e fitou Cooper sombriamente. O bigode do jovem crescera durante meses. Curvava-se para baixo, dando à sua boa a forma do que os Eternos chamavam de um traço de Mallansohn, porque a única fotografia do inventor do Campo Temporal (deficiente e fora de foco) que se sabia ser autêntica mostrava-o com um bigode exatamente igual. Por esta razão, isso mantinha uma certa popularidade entre os Eternos, embora fizesse justiça a alguns deles.

Os olhos de Cooper estavam fixos nos números mutáveis que marcavam a passagem dos séculos relativos a eles. — Até que altura no Tempo a coluna da caldeira vai? — perguntou ele.

— Não lhe ensinaram isso?

— Eles mal mencionaram as caldeiras.

Harlan encolheu os ombros. — Não há limite para a Eternidade. A coluna continua para sempre.

— Até a que altura no Tempo o senhor esteve?

— Esta será a maior. O Dr. Twissell já esteve nos séculos 50.000.

— Grande Tempo! — murmurou Cooper.

— Isso ainda não é nada. Alguns Eternos estiveram acima do

século 150.000.

— Como é lá?

— Como absolutamente nada — respondeu Harlan melancolicamente. — Grande quantidade de vida, mas nenhuma delas humanas. O homem se foi.

— Morto? Liquidado?

— Não sei o que ninguém sabe exatamente.

— Nada pode ser feito para mudar isso?

— Bem, do século 70.000 em… — começou Harlan, depois terminou bruscamente. — Oh, ao Tempo com isso. Mude de assunto.

Se havia um assunto sobre o qual os Eternos eram quase supersticiosos, era sobre os "Séculos Obscuros", o tempo entre o século 70.000 e o 150.000. Este era um assunto que raramente era mencionado. Era apenas a associação próxima de Harlan com Twissell que esclarecia seu próprio reduzido conhecimento da era. O que isso significava era que os Eternos não podiam passar para o Tempo em todos aqueles milhares de séculos. As portas entre a Eternidade e o Tempo eram impenetráveis. Por quê? Ninguém sabia.

Harlan imaginou, por algumas observações casuais de Twissell, que haviam sido feitas tentativas de Mudar a Realidade nos séculos um pouco abaixo do 70.000, mas, sem Observação adequada além do 70.000, não se pôde fazer muito.

Certa vez, Twissell sorrira um pouco e dissera: — Algum dia passaremos. Entrementes, os séculos 70.000 são mais que o suficiente para se tomar conta.

Isso não pareceu totalmente convincente.

— O que acontece à Eternidade depois do céculo 150.000? — perguntou Cooper.

Harlan suspirou. O assunto, aparentemente, não iria ser mudado. — Nada — respondeu ele. — Os Setores estão lá, mas não há Eternos neles em qualquer lugar depois do século 70.000. Os Setores continuam existindo por milhões de anos até que a vida se extinga, e além daí, também, até que o sol se torne uma nova, e vai além daí, também. Não há qualquer limite para a Eternidade. Eis por que é chamada Eternidade.

— O sol torna-se uma nova, então?

— Certamente. A Eternidade não poderia existir, se não fosse assim. A Nova Sol é nosso suprimento de força. Ouça, você sabe quanta força é necessária para se montar um Campo Temporal? O primeiro Campo de Mallansohn era de dois segundos, do extremo inferior da escala do Tempo ao superior, e grande o suficiente para suportar não mais do que uma cabeça de fósforo; e para isso era necessário a produção total de um dia de uma usina de energia nuclear. Levou-se quase cem anos para se montar um Campo

Temporal-cabelo suficientemente distante na escala ascendente do Tempo, para ser capaz de tirar o poder radiante da nova, de maneira que pudesse ser construído um Campo grande o bastante para suportar um homem.

Cooper suspirou. — Gostaria que chegassem ao ponto onde parassem de me fazer aprender equações e mecânica de campo e começassem a me mostrar algumas das coisas interessantes. Agora, se eu tivesse vivido no tempo de Mallansohn…

— Não teria aprendido nada. Ele viveu no século 24, mas a Eternidade não começou antes do fim do século 27. Inventar o Campo não foi o mesmo que construir a Eternidade, sabe, e o resto do século 24 não tinha a mínima noção do que significava a invenção de Mallansohn.

— Ele estava adiante de sua próxima geração, então?

— Muito. Ele não somente inventou o Campo Temporal, mas descreveu as relações básicas que tornaram possível a Eternidade e descreveu quase todos os seus aspectos, exceto quanto à Mudança de Realidade. com total exatidão, também… mas creio que estamos parando, Cooper. Você primeiro.

Eles saíram.

Harlan nunca tinha visto o Computador Sênior Twissell zangado, antes. As pessoas sempre diziam que ele era incapaz de qualquer emoção, que ele era uma parte fixa e sem espírito da Eternidade, a ponto de ter esquecido o número exato de seu século natal. As pessoas diziam que numa época anterior seu coração havia se atrofiado e que um computador de mão, similar ao modelo que ele levava sempre no bolso da calça, tinha tomado seu lugar.

Twissell nada fazia para negar esses rumores. De fato, muita gente supunha que ele mesmo acreditava neles.

Portanto, mesmo enquanto Harlan se curvava diante da força da rajada de raiva que o golpeava, tinha espaço na mente para ficar surpreso com o fato de Twissell poder manifestar raiva. Imaginou se Twissell estaria mortificado em algum resultado mais calmo para compreender que seu coração em forma de computador de mão o havia traído, expondo-se apenas como uma coisa deficiente, composta de músculos e válvulas, sujeita às reviravoltas da emoção.

— Pai Tempo, rapaz, você está no Conselho Geral? — disse Twissell, em parte com sua velha voz rangente. — Você distribui as ordens aqui? Você me diz o que fazer ou sou eu que lhe digo? Você está fazendo arranjos para todas as viagens em caldeiras deste Setor? Agora vamos até você para pedir permissão?

Ele se interrompeu com exclamações ocasionais de “Responda-me”, e então continuou a despejar mais perguntas dentro do fervente caldeirão interrogativo.

— Se você ficar convencido desta forma outra vez — disse ele finalmente — eu o colocarei em consertos de encanamentos, e para sempre. Entende-me?

— Nunca me foi dito que não era para levar o Aprendiz Cooper na caldeira — respondeu Harlan, pálido com seu próprio embaraço acumulado.

A explicação não agiu como amoliente. — Que tipo de desculpa é uma negativa dupla, rapaz? Nunca lhe foi dito para não embriagá-lo. Nunca lhe foi dito para não lhe cortar o cabelo a zero. Nunca lhe foi dito para não espetá-lo com uma espada bem afiada. Pai Tempo, rapaz, o que lhe foi dito para fazer com ele?

— Foi-me dito para ensinar-lhe História Primitiva.

— Então faça-o. Não faça nada mais que isso. Twissell deixou cair o cigarro e amassou-o selvaticamente sob o pé, como se fosse o rosto de um inimigo vitalício.

— Gostaria de salientar, Computador — disse Harlan — que muitos séculos sob a Realidade corrente assemelham-se um pouco a eras específicas da História Primitiva em um ou mais aspectos. Minha intenção tinha sido levá-lo para esses Tempos, sob cuidadosa esquematização espaço-temporal, naturalmente, como uma forma de viagem de campo.

— O quê? Ouça, seu cabeçudo, você não pretende pedir minha permissão para qualquer coisa? Isso está fora de cogitação. Apenas ensine-lhe História Primitiva.

Nada de viagens de campo. Nada de experiências em laboratório, também. Logo você estará mudando Realidade só para lhe mostrar como se faz.

Harlan lambeu os lábios secos com a língua também seca, murmurou uma aquiescência ressentida e, eventualmente, foi autorizado a sair.

Foram necessárias várias semanas para que seus sentimentos feridos se restabelecessem até certo ponto.

4. COMPUTADOR

Harlan havia sido Técnico durante dois anos, quando reentrou no século 482 pela primeira vez, desde a despedida com Twissell. Encontrou-o quase irreconhecível.

O século não havia mudado. Ele, sim.

Dois anos como Técnico haviam significado um número de coisas. De certo modo, isso havia aumentado seu sentimento de estabilidade. Não tinha mais de aprender uma nova linguagem, acostumar-se com novos estilos de vestuário e novos modos de vida, com cada novo projeto de Observação. Por outro lado, isso havia resultado em um afastamento de sua própria parte. Tinha quase esquecido, agora, o coleguismo que unia todo o resto dos Especialistas da Eternidade.

Mais que tudo, ele tinha desenvolvido o sentimento do poder de ser um Técnico. Ele detinha o destino de milhões na ponta dos dedos, e se alguém devia caminhar solitário por causa disso, podia também caminhar com orgulho.

Portanto, ele conseguiu fitar friamente o homem das Comunicações atrás da escrivaninha de entrada do século 482, e anunciar-se friamente em sílabas reduzidas: — Andrew Harlan, Técnico, apresentando-se ao Computador Finge para serviço temporário para o século 482 — desconsiderando o olhar rápido do homem de meia idade que encarava.

Era o que algumas pessoas chamavam de “olhar Técnico”; uma rápida e involuntária espiada de lado no emblema encarnado do ombro do Técnico, e então uma tentativa elaborada de não olhá-lo novamente.

Harlan fitou o emblema do ombro do outro. Não era o amarelo do Computador, o verde do Esboçador de Vida, o azul do Sociólogo ou o branco do Observador. Não era de forma alguma da cor sólida de Especialista. Tinha simplesmente uma listra azul sobre fundo branco. O homem era das Comunicações, uma subdivisão da Manutenção, de forma alguma um Especialista.

E ele também deu o “olhar Técnico”.

— Bem? — disse Harlan um pouco sombriamente.

— Estou chamando o Computador Finge, senhor — respondeu o homem das Comunicações com rapidez.

Harlan lembrava-se do século 482 como sólido e maciço, mas agora ele parecia quase esquálido.

Harlan tinha se acostumado ao vidro e porcelana do século 575, ao seu fetiche de limpeza. Tinha se acostumado a um mundo de brancura e claridade, quebradas por manchas esparsas de pastel-claro.

Os fortes redemoinhos pastosos do século 482, seus pigmentos

salpicados, suas áreas de metal pintado eram quase repulsivos.

Mesmo Finge parecia diferente, com um pouco menos de seu tamanho natural. Dois anos antes, ao Observador Harlan, todos os gestos de Finge tinham parecido sinistros e poderosos.

Agora, das imponentes e isoladas alturas da posição de Técnico, o homem parecia patético e perdido. Harlan observou-o quando ele rebuscou entre um maço de folhas e se preparou para levantar os olhos, com o ar de quem começa a achar que faz seus visitante esperar exatamente o tempo necessário.

Finge era de um dos séculos 600, concentrado em energia. Twissell havia lhe contado isso, o que explicava um bocado. Os lampejos de mal-humor de Finge poderiam ser facilmente o resultado da insegurança natural de um homem forte acostumado à firmeza de campos de força e descontente por estar lidando com nada mais do que matéria frágil. Seu andar em pontas de pés (Harlan lembrava-se bem do andar de gato de Finge; diversas vezes levantara os olhos de sua mesa e vira Finge ali em pé, fitando-o, sem que sua aproximação tivesse sido ouvida) não era mais algo furtivo e sorrateiro, mas sim o andar receoso e relutante de quem vive no constante, se inconsciente, temor de que o soalho se quebrará sob seu peso.

O homem está mal ajustado ao Setor, pensou Harlan, com amável condescendência. A única coisa que provavelmente o ajudaria é renomeação.

— Saudações, Técnico Harlan — disse Finge.

— Saudações, Computador — respondeu Harlan. Finge disse: — Parece que nos dois anos desde…

— Dois fisioanos — interrompeu Harlan.

Finge fitou-o com surpresa. — Dois fisioanos, é claro.

Na Eternidade não havia Tempo com o sentido comum do Tempo do universo exterior, mas os corpos dos homens ficavam mais velhos, e esta era a medida inevitável de Tempo, mesmo na ausência de fenômeno físico significativo. Psicologicamente, o Tempo passava e, em um fisioano dentro da Eternidade, um homem ficava tão velho quanto ficaria em um ano comum no Tempo.

Contudo, mesmo o mais pedante dos Eternos lembrava-se da distinção somente de vez em quando. Era muito conveniente dizer-se: “Até amanhã”, ou “Não o vi ontem”, ou “Até a semana que vem”, como se houvesse um amanhã, ou um ontem, ou uma semana passada, em qualquer sentido que não o psicológico. E os instintos de humanidade eram acentuados pelo fato de as atividades da Eternidade terem produzido um dia arbitrário de vinte e quatro “fisiohoras”, com uma solene suposição de dia e noite, de hoje e amanhã.

— Nos dois fisioanos desde que você partiu — continuou Finge — uma crise acercou-se gradualmente do século 482. Uma bem peculiar.

Delicada. Quase sem precedentes. Agora precisamos de Observação precisa como nunca precisamos antes.

— E você quer que eu Observe?

— Sim. De certa forma, é um desperdício de talento pedir a um Técnico para fazer uma tarefa de Observação, mas suas Observações anteriores, em clareza e compreensão, foram perfeitas. Precisamos dela novamente. Agora apenas esboçarei alguns detalhes…

Harlan não ia descobrir quais eram aqueles detalhes, naquele momento. Finge falou, mas a porta abriu-se e Harlan não o escutou.

Ele fitou a pessoa que entrou.

Não que Harlan nunca tivesse visto antes uma garota na Eternidade. Nunca era uma palavra muito forte. Raramente, sim, mas nunca, não.

Mas uma garota como aquela! E na Eternidade!

Harlan tinha visto várias mulheres em suas passagens pelo Tempo, mas para ele, no Tempo, elas eram apenas objetos, como paredes e bolas, ancinhos e carrinhos de mão, gatinhos e mitenes. Eram fatos a serem Observados.

Na Eternidade, uma garota era uma coisa diferente. E uma como aquela.

Ela estava vestida no estilo das classes superiores do século 482, o que significava forro transparente e não muito mais, acima da cintura, e, abaixo, calças finas até os joelhos. Estas, embora bem opacas, faziam delicada menção a curvas glúteas.

Seu cabelo lustroso e escuro descia até a altura dos ombros; o lábio superior estava levemente pincelado de vermelho, e o inferior, fortemente, em forma de um beiço exagerado. As pálpebras superiores e os lobos das orelhas eram de pálida cor de rosa; e o resto de seu rosto juvenil (quase de menina), de uma surpreendente brancura láctea. Pendentes de jóias desciam do meio dos ombros para a frente, para tinir, ora neste, ora naquele lado dos graciosos seios para os quais chamavam a atenção.

Sentou-se a uma mesa no canto do escritório de Finge, levantando os cílios apenas uma vez para passar o olhar escuro pelo resto de Harlan.

Quando Harlan novamente ouviu a voz de Finge, o computador dizia: — Você receberá tudo isto em um relatório oficial e, entrementes, pode ocupar seu antigo escritório e quarto de dormir.

Harlan encontrou-se fora do escritório de Finge sem lembrar-se totalmente de sua saída. Presumivelmente, havia caminhado para fora.

A emoção dentro dele, que era facílimo de se reconhecer, era raiva. Por Tempo, Finge não devia ser autorizado a fazer isso. Era ruim para o moral. Fazia um escárnio…

Ele se deteve, abriu os punhos e apertou os dentes. Vejamos,

agora! Seus passos soaram nitidamente em seu próprio ouvido, quando caminhou firmemente em direção ao homem das Comunicações detrás da escrivaninha.

O homem levantou os olhos, sem encontrar totalmente o seu olhar, e disse cautelosamente: — Sim, senhor.

— Há uma mulher numa mesa do escritório do Computador Finge — disse Harlan. — Ela é nova aqui?

Tencionara perguntar isso casualmente. Fazer uma pergunta monótona e indiferente. Ela ressoou, pelo contrário, como uma batida de pratos.

Mas ela incitou o homem das Comunicações. A expressão em seu olhar tornou-se algo que criava um parentesco entre todos os homens. Isso incluía até mesmo o Técnico, recolhia-o como um companheiro. — Refere-se à menina? — disse o homem. — Oba! Ela não é construída como uma latrina de campo de força, então?

Harlan gaguejou um pouco. — Apenas responda minha pergunta.

O homem das Comunicações arregalou os olhos e um pouco da animação evaporou-se. — Ela é nova. É uma Tempista — respondeu o homem.

— Qual o serviço dela?

Um lento sorriso insinuou-se no rosto do homem das Comunicações e tornou-se um olhar de soslaio. — Supõe-se que seja a secretária do chefe. Seu nome é Noys Lambent.

— Está bem.

Harlan rodopiou sobre os calcanhares e saiu.

A primeira viagem de Observação de Harlan no século 482 foi no dia seguinte, mas durou apenas trinta minutos. Era obviamente apenas uma viagem de orientação, destinada a dar-lhe a percepção das coisas. Ele esteve nela no dia seguinte por uma hora e meia e não esteve no terceiro.

Ele ocupou seu tempo abrindo caminho através de seus relatórios originais, reaprendendo seu próprio conhecimento, recapitulando o sistema de linguagem do tempo, habituando-se novamente aos costumes locais.

Uma Mudança de Realidade tinha atingido o século 482, mas era muito menor. Um grupo político que estivera Dentro, agora estava Fora, mas, por outro lado, não parecia haver mudança na sociedade.

Sem compreender totalmente, ele caiu no hábito de procurar informações sobre a aristocracia em seus velhos relatórios. Certamente fizera Observações.

Fizera, mas eram impessoais, feitas de certa distância. Seus dados referiam-se a eles como uma classe, não como indivíduos.

Naturalmente, seus mapas espaço-temporais nunca lhe haviam exigido ou mesmo permitido que Observasse a aristocracia de dentro.

As razões disso estavam além do alcance de um Observador. Agora, ele se impacientava consigo mesmo por sentir curiosidade por aquilo.

Durante aqueles três dias ele tinha visto quatro vezes a garota, Noys Lambent. A princípio estivera consciente apenas de suas roupas e ornamentos. Depois notou que tinha um metro e sessenta e cinco de altura, quinze centímetros mais baixa do que ele, contudo esbelta o bastante para dar a impressão de altura. Era mais velha do que parecia à primeira vista, próxima dos trinta, talvez, e certamente acima dos vinte e cinco.

Era quieta e reservada; sorriu-lhe certa vez quando passou por ela no corredor, e então abaixou os olhos. Harlan ficou de lado para evitar tocá-la, e então continuou a caminhar sentindo raiva.

Ao fim do terceiro dia, Harlan começava a sentir que sua obrigação como Eterno deixava-lhe apenas um curso de ação. Sem dúvida, a posição de Noys era confortável para ela mesma. Industrialmente, Finge estava dentro da exigência da lei. Contudo, a indiscrição de Finge a respeito, sua indiferença, certamente iam contra o espírito da lei, e algo devia ser feito quanto a isso.

Harlan decidiu que, afinal de contas, não havia um homem na Eternidade que o desagradasse tanto quanto Finge. As desculpas que encontrara para o homem apenas alguns dias antes desapareceram.

Na manhã do quarto dia, Harlan pediu e recebeu permissão para ver Finge em particular. Entrou com passo determinado e, para sua própria surpresa, expôs seu ponto de vista imediatamente. — Computador Finge, sugiro que a Srta. Lambent seja mandada de volta ao Tempo.

Os olhos de Finge apertaram-se. Ele indicou uma cadeira com um gesto da cabeça, colocou as mãos fechadas sob o queixo redondo e flexível e mostrou alguns de seus dentes.

— Bem, sente-se, sente-se. Você acha a Srta. Lambent incompetente? Inapta?

— Quanto a sua incompetência e inaptidão, Computador, não posso dizer. Isso depende da função na qual ela é colocada, e eu não a coloquei em nenhuma. Mas você deve compreender que ela é ruim para o moral deste Setor.

Finge fitou-o de maneira distante, como se sua mente de Computador estivesse ponderando abstrações além do alcance de um Eterno comum. — De que maneira está ela ferindo o moral, Técnico?

— Não há real necessidade de perguntar — respondeu Harlan, com sua raiva se aprofundando. Seu vestuário é exibicionista. Seu…

— Espere, espere. Agora espere um pouco, Harlan. Você foi Observador nesta era. Sabe que suas roupas são vestuário padrão para o século 482.

— Em seu próprio ambiente, em seu próprio meio cultural, não haveria nada de anormal que eu notasse, embora eu diga agora mesmo que seu vestuário é exagerado mesmo para o século 482. Permita-me julgar isso. Aqui na Eternidade, uma pessoa como ela está certamente fora de lugar.

Finge sacudiu a cabeça lentamente. Na verdade, ele parecia estar se divertindo. Harlan firmou-se.

— Ela está aqui para um propósito calculado. Está desempenhando uma função essencial. É apenas temporária. Tente aturá-la, entrementes.

Os dentes de Harlan tiritaram. Ele havia protestado e estava sendo iludido. Ao diabo com a cautela. Diria o que pensava. — Posso imaginar qual seja a "função essencial" da mulher — disse ele. — Não se deixará passar o fato de conservá-la tão abertamente.

Ele se voltou com firmeza e caminhou em direção à porta. A voz de Finge o deteve.

— Técnico — disse Finge — seu relacionamento com Twissell pode ter-lhe dado uma noção destorcida de sua própria importância. Exatamente isto! E diga-me, entretanto, Técnico: você já teve uma (ele hesitou, parecendo escolher entre as palavras) "namorada"?

com meticulosa e insultante precisão, ainda de costas, Harlan salientou: — No interesse de evitar complicações emocionais com o Tempo, um Eterno não pode casar-se.

No interesse de evitar complicações emocionais com a família, um Eterno não pode ter filhos.

— Não perguntei sobre casamento ou filhos — disse o Computador seriamente.

Harlan fez notar mais: — Ligações temporárias só podem ser feitas com Tempistas depois de solicitação, ao Conselho Central de Esquematização do Conselho Geral, de um Esboço de Vida apropriado para a Tempista envolvida. Conseqüentemente, as ligações só podem ser conduzidas de acordo com as exigências da esquematização espaço-temporal específica.

— É bem verdade. Você já solicitou ligação temporária, Técnico?

— Não, Computador.

— Pretende fazê-lo?

— Não, Computador.

— Talvez conviesse fazê-lo. Isso lhe daria uma maior amplitude de visão. Você ficaria menos preocupado com os detalhes do vestuário de uma mulher e menos perturbado com suas possíveis relações pessoais com outros Eternos.

Harlan saiu, mudo de raiva.

Ele achou quase impossível levar a cabo sua viagem de quase um dia no século 482 (o maior período contínuo continuava sendo algo

menos de duas horas).

Estava preocupado, e sabia por quê. Finge! Finge e seu estúpido conselho quanto a ligações com Tempistas.

As ligações existiam. Todos o sabiam. A Eternidade sempre estivera consciente da necessidade de compromisso com os desejos humanos (para Harlan, a frase levava uma viva repulsa), mas as restrições envolvidas na escolha das amantes tornavam o compromisso qualquer coisa que não vago, qualquer coisa que não liberal. E daqueles que tinham sorte suficiente para qualificar-se para tais arranjos, esperava-se, além de decência comum e consideração pela maioria, que fossem muito discretos a respeito.

Entre as classes inferiores dos Eternos, particularmente entre a Manutenção, sempre havia rumores (meio esperançosos, meio ressentidos) de mulheres importadas, em base mais ou menos permanente, para as finalidades óbvias. O rumor sempre apontava os Computadores e os Esboçadores de vida como os grupos beneficiados. Eles, e somente eles, podiam decidir quais mulheres podiam ser subtraídas do Tempo sem perigo de Mudanças de Realidade significativa.

Menos sensacionais (e conseqüentemente menos merecedoras de comentários) eram as estórias sobre funcionárias Tempistas, que todos os Setores engajavam temporariamente (quando a análise espaço-temporal permitia) para desempenhar as tediosas tarefas de cozinhar, limpar e o serviço pesado.

Mas uma Tempista, e que Tempista, empregada como "secretária", podia significar somente que Finge estava se intrometendo nos ideais que faziam da Eternidade,o que ela era.

Desconsiderando-se as realidades da vida, às quais os homens práticos da Eternidade faziam reverência indiferente, continuava sendo verdade que o Eterno ideal era um homem dedicado, vivendo para a missão que tinha de cumprir, para o aperfeiçoamento da Eternidade e melhoria da quantidade de felicidade humana. Harlan gostava de achar que a Eternidade era como os conventos dos tempos primitivos.

Ele sonhou naquela noite que tinha falado com Twissell sobre o assunto, e que este, o Eterno ideal, compartilhou de seu horror. Sonhou com um Finge submisso, rebaixado em posição. Sonhou consigo mesmo, em posse da insígnia amarela de Computador, instituindo um novo regime no século 482, nomeando majestosamente Finge para uma nova posição na Manutenção. Twissell sentou-se perto dele, sorrindo de admiração, enquanto ele esboçava um novo mapa de organização, nítido, metódico, consistente, e pedia a Noys Lambent para distribuir cópias.

Mas Noys Lambent estava nua, e Harlan acordou, tremendo e envergonhado.

Ele encontrou a garota num corredor, certo dia, e ficou de lado, de olhos desviados, para deixá-la passar.

Mas ela continuou parada, encarando-o, até que ele teve de levantar os olhos e encontrar os dela. Ela estava toda cor e vida, e Harlan notou um leve perfume ao seu redor.

— O senhor é o Técnico Harlan, não é? — disse ela.

Seu impulso foi desprezá-la, forçar passagem, mas, afinal de contas, disse ele consigo mesmo, isso tudo não era culpa dela. Além disso, passar por ela agora significaria tocá-la.

Portanto, confirmou brevemente. — Sim.

— Disseram-me que o senhor é perito em nosso Tempo.

— Estive nele.

— Eu adoraria conversar com o senhor sobre ele, algum dia.

— Estou ocupado. Eu não teria tempo.

— Mas, Sr. Harlan, certamente o senhor poderia achar tempo, algum dia.

Ela sorriu para ele.

— Quer passar, por favor? — disse Harlan num murmúrio desesperado. — Ou quer ficar de lado para me deixar passar? Por favor!

Ela saiu de lado com um lento balanço dos quadris, que trouxe sangue latejante para as faces embaraçadas de Harlan.

Ele estava irritado com ela por tê-lo embaraçado, irritado consigo mesmo por estar embaraçado e irritado, mais que tudo, por alguma razão obscura, com Finge.

Finge chamou-o no fim de duas semanas. Em sua mesa havia uma folha de papel perfurado, cujo comprimento e complexidade revelaram imediatamente a Harlan que não se referia a nenhuma excursão de meia-hora no Tempo.

— Quer sentar-se, Harlan — disse Finge — e examinar esta coisa agora mesmo? Não, não a olhe. Use a máquina.

Harlan levantou sobrancelhas indiferentes e inseriu cuidadosamente a folha no receptáculo do expositor da mesa de Finge. Ela passou lentamente pelos intestinos da máquina e, à medida que isso acontecia, a configuração de perfurações era traduzida em palavras que apareciam no nebuloso retângulo branco, que era o acessório visual.

Mais ou menos no meio, a mão de Harlan moveu-se rapidamente e desligou o expositor. Ele arrancou a folha com força tal, que rompeu sua resistente estrutura de celulose.

— Tenho outra cópia — disse Finge calmamente.

Mas Harlan estava segurando as sobras entre o indicador e o

polegar, como se pudessem explodir. — Computador Finge, há algum engano. Certamente não esperam que eu use a casa desta mulher como base para uma permanência de quase uma semana no Tempo.

O Computador franziu os lábios. — Por que não, se as exigências espaço-temporais são essas? Se houver algum problema pessoal envolvido entre você e a Srta. Lam…

— Nenhum problema pessoal, de forma alguma — interrompeu Harlan calorosamente.

— Algum tipo de problema, certamente. Nestas circunstâncias, explicarei certos aspectos do problema de Observação. Isso não é para ser tomado como precedente, é claro.

Harlan sentou-se imóvel. Estava pensando rápida e firmemente. Normalmente, o orgulho profissional teria forçado Harlan a desprezar explicação. Um Observador, ou Técnico, para este tipo de assunto, fazia seu trabalho sem perguntas. E normalmente, um Computador nunca sonharia em oferecer explicações.

Ali, entretanto, estava algo incomum. Harlan havia se queixado com relação à garota, a assim chamada secretária. Finge temia que a queixa pudesse ir adiante. (“A culpa desaparece quando nenhum homem a possui”, pensou Harlan com repugnante satisfação, e tentou lembrar-se de onde havia lido essa frase).

A estratégia de Finge estava óbvia, portanto. Colocando Harlan no lugar de residência da mulher, ele estaria pronto a fazer contra-acusações, se as coisas fossem muito longe. O valor de Harlan como uma testemunha contra ele seria destruído.

E, naturalmente, ele precisaria ter alguma explicação especial para colocar Harlan em tal lugar, e esta seria a seguinte. Harlan ouviu com desprezo mal disfarçado.

— Como sabe — disse Finge — os vários séculos estão conscientes da existência de Eternidade. Sabem que supervisionamos o comércio intertemporal. Consideram que essa seja nossa função principal, o que é bom. Têm uma vaga noção de que também estamos aqui para evitar que a humanidade seja atingida por catástrofes. Isso é mais uma superstição do que qualquer outra coisa, mas está mais ou menos correta, o que é bom, também. Damos às gerações a imagem de um grande número de protetores e um certo sentimento de segurança. Você entende tudo isso, não é?

Será que o homem pensa que ainda sou Aprendiz? — pensou Harlan.

Mas confirmou rapidamente.

— Há certas coisas, entretanto — continuou Finge — que eles não devem saber. A primeira delas, naturalmente, é a maneira pela qual alteramos a Realidade, quando necessário. A insegurança que tal conhecimento causaria seria muito prejudicial. É sempre necessário

extrair da Realidade qualquer fator que possa conduzir a tal conhecimento, e nunca estivemos preocupados com isso.

— Contudo, há sempre outras opiniões indesejáveis sobre a Eternidade, que se manifestam de tempos e tempos, em um século ou outro. Normalmente, as opiniões perigosas são aquelas que se concentram particularmente nas classes predominantes de uma era; as classes que têm maior contato conosco e, ao mesmo tempo, levam o peso importante do que é chamado de opinião pública.

Finge fez uma pausa, como se esperasse que Harlan oferecesse algum comentário ou fizesse alguma pergunta. Harlan não fez nenhuma das duas coisas.

Finge continuou. — Desde a Mudança de Realidade 433-486, Número Serial F-2, que ocorreu cerca de um ano… um fisioano atrás, têm havido provas da entrada de tal opinião indesejável na Realidade. Cheguei a certas conclusões quanto à natureza dessa opinião e apresentei-as ao Conselho Geral. O Conselho está relutante em aceitá-las, pois dependem da realização de um substituto na Configuração de Computação de uma probabilidade extremamente baixa.

— Antes de agir de acordo com minhas recomendações, eles insistem em ter Observação direta. É uma tarefa muito delicada, e é essa a razão por que o chamei novamente, e por que o Computador Twissell permitiu que você fosse chamado outra vez. Outra coisa que fiz foi localizar um membro da aristocracia corrente, que achava que seria emocionante ou excitante trabalhar na Eternidade. Coloquei-a neste escritório e conservei-a sob observação cuidadosa, para ver se ela servia para nosso propósito…

Observação cuidadosa! Sim! — pensou Harlan.

Novamente a sua raiva focalizou-se sobre Finge, ao invés de focalizar-se sobre a mulher.

Finge ainda falava. — Por todos os padrões, ela serve. Agora, nós a devolveremos ao seu Tempo. Usando sua residência como base, você será capaz de estudar a vida social de seu círculo. Entende agora a razão por que trouxe a garota aqui e por que quero que você fique em sua casa?

— Entendo perfeitamente bem, eu lhe asseguro — respondeu Harlan, com ironia quase aberta.

— Então aceitará esta missão.

Harlan saiu com o fogo da batalha queimando dentro de seu tórax. Finge não iria superá-lo em esperteza. Finge não iria fazê-lo de tolo.

Era certamente aquele fogo de batalha, a determinação de lograr Finge, que o fazia experimentar uma ânsia, quase uma alegria, diante da idéia desta nova excursão no século 482.

Certamente não era nada mais.

5. TEMPISTA

A propriedade de Noys Lambent era bem isolada, embora dentro de fácil alcance de uma das maiores cidades do século. Harlan conhecia bem aquela cidade; melhor do que qualquer um de seus habitantes poderia conhecer. Em suas Observações exploratórias naquela Realidade, ele havia visitado cada quarteirão da cidade e cada década dentro do campo de ação do Setor.

Conhecia a cidade tanto no Espaço como no Tempo. Podia juntá-la, vê-la como um organismo, vivendo e crescendo, com suas catástrofes e recuperações, suas alegrias e aborrecimentos. Agora ele estava em uma dada semana do Tempo daquela cidade, num momento de animação suspensa de sua lenta vida de aço e concreto.

Mais que isso, suas explorações preliminares haviam se concentrado mais e mais firmemente em torno dos "periecos", os habitantes que eram os mais importantes da cidade, embora vivessem fora dela, em folga e relativo isolamento.

O século 482 era um dos muitos séculos nos quais a riqueza era distribuída desigualmente. Os Sociólogos tinham uma equação para o fenômeno (que Harlan tinha visto impressa, mas entendera apenas vagamente). Ela se aplicava, para qualquer século, a três relações, e para o 482, essas relações ficavam próximas dos limites do que podia ser permitido. Os Sociólogos abanavam a cabeça em confirmação a ela, e Harlan tinha ouvido um deles dizer, certa vez, que qualquer outra deterioração com novas Mudanças de Realidade exigiria "a mais cuidadosa Observação".

Contudo, havia isso a ser dito no tocante a relações desfavoráveis na equação da distribuição de riqueza. Isso significava a existência de uma classe desocupada e o desenvolvimento de um modo de vida atraente que, no máximo, estimulava a cultura e beleza. Contanto que o outro lado da escala não estivesse muito desocupado, contanto que as classes desocupadas não esquecessem inteiramente suas responsabilidades enquanto aproveitavam seus privilégios, contanto que sua cultura não sofresse alteração obviamente prejudicial, havia sempre na Eternidade a tendência a perdoar o afastamento do padrão ideal de distribuição de riqueza e procurar outros ajustamentos defeituosos menos atraentes.

Contra sua vontade, Harlan começou a entender isso. Normalmente, suas permanências noturnas no Tempo envolviam hotéis dos setores mais pobres, onde um homem podia manter-se facilmente anônimo, onde os estranhos eram ignorados, onde uma presença a mais ou a menos não significava nada e, conseqüentemente, não levava a estrutura da Eternidade a fazer nada

mais do que tremer. Quando até mesmo isso era inseguro, quando havia uma boa possibilidade de o tremor passar o ponto crítico e derrubar uma parte significante do castelo de cartas da Realidade, não era incomum ter-se de dormir sob uma sebe particular da zona rural.

E era comum examinar-se várias cercas para ver qual seria menos perturbada por fazendeiros, mendigos e mesmo cães vadios, durante a noite.

Mas Harlan, agora, no outro lado da escala, dormia numa cama de superfície de matéria saturada de campo, uma soldagem peculiar de matéria e energia, que entrava somente nos níveis econômicos mais altos daquela sociedade. Em todo o Tempo, era menos comum que matéria pura, porém mais comum que energia pura. Em qualquer caso, ela se moldava ao seu corpo, quando se deitava, ficava firme quando ele ficava quieto, cedendo quando se movia ou se virava.

Ele confessava com relutância a atração de tais coisas, e aceitava o bom senso que levava cada Setor da Eternidade a viver na escala média de seu século, ao invés de seu nível mais confortável. Dessa forma, podia-se manter contato com os problemas e com a "percepção" do século, sem sucumbir-se a uma identificação muito íntima com um exagero sociológico.

É fácil, pensou Harlan naquela primeira noite, viver-se com aristocratas.

E um pouco antes de adormecer, ele pensou em Noys.

Sonhou que estava no Conselho Geral, de mãos entrelaçadas diante de si de maneira austera. Estava fitando um Finge pequeno, muito pequeno, que ouvia aterrorizado a sentença que o estava banindo da Eternidade e mandando-o para Observação perpétua de um dos séculos desconhecidos do distante, distante futuro. As sombrias palavras de exílio estavam saindo da própria boca de Harlan, e imediatamente Noys Lambent sentou-se à sua direita.

Ele não a havia notado, a princípio, mas seus olhos ficaram movendo-se para a direita, e faltaram-lhe as palavras.

Ninguém mais a via? O resto dos membros do Conselho olhava firmemente para diante, exceto Twissell. Ele se voltou para sorrir para Harlan, olhando através da garota como se ela não estivesse ali.

Harlan quis mandá-la embora, mas as palavras não mais saíam de sua boca. Tentou bater na garota, mas seu braço moveu-se lentamente e ela não se mexeu. Seu corpo era frio.

Finge estava rindo… mais alto… mais alto…

…e era Noys Lambent rindo.

Harlan abriu os olhos à brilhante luz do sol e fitou a garota por um momento, horrorizado, antes de se lembrar onde estavam.

— Você estava gemendo e batendo no travesseiro — disse ela. — Estava tendo um pesadelo?

Harlan não respondeu.

— Seu banho está pronto — disse ela. — Suas roupas também. Fiz os preparativos para que se junte hoje à multidão. Pareceu estranho voltar à minha vida normal após ficar tanto tempo na Eternidade.

Harlan sentiu-se agudamente perturbado diante da fácil fluência de palavras da garota. — Você não lhes disse quem sou, espero — disse ele.

— É lógico que não.

É lógico que não! Finge teria tomado conta daquele pequeno detalhe, colocando com facilidade sua mente sob narcose, se o julgasse necessário. Ele poderia não tê-lo achado necessário, contudo. Afinal de contas, ele lhe havia dado "observação cuidadosa".

O pensamento irritou-o. — Eu preferiria ser deixado só o maior tempo possível — disse ele.

Ela o fitou incerta, durante um momento ou dois, e saiu.

Harlan passou pelo ritual matinal de lavar-se e vestir-se, de mau humor. Não tinha grandes esperanças de uma noite excitante. Teria de dizer o menos possível, fazer o menos possível, ser uma parte da parede o mais possível. Sua função verdadeira era aquela de um par de ouvidos e um par de olhos. Ligando esses sentidos com o relatório final, estava sua mente que, de maneira ideal, não tinha outra função.

Normalmente ele não ficava perturbado com o fato de, como Observador, não saber o que estava procurando. Um Observador, tinha-lhe sido ensinado quando Aprendiz, não deve ter noções preconcebidas com relação a quais dados são desejados ou quais conclusões são esperadas. O conhecimento, foi dito, destorceria automaticamente a sua visão, por mais consciencioso que tentasse ser.

Mas, nas circunstâncias, a ignorância era irritante. Harlan suspeitou firmemente de que não havia nada para procurar, que estava fazendo o jogo de Finge, de certa forma. Entre isso e Noys…

Ele fitou de maneira selvagem a sua própria imagem reproduzida em precisão tri-dimensional, sessenta centímetros adiante dele, pelo Refletor. As roupas apertadas do século 482, sem costuras e de cores vivas, faziam-no, pensou ele, parecer ridículo.

Noys Lambent chegou correndo até ele, exatamente depois que este havia terminado uma refeição solitária, que lhe fora trazida por um Mecano.

— Estamos em junho, Técnico Harlan — disse ela ansiosamente.

— Não use o título aqui — disse ele asperamente. — E daí que estamos em junho?

— Mas era fevereiro, quando entrei — ela fez uma pausa, em dúvida — naquele lugar, e isso foi apenas há um mês atrás.

Harlan franziu as sobrancelhas. — Em que ano estamos agora?

— Oh, estamos no ano certo.

— Tem certeza?

— Absoluta. Houve algum engano?

Ela tinha o hábito importuno de ficar bem perto dele, enquanto conversavam, e sua pronúncia levemente afetada (uma peculiaridade do século, e não particularmente dela) dava-lhe o tom da voz de uma criança jovem e bastante indefesa. Harlan não se deixou enganar por isso. Afastou-se.

— Nenhum engano. Você foi colocada aqui porque é mais conveniente. Na verdade, no Tempo, você sempre esteve aqui.

— Mas como pude? — ela pareceu ainda mais assustada. — Não lembro nada a respeito. Existem duas de mim?

Harlan estava muito mais irritado do que a causa justificava. Como poderia explicar-lhe a existência de micromudanças, induzidas por cada interferência com o Tempo, que podiam alterar vidas individuais sem efeito apreciável no século como um todo? Mesmo os Eternos às vezes esqueciam a diferença entre micromudanças ("a" minúsculo) e Mudanças ("M" maiúsculo), que alteravam a Realidade de maneira significante.

— A Eternidade sabe o que está fazendo — disse ele.

— Não faça perguntas.

Disse-o orgulhosamente, como se ele próprio fosse um Computador Sênior e tivesse decidido pessoalmente que junho era o momento próprio no Tempo e que a micromudança induzida, pulando três meses, não poderia tornar-se uma Mudança.

— Então perdi três meses de vida — disse ela.

Ele suspirou. — Seus movimentos pelo Tempo não têm nada a ver com sua idade fisiológica.

— Bem, perdi ou não perdi?

— Perdeu ou não perdeu o quê?

— Três meses.

— Por Tempo, mulher, estou-lhe falando o mais claramente possível. Você não perdeu nenhum tempo de sua vida. Você não pode perder nenhum.

Ela recuou diante de seu grito e então, subitamente, deu uma risadinha. — Você tem um sotaque engraçadíssimo — disse ela. — Especialmente quando fica zangado.

Ele a olhou com desagrado, enquanto lhe dava as costas, em retirada. Que sotaque? Falava o qüinqüemilenar tão bem quanto qualquer um do Setor. Melhor, provavelmente.

Garota estúpida!

Ele se encontrou novamente diante do Refletor, fitando sua imagem, que o fitava também, com profundas rugas verticais entre os olhos.

Ele as alisou e pensou: não sou bonito. Meus olhos são muito

pequenos, minhas orelhas são salientes e meu queixo é muito grande.

Nunca havia pensado particularmente no assunto antes, mas agora lhe ocorrera, de maneira totalmente súbita, que seria agradável ser bonito.

Tarde da noite, Harlan adicionou suas notas às conversas que havia colhido, enquanto estavam todas frescas na mente.

Como sempre, em tais casos, fez uso de um gravador molecular de fabricação do século 55. Na forma, era um inexpressivo cilindro fino de cerca de dez centímetros de comprimento por um e meio de diâmetro. Tinha uma cor castanha profunda mas reservada. Podia ser facilmente transportado na manga, bolso ou forro, dependendo do estilo da roupa, ou ainda preso no cinto, botão ou punho.

Onde quer que fosse preso ou transportado, tinha a capacidade de gravar cerca de vinte milhões de palavras em cada um dos três níveis de energia molecular. com uma ponta do cilindro ligada a um tranel d'água d'águaiterador, ressonando eficientemente com o receptor de Harlan, e a outra ligada em forma de campo ao pequeno microfone em sua boca, Harlan podia ouvir e falar simultaneamente.

Todos os sons feitos durante as horas da “reunião” repetiam-se agora em seu ouvido, e, enquanto ouvia, dizia palavras que se gravavam em um segundo nível, coordenado com o primeiro mas diferente dele, no qual a reunião havia sido gravada. Neste segundo nível, descreveu suas próprias impressões, atribuiu significados e salientou correlações. Eventualmente, quando fazia uso do gravador molecular para escrever um relatório, ele tinha, não simplesmente uma gravação som por som, mas uma reconstrução anotada.

Noys Lambent entrou. Não anunciou sua entrada de forma alguma.

Irritado, Harlan removeu o microfone e o fone de ouvido, prendeu-os ao gravador molecular, colocou tudo no estojo e fechou-o.

— Por que me trata de maneira tão zangada? — perguntou Noys. Seus braços e ombros estavam nus, e suas longas pernas reluziam em espumosidade fracamente luminescente.

— Não estou zangado — disse ele. — Não tenho nenhum sentimento em relação a você.

No momento, ele sentiu ser a afirmação rigidamente verdadeira.

— Ainda está trabalhando? — perguntou ela. — Você deve estar cansado, certamente.

— Não posso trabalhar, se você está aqui — respondeu ele de maneira rabugenta.

— Você está zangado comigo. Não me disse uma palavra a noite toda.

— Conversei o menos que pude com todos. Eu não estava lá para falar.

Esperou que ela saísse. Mas ela disse:

— Trouxe-lhe outra dose. Parece que você tomou uma na reunião e uma não é suficiente. Especialmente se vai ficar trabalhando.

Ele notou o pequeno Mecano atrás da garota, entrando em um suave campo de força.

Tinha comido frugalmente aquela noite, beliscando ligeiramente os pratos sobre os quais havia relatado completamente em Observações passadas, mas que (com exceção de mordidelas escolhidas) havia até então se abstido de comer. Contra a vontade, ele os tinha apreciado. Contra a vontade, havia gostado da espumante bebida verde-clara, com essência de hortelã-pimenta (não totalmente alcoólica; algo mais, pelo contrário), que era de corrente bom gosto. Ela não tinha existido no século, dois fisioanos antes, quando foi feita a última Mudança de Realidade.

Ele recebeu do Mecado a segunda dose, com um austero aceno de agradecimento a Noys.

Agora, por que teria uma Mudança de Realidade, que virtualmente não havia causado efeito físico no século, trazido uma nova bebida à existência?

Bem, ele não era um Computador, portanto não adiantava fazer essa pergunta a si mesmo. Além disso, mesmo as mais detalhadas Computações possíveis nunca podiam eliminar toda a incerteza, todos os efeitos casuais. Se não fosse assim, não haveria necessidade de Observadores.

Estavam a sós na casa, Noys e ele. Os Mecanos haviam estado no auge da popularidade nas duas décadas passadas, e continuariam estando durante aproximadamente uma década mais naquela Realidade; portanto, não havia serventes humanos por perto.

É claro que, com a fêmea da espécie tão economicamente independente quanto o macho e capaz de realizar a maternidade, se o desejasse, sem as necessidades de gravidez física, não podia haver nada de “impróprio” no fato de estarem a sós, pelo menos no modo de ver do século 482.

Contudo, Harlan sentia-se comprometido.

A garota estava estendida, apoiada no cotovelo, em um sofá em frente. O revestimento decorado do mesmo afundava embaixo dela, como se ávido por abraçá-la. Ela tinha descalçado os sapatos transparentes que estivera usando, e os dedos de seus pés torciam-se e destorciam-se dentro da espumosidade flexível, como as patas macias de um gato luxuriante.

Ela sacudiu a cabeça, e fosse o que fosse que havia conservado seu cabelo arrumado acima das orelhas em tranças intricadas, foi subitamente afrouxado. O cabelo tombou em torno de sua nuca e seus ombros nus ficaram mais cremosamente atraentes, em contraste com o

preto dos cabelos.

— Quantos anos tem você? — murmurou ela.

Isto ele certamente não devia ter respondido. Era uma pergunta pessoal, e a resposta não era da sua conta. O que ele devia ter dito com polida firmeza, naquele momento, era: pode me deixar trabalhar? Ao invés disso, o que ele se ouviu dizendo foi:

— Trinta e dois anos. Quisera dizer fisioanos, é claro.

— Sou mais nova que você — disse ela. — Tenho vinte e sete. Mas suponho que não parecerei sempre ser mais nova que você. Suponho que você será assim mesmo quando eu for velha. O que o fez decidir-se a ter trinta e dois anos? Pode mudar, se o desejar? Não quereria ser mais novo?

— Sobre o que está falando? — Harlan coçou a testa para clarear a mente.

— Você vive para sempre — disse ela suavemente. — Você é um Eterno.

Era uma pergunta ou uma declaração?

— Você está louca — disse ele. — Ficamos velhos e morremos como qualquer pessoa mais.

— Você pode me dizer — sussurrou ela. Sua voz era baixa e persuasiva. A linguagem qüinqüemilenar, que ele sempre havia achado dissonante e desagradável, parecia melodiosa, afinal. Ou seria simplesmente o estômago cheio e o ar perfumado que havia embotado seus ouvidos?

— Você pode ver todos os Tempos, visitar todos os lugares — disse ela. — Eu também quis trabalhar na Eternidade. Esperei muito tempo para que me deixassem.

Achei que talvez me tornassem uma Eterna, e então descobri que lá havia somente homens. Alguns deles nem mesmo falaram comigo porque sou mulher. Você não falou comigo.

— Estamos todos ocupados — murmurou Harian, esforçando-se por repelir algo que somente podia ser descrito como um contentamento entorpecido. — Eu estava muito ocupado.

— Mas por que não há mais mulheres Eternas? Harlan não se podia fiar em falar. O que poderia dizer? Aqueles membros da Eternidade eram escolhidos com infinito cuidado, pois duas condições tinham que ser satisfei tas. Primeiro, deviam ser equipados para o serviço; segundo, suas saídas do Tempo não deviam causar efeito danoso à Realidade.

Realidade! Era esta a palavra que ele não devia mencionar sob qualquer circunstância. Sentiu a senssação estonteante em sua cabeça ficar mais forte e fechou os olhos por um momento para detê-la.

Quantas excelentes perspectivas haviam sido deixadas intatas no Tempo, porque suas remoções na Eternidade teriam significado o não-

nascimento de crianças, a não-morte de mulheres e homens, não-casamento, não-acontecimentos, não-circunstâncias, que teriam desviado a Realidade para direções que o Conselho Geral não poderia permitir.

Poderia ele dizer-lhe qualquer uma destas coisas? É claro que não. Poderia dizer-lhe que as mulheres quase nunca estavam qualificadas para a Eternidade porque, por alguma razão que ele não entendia (os Computadores poderiam entender, mas ele mesmo certamente não), suas abstrações do Tempo eram de dez a cem vezes tão prováveis a destorcer a Realidade quanto a abstração de um homem.

(Todos os pensamentos amontoaram-se em sua cabeça, perdida e rodopiante, e juntaram-se a um outro em uma associação livre que produziu resultados esquisitos, grotescos, mas não inteiramente desagradáveis. Noys estava agora mais próxima a ele, sorrindo.)

Ele ouviu sua voz como uma brisa soprando. — Oh, vocês, Eternos. São tão reservados. Não tomam parte de forma alguma. Faça de mim uma Eterna.

Sua voz agora era um som que não se aglutinava em palavras separadas, mas apenas um som delicadamente modulado que se insinuava na mente de Harlan.

Ele queria, almejava dizer-lhe: não há graça na Eternidade, mocinha. Nós trabalhamos! Trabalhamos para esboçar todos os detalhes de todas as épocas, desde o começo da Eternidade até onde a Terra está vazia; e tentamos esboçar todas as infinitas possibilidades de todos os "podederia-ter-sido, escolher um poderia-ter-sido que seja melhor do que o que é, decidir onde no Tempo podemos fazer uma minúscula mudança para substituir o é pelo poderia-ser e procurar um novo poderia-ser. para sempre"; e é assim que tem sido desde que Vikkor Mallansohn descobriu o Campo Temporal no século 24, lá no Primitivo século 24, e então foi possível começar a Eternidade no século 27; o misterioso Mallansohn que o homem não conhece e que começou a Eternidade, realmente, e o novo poderia-ser, para sempre, para sempre, para sempre e…

Ele sacudiu a cabeça, mas o redemoinho de pensamentos continuou em curvas e saltos mais estranhos e mais recortados até que se transformou em um súbito momento de iluminação, que persistiu durante um segundo brilhante e então desvaneceu-se.

Aquele momento paralizou-o. Tateou em busca dele, mas ele se fora.

A bebida de hortelã-pimenta?

Noys estava ainda mais perto, com o rosto não totalmente claro no olhar pasmado de Harlan. Ele podia sentir o cabelo dela contra suas faces e a leve e cálida pressão de sua respiração. Ele devia afastar-se, mas — estranhamente, estranhamente — achou que não

queria fazê-lo.

— Se me tornassem Eterna… — sussurrou ela quase em seu ouvido, embora as palavras mal fossem ouvidas acima das batidas de seu coração. Os lábios dela estavam úmidos e separados. — Você não gostaria?

Ele não sabia o que ela queria dizer, mas, subitamente, não se importou. Ele parecia estar em chamas. Estendeu os braços desajeitadamente, às apalpadelas. Ela não resistiu; fundiu-se e juntou-se a ele.

Isso tudo aconteceu como em sonho, como se estivesse acontecendo a alguém mais.

Não era quase tão repulsivo quanto ele havia sempre imaginado que devesse ser. Veio-lhe como um choque, uma revelação, que isso não era de forma alguma repulsivo.

Mesmo depois, quando ela se enclinou sobre ele, com o olhar todo meigo e sorrindo um pouco, achou que tinha de tocar e acariciar seus cabelos soltos com lento e tremente deleite.

Ela agora estava inteiramente diferente para seus olhos. Não era uma mulher, não era, de forma alguma, uma pessoa. Ela era, subitamente, um aspecto dele mesmo. Era, de uma maneira estranha e inesperada, uma parte dele mesmo.

O mapa espaço-temporal não dizia nada disso, mas Harlan não se sentia culpado. Foi somente o pensamento em Finge que levantou forte emoção no peito de Harlan. E esta não era sentimento de culpa. De forma alguma.

Era satisfação, até mesmo triunfo!

Na cama, Harlan não pôde dormir. A frivolidade tinha passado agora, mas havia ainda o fato incomum de que pela primeira vez em sua vida adulta, uma mulher crescida compartilhava sua cama.

Ele podia ouvir sua respiração suave, e na obscuridade ultra-opaca para a qual as luzes internas das paredes e do teto haviam sido reduzidas, ele podia ver seu corpo como a mais mera sombra próxima ao seu.

Ele tinha apenas de mover a mão para sentir o calor e a maciez de sua carne, e não ousou fazê-lo, com receio de tirá-la de qualquer sonho que ela pudesse estar tendo.

Era como se ela estivesse sonhando por ambos, sonhando ela, ele e tudo que tinha acontecido; e como se o seu despertar tiraria tudo de existência.

Era um pensamento que parecia uma parte daqueles outros pensamentos esquisitos e incomuns que ele havia experimentado um pouco antes…

Aqueles haviam sido pensamentos estranhos, ocorrendo-lhe num momento entre consciência e inconsciência. Tentou recapitulá-los e

não conseguiu. Contudo, subitamente, era muito importante que ele os recapitulasse. Muito embora não pudesse lembrar-se dos detalhes, conseguia lembrar que, por apenas um instante, havia entendido alguma coisa.

Não estava certo do que era essa coisa, mas tinha havido a clareza sobrenatural daquele que está meio adormecido, quando os olhos e mente, mais que mortais, parecem voltar subitamente à vida.

Sua ansiedade aumentou. Por que não podia lembrar-se? Muito havia estado ao seu alcance.

No momento, mesmo a garota adormecida a seu lado desapareceu na hinterlândia de seus pensamentos.

Ele pensou: se eu seguir o fio da meada… eu estava pensando na Realidade e na Eternidade… sim, e em Mallansohn e no Aprendiz!

Ele parou aí. Por que o Aprendiz? Por que Cooper? Não havia pensado nele.

Mas se não o fizera, por que devia então pensar em Brinel d'água d'águaey Sheridan Cooper agora?

Ele franziu as sobrancelhas! Qual era o fato que ligava tudo isso? O que era que ele estava tentando encontrar? O que o deixara tão certo de que havia algo para encontrar?

Harlan sentiu-se desanimado, pois, com estas perguntas, um distante brilho daquela iluminação anterior pareceu dispensar-se nos horizontes de sua mente, e ele quase o soube.

Ele prendeu a respiração. Não era preciso pressa para isso. Deixe vir.

Deixe vir.

E na quietude daquela noite, uma noite já tão singularmente significante em sua vida, ocorreu-lhe uma explicação e interpretação de eventos que, em qualquer ocasião mais sensata e mais normal, ele não teria acolhido sequer por um momento.

Deixou o pensamento germinar e florescer, deixou-o crescer até que pôde vê-lo explicar uma centena de pontos estranhos que, por outro lado, simplesmente continuavam… estranhos.

Teria de investigar, examinar isso, lá na Eternidade, mas no coração já estava convencido de que conhecia um terrível segredo que não estava destinado a conhecer.

Um segredo que envolvia toda a Eternidade!

6. ESBOÇADOR DE VIDA

Um mês de fisiotempo havia se passado desde aquela noite no século 482, quando ele se inteirara de muitas coisas. Agora, se se calculasse por tempo comum, ele estava quase 2000 séculos no futuro de Noys Lambent, esforçando-se por uma mistura de suborno e adulação para descobrir o que estava reservado para ela em uma nova Realidade.

Isso era pior que imoral, mas ele não estava ligando. No fisiomês passado ele havia, em sua própria opinião, se tornado um criminoso. Não havia maneira de encobrir esse fato. Não seria mais criminoso por compor seu crime, e tinha muito a ganhar agindo assim.

Agora, como parte de sua pérfida manobra (ele não fez esforço para escolher uma frase mais compassiva), achava-se na barreira diante do século 2456. A entrada no Tempo era muito mais complicada que a mera passagem entre a Eternidade e as colunas de caldeira. A fim de entrar no Tempo, as coordenadas que fixavam a região desejada na superfície da Terra tinham de ser meticulosamente ajustadas, e o momento desejado do Tempo, localizado com precisão dentro do século. Apesar da tensão interna, Harlan manejou os controles com a confiança fácil e rápida de um homem de muita experiência e grande talento.

Harlan encontrou-se na sala de máquinas que havia visto a princípio na tela de observação dentro da Eternidade. Neste fisiomomento, o Sociólogo Voy estaria sentado em segurança diante da tela, esperando o Toque do Técnico que estava para vir.

Harlan não sentiu pressa. A sala continuaria vazia durante os próximos 156 minutos. Para ser exato, o mapa espaço-temporal permitia-lhe apenas 110 minutos, deixando os 46 restantes como a "margem" costumeira de 40 por cento. Havia a margem em caso de necessidade, mas não se esperava que um Técnico tivesse de usá-la. Um "comedor de margens" não continuava muito tempo como Especialista.

Harlan, contudo, não esperava usar mais de dois minutos dos 110. Usando seu gerador de campo de pulso de maneira que ficasse rodeado por uma aura de fisiotempo (um eflúvio, por assim dizer, de Eternidade) e conseqüentemente protegido de qualquer dos efeitos da Mudança de Realidade, ele deu passo em direção à parede, levantou um pequeno recipiente de sua posição em uma prateleira e colocou-o num ponto cuidadosamente ajustado da prateleira debaixo.

Tendo-o feito, reentrou na Eternidade de um modo que lhe pareceu tão prosaico quanto a passagem através de qualquer porta

poderia ser. Tivesse havido um Tempista observando e ter-lhe-ia parecido que Harlan havia simplesmente desaparecido.

O pequeno recipiente ficou onde ele o colocou. Não desempenhou papel imediato na história do mundo. A mão de um homem, horas depois, estendeu-se para apanhá-lo, mas não o encontrou. Uma busca ainda revelou a mesma coisa meia hora depois, mas no ínterim, um campo de força tinha-se neutralizado e um homem tinha perdido a calma.

Uma decisão que continuaria não tendo sido tomada, na Realidade anterior, fora agora tomada em fúria. Um encontro não se deu; um homem que devia ter morrido viveu mais um ano; sob outras circunstâncias, outro que devia ter continuado vivo, morreu mais cedo de alguma forma.

As ondulações expandiram-se mais amplamente, alcançando seu máximo no século 2481, que estava vinte e cinco séculos acima do Toque. Depois disso, a intensidade da mudança de Realidade declinava. Os Teoristas salientavam que a Mudança não podia se tornar zero para lugar nenhum da infinita escala ascendente, mas, por cincoenta séculos acima do Toque, a Mudança tornava-se muito pequena para ser detectada pela melhor Computação, e este era o limite prático.

É claro que nenhum ser humano no Tempo poderia possivelmente tomar consciência de qualquer Mudança que houvesse ocorrido. A mente mudava da mesma forma que a matéria, e somente os Eternos podiam ficar fora disso tudo e ver a mudança.

O Sociólogo Voy estava fitando a tela azulada do século 2481, onde antes tinha havido toda a atividade de um espaço-porto movimentado.

Ele mal levantou os olhos quando Harlan entrou. Mal murmurou algo que poderia ter sido um cumprimento.

Uma mudança tinha na verdade destruído o espaçoporto. Seu brilho havia desaparecido; as edificações que ali existiam não eram as grandes criações que tinham sido.

Uma espaçonave enferrujada. Não havia gente. Não havia movimento.

Harlan permitiu-se um leve sorriso que perdurou por um momento e então desapareceu. Era exatamente a M.R.D. Máxima Resposta Desejada. E tinha acontecido de imediato.

A Mudança não ocorria necessariamente no preciso momento do Toque Técnico. Se os cálculos que entravam no Toque fossem superficiais, poder-se-iam passar horas ou dias, antes que a Mudança verdadeiramente se desse (contando-se, naturalmente, por fisiotempo). Somente quando todos os graus de liberdade desapareciam é que a Mudança acontecia. Enquanto houvesse mesmo uma possibilidade

matemática de efeitos alternados, a Mudança não acontecia.

Era orgulho de Harlan que, quando ele calculava uma M.M.N., quando era sua mão que produzia o Toque, os graus de liberdade desapareciam de imediato e a Mudança ocorria instantaneamente.

— Isso tinha sido muito lindo — disse Voy gentilmente.

A frase irritou os ouvidos de Harlan, parecendo depreciar a beleza de sua façanha. — Eu não lamentaria — disse ele — já que as viagens espaciais se desenvolveram completamente fora da Eternidade.

— Não? — disse Voy.

— Que têm elas de bom? Nunca duram mais de um milênio ou dois. As pessoas se cansam. Elas voltam para casa e as colônias se extinguem. Então, depois de uns quatro ou cinco milênios, ou quarenta ou cinqüenta, eles tentam outra vez e elas falham novamente. É um desperdício de talento e esforços humanos.

— Você é um filósofo — disse Voy secamente.

Harlan erubesceu. Qual a utilidade em falar com qualquer um deles? — pensou ele. — Que tal o Esboçador de Vida? — disse furiosamente, com uma brusca mudança de assunto.

— Que tal ele?

— Quer ver com o homem? Ele deve ter feito algum progresso, entrementes.

O Sociólogo deixou passar por seu rosto uma expressão de censura, como se para dizer: Você é impaciente, não? Em voz alta ele disse: — Venha comigo e vejamos.

A placa da porta do escritório anunciava Neron Feruque, o que atraiu o olhar e a mente de Harlan por causa de sua ligeira semelhança com um par de monarcas da área mediterrânea durante os tempos Primitivos. (Suas conversas semanais com Cooper tinham estimulado, quase febrilmente, sua própria preocupação com o Primitivo.)

O homem, contudo, não se assemelhava a nenhum dos dois monarcas, pelo que Harlan se lembrava deles. Era quase cadavericamente magro, com pele rijamente esticada sobre um nariz exageradamente comprido. Seus dedos eram longos e seus pulsos nodosos. Quando acariciava seu pequeno Somador, parecia a Morte pesando uma alma na balança.

Harlan encontrou-se fitando avidamente o Somador. Era o coração e o sangue do Esboço de Vida, a pele e os ossos, os nervos, os músculos e tudo o mais. Colocavam-se dentro dele os dados necessários de uma história pessoal e as equações da Mudança de Realidade; fazia-se isso e ele ria à vontade, em folia obscena durante qualquer período de tempo, desde um minuto até um dia, e então cuspia as possíveis vidas companheiras para a pessoa envolvida (sob a nova Realidade), cada uma delas claramente rotulada com um valor

de probabilidade.

O Sociólogo Voy apresentou Harlan. Feruque, tendo fitado a insígnia do Técnico com evidente contrariedade, chacoalhou a cabeça e deixou o negócio correr.

— Está já completo o Esboço de Vida da jovem? — perguntou Harlan.

— Não está. Avisá-lo-ei, quando estiver.

Ele era um daqueles que tinha desprezo pelo Técnico a ponto de rudeza evidente.

— Calma, Esboçador — disse Voy.

Feruque tinha sobrancelhas que eram claras até quase a in visibilidade. Isso salientava a semelhança de seu rosto com um crânio. Seus olhos rolaram no que deveriam ter sido cavidades vazias, quando disse: — Exterminou as espaçonaves?

— Reduza-lhes um século — confirmou Voy.

Os lábios de Feruque torceram-se de leve e formaram uma palavra.

Harlan cruzou os braços e fitou o Esboçador de Vida, que desviou o olhar em eventual derrota.

Ele sabe que é culpa dele também, pensou Harlan.

— Ouça — disse Feruque a Voy — já que você está aqui, o que Vou fazer no Tempo quanto aos pedidos de soro anticâncer? Não somos o único século com anticâncer.

Por que recebemos todas as solicitações?

— Todos os outros séculos estão igualmente abarrotados.

— Então têm de parar completamente de enviar solicitações.

— Como pretendemos fazê-los parar?

— Fácil. Faça com que o Conselho Geral pare de recebê-los.

— Não tenho influência no Conselho Geral.

— Você tem influência junto ao velho.

Harlan ouviu a conversa tediosamente, sem real interesse. Ao menos ela servia para conservar sua mente fixada em coisas inconseqüentes e desligada do Somador cacarejante.

O “velho”, ele sabia, seria o Computador encarregado do Setor.

— Falei com o velho — disse o Sociólogo — e ele falou com o Conselho.

— Bolas. Ele apenas enviou mensagem através de uma comunicação rotineira. Ele tem de lutar por isto. É uma questão de diplomacia básica.

— O Conselho Geral não está disposto estes dias a considerar mudanças em diplomacia básica. Você sabe os rumores que correm por aí.

— Oh, certamente. Eles estão ocupados com uma coisa grande. Sempre que há uma entrevista a dar, espalham por aí que o Conselho

está ocupado com alguma coisa grande.

(Se Harlan pudesse ter encontrado a essência daquela observação, teria rido.)

Feruque pensou por uns momentos e então explodiu: — O que muita gente não entende é que o soro anticâncer não é uma questão de mudas de árvore ou motores de campo.

Sei que cada galho de abeto tem de ser observado quanto a efeitos adversos na Realidade, mas o anticâncer sempre envolve uma vida humana, e isso é cem vezes mais complicado.

— Considere! Pense quantas pessoas morrem por ano, de câncer, em cada século que não tem soros anticâncer de um tipo ou de outro. Você pode imaginar quantos dos pacientes querem morrer. Então, os governos Tempistas de todos os séculos, estão sempre enviando solicitações à Eternidade, para "fazer o favor, o grande favor de mandar-lhes setenta e cinco mil ampolas de soro, em favor dos homens criticamente afetados, que são absolutamente vitais às culturas; ver dados biográficos anexos".

— Eu sei, eu sei — admitiu Voy rapidamente.

Mas a amargura de Feruque não iria ser negada. — Então você lê os dados biográficos e constata que todo homem é um herói. Todo homem é uma perda insuportável para seu mundo. Então você os examina de ponta a ponta. Vê o que poderia acontecer à Realidade se cada homem vivesse e, pelo amor do Tempo, se diferentes combinações de homens vivessem.

— No mês passado, fiz 572 pedidos de câncer. Dezessete, conte-os, dezessete Esboços de Vida resultaram deles, por não envolverem Mudanças de Realidade indesejáveis.

Imagine você, não houve sequer um caso de uma possível Mudança de Realidade desejável, mas o Conselho Geral diz que os casos neutros recebem o soro. Humanidade, sabe. Então, exatamente dezessete pessoas, em séculos variados, ficarão curadas, este mês.

— E o que acontece? Os séculos são felizes? Por nada neste mundo. Um homem fica curado, e uma dúzia, no mesmo país e no mesmo Tempo, não. Todos dizem: Por que aquele?

Pode ser que as pessoas que não tratamos tenham personalidades melhores, pode ser que sejam filantropos saudáveis, amados por todos, enquanto que o que curamos dá pontapés no corpo inteiro de sua idosa mãe, sempre que pode poupar o tempo de bater nas crianças. Eles nada sabem a respeito de Mudanças de Realidade e não lhes podemos contar.

— Estamos apenas criando problemas para nós mesmos, Voy, a menos que o Conselho Geral decida peneirar todas as solicitações e aprovar somente aquelas que resultem numa Mudança de Realidade desejável. Isto é tudo. Ou o fato de curá-los faz algum bem à

humanidade, ou está fora de cogitação. Não se preocupe com esse negócio de dizer: "Bem, não faz mal."

O Sociólogo estivera ouvindo com uma expressão compassiva no rosto, e então disse: — Se você estivesse com câncer…

— É uma observação estúpida, Voy. É nisso que baseamos as decisões? Nesse caso, nunca haveria uma Mudança de Realidade. Algum pobre trouxa sempre leva na cabeça, não leva? Suponhamos que esse trouxa fosse você, hem?

— É outra coisa. Apenas lembre-se de que cada vez que fazemos uma Mudança de Realidade, torna-se mais difícil encontrar uma outra que seja boa. A cada fisioano, aumenta a possibilidade de uma Mudança ao acaso estar propensa a ser para pior. Isso significa que de todo jeito, a proporção de pessoas que podemos curar fica menor.

Vai sempre ficar menor. Algum dia, seremos capazes de curar somente uma pessoa por fisioano, mesmo contando os casos neutros. Lembre-se disso.

Harlan perdeu até o mais leve interesse. Este era o tipo de miséria que acompanhava o negócio. Os Psicólogos e Sociólogos, em seus raros estudos introvertidos da Eternidade, chamavam-na de identificação. Os homens identificavam-se com o século com o qual estavam profissionalmente associados. Suas batalhas, sempre muito constantes, tornavam-se suas próprias batalhas.

A Eternidade combatia o demônio da identificação o melhor que podia. Nenhum homem podia ser designado para qualquer Setor dentro da distância de dois séculos do seu próprio, para tornar a identificação mais difícil. Dava-se preferência aos séculos de culturas notadamente diferentes das de seus próprios séculos natais. (Harlan pensou em Finge e no século 482). O que era mais, suas designações eram alteradas sempre que suas reações se tornavam suspeitas. (Harlan não daria sequer um tostão do século 50 pelas possibilidades de Feruque conservar sua posição durante mais de outro fisioano, no máximo.)

E ainda os homens identificados com um tolo anseio por um lar no Tempo (o desejo de Tempo; todos sabiam a respeito).

Por alguma razão, isso era particularmente verdade em séculos com viagem espacial. Era algo que devia ser investigado, e seria, não fosse pela crônica relutância da Eternidade em voltar os olhos para dentro.

Um mês antes Harlan poderia ter desprezado Feruque como um violento sentimentalista, um imbecil petulante que aliviava a dor de ver os eletrogravitantes perder intensidade numa nova Realidade, injuriando aqueles de outros séculos que queriam soro anticâncer.

Ele o poderia ter denunciado. Sua obrigação teria sido fazê-lo. Obviamente, não mais se podia confiar nas reações do homem.

Agora, ele não podia fazê-lo. Sentia-se até solidário com o homem. Seu próprio crime era muito maior.

Como fora fácil voltar os pensamentos para Noys.

Eventualmente, ele tinha adormecido naquela noite, e acordou na luz do dia, com a claridade brilhando através das paredes tranel d'água d'água úcidas ao redor, até que fosse como se tivesse acordado sobre uma nuvem de um céu matinal nebuloso.

Noys sorria para ele. — Meu Deus! Foi duro acordá-lo.

A primeira ação reflexiva de Harlan foi um gesto em busca das roupas de cama, que não estavam ali. Então a memória voltou e ele a fitou de modo vazio, com o rosto queimado de vermelho. Como devia ele sentir-se quanto àquilo?

Mas então algo mais lhe ocorreu e ele passou para a posição sentada. — Não é mais de uma, é? Pai Tempo!

— São apenas onze horas. O café espera-o e você tem bastante tempo.

— Obrigado — murmurou ele.

— Os controles do chuveiro estão todos ajustados, e suas roupas todas prontas.

O que poderia ele dizer? — Obrigado — murmurou.

Ele evitou os olhos dela durante a refeição. Ela sentou-se em frente a ele, sem comer, com o queixo enterrado na palma da mão, os cabelos escuros penteados para um lado de maneira espessa e os cílios anormalmente longos.

Ela acompanhou cada gesto que ele fez enquanto conservava os olhos baixos e procurava a aguda vergonha que ele sabia que devia sentir.

— Onde você vai à uma hora? — perguntou ela.

— Ao jogo de aerobol — murmurou ele. — Tenho o ingresso.

— Essa é a partida decisiva. E perdi a temporada toda apenas por causa de pular o tempo, sabe. Quem ganhará o jogo, Andrew?

Ele se sentiu estranhamente fraco ao som de seu primeiro nome. Sacudiu a cabeça bruscamente e tentou parecer austero. (Isso costumava ser tão fácil.)

— Mas certamente você sabe. Você examinou este período todo, não foi?

Propriamente falando, ele devia manter uma negativa clara e fria, mas explicou fracamente: — Houve enorme Espaço e Tempo para cobrir. Eu não saberia coisinhas precisas como resultados de jogos.

— Oh, você apenas não me quer contar.

Harlan nada disse quanto a isso. Inseriu o peneforcado na frutinha suculenta e levantou-a inteira, até a boca.

— Você viu o que aconteceu nestas vizinhanças, antes de vir? — disse Noys, após um momento.

— Nenhum detalhe, N-Noys. (Ele forçou o nome dela para fora dos lábios.)

— Não nos viu? — perguntou ela suavemente. — Você não soube sempre que…

— Não, não — gaguejou Harlan — não pude ver eu mesmo. Não estou na Rea… não estou aqui enquanto não chegar. Não posso explicar.

Ele estava duplamente embaraçado. Primeiro, porque ela falou disso. Segundo, porque tinha quase caído na asneira de dizer "Realidade", a mais proibida de todas as palavras na conversa com Tempistas.

Ela levantou as sobrancelhas e seus olhos ficaram redondos e um pouco admirados. — Você está envergonhado?

— O que fizemos não foi correto.

— Por que não? — e no século 482, sua pergunta era perfeitamente inocente. — Não se permite aos Eternos fazê-lo?

Houve nessa pergunta um aspecto quase jocoso, como se ela estivesse perguntando se não permitiam que os Eternos comessem.

— Não empregue a palavra — disse Harlan. — Na verdade, não se permite, de certa forma.

— Bem, então não lhes diga nada. Eu também não direi.

E ela rodeou a mesa e sentou-se em seu colo, empurrando a pequena mesa para fora do caminho com um movimento suave e harmonioso do quadril.

Ele se firmou, momentaneamente, e levantou as mãos num gesto que poderia ter pretendido evitá-la. Isso não aconteceu.

Ela se inclinou e beijou-o na boca, e tudo deixou de parecer vergonhoso. Tudo que envolvesse Noys e ele.

Ele não estava certo de quando, pela primeira vez, começou a fazer algo que um Observador, eticamente, não tinha o direito de fazer. Isto é, começou a especular a natureza do problema que envolvia a Realidade corrente e da Mudança de Realidade que seria planejada.

Não era a moralidade relaxada do século, nem ectogênese, nem o matriarcado o que perturbava a Eternidade. Todos esses tópicos eram como haviam sido na Realidade anterior, e o Conselho Geral os havia considerado com equanimidade, então. Finge dissera que era algo muito sutil.

A Mudança então teria de ser muito sutil e envolver o grupo que ele estava Observando. Parecia tão óbvio.

A Mudança envolveria a aristocracia, os abastados, as classes superiores, os beneficiários do sistema.

O que o preocupava era que ela certamente envolveria Noys.

Passou os três dias restantes, exigidos em seu mapa, em uma

nuvem de preocupação que abafava sua alegria, mesmo quando em companhia de Noys.

— Que aconteceu? — perguntou-lhe ela. — Por um instante, você pareceu tão diferente da maneira que era na Éter… neste lugar. Você não estava de forma alguma constrangido.

Agora, você parece preocupado. É porque você tem de voltar?

— Em parte — respondeu Harlan.

— Você tem de voltar?

— Tenho.

— Bem, quem se importaria se você se atrasasse? Harlan quase riu disso. — Eles não gostam que eu me atrase — disse, embora pensasse ardentemente a mesma coisa da margem de dois dias, permitida em seu mapa.

Ela ajustou os controles de um instrumento musical que tocava canções suaves e complicadas, partindo de suas próprias partes internas criativas, fazendo soar notas e cordas ao acaso; a maneira casual pendia em favor de agradáveis combinações por fórmulas matemáticas intricadas. A música não mais podia se repetir, assim como não o podem os flocos de neve, e não mais podia falhar em beleza.

Através da hipnose de som, Harlan fitou Noys e seus pensamentos giraram firmemente em torno dela. O que seria ela na nova distribuição? Uma vendedora de peixes, uma operária, a mãe de seis doentes gordos e feios? Fosse o que fosse, ela não se lembraria de Harlan. Ele não teria sido parte de sua vida numa nova Realidade.

E, não importando o que ela seria então, não seria Noys.

Ele não amava simplesmente uma garota. (Estranhamente, ele usou a palavra “amor” em seus próprios pensamentos pela primeira vez e nem mesmo fez uma pausa suficientemente longa para fitar a coisa estranha e admirar-se dela.) Ele amava um complexo de fatores: sua escolha de roupas, seu andar, sua maneira de falar, seus artifícios de expressão. Um quarto de século de vida e experiência numa dada Realidade havia sido empregado na composição de tudo aquilo. Ela não tinha sido sua Noys na Realidade anterior de um fisioano antes. Ela não seria sua Noys na próxima Realidade.

A próxima Noys poderia, presumivelmente, ser melhor em certos aspectos, mas uma coisa ele sabia determinadamente: ele queria aquela Noys ali, aquela que ele via naquele momento, a Noys daquela Realidade. Se ela tinha falhas, ele queria essas falhas também.

O que poderia ele fazer?

Diversas coisas ocorreram-lhe, todas ilegais. Uma delas era descobrir a natureza da Mudança e constatar definitivamente como ela afetaria Noys. Não se podia estar certo, afinal, de que…

Um silêncio monótono arrancou Harlan de seu devaneio. Estava

uma vez mais no escritório do Esboçador de Vida. O Sociólogo Voy observava-o pelo canto do olho. A cabeça de caveira de Feruque fitava-o ameaçadoramente.

E o silêncio era penetrante.

Levou um momento até que o significado penetrasse. Apenas um momento. O Somador tinha cessado o seu cacarejar interno.

Harlan levantou-se num pulo. — Você tem a resposta, Esboçador.

Feruque desceu o olhar para os papéis em sua mão. — Sim. Certo. Um tanto estranha.

— Posso vê-la? — Harlan estendeu a mão. Ela tremia visivelmente.

— Não há nada para se ver. É isso que é estranho.

— O que você quer dizer com… nada? — Harlan olhou para Feruque com olhos que arderam até que houvesse somente um borrão alto e fino no lugar em que estava Feruque.

A voz vulgar do Esboçador de Vida soou fina. — A moça não existe na nova Realidade. Nada de mudança de personalidade. Ela simplesmente está fora, isto é tudo. Anulada.

Fiz as alternativas descerem até a Probabilidade 0,0001. Ela não a estabeleceu em lugar nenhum. Na verdade — e levantou a mão para cocar a bochecha com dedos longos e magros — com a combinação dos fatores que você me transmitiu, não vejo nem mesmo como ela se ajusta na Realidade anterior.

Harlan mal ouviu. — Mas… mas a Mudança era tão pequena.

— Eu sei. Uma estranha combinação de fatores. Agora, quer as folhas?

A mão de Harlan fechou-se em volta delas, insensível. Noys anulada? Noys não existente? Como podia ser isso?

Sentiu uma mão em seu ombro e a voz de Voy bateu com estrondo em seu ouvido. — Sente-se mal, Técnico?

A mão afastou-se, como se já arrependida de seu contato descuidado com o corpo de um Técnico.

Harlan engoliu em seco e com esforço recompôs suas feições. — Estou perfeitamente bem. Quer me levar até a caldeira?

Ele não devia mostrar seus sentimentos. Devia reagir como se aquilo fosse o que aparentava ser, uma mera investigação acadêmica. Devia fingir que, com a não-existência de Noys na nova Realidade, ele estava quase fisicamente vencido por um dilúvio de pura exaltação, insuportável alegria.

7. PRELÚDIO DO CRIME

Harlan entrou na caldeira no século 2456 e olhou para trás, para se certificar de que a barreira que separava a coluna da Eternidade estava realmente sem fendas e de que o Sociólogo Voy não estava olhando. Naquelas últimas semanas, isso tinha-se tornado um hábito dele, um reflexo automático; havia sempre o rápido olhar para trás, por sobre o ombro, para assegurar-se de que não havia ninguém atrás de si nas colunas de caldeira.

E então, embora já no século 2456, foi para cima que Harlan ajustou os controles da caldeira. Viu subirem os números no temporômetro. Embora estes se movessem com indistinta rapidez, haveria tempo considerável para pensar.

Como a constatação do Esboçador de Vida mudara as coisas! Como a própria natureza de seu crime havia mudado!

E tudo dependera de Finge. A frase o apanhou, com sua consonância ridícula e seu compasso forte girando dentro de sua cabeça: dependera de Finge. Dependera de Finge…

Harlan tinha evitado qualquer contato pessoal com Finge, em seu retorno à Eternidade, após aqueles dias com Noys no século 482. Como a Eternidade se fechara em torno dele, assim o fez a culpa. Um juramento profissional quebrado, que não parecia nada no século 482, era enorme na Eternidade.

Ele havia enviado seu relatório por deslizador aéreo impessoal e recolhera-se a seus aposentos pessoais. Tinha de estudar bem o assunto, ganhar tempo para ponderar e acostumar-se à nova orientação dentro de si mesmo.

Finge não permitiu isso. Entrou em contato com Harlan menos de uma hora depois que o relatório tinha sido codificado para a direção correta e inserido no deslizador.

A imagem do Computador olhou de dentro da placa de visão.

— Espero que você esteja em seu escritório — disse sua voz.

— Remeti o relatório, senhor — disse Harlan. — Não importa o lugar em que espero por nova tarefa.

— Sim? — Finge examinou o rolo de folhas que tinha na mão, levantando-o, olhando de soslaio e perscrutando sua configuração de perfurações.

— Isto está incompleto — continuou ele. — Posso visitar seus aposentos?

Harlan hesitou por um momento. O homem era seu superior e recusar o autoconvite naquele momento daria uma impressão de insubordinação. Isso denotaria sua culpa, parecia, e sua consciência ferida e dolorida não ousava permitir isso.

— Será bem-vindo, Computador — disse ele firmemente.

A delicadeza polida de Finge introduziu um elemento dissonante de epicurismo nos aposentos angulares de Harlan. O século 95, época natal de Harlan, pendia para o espartano, quanto à mobília da casa, e Harlan nunca perdera completamente o gosto pelo estilo. As cadeiras de metal tubular haviam sido recapadas com um compensado escuro, que fora granulado artificialmente, na aparência de madeira (embora sem muito sucesso). Num canto da sala havia uma pequena peça de mobília, que representava um afastamento ainda maior dos costumes da época.

Ela atraiu o olhar de Finge quase que imediatamente.

O Computador colocou nela um dedo achaparrado, como se para experimentar sua textura. — Que material é este?

— Madeira, senhor — respondeu Harlan.

— A coisa real? Madeira verdadeira? Espantoso! Vocês usam madeira em seu século natal, creio?

— Usamos.

— Sei. Não há nada nas normas contra isso, Técnico — ele esfregou o dedo, com o qual havia tocado o objeto, contra a costura lateral da perna de sua calça — mas não sei se é aconselhável deixar-se afetar pela cultura do século natal. O verdadeiro Eterno adota qualquer cultura pela qual esteja rodeado. Duvido, por exemplo, que eu tenha comido fora de um utensílio energético mais de duas vezes em cinco anos — ele suspirou. — E contudo, sempre pareceu antihigiênico deixar o alimento tocar a matéria. Mas eu não adoto. Eu não adoto.

Seus olhos retornaram ao objeto de madeira, mas desta vez ele ficou com as duas mãos para trás e perguntou: — O que é isto? Para que serve?

— É uma estante de livros — respondeu Harlan. Teve o impulso de perguntar a Finge como se sentia, agora que suas mãos descansavam firmemente na cintura. Não acharia ele mais higiênico ter a roupa e o próprio corpo construídos de campos de energia puros e imaculados?

As sobrancelhas de Finge levantaram-se. — Uma estante de livros. Então estes objetos sobre as prateleiras são livros, certo?

— Sim, senhor.

— Exemplares autênticos?

— Inteiramente, Computador. Eu os adquiri no século 24. Alguns dos que tenho aqui datam do século 20. Se… se pretende dar uma olhada neles, gostaria que fosse cuidadoso. As páginas foram restauradas e impregnadas, mas não são folhas. Elas exigem manuseio cuidadoso.

— Não as tocarei. Não tenho intenção de tocá-las. Há nelas poeira

original do século 20, imagino. Livros verdadeiros! — ele sorriu. — Páginas de celulose, também?

Você quis dizer isso.

Harlan confirmou. — Celulose modificada pelo tratamento de impregnação, para vida mais longa. Sim.

Ele abriu a boca para uma inspiração profunda, esforçando-se por continuar calmo. Era ridículo identificar-se com aqueles livros, sentir em si próprio uma mancha sobre eles.

— Eu diria — disse Finge, ainda no assunto — que toldo o conteúdo desses livros poderia ser colocado em dois metros de filme e guardado na ponta de um dedo. O que contêm os livros?

— São volumes encadernados de um jornal do século 20 — respondeu Harlan.

— Você os lê?

— Estes são alguns volumes da coleção completa que tenho — disse Harlan orgulhosamente. — Nenhuma biblioteca da Eternidade pode duplicá-la.

— Sim, seu passatempo. Lembro-me agora de que certa vez você me falou a respeito de seu interesse no Primitivo. Estou admirado por seu Educador ter permitido que você se interessasse por tal coisa. Um completo desperdício de energia.

Os lábios de Harlan adelgaçaram-se. O homem, decidiu ele, estava tentando irritá-lo deliberadamente e fazê-lo perder as faculdades de raciocínio calmo. Se assim fosse, não devia deixar que o outro se saísse bem.

— Acho que você me procurou para falar de meu relatório — disse Harlan de maneira petulante.

— Sim.

O Computador olhou em redor, escolheu uma cadeira e sentou-se pesadamente.

— Não está completo, como lhe disse pelo comunicador.

— Como assim, senhor? — (Calma! Calma!)

Finge rompeu-se numa nervosa contração de um sorriso. — O que aconteceu que você não mencionou, Harlan?

— Nada, senhor.

Embora o dissesse firmemente, ele ficou ali, envergonhado.

— Vamos, Técnico. Você passou diversos períodos de tempo na sociedade da jovem. Ou o fez, se seguiu o mapa espaço-temporal. Você o seguiu, suponho.

A culpa de Harlan cutuou-o até o ponto em que ele não podia nem mesmo rebelar-se contra o engodo desse ataque aberto à sua competência profissional.

Ele apenas pôde dizer: — Segui.

— E o que aconteceu? Você não incluiu nada dos interlúdios

pessoais com a mulher.

— Nada de importante aconteceu — disse Harlan, de lábios secos.

— Isso é ridículo. Na sua idade e com a sua experiência, não tenho de lhe dizer que não está a critério do Observador o julgamento do que é importante e do que não é.

Os olhos de Finge estavam fixos em Harlan. Estavam mais duros e impacientes do que convinha à sua linha de interrogatório.

Harlan notou bem aquilo e não se deixou iludir pela voz amável de Finge; contudo, o hábito de obrigação o arrastou. Um Observador devia relatar qualquer coisa. Um Observador era simplesmente um pseudópode senso-perceptivo, expelido no Tempo pela Eternidade. Ele examinava os arredores e era puxado de volta. No desempenho de sua função, o Observador não tinha individualidade própria; não era realmente um homem.

Quase automaticamente, Harlan começou a narração dos eventos que havia excluído de seu relatório. Ele o fez com a memória treinada do Observador, recitando as conversas com minuciosa precisão, reconstruindo o tom de voz e o aspecto da fisionomia. Ele o fez carinhosamente, pois na narrativa ele viveu tudo novamente, e quase esqueceu, no andamento, que a combinação do inquérito de Finge e seu saudável senso de obrigação o estava conduzindo a uma adnissão de culpa.

Foi somente quando se aproximou do resultado final daquela primeira longa conversa que vacilou e a concha de sua objetividade de Observador apresentou fendas.

Ele foi salvo de maiores detalhes pela mão que Finge levantou subitamente e pela voz fina e aguda do Computador. — Obrigado. É o suficiente. Você estava prestes a dizer que teve relações amorosas com a mulher.

Harlan irritou-se. O que Finge dissera era a verdade literal, mas o tom de Finge a fizera parecer lasciva, grosseira e, pior do que isso, vulgar. Fosse o que mais fosse, ou pudesse ser, não era vulgar.

Harlan tinha uma explicação para a atitude de Finge, para sua inquirição ansiosa, para a interrupção do relatório verbal no momento em que o fez. Finge estava com ciúme! Aquilo que Harlan teria jurado era óbvio. Harlan tinha conseguido tomar uma garota que Finge pretendera ter.

Harlan sentiu o triunfo naquilo e achou-o agradável. Pela primeira vez em sua vida, conhecia um objetivo que significava mais para ele do que o frígido desempenho da Eternidade. Ia deixar Finge com ciúme, porque Noys Lambent iria ser permanentemente sua.

Nesse ânimo de súbita exaltação, ele se lançou ao pedido que havia originalmente planejado apresentar somente após uma espera discreta de quatro ou cinco dias.

— É minha intenção solicitar permissão para formar uma ligação com uma pessoa Tempista — disse ele.

Finge pareceu ter sido tirado de um devaneio. — com Noys Lambent, presumo.

— Sim, senhor. Como Computador encarregado do Setor, a solicitação terá de passar por você…

Harlan queria que ela passasse por Finge. Fazê-lo sofrer. Se ele queria a garota para si, deixassem-no dizê-lo e Harlan poderia insistir em permitir que Noys fizesse sua escolha. Ele quase sorriu por isso. Esperava que as coisas chegassem a esse ponto. Seria o triunfo final.

Comumente, é claro, um Técnico não podia esperar levar tal coisa a cabo diante dos desejos de um Computador, mas Harlan estava certo de que poderia contar com o apoio de Twissell, e Finge tinha um longo caminho a seguir, antes que pudesse sobrepujar Twissell.

Finge, entretanto, parecia tranqüilo. — Pareceria — disse ele — que você já tomou posse ilegal da garota.

Harlan enrubesceu e foi movido a uma fraca defesa. — O mapa espaço-temporal insistiu em nossa permanência junto e a sós. Desde que nada do que aconteceu fosse especificamente proibido, não me sinto culpado.

O que era uma mentira, e pela expressão meio admirada de Finge, podia sentir-se que ele sabia que era mentira.

— Haverá uma Mudança de Realidade — disse ele.

— Se assim for — disse Harlan — emendarei minha solicitação para pedir ligação com a Srta. Lambent na nova Realidade.

— Não creio que isso seria sensato. Como pode estar certo com antecedência? Na nova Realidade, ela pode ser casada, pode ser deformada. De fato, posso dizer-lhe isto. Na nova Realidade, ela não quererá você. Ela não quererá você.

Harlan estremeceu. — Você nada sabe a respeito.

— Oh? Pensa que esse grande amor de vocês é uma questão de contato espiritual? Que sobreviverá a todas as mudanças externas? Esteve lendo romances fora do Tempo?

Harlan foi impelido à indiscrição. — Por uma coisa, não creio em você.

— Como? — disse Finge friamente.

— Você está mentindo — Harlan não se importava com o que dizia agora. — Você está com ciúme. Eis toda a verdade. Você está com ciúme. Você tinha seus próprios planos para Noys, mas ela me escolheu.

Finge disse: — Você compreende…

— Eu compreendo um bom bocado. Não sou idiota. Posso não ser um Computador, mas também não sou estúpido.

Você diz que ela não me quererá na nova Realidade. Como sabe?

Você ainda nem sabe o que será a nova Realidade. Nem sabe se deve haver uma nova Realidade. Você apenas recebeu meu relatório. Ele deve ser analisado, antes que uma Mudança de Realidade possa ser computada, além de submetida a aprovação. Portanto, quando finge conhecer a natureza da Mudança, você mente.

Havia uma porção de maneiras pelas quais Finge poderia ter formulado resposta. A mente excitada de Harlan estava consciente de muitas. Ele não tentou escolher entre elas. Finge poderia sair com cólera fingida; poderia chamar um membro da Segurança e fazer com que colocassem Harlan sob custódia, por insubordinação; poderia responder, gritando tão furiosamente quanto Harlan; poderia fazer uma chamada imediata para Twissell, apresentando uma queixa formal; poderia… poderia…

Finge não fez nada disso.

— Sente-se, Harlan — disse ele gentilmente. — Conversemos sobre isso.

E porque esta reação era completamente inesperada, o queixo de Harlan caiu e ele se sentou, em confusão. Sua resolução vacilou. O que era isso?

— Você se lembra, naturalmente — disse Finge — de que eu lhe disse que o nosso problema com o século 482 envolvia uma atitude indesejável por parte dos Tempistas da Realidade corrente, em relação à Eternidade. Você se lembra disso, não é?

Ele falou com a branda persuasão de um professor que se dirige a um aluno um pouco tímido, embora Harlan pensasse poder detectar uma espécie de brilho duro em seu olhar.

— Naturalmente — respondeu Harlan.

— Você se lembra, também, de que eu lhe disse que o Conselho Geral estava relutante quanto a aceitar minha análise da situação sem Observações confirmadoras e específicas. Isso não o faz concluir que eu já Computei a Mudança de Realidade necessária?

— Mas minhas próprias Observações representam a confirmação, não é?

— Representam.

— E levaria tempo para analisá-las adequadamente.

— Absurdo. Seu relatório nada significa. A confirmação está no que você me disse oralmente, momentos atrás.

— Não o entendo.

— Olhe, Harlan, deixe-me contar-lhe o que há de errado com o século 482. Entre as classes superiores desse século, particularmente entre as mulheres, tem-se desenvolvido a opinião de que os Eternos são realmente Eternos, literalmente falando; de que eles vivem para sempre… Grande Tempo, homem, Noys Lambent disse-lhe outro tanto. Você repetiu suas afirmações há menos de vinte minutos.

Harlan fitou Finge inexpressivamente. Estava se lembrando da voz suave e carinhosa de Noys, quando se inclinara para ele e cativara seus olhos com seu próprio olhar escuro e amoroso: “Você vive para sempre. Você é um Eterno.”

Finge continuou. — Agora, uma opinião como essa é ruim, mas, em si, não muito ruim. Pode levar a inconveniências, aumentar as dificuldades para o Setor, mas a Computação mostrou que a Mudança só seria necessária em uma minoria dos casos. Contudo, se uma Mudança é desejável, não lhe parece óbvio que os habitantes do século que devem sofrer extremamente a Mudança, acima de todos, sejam aqueles que estão sujeitos à superstição? Em outras palavras, a aristocracia feminina. Noys.

— Pode ser, mas arriscarei a sorte — disse Harlan.

— Você não tem chance alguma. Acha que seu fascínio e charme persuadiram a meiga aristocrata a cair nos braços de um Técnico insignificante? Vamos, Harlan, seja realista quanto a isso.

Os lábios de Harlan tornaram-se inflexíveis. Ele nada disse.

— Você não é capaz de imaginar — disse Finge — a superstição adicional que estas pessoas acrescentaram à sua fé na verdadeira vida eterna dos Eternos? Grande Tempo, Harlan! A maioria das mulheres acreditam que a intimidade com um Eterno pode fazer com que uma mulher mortal (segundo elas pensam de si mesmas) a viver para sempre!

Harlan agitou-se. Podia ouvir novamente a voz de Noys, tão claramente: “Se me tornassem Eterna…” E depois seus beijos.

Finge continuou. — Era difícil de se acreditar na existência de tal superstição, Harlan. Ela era sem precedente. Ela estava dentro da região de erro casual, de maneira que uma busca através das Computações para as Mudanças anteriores não revelou informações a respeito dela, de uma forma ou de outra. O Conselho Geral queria evidência firme, comprovação direta. Escolhi a Srta. Lambent como um bom exemplo de sua classe. Escolhi você para ser a outra cobaia…

Harlan levantou-se com esforço. — Você escolheu a mim? Como cobaia?

— Sinto muito — disse Finge duramente — mas foi necessário. Você dava uma ótima cobaia.

Harlan fitou-o.

Finge teve a dignidade de se aborrecer um pouco sob aquele olhar mudo. — Você não vê? — disse ele. — Não, você ainda não vê. Olhe, Harlan, você é um produto insensível da Eternidade. Você não deve olhar para mulheres. Você considera as mulheres imorais e tudo quanto a elas se relaciona. Não, há uma palavra melhor. Você as considera pecaminosas. Essa atitude mostra tudo de você, e você teria de sentir por qualquer mulher toda a atração sexual de um peixe

morto há um mês. Contudo, aqui temos uma mulher, um lindo produto amimalhado de uma cultura hedonista, que o seduz ardentemente em sua primeira noite juntos, virtualmente suplicando o seu abraço. Você não entende que isso é ridículo, impossível, a menos… bem, a menos que isso seja a confirmação pela qual estávamos procurando.

Harlan lutou pelas palavras: — Você diz que ela se vendeu…

— Por que essa expressão? Não há vergonha atribuída ao sexo, nesse século. A única coisa estranha é que ela escolheu você por companheiro, e isso ela fez visando a vida eterna. Isso é evidente.

E Harlan, de braços erguidos, mãos fechadas, sem nenhum pensamento racional na mente, ou com qualquer outro irracional que não o de estrangular e suprimir Finge, pulou para a frente.

Finge retrocedeu precipitadamente. Apontou um revólver com um gesto rápido e trêmulo. — Não me toque! Afaste-se!

Harlan tinha juízo suficiente para deter sua arremetida. Seu cabelo estava desgrenhado. Sua camisa estava manchada de suor. Sua respiração assobiava através das narinas brancas comprimidas.

— Eu o conheço muito bem, como se vê — disse Finge, de maneira insegura — e imaginei que sua reação pudesse ser violenta. Agora, eu atirarei, se tiver de fazê-lo.

— Saia — disse Harlan.

— Sairei. Mas, primeiro, você vai ouvir. Por atacar um Computador, você pode ser desclassificado, mas deixaremos isso passar. Você entenderá, contudo, que não menti. A Noys Lambent da nova Realidade, seja o que for que possa ser ou não ser, não terá essa superstição. Todo o propósito da Mudança será eliminar a superstição.

E sem ela, Harlan — sua voz era quase um rosnado — como poderia uma mulher como Noys querer um homem como você?

O Computador achaparrado caminhou de costas até a porta do quarto pessoal de Harlan, com a arma ainda apontada.

Ele parou para dizer, com uma espécie de júbilo repugnante: — Naturalmente, se você a tivesse agora, Harlan, se você a tivesse agora, você poderia possui-la. Poderia conservar sua ligação e torná-la formal. Isto é, se você a tivesse agora. Mas a Mudança virá em breve, Harlan; você não a terá. Que pena, o agora não dura muito, mesmo na Eternidade, hem, Harlan?

Harlan não mais o fitou. Finge havia vencido, afinal, e estava saindo em clara e evidente posse do campo de batalha. Harlan olhou vagamente para seus próprios pés, e quando levantou os olhos, Finge fora-se — se cinco segundos antes ou quinze minutos, Harlan não poderia ter dito.

Horas haviam-se passado como um pesadelo, e Harlan sentia-se encurralado na prisão de sua mente. Tudo que Finge dissera era tão

verdadeiro, tão transparentemente verdadeiro! A mente de Observador de Harlan podia lembrarse de sua relação com Noys, aquela relação pequena e incomum, e ela assumia uma estrutura diferente.

Não era um caso de paixão imediata. Como podia ele ter acreditado que fosse? Paixão para um homem como ele?

É claro que não. As lágrimas brilhavaram em seus olhos e ele sentiu-se envergonhado. Estava óbvio que o negócio era um caso de cálculo frio. A garota tinha certos dotes físicos inegáveis e nenhum princípio moral para impedi-la de usá-los. Então ela os usou e isso nada tinha a ver com Andrew Harlan como pessoa. Ele simplesmente representava sua visão destorcida da Eternidade e o que esta pretendia.

Automaticamente, os longos dedos de Harlan acariciaram os volumes da pequena prateleira de livros. Ele tirou um e abriu-o distraidamente.

As letras embaraçaram-se. As cores desbotadas das ilustrações tornaram-se manchas disformes e insignificantes.

Por que havia Finge se preocupado em lhe dizer tudo aquilo? No mais estrito dos sentidos, ele não deveria ter-se preocupado. Um Observador, ou qualquer pessoa na função de Observador, nunca devia saber os resultados alcançados por sua Observação. Isso o removia bastante da posição ideal da ferramenta objetiva e não-humana.

Fora para feri-lo, naturalmente; para fazer uma vingança desprezível e ciumenta!

Harlan tocou a página aberta da revista. Encontrou-se olhando uma duplicata, em surpreendente vermelho, de um veículo terrestre, semelhante aos veículos dos séculos 45, 182, 590 e 984, assim como de tempos Primitivos recentes. Era uma espécie de coisa muito comum, com um motor de combustão interna. Na era primitiva, frações de petróleo natural eram a fonte de energia, e a borracha natural almofadava as rodas. Esta não era a verdade de nenhum dos séculos posteriores, é claro.

Harlan havia mencionado isso a Cooper. Havia colocado isso em grau de destaque; e agora sua mente, como se desejando desviar-se do presente infeliz, retornou àquele momento. Imagens nítidas e desapropositadas preencheram a dor dentro de Harlan.

— Estes anúncios — dissera ele — contam-nos mais dos tempos Primitivos do que os chamados artigos da mesma revista. Os artigos supõem um conhecimento básico do mundo com o qual lida. Usam termos que não sentem necessidade de explicar. O que é uma “bola de golfe”, por exemplo?

Cooper havia confessado prontamente a sua ignorância.

Harlan continuara no tom didático que raramente podia evitar em ocasiões como aquela. — Pela natureza das citações casuais que recebe, podemos deduzir que era uma bolinha de alguma espécie. Sabemos que é usada num jogo, somente porque é mencionada num item sob o título de “Esse preocupar com educação e raciocínio? Observe este anúnportes”. Podemos ainda deduzir que ela é golpeada por uma vara longa de alguma espécie e que o objetivo do jogo é acertar a bola dentro de um buraco no chão. Mas por que cio! O objetivo dele é apenas induzir os leitores a comprar a bola, mas assim somos presenteados com um retrato excelente e nítido de uma delas, com uma parte cortada para mostrar sua construção.

Cooper, tendo vindo de uma era na qual os anúncios não eram tão desenfreadamente prolíferos como nos séculos posteriores dos tempos Primitivos, achou difícil de se apreciar tudo isso. — Não é bem desgostoso — dissera ele — a maneira pela qual estas pessoas puxam seus próprios interesses? Quem seria suficientemente idiota para acreditar nos elogios de uma pessoa em relação aos seus próprios produtos? Admitiria ela defeitos? Seria provável que ela evitasse exageros?

Harlan, cujo século natal era relativamente abundante em anúncios, levantara sobrancelhas tolerantes e dissera, simplesmente: — Você terá de aceitar isto. É o costume deles e nunca discutimos os costumes de qualquer cultura, desde que estes não prejudiquem a humanidade como um todo.

Mas então a mente de Harlan retornou à sua situação atual e ele se encontrou de volta ao presente, fitando os anúncios espalhafatosos e chamativos da revista. Ele perguntou a si mesmo em súbita excitação: Os pensamentos que acabara de experimentar seriam realmente inaplicáveis? Ou estaria ele descobrindo, de maneira tortuosa, um caminho para sair da escuridão e voltar para Noys?

Propaganda! Um ardil para forçar a expontaneidade das pessoas. Importava a um fabricante de veículos terrestres se certo indivíduo sentisse desejo original ou expontâneo por seus produtos? Se o interessado (esta era a palavra) podia ser persuadido artificialmente ou induzido a sentir aquele desejo e a agir de acordo com ele, não dava no mesmo resultado?

Então, o que importava se Noys o amasse por paixão ou por cálculo? Deixassem-nos apenas ficar juntos o tempo suficiente e ela aprenderia a amá-lo. Ele faria com que ela o amasse e, afinal, o que importava era o amor, e não a sua motivação. Ele desejou então que tivesse lido alguns dos romances fora do Tempo, que Finge havia mencionado com desprezo.

Os punhos de Harlan agarraram um súbito pensamento. Se Noys tinha vindo a ele, a Harlan, em busca da imortalidade, isso podia

somente significar que ela ainda não tinha preenchido os requisitos daquele dom. Poderia não ter feito amor com nenhum Eterno, anteriormente. Isso significava que sua relação com Finge havia sido nada mais do que aquela de secretária e patrão. Caso contrário, que necessidade teria ela tido de Harlan?

Contudo, Finge devia ter experimentado — devia ter tentado… (Harlan não pôde completar o pensamento mesmo na discrição de sua própria mente.) Finge poderia ter provado a existência da superstição em sua própria pessoa. Certamente, ele não poderia ter deixado de pensar nisso, com Noys em forma de tentação presente. Então, ela devia tê-lo repelido.

Ele tivera de usar Harlan e Harlan tivera êxito. E era por esta razão que Finge havia sido compelido à vingança ciumenta de torturar Harlan com o conhecimento de que a motivação de Noys havia sido de natureza prática e que ele nunca poderia tê-la.

Contudo, Noys havia recusado Finge, mesmo com a vida eterna em jogo, e tinha aceitado Harlan. Tivera a oportunidade de uma escolha e a havia feito em favor de Harlan.

Então, não era inteiramente cálculo. A emoção tomava parte.

Os pensamentos de Harlan estavam embaralhados e confusos, e ficavam mais excitados a cada momento.

Ele devia tê-la, e agora. Antes de qualquer Mudança de Realidade. O que era que Finge lhe havia dito, zombando: “O agora não dura muito, mesmo na Eternidade.”

Não dura, então? Não dura?

Harlan descobrira exatamente o que devia fazer. O insulto furioso de Finge o havia colocado numa estrutura mental, na qual ele estava pronto para o crime e onde o sarcasmo final de Finge tinha, pelo menos, inspirado a Harlan a natureza da façanha que devia fazer.

Ele não tinha perdido um momento, depois disso. Foi com excitação e mesmo alegria que ele deixou seu quarto, a toda pressa, para cometer o maior crime contra a Eternidade.

8. CRIME

Ninguém o interrogara. Ninguém o detera. Havia esta vantagem, de qualquer forma, na isolação social de um Técnico. Através dos canais de caldeira, ele foi a uma porta para o Tempo e ajustou seus controles. Havia a possibilidade, naturalmente, de aparecer alguém em missão legítima e querer saber por que a porta estava em uso. Ele hesitou um momento e então decidiu colocar sua identificação no marcador. Uma porta com identificação chamaria pouca atenção. Uma porta sem identificação e em uso ativo causaria excessiva curiosidade.

É claro que poderia ser Finge a topar com a porta. Ele teria de arriscar.

Noys ainda estava como ele a havia deixado. Haviam-se passado algumas horas (fisio-horas) desde que Harlan saíra do século 482 para uma Eternidade solitária, mas então ele retornou para o mesmo Tempo, em uma questão de segundos, do qual havia saído. Nem sequer um cabelo de Noys havia-se mexido.

Ela pareceu surpresa. — Esqueceu algo, Andrew?

Harlan fitou-a ansiosamente, mas não fez movimento algum para tocá-la. Lembrou-se das palavras de Finge e não ousou arriscar-se a uma repulsão. — Você tem de fazer o que Vou dizer — disse ele decididamente.

— Mas há algo de errado, então? — disse ela. — Você acabou de sair. Você acabou de sair neste minuto.

— Não se preocupe — disse Harlan. Foi tudo que pôde fazer para evitar de tomar a mão dela, de tentar confortá-la. Ao invés, ele falou asperamente. Era como se um demônio o estivesse forçando a fazer todas as coisas erradas. Por que tinha ele voltado no primeiro momento acessível? Ele apenas a estava perturbando com seu retorno quase instantâneo após sair.

(Ele sabia a resposta daquilo, realmente. Ele tinha uma margem de tolerância de dois dias, permitida pelo mapa espaço-temporal. As primeiras porções daquele período de tolerância eram mais seguras e deixavam menor possibilidade de descoberta. Era uma tendência natural insistir em atingir o ponto mais baixo possível da escala do tempo. Entretanto, um risco tolo, também. Ele poderia facilmente ter calculado mal e entrado no Tempo antes que tivesse saído dele físio-horas antes. E então? Era uma das primeiras regras que tinha aprendido como Observador: uma pessoa, ocupando dois pontos no mesmo Tempo da mesma Realidade, corre o risco de se encontrar consigo mesmo.

Era algo a ser evitado de qualquer forma. Por quê? Harlan sabia que não queria encontrar-se consigo mesmo. Não queria estar olhando

dentro dos olhos de um outro Harlan, anterior ou posterior a ele. Além de tudo, isto seria um paradoxo, e o que era aquilo que Twissell gostava de dizer? "Não há paradoxos no Tempo, apenas porque o Tempo evita deliberadamente os paradoxos.")

Durante todo o tempo em que Harlan estivera pensando vertiginosamente em tudo isso, Noys fitara-o com olhos grandes e luminosos.

Então ela veio até ele, colocou as mãos frias em cada uma de suas faces ardentes e disse brandamente: — Você está em dificuldades.

A Harlan seu olhar pareceu amável e amoroso. Contudo, como podia ser isso? Ela tinha tudo que desejava. O que mais havia? Ele agarrou os pulsos dela e disse roucamente:

— Quer vir comigo? Agora? Sem fazer perguntas? Fazendo exatamente como eu disser?

— Devo? — perguntou ela.

— Você deve, Noys. É muito importante.

— Então irei — ela respondeu de maneira vulgar, como se recebesse tais pedidos a cada dia e sempre os aceitasse.

Na porta da caldeira, Noys hesitou um momento, e então entrou.

— Vamos subir na escala do Tempo, Noys — disse Harlan.

— Isso significa o futuro, não é?

A caldeira já estava zunindo baixinho quando ela entrou, e ela mal estava sentada quando Harlan moveu discretamente o contato à mão.

Ela não mostrou sinais de náusea no princípio daquela sensação indescritível de "movimento" através do Tempo. Ele temia que ela pudesse mostrar.

Ela sentou-se ali, em silêncio, tão linda e tão à vontade, que ele se sentiu sofrer, olhando para ela, e não deu nem um pinquinho de importância ao fato de que, por trazer uma Tempista à Eternidade, sem autorização, havia cometido um delito grave.

— Este mostrador indica os números dos anos, Andrew? — perguntou ela.

— Dos séculos.

— Você quer dizer que estamos mil anos no futuro? Já?

— Exatamente.

— Não parece.

— Eu sei.

Ela olhou ao redor. — Mas como estamos nos movendo?

— Não sei, Noys.

— Você não sabe?

— Há várias coisas relacionadas à Eternidade que são difíceis de se entender.

Os números do temporômetro marchavam. Moveram-se mais e

mais rapidamente até que se tornaram um borrão. com o cotovelo, Harlan havia empurrado a alavanca de velocidade para cima. A absorção de energia poderia causar alguma surpresa nas usinas de força, mas ele duvidava disso. Ninguém o estivera esperando na Eternidade, quando ele retornou com Noys, e isso era nove décimos da batalha. Agora, somente era necessário levá-la para um lugar seguro.

Harlan olhou novamente para ela. — Os Eternos não sabem tudo.

— E eu não sou Eterna — murmurou ela. — Sei tão pouco.

As pulsações de Harlan aceleraram-se. Ainda não é Eterna? Mas Finge disse…

Deixe estar, argumentou ele consigo mesmo. Deixe estar. Ela está indo com você. Ela sorri para você. O que mais você quer?

Mas ele falou, de qualquer forma. — Você acha que os Eternos vivem para sempre, não acha? — disse ele.

— Bem, chamam-nos Eternos, sabe, e todos dizem que eles vivem — ela sorriu alegremente para ele. — Mas eles não vivem, vivem?

— Você acha que não, então?

— Após ficar uns tempos na Eternidade, achei que não. As pessoas não falavam como se vivessem para sempre, e havia velhos, lá.

— Contudo, você me disse que eu vivia para sempre… naquela noite.

Ela se moveu para mais perto dele, no banco, ainda sorrindo. — Eu pensei: quem sabe?

— Como os Tempistas acham que podem tornar-se Eternos? — perguntou ele, sem ser totalmente capaz de reprimir a tensão da voz.

O sorriso de Noys desapareceu e seria sua imaginação ou havia realmente um traço de cor intensificada em sua face? — Por que o pergunta? — disse ela.

— Para saber.

— É tolice — disse ela. — Eu preferiria não falar a respeito.

Ela abaixou o olhar para seus dedos graciosos, terminados por unhas que brilhavam de modo incolor na claridade silenciosa da coluna da caldeira. De maneira distraída e totalmente a propósito de nada, Harlan imaginou que, numa reunião noturna, com um toque de ultravioleta suave na iluminação da parede, aquelas unhas brilhariam em um delicado verde-claro ou em vermelho berrante, dependendo do ângulo em que ela colocasse as mãos. Uma garota inteligente, uma como Noys, poderia produzir meia dúzia de sombras com elas e fazer as cores parecerem estar refletindo seus sentimentos. O azul para a inocência, o amareloclaro para a alegria, violeta para a tristeza e escarlate para a paixão.

— Por que você fez amor comigo? — perguntou ele. Ela jogou os cabelos para trás e olhou-o com rosto pálido e sério. — Se quer saber

— disse ela — parte do motivo foi a teoria de que, dessa forma, uma garota pode tornar-se Eterna. Eu não me importaria em viver para sempre.

— Pensei que você havia dito que não acreditava nisso.

— Eu não acreditava, mas não fazia mal arriscar. Especialmente…

Ele a estava fitando duramente, buscando refúgio da dor e desapontamento em um frio olhar de desaprovação, do alto da moralidade de seu século natal. — Bem?

— Especialmente desde que eu queria, de qualquer forma.

— Queria fazer amor comigo?

— Sim.

— Por que comigo?

— Porque gostei de você. Achei você engraçado.

— Engraçado!

— Bem, esquisito, se você prefere. Você sempre fez tanto esforço para não me olhar, mas sempre me olhou, de qualquer forma. Você tentou odiar-me, e pude notar que me desejava. Eu estava com um pouco de pena de você, creio.

— Por que você estava com pena? — ele sentiu as faces queimando.

— Porque você deveria ter algum problema quanto a desejar-me. É uma coisa tão simples. Apenas peça para uma garota. É tão fácil ser amigável. Por que sofrer?

Harlan balançou a cabeça. A moralidade do século 482! — Apenas peça para uma garota — murmurou ele. — Tão simples. Nada mais é necessário.

— A garota tem de estar querendo, é claro. Na maioria das vezes, ela está, se não estiver, de certa forma, comprometida. Por que não? É bem simples.

Foi a vez de Harlan de abaixar os olhos. Era bem simples, naturalmente. E nada errado com isso, também. Não no século 482. Na Eternidade, quem saberia disso melhor?

Ele seria um idiota, um completo e indescritível idiota, se perguntasse a ela agora sobre romances anteriores. Poderia ele, da mesma forma, perguntar a uma garota de seu próprio século, se ela alguma vez já havia comido na presença de um homem e como ousara?

Ao invés, ele disse humildemente: — E o que pensa de mim, agora?

— Que você é atraente — disse ela amavelmente — e que se você relaxasse… Não quer sorrir?

— Não há por que sorrir, Noys.

— Por favor. Quero ver se suas bochechas se enrugam direito. Vejamos.

Ela colocou os dedos nos cantos da boca de Harlan e pressionouos para trás. Ele sacudiu a cabeça para trás, em surpresa, e não pôde deixar de sorrir.

— Veja. Suas bochechas nem mesmo se quebram. Você é quase bonito. com bastante prática, ficando em frente ao espelho, sorrindo e dando uma piscadela, aposto que você poderia ser realmente bonito.

Mas o sorriso, frágil demais como começo, desapareceu.

— Estamos em dificuldades, não estamos? — disse Noys.

— Sim, estamos, Noys. Grandes dificuldades.

— Por causa do que fizemos? Você e eu? Naquela noite?

— Não realmente.

— Foi culpa minha, eu sei. Direi isso a eles, se você quiser.

— Nunca — disse Harlan com energia. — Não assuma qualquer culpa nisso. Você não fez nada, nada, pelo que ser culpada. É outra coisa.

Noys olhou preocupadamente o temporômetro. — Onde estamos? Não consigo nem mesmo ver os números.

— Quando estamos? — corrigiu Harlan automaticamente. Diminuiu a velocidade e os séculos tornaram-se visíveis.

Os lindos olhos de Noys arregalaram-se e seus cílios contrastaram com a brancura de sua pele. — Isso está correto?

Harlan olhou casualmente para o indicador. Estava num dos séculos 72.000. — Estou certo de que sim.

— Para onde estamos indo?

— Para quando estamos indo. Para o distante futuro — disse ele severamente. — bom e distante. Onde eles não a encontrarão.

E em silêncio, eles observaram os números aumentarem. Em silêncio, Harlan repetiu várias vezes consigo mesmo que a garota era inocente, quanto à acusação de Finge.

Ela havia reconhecido francamente a verdade parcial de acusação e tinha admitido, com a mesma franqueza, a presença de uma atração mais pessoal.

Ele levantou os olhos, então, quando Noys mudou de posição. Ela havia passado para o lado dele da caldeira e, com um gesto resoluto, fizera com que esta parasse, na mais desconfortável diminuição de velocidade temporal.

Harlan ofegou e fechou os olhos, para deixar a náusea passar. — Qual é o problema? — disse ele.

Ela pareceu pálida e por um momento não respondeu. Então ela disse: — Não quero ir adiante. Os números estão tão altos.

O temporômetro indicava: 111.394.

— Bem longe — disse ele.

Então ele estendeu a mão gravemente: — Venha, Noys. Este será seu lar por uns tempos.

Eles percorreram os corredores como crianças, de mãos dadas. As luzes ao longo das galerias estavam acesas, e as salas escurecidas iluminaram-se ao toque de um contato.

O ar estava fresco e havia uma vivacidade ao redor que, mesmo sem esboço sensível, indicava a presença de ventilação.

— Não há ninguém aqui? — murmurou Noys.

— Ninguém — disse Harlan. Tentou dizê-lo firmemente e em voz alta. Queria quebrar a fascinação de estar num "Século Obscuro", mas disse-o apenas num sussurro, afinal.

Ele nem mesmo sabia como referir-se a algo tão distante no futuro. Seria ridículo chamá-lo de um-um-um-três-nonagésimo-quarto século. Ter-se-ia de dizer, simplesmente, de maneira indefinida: "Os cem mil."

Era um problema tolo demais com que se preocupar, mas agora que a exaltação da verdadeira fuga havia terminado, ele se encontrou sozinho numa região da Eternidade onde nenhum pé humano tinha pisado, e não gostou disso. Ele estava envergonhado, duplamente envergonhado, desde que Noys era testemunha, pelo fato de que o ligeiro arrepio dentro dele era o ligeiro arrepio de um leve temor.

— É tão limpo — disse Noys. — Não há poeira.

— Autolimpeza — disse Harlan. com um esforço que pareceu romper suas cordas vocais, ele ergueu a voz até o nível quase normal. — Mas não há ninguém aqui, acima ou abaixo na escala do Tempo, por milhares e milhares de séculos.

Noys pareceu aceitar isso. — E tudo é assim tão bem cuidado? Passamos por depósitos de alimentos e por uma biblioteca de filmes de projeção. Você os viu?

— Vi. Oh, está completamente equipado. Estão todos completamente equipados. Todos os Setores.

— Mas por que, se ninguém vem aqui?

— É lógico — disse Harlan. Falar sobre isso afastava um pouco o medo. Dizer em voz alta o que já sabia na teoria simplificaria o assunto, fá-lo-ia descer ao nível do prosaico. Ele disse: — No princípio da história da Eternidade, um dos séculos 300 apareceu com um duplicador de massa. Sabe o que quero dizer? Estabelecendo-se um campo ressonante, a energia podia ser convertida em matéria, com as partículas subatômicas assumindo precisamente o mesmo padrão de posições, dentro das exigências de dúvida, como aquelas do modelo em uso. O resultado é uma cópia exata.

— Nós da Eternidade requisitamos o instrumento para nossos próprios propósitos. Naquele tempo, havia somente cerca de seiscentos ou setecentos Setores construídos.

Tínhamos planos de expansão, é claro. "Dez novos Setores por fisioano" era um dos lemas do tempo. O duplicador de massa tornou

tudo isso desnecessário. Construímos um novo Setor completo, com alimento, suprimento de energia, suprimento de água, com todas as melhores características automáticas; montamos a máquina e duplicamos o Setor uma vez para cada século, durante toda a Eternidade. Não sei por quanto tempo continuaram o processo… milhões de séculos, provavelmente.

— Todos como este, Andrew?

— Todos exatamente como este. E à medida que a Eternidade se expande, nós apenas os retocamos, adaptando a construção para qualquer estilo que se verifique ser corrente no século. Os únicos problemas aparecem quando atingimos um século concentrado em energia. Nós… nós ainda não alcançamos este Setor.

(Não podia dizer a ela que os Eternos não conseguiam penetrar no Tempo ali, nos Séculos Obscuros. Que diferença fazia isso?)

Ele a fitou e ela pareceu preocupada. — Não há gastos envolvidos na construção dos Setores — disse ele precipitadamente. — Gasta energia, nada mais, e podendo-se contar com a nova…

— Não. Simplesmente não me lembro — interrompeu ela.

— Não se lembra de quê?

— Você disse que o duplicador foi inventado num dos séculos. Não o temos no 482. Não me lembro de ter visto coisa alguma a respeito na história.

Harlan ficou pensativo. Embora faltasse a ela apenas cinco centímetros para ter altura igual à sua, ele sentiu-se subitamente do tamanho de um gigante, por comparação.

Ela era uma menina, uma criança, e ele um semideus da Eternidade que devia ensiná-la e conduzi-la cuidadosamente à verdade.

— Noys, querida — disse ele — achemos um lugar para sentar e… e terei de explicar algo.

A concepção de uma Realidade variável, uma Realidade que não era fixa, eterna e imutável, não podia ser encarada casualmente por qualquer pessoa.

No silêncio do sono, às vezes, Harlan lembrava-se dos primeiros dias de seu Aprendizado e recordava as violentas tentativas de divorciar-se de seu século e do Tempo.

Levava seis meses para o Aprendiz mediano chegar a saber toda a verdade, descobrir que nunca poderia ir para casa novamente de uma forma bem literal. Não era a lei da Eternidade, somente, que o impedia, mas o duro fato de que o lar, como ele o conhecia, poderia muito bem não mais existir; poderia, em certo sentido, nunca ter existido.

Isso afetava os Aprendizes diferentemente. Harlan lembrava-se do rosto de Bonky Latourette ficando branco e desolado, no dia em que o

Instrutor Yarrow havia tornado isso inequivocamente claro acerca da Realidade.

Nenhum dos Aprendizes comeu, naquela noite. Eles se amontoaram em busca de uma espécie de calor psíquico, todos menos Latourette, que havia desaparecido. Houve um bocado de riso falso e brincadeiras miseravelmente sem graça.

Alguém disse com uma voz trêmula e incerta: — Suponho que nunca tive mãe. Se eu voltasse ao século 95, eles diriam: "Quem é você? Não o conhecemos. Não temos nenhum registro seu. Você não existe."

Eles sorriram debilmente e sacudiram as cabeças, rapazes solitários, a quem nada sobrou senão a Eternidade.

Eles encontraram Latourette, na hora de dormir, em sono profundo e respirando levemente. Havia o leve avermelhado de um injeção-spray na concavida de seu cotovelo esquerdo e, felizmente, isso também foi notado.

Yarrow foi chamado e, por uns tempos, pareceu que um Aprendiz saíra do curso, mas ele foi trazido de volta, eventualmente. Uma semana depois, ele estava de volta ao seu lugar. Contudo, a marca daquela má noite ficou em sua personalidade durante todo o tempo em que Harlan esteve relacionado com ele, depois disso.

E agora Harlan tinha de explicar a Realidade para Noys Lambent, uma garota não muito mais velha do que aqueles Aprendizes, e explicá-la de imediato e por completo.

Ele tinha de fazê-lo. Não havia escolha quanto a isso. Ela devia saber exatamente o que se lhes apresentava e exatamente o que ela teria de fazer.

Ele lhe contou. Eles comeram alimentos enlatados, frutas congeladas e leite, em uma longa mesa de conferência designada a comportar doze, e lá ele lhe contou.

Ele o fez tão gentilmente quanto possível, mas mal achava necessidade de gentileza. Ela agarrou rapidamente cada idéia e, antes que ele estivesse na metade, deu-se conta, para seu grande espanto, de que ela não estava reagindo de maneira ruim. Ela não estava com medo. Não mostrava sentimento de perda. Ela apenas parecia zangada.

A zanga alcançou seu rosto e transformou-o em um vermelho incandescente, enquanto seus olhos escuros pareciam de alguma forma mais escuros por isso.

— Mas isto é crime — disse ela. — Quem são os Eternos para fazer isso?

— Isso é feito para o bem da humanidade — disse Harlan. É claro que ela não podia realmente entender aquilo. Ele se sentiu pesaroso pelo pensamento limitado ao Tempo de uma Tempista.

— É? Suponho que foi assim que o duplicador de massa foi eliminado.

— Ainda temos cópias. Não se preocupe com isso. Nós o preservamos.

— Vocês o preservaram. Mas e nós? Nós do 482 poderíamos tê-lo tido — ela gesticulou com pequenos movimentos de dois punhos cerrados.

— Isso não teria feito bem a vocês. Olhe, não fique excitada, querida, e ouça. com um gesto quase convulsivo (ele teria de aprender como tocá-la naturalmente, sem fazer o movimento parecer um tímido convite para uma repulsa), tomou as mãos dela nas suas e segurou-as firmemente.

Por um momento ela tentou libertá-las, e então relaxou. Ela até mesmo sorriu um pouco. — Oh, continue, bobinho, e não faça essa cara tão séria. Não estou culpando você.

— Você não deve culpar ninguém. Não há culpa necessária. Fizemos o que devia ser feito. Aquele dupli-cador de massa é um caso clássico. Eu o estudei na escola.

Quando se duplica massa, pode-se duplicar pessoas, também. Os problemas que surgem são muito complicados.

— Não está a cargo da sociedade resolver seus próprios problemas?

— Está, mas nós estudamos aquela sociedade durante todo o Tempo e ela não resolveu o problema satisfatoriamente. Lembre-se de que seu fracasso em resolvê-lo afeta não somente ela própria, mas também todas as suas sociedades descendentes. Na verdade, não há solução satisfatória para o problema do duplicator de massa.

Esta é uma daquelas coisas, como guerras atômicas e sonhadores, que simplesmente não podem ser toleradas. Os desenvolvimentos nunca são satisfatórios.

— O que o faz tão certo?

— Temos nossas máquinas de Computação, Noys; computaplex muito mais precisos do que qualquer um já desenvolvido em qualquer Realidade individual. Estes Computam as Realidades possíveis e classificam as desejabilidades de cada uma delas, através da edição de milhares e milhares de variáveis.

— Máquinas! — disse ela com desprezo.

Harlan mostrou desagrado, e então abrandou-se apressadamente. — Agora, não fique assim. Naturalmente, você se ressente por descobrir que a vida não é tão sólida como você pensava. Você e o mundo em que você viveu poderiam ter sido apenas uma sombra de probabilidade, um ano atrás, mas qual a diferença? Você tem todas as suas lembranças, sejam elas de sombras de probabilidade ou não, não tem? Você se lembra de sua infância, de seus pais, não se lembra?

— É claro.

— Então é exatamente como se você a viveu, não é? Não é? Quero dizer, se você viveu ou não?

— Eu não sei. Terei de pensar a respeito. E daí se amanhã fosse um mundo de sonho novamente, ou uma sombra, ou o que for que você chame isso?

— Então haveria uma nova Realidade e uma nova você, com novas lembranças. Seria exatamente como se nada tivesse acontecido, exceto que o total de felicidade humana teria sido aumentado novamente.

— Não acho isso de forma alguma satisfatório.

— Além disso — disse Harlan precipitadamente — nada lhe acontecerá agora. Haverá uma nova Realidade, mas você está na Eternidade. Você não será mudada.

— Mas você disse que não faz diferença — disse Noys meiancolicamente. — Por que dar-se a todo esse trabalho?

— Porque eu quero você como você é — disse Harlan, com súbito ardor. — Exatamente como você é. Não quero você mudada. Em forma alguma.

Ele chegou ao ponto de quase deixar escapar a verdade, que sem a vantagem da superstição sobre os Eternos e a vida eterna, ela nunca teria se inclinado a ele.

Olhando em volta com leve desagrado, ela disse: — Terei de ficar aqui para sempre, então? Seria… solitário.

— Não, não. Nem pense nisso — disse ele freneticamente, agarrando suas mãos com tanta força que ela estremeceu. — Descobrirei o que você será na nova Realidade do século 482, e você voltará disfarçada, por assim dizer. Tomarei conta de você. Pedirei permissão para ligação formal e cuidarei para que você continue em segurança através de futuras Mudanças. Sou um Técnico, um bom Técnico, e sei a respeito de Mudanças — ele acrescentou severamente — e sei algumas outras coisas, também — e parou aí.

— Isso tudo é permitido? — perguntou Noys. — Quero dizer, você pode trazer as pessoas para a Eternidade e impedi-las de mudar? Isso não parece correto, de forma alguma, pelas coisas que você me contou.

Por um momento Harlan sentiu-se encolhido e frio no imenso vazio dos milhares de séculos que o rodeavam por cima e por baixo. Por um momento, ele se sentiu excluído até mesmo da Eternidade, que era seu único lar e única fé, duplamente banido do Tempo e da Eternidade; e ficava a seu lado somente a mulher pela qual ele havia abandonado tudo isso.

Ele disse, e sentia isso profundamente: — Não, isto é um crime. É um crime muito grande, e estou amargamente arrependido. Mas eu o

cometeria novamente, se tivesse de fazê-lo, e qualquer número de vezes, se tivesse de fazê-lo.

— Por mim, Andrew? Por mim?

Ele não ergueu seus olhos para os dela. — Não, Noys, por mim mesmo. Eu não poderia suportar o fato de perder você.

— E se formos apanhados…? — perguntou ela.

Harlan sabia a resposta para aquilo. Ele sabia a resposta desde aquele momento de introspecção, na cama, no século 482, com Noys dormindo ao seu lado. Mas, mesmo assim, não ousava pensar na bárbara verdade.

— Não tenho medo de ninguém — disse ele. — Tenho meios de me proteger. Eles não imaginam quanto sei.

9. INTERLÚDIO

Era, olhando-se para trás, um período idílico que se seguia. Centenas de coisas aconteceram naquelas fisiosemanas, e todas se confundiram inextricavelmente na memória de Harlan, depois, fazendo o período parecer ter durado muito mais do que durara. A coisa idílica dele era, naturalmente, as horas que ele podia passar com Noys, e isso lançava ardor em tudo o mais.

Item Um: No século 482, ele empacotou lentamente os seus bens pessoais; suas roupas e filmes e, mais que tudo, seus queridos volumes delicadamente manuseados de revistas do Primitivo. Ele supervisionou ansiosamente o retorno deles à sua estação permanente no século 575.

Finge estava às suas costas quando o último deles foi levantado para dentro da caldeira de carga pelos homens da Manutenção.

Escolhendo as palavras com imperturbável trivialidade, Finge disse: — Deixando-nos, pelo que vejo.

Seu sorriso era largo, mas seus lábios estavam cuidadosamente fechados, de maneira que só o mais leve traço de dentes ficava à vista. Ele ficou com as mãos juntas nas costas e seu corpo atarracado balançou para a frente nas palmas dos pés.

Harlan não fitou seu superior. Murmurou um monótono: — Sim, senhor.

Finge disse: — Comunicarei ao Computador Sênior Twissell a respeito da maneira inteiramente satisfatória pela qual você desempenhou suas tarefas Observacionais no século 482.

Harlan não conseguiu forçar-se a proferir nem mesmo uma palavra mal-humorada de agradecimento. Permaneceu em silêncio.

Finge continuou, numa voz subitamente muito mais baixa: — Não comunicarei, por ora, sua recente tentativa de violência contra mim.

Embora seu sorriso permanecesse e seu olhar continuasse branco, havia em torno dele um ar de cruel satisfação.

Harlan levantou os olhos repentinamente e disse: — Como queira, Computador.

Item Dois: Ele se restabeleceu no século 575.

Sentiu-se feliz por ver aquele corpo pequeno, coroado por aquele rosto gnômico e enrugado. Estava até mesmo feliz por ver o cilindro branco e fumegante repousando entre dois dedos manchados e sendo levantado rapidamente em direção à boca de Twissell.

— Computador — disse Harlan.

Twissell, emergindo de seu escritório, fitou Harlan vagamente, por um momento, sem reconhecê-lo. Seu rosto estava perturbado e seus olhos piscavam de fadiga.

— Ah, Técnico Harlan — disse ele. — Terminou seu trabalho no

século 482?

— Sim, senhor.

O comentário de Twissell foi estranho. Ele olhou seu relógio, que, como qualquer outro da Eternidade, estava ajustando para fisiotempo, dando o número dos dias, assim como o horário do dia, e disse: — Precisamente, meu rapaz, precisamente. Magnífico. Magnífico.

Harlan sentiu seu coração dar um pequeno pulo. Quando tinha visto Twissel pela última vez, não teria sido capaz de entender o sentido daquela observação. Agora sentia-se capaz. Twissell estava cansado, ou não teria chegado tão perto da essência das coisas, talvez. Ou o Computador poderia ter sentido ser a observação tão enigmática a ponto de sentir-se seguro, apesar de sua proximidade da essência.

Harlan disse, falando tão casualmente quanto pôde, para evitar que sua observação parecesse ter qualquer ligação com o que Twissell havia acabado de dizer: — Como está meu Aprendiz?

— Ótimo, ótimo — disse Twissell, com apenas metade da mente, aparentemente concentrada em suas palavras. Deu uma rápida tragada no diminuto tubo de tabaco, cedeu em um rápido aceno de despedida e retirou-se às pressas.

Item três: o Aprendiz.

Parecia mais velho. Pareceu haver nele um maior sentimento de maturidade, quando estendeu a mão e disse: — É um prazer vê-lo de volta, Harlan.

Ou seria que, onde antes Harlan estivera consciente de Cooper apenas como aluno, ele agora parecia mais do que um Aprendiz. Ele agora parecia um gigantesco instrumento nas mãos dos Eternos. Naturalmente, ele não podia deixar de ganhar uma nova estatura aos olhos de Harlan.

Harlan tentou não demonstrar isso. Eles estavam nos próprios aposentos de Harlan, e o Técnico deleitava-se com as superfícies de porcelana creme ao seu redor, satisfeito por estar fora do salpico adornado do século 482. Se tentava, como podia, associar o barroco extravagante do século 482 com Noys, somente conseguia associá-lo com Finge. A Noys ele associava um crepúsculo róseo e acetinado e, estranhamente, a leve austeridade dos Setores dos Séculos Obscuros.

Ele falou precipitadamente, quase como se estivesse ansioso por esconder seus pensamentos perigosos: — Bem, Cooper, o que estiveram eles fazendo com você, enquanto estive fora?

Cooper sorriu, alisou acanhadamente o seu bigode curvado com um dedo e disse: — Mais matemática. Sempre matemática.

— Sim? Coisas bem avançadas, agora, suponho.

— Bem avançadas.

— E que tal?

— Por enquanto, é tolerável. É bastante fácil, sabe. Eu gosto, mas

agora eles estão realmente complicando.

Harlan concordou com um gesto e sentiu certa satisfação. — Matrizes de Campo Temporal e tudo aquilo?

Mas Cooper, com suas cores um pouco vivas, voltou-se para os volumes empilhados nas prateleiras e disse: — Voltemos aos Primitivos. Tenho algumas perguntas.

— Sobre o quê?

— Vida de cidade no século 23. Los Angeles, especialmente.

— Por que Los Angeles?

— É uma cidade interessante. Não acha?

— É, mas vamos atingi-la no século 21, então. Ela estava em seu apogeu, no século 21.

— Oh, experimentemos o século 23.

— Bem, por que não? — disse Harlan.

Seu rosto estava impassível, mas se a impassividade pudesse ter sido arrancada, teria havido uma rispidez em torno dele. Sua grande e intuitiva suposição era mais do que uma suposição. Tudo estava conferindo claramente.

Item Quatro: pesquisa. Dupla pesquisa.

Por si mesmo, a princípio. A cada dia, com olhos esquadrinhantes, ele examinava os relatórios da mesa de Twissell. Os relatórios diziam respeito às várias Mudanças de Realidade que estavam sendo planejadas ou sugeridas. As cópias chegavam para Twissell rotineiramente, desde que ele era um membro do Conselho Geral, e Harlan sabia que ele não acharia falta de uma. Procurou primeiro a Mudança vindoura no século 482. Em segundo lugar, procurou outras Mudanças, quaisquer outras Mudanças, que pudessem ter uma falha, uma imperfeição, alguma divergência da excelência máxima, que pudesse ser visível aos seus próprios olhos treinados e talentosos de Técnico.

No sentido mais estrito da palavra, os relatórios não eram para o seu estudo, mas Twissell raramente estava em seu escritório, naqueles dias, e ninguém mais estava apto a interferir com o Técnico pessoal de Twissell.

Esta era uma parte de sua pesquisa. A outra realizou-se na seção de biblioteca do Setor do século 575.

Pela primeira vez ele se aventurou fora daquelas porções da biblioteca que, comumente, monopolizavam sua atenção. No passado, ele havia freqüentado a seção de história Primitiva (bem pobre, na verdade, de maneira que a maioria de suas referências e materiais de informação tiveram de ser obtidas no distante passado do terceiro milênio, como era apenas natural, é claro). Para uma extensão ainda maior, ele havia rebuscado as prateleiras destinadas à Mudança de Realidade, sua teoria, sua técnica e história; uma excelente coleção (a

melhor da Eternidade, fora a da própria seção Central, graças a Twissell), da qual ele se havia tornado dono total.

Agora ele passeava curiosamente entre as outras prateleiras de filmes. Pela primeira vez, Observou (no sentido de O maiúsculo) as prateleiras destinadas ao próprio século 575; suas geografias, que variavam pouco de Realidade para Realidade, suas histórias, que variavam mais, e suas sociologias, que variavam ainda mais. Estes não eram os livros ou relatórios sobre o século escritos por Eternos Observadores e Computadores (com esses ele estava familiarizado), mas pelos próprios Tempistas.

Havia trabalhos de literatura do século 575, e estes estimulavam lembranças de tremendos argumentos que ouvira a respeito dos valores das Mudanças alternadas. Seria esta obra prima alterada ou não? Em caso afirmativo, como? Como as Mudanças passadas afetavam as obras de arte?

Por falar nisso, poderia algum dia haver concordância geral a respeito de arte? Poderia ela ser algum dia reduzida a termos quantativos acessíveis à avaliação mecânica pelas máquinas de Computação?

Um Computador chamado August Sennor era o principal oponente de Twissell nesses assuntos. Harlan, movido pelas exaltadas denúncias do homem e seus pontos de vista, havia lido alguns dos documentos de Sennor e tinha-os achado surpreendentes.

Sennor perguntou publicamente e, para Harlan, desconcertantemente, se uma nova Realidade não poderia conter uma personalidade, dentro de si própria, análoga à de um homem que houvesse sido recolhido para a Eternidade em uma Realidade anterior. Ele analisou então a possibilidade de um Eterno encontrar seu análogo no Tempo, conhecendo-o ou não, e especulou os resultados em cada caso. (Isto chegou bem perto de um dos mais fortes temores da Eternidade, e Harlan tremeu e apressou-se inquietamente para terminar a discussão.) E, naturalmente, eles discutiram detalhadamente o destino da literatura e da arte em vários tipos e classificações de Mudanças de Realidade.

Mas Twissell não teria nenhuma das últimas. — Se os valores da arte não podem ser computados — gritaria ele para Harlan — então de que adianta discutir sobre isso?

E os pontos de vista de Twissell, Harlan sabia, eram compartilhados pela grande maioria do Conselho Geral.

Contudo, agora, Harlan estava diante das prateleiras designadas aos romances de Eric Linkollew, normalmente descrito como o escritor proeminente do século 575, e pensando. Contou quinze diferentes coleções de “Obras completas”, cada uma delas, indubitavelmente, retirada de uma Realidade diferente. Cada uma era de alguma forma

diferente, ele tinha certeza. Uma coleção era notadamente menor do que todas as outras, por exemplo. Centenas de Sociólogos, imaginou ele, deviam ter escrito análises das diferenças entre as coleções, em termos do conhecimento sociológico de cada Realidade, e com isso obtiveram status.

Harlan passou para a ala da biblioteca que era destinada aos inventos e instrumentação dos vários anos do século 575. Muitos deles, Harlan sabia, haviam sido eliminados do Tempo e permaneceram intatos, como produto do talento humano, somente na Eternidade. O homem tinha de ser protegido de sua própria notabilíssima mente técnica.

Isso mais do que qualquer outra coisa. Nem um fisioano se passava sem que em algum lugar do Tempo a tecnologia nuclear se aproximasse demais do perigo e tivesse de ser afastada.

Ele retornou à biblioteca propriamente dita e às prateleiras de matemática e histórias matemáticas. Seus dedos deslizaram sobre títulos individuais e, após alguma reflexão, ele tirou meia dúzia das prateleiras e assinalou-os.

Item Cinco: Noys.

Esta era a parte do interlúdio realmente importante e toda a parte idílica.

Em suas horas livres, quando Cooper não estava, quando ele poderia comumente ter estado comendo em solidão, lendo em solidão, dormindo em solidão, esperando em solidão pelo próximo dia — ele ia para as caldeiras.

De todo o coração, ele estava grato pela posição de Técnico na sociedade. Ele estava agradecido, como nunca sonhara que pudesse estar, pela maneira pela qual era evitado.

Ninguém interrogava o seu direito de estar numa caldeira, nem se importava se ele a ajustava para cima ou para baixo. Nenhum olhar curioso o seguia, nenhuma mão desejosa se oferecia para ajudá-lo, nenhuma boca tagarela discutia isso com ele.

Ele podia ir onde e quando lhe agradasse.

— Você mudou, Andrew — disse Noys. — Céus, você mudou.

Ele a fitou e sorriu. — Em que aspecto, Noys?

— Você está sorrindo, não está? Este é um dos aspectos. Você nunca se olha no espelho e se vê sorrindo?

— Tenho medo. Eu diria: “Não posso ser assim feliz. Estou doente. Estou delirando. Estou confinado em um hospício, vivendo em sonhos e inconsciente disso.”

Noys inclinou-se para ele para beliscá-lo. — Sente alguma coisa?

Ele puxou a cabeça dela para si e sentiu-se banhado em seus cabelos escuros e suaves.

Quando eles se separaram, ela disse ansiosamente:

— Você mudou nesse ponto, também. Você ficou ótimo, nesse ponto.

— Tenho um bom professor — começou Harlan, e parou bruscamente, temendo que isso implicaria desprazer por pensar sobre as várias pessoas que poderiam ter sido as qualidades de tão bom professor.

Mas o sorriso dela não pareceu perturbado por tal pensamento. Eles haviam comido, e ela parecia delicada e ardentemente adorável nas roupas que ele havia trazido.

Ela seguiu seus olhos e tocou de leve a saia, tirando-a do leve abraço que esta dava em sua coxa. — Gostaria que você não fosse, Andrew — disse ela. — Eu realmente gostaria que você não fosse.

— Não há perigo — disse ele despreocupadamente.

— Há perigo. Agora não seja tolo. Posso passar com o que está aqui até… até que você faça arranjos.

— Por que não você deveria ter suas próprias roupas e adornos?

— Porque não pagam a pena de você ir à minha casa no Tempo e ser apanhado. E se fizerem a Mudança enquanto você estiver lá?

Ele saiu dessa com dificuldade. — Ela não me apanhará — e depois animado — além disso, meu gerador de pulso conserva-me em fisiotempo, de maneira que a Mudança não pode me afetar, vê?

Noys suspirou. — Não vejo. Não acho que algum dia entenderei isso tudo.

— Não há nada para entender.

E Harlan explicou e explicou com grande animação, e Noys ouviu, com olhos cintilantes que nunca revelavam de todo se ela estava totalmente interessada, ou divertida, ou, talvez, um pouco de ambos.

Era uma grande adição à vida de Harlan. Havia alguém com quem conversar, alguém com quem discutir sua vida, suas façanhas e pensamentos. Era como se ela fosse uma porção dele, mas uma porção suficientemente separada para exigir diálogo como comunicação, ao invés de pensamento. Ela era uma porção suficientemente separada para ser capaz de responder imprevisivelmente através de processos de pensamento independentes. Estranho, pensou Harlan, como se podia Observar um fenômeno social tal como o matrimônio e, contudo, desaperceber-se de uma verdade tão vital a respeito. Poderia ele ter previsto, por exemplo, que seriam os interlúdios apaixonados que ele depois associaria menos freqüentemente com o idílio?

Ela se aconchegou na curva de seu braço e disse:

— Como vai indo a sua matemática?

— Quer dar uma olhada num pouco dela? — disse Harlan.

— Não vá me dizer que você a leva por aí com você.

— Por que não? A viagem de caldeira leva tempo. Não se pode desperdiçá-lo, você sabe.

Ele se soltou, tirou do bolso um pequeno expositor, inseriu o filme e sorriu ternamente quando ela o colocou nos olhos.

Ela lhe devolveu o expositor com um chacoalhar de cabeça. — Nunca vi tantos rabiscos. Desejaria poder ler seu Intertemporal Padrão.

— Na verdade — disse Harlan — a maioria dos rabiscos que você mencionou não são Intertemporal, apenas anotações matemáticas.

— Você as entende, entretanto, não entende?

Harlan detestava fazer qualquer coisa que desiludisse a franca admiração dos olhos dela, mas foi forçado a dizer:

— Não tanto quanto eu gostaria. Contudo, estive assimilando matemática suficiente para conseguir o que quero. Não tenho de entender tudo para ser capaz de ver um buraco suficientemente grande na parede, por onde empurrar uma caldeira de carga.

Ele jogou o expositor para o ar, apanhou-o com um movimento rápido de mão e colocou-o numa mesinha.

Os olhos de Noys seguiram-no ansiosamente e uma súbita idéia acorreu a Harlan.

— Pai Tempo! — disse ele. — Você não pode ler Intertemporal naquilo.

— Não. É claro que não.

— Então, a biblioteca do Setor daqui é inútil para você. Nunca pensei nisso. Você deve ter seus próprios filmes do século 482.

— Não. Não quero nenhum — disse ela rapidamente.

— Você os terá — disse ele.

— Honestamente, não os quero. É tolice arriscar…

— Você os terá! — disse ele.

Pela última vez, ele ficou diante da fronteira imaterial que separava a Eternidade da casa de Noys no século 482. Ele pretendera que a vez anterior tivesse sido a última. A Mudança estava quase sobre eles, agora, um fato que ele não havia dito a Noys, pelo respeito decente que teria tido pelos sentimentos de qualquer pessoa, quanto mais daquelas que amava.

Contudo, não era uma decisão difícil de se tomar, esta viagem adicional. Em parte, era bravata, para brilhar diante de Noys, trazer-lhes os livros-filme, tirando-os da boca do leão; em parte, era um forte desejo (como era a frase Primitiva?) “tostar a barba do Rei da Espanha”, se é que podia referir-se assim ao Finge imberbe.

Então, também, teria uma vez mais a oportunidade de saborear a atmosfera misteriosamente atraente de uma casa condenada.

Havia sentido isso antes, quando entrara nela cuidadosamente durante o período de tolerância concedido pelos mapas espaço-temporais. Havia sentido isso quando perambulara pelos quartos, ajuntando roupas, pequenos objetos d'art, estranhos recipientes e

instrumentos de penteadeiras de Noys.

Houve o silêncio sombrio de uma Realidade condenada que havia simplesmente passado para a ausência física de ruído. Não havia maneira de Harlan predizer sua análoga numa nova Realidade. Poderia ser uma pequena casa suburbana ou uma residência da rua de uma cidade. Ela poderia ser neutra, com indômita capoeira substituindo o terreno plano no qual ela se situava. Poderia, concebivelmente, não mudar muito. E (Harlan retocou vivamente o seu pensamento) poderia ser habitada pela análoga de Noys ou, naturalmente, poderia não ser.

Para Harlan, a casa já era um fantasma, um espectro prematuro que tinha começado suas assombrações antes que tivesse realmente morrido. E porque a casa, como era, significava muito para ele, achou que se ressentia por seu desaparecimento e lamentava-o.

Uma vez, somente, em cinco viagens, tinha havido qualquer som para quebrar o silêncio, durante suas rondas. Ele estava na copa, então, agradecido à tecnologia daquela Realidade e século por ter tornado os serventes antiquados e removido um problema. Tinha escolhido, lembrava-se ele, entre as latas de alimentos preparados e estava acabando de decidir que possuía o suficiente para uma viagem e que Noys ficaria certamente satisfeita por intercalar na dieta básica substanciosa, mas não diversificada, fornecida pelo Setor vazio, um pouco de seus próprios alimentos. Ele até riu alto ao pensar que há não muito tempo atrás tinha achado a dieta dela decadente.

Foi no meio da risada que ele ouviu um som distinto de palmas. Ele gelou!

O som tinha vindo de algum lugar atrás dele e, no momento do choque, durante o qual ele não tinha se movido, o perigo menor de ser aquilo um arrombador ocorreu-lhe em primeiro lugar, e o perigo maior de ser um Eterno investigando ocorreu-lhe em segundo.

Não poderia ser um arrombador. O período todo do mapa espaço-temporal, o período de tolerância e tudo, tinha sido meticulosamente afastado e separado de outros períodos similares do Tempo por causa da falta de fatores complicantes. Por outro lado, abstraindo Noys, ele havia introduzindo uma micromudança (talvez não tão micro assim).

Com o coração aos pulos, ele se forçou a voltar-se. Pareceu-lhe que a porta atrás de si acabara de fechar-se, movendo-se o último milímetro necessário para trazê-la ao nível da parede.

Ele reprimiu o impulso de abrir aquela porta, de rebuscar a casa. Em posse das guloseimas de Noys, ele retornou à Eternidade e esperou dois dias inteiros por repercussões, antes de aventurar-se na distante escala ascendente. Não houve nenhuma e, eventualmente, ele esqueceu o incidente.

Mas agora, enquanto ajustava os controles para entrar no Tempo

esta última vez, pensou nele novamente. Ou talvez fosse a expectativa da Mudança, agora quase sobre ele, que o pilhou. Olhando para trás, no momento posterior, ele sentiu que fora um ou outro que fizera com que ele ajustasse os controles erradamente. Não pôde pensar em nenhuma outra explicação.

O mal ajustamento não manifestou efeitos imediatos. Visou a sala correta e Harlan entrou diretamente na biblioteca de Noys.

Ele mesmo havia-se tornado bem decadente, agora, para não ser completamente repelido pela obra que entrava no desígnio dos estojos de filme. A inscrição dos títulos misturava-se com a filigrana intricada, até que se tornou atraente, mas quase ilegível. Era um triunfo da estética sobre a utilidade.

Harlan tirou alguns livros das prateleiras, ao acaso, e ficou surpreso. O título de um deles era História Social e Econômica de Nossos Tempos.

Por qualquer razão, este era um lado de Noys ao qual ele havia prestado pouca atenção. Certamente, ela não era estúpida e, contudo, nunca lhe ocorrera que ela poderia estar interessada em coisas sérias. Ele teve o impulso de ver um pouco da História Social e Econômica, mas reprimiu-o. Ele a encontraria na biblioteca do Setor do século 482, se alguma vez a desejasse. Finge tinha, sem dúvida, saqueado as bibliotecas daquela Realidade para os registros da Eternidade, meses atrás.

Ele pôs aquele filme para um lado, examinou o resto rapidamente, selecionou a ficção e um pouco do que parecia literatura leve de não-ficção. Esses e dois visores de bolso, ele acondicionou cuidadosamente numa mochila.

Foi nesse ponto que, uma vez mais, ele ouviu um som na casa. Não havia engano, desta vez. Não foi um ruído curto de origem indeterminada. Foi uma risada, a risada de um homem. Ele não estava sozinho na casa.

Não estava consciente de que havia deixado cair a mochila. Por um vertiginoso segundo, pôde pensar somente que estava encurralado!

10. ENCURRALADO!

Subitamente, isso tinha parecido inevitável. Era a mais pura ironia dramática. Ele havia entrado no Tempo pela última vez, puxado o nariz de Finge pela última vez, trazido o cântaro à fonte pela última vez. Tinha de ser então que ele fosse apanhado.

Fora Finge quem rira?

Quem mais o seguiria, ficaria na espera, permaneceria na sala ao lado e cairia na risada?

Bem, então, estava tudo perdido? E porque naquele momento aflitivo ele estava certo de que tudo estava perdido, não lhe ocorreu fugir novamente ou tentar passar para a Eternidade uma vez mais. Ele enfrentaria Finge.

Ele o mataria, se necessário.

Harlan caminhou para a porta por detrás da qual a risada havia ressoado; caminhou para ela com o passo leve e firme de um assassino premeditado. Desligou o sinal da porta automática e abriu-a com a mão. Cinco centímetros. Dez. Ela se moveu sem ruído.

O homem da sala ao lado estava de costas, A figura parecia muito alta para ser Finge, e este fato penetrou na mente agitada de Harlan e impediu-o de avançar mais.

Então, como se a paralisia que parecia manter ambos os homens em rigidez estivesse cedendo lentamente, o outro se voltou, centímetro por centímetro.

Harlen não presenciou a conclusão daquele movimento. O perfil do outro ainda não estava à vista quando Harlan, retendo uma súbita rajada de terror com um último fragmento de força moral, atirou-se para trás pela porta. Seu mecanismo, e não Harlan, fechou-a silenciosamente.

Harlan retirou-se às cegas. Somente conseguia respirar lutando violentamente com a atmosfera, forçando o ar a entrar e empurrando-o para fora, enquanto seu coração batia loucamente, como se num esforço para escapar de seu corpo.

Finge, Twissell, todo o Conselho junto, não poderia tê-lo desconcertado tanto. Não fora o temor de nada físico que o tinha amolecido. Mais propriamente, foi a aversão quase instintiva pela natureza do incidente que lhe havia acontecido.

Ele ajuntou a pilha de livros-filme numa massa informe e conseguiu, após duas tentativas infrutíferas, restabelecer a porta para a Eternidade. Ele a passou com as pernas operando mecanicamente. De alguma forma, forçou caminho para o século 575, e então para os seus aposentos pessoais. Sua posição de Técnico, novamente avaliada, novamente apreciada, salvou-o uma vez mais. Os poucos Eternos que

ele encontrou, voltaram-se automaticamente para um lado e olharam firmemente sobre sua cabeça enquanto o faziam.

Isso foi favorável, pois faltava-lhe habilidade para tirar do rosto a careta de caveira que sentia que estava fazendo, ou qualquer força para devolver-lhe o sangue.

Mas eles não olharam, e ele agradeceu, por isso, o Tempo, a Eternidade e qualquer coisa obscura que compusesse o Destino.

Ele não havia verdadeiramente reconhecido o outro homem da casa de Noys pela aparência, embora conhecesse sua identidade com terrível certeza.

Na primeira vez que ouvira um ruído na casa, ele, Harlan, estivera rindo, e o som que interrompeu sua risada foi o de algo pesado caindo, na sala ao lado. Na segunda vez, alguém rira na sala ao lado e ele, Harlan, derrubara uma mochila de livros-filmes. Na primeira vez, Harlan tinha-se voltado e vislumbrando uma porta fechando-se.

Na segunda vez, ele, Harlan, fechou uma porta enquanto um estranho se voltava.

Ele havia se encontrado consigo mesmo!

No mesmo Tempo e quase no mesmo lugar, ele e seu análogo por diversos fisiodias, quase haviam estado face a face. Havia ajustado erradamente os controles, regulando-os para um instante no Tempo que já tinha usado, e ele, Harlan, tinha visto Harlan.

Ele tinha iniciado seu trabalho com uma sombra de horror sobre si durante dias depois. Chamou a si próprio de covarde, mas isso não ajudou.

Na verdade, desde aquele momento as coisas tomaram uma direção desfavorável. Ele conseguiu entender as coisas.

O momento-chave era o instante em que havia ajustado os controles da porta para a sua entrada no século 482 pela última vez, e, de alguma forma, tinha-os ajustado erradamente. Desde então, as coisas correram mal, mal.

A Mudança de Realidade no século 482 deu-se durante aquele período de desespero e acentuou-o. Nas duas semanas anteriores, ele havia encontrado três Mudanças de Realidade propostas que continham falhas menores, e agora ele escolheu entre elas, embora nada pudesse fazer para mover-se à ação.

Ele escolheu a Mudança de Realidade 2456-2781, V-5, por uma série de razões. Das três, esta era a mais alta na escala do Tempo, a mais distante. O erro era de minuto, mas significante em termos de vida humana. Precisava, então, apenas de uma pequena viagem até o século 2456 para descobrir a natureza da análoga de Noys na nova Realidade, por uso de uma pequena pressão de chantagem.

Mas o desânimo de sua recente experiência o traiu. Não mais lhe

parecia uma coisa simples, essa leve utilização de exposição ameaçada. E uma vez que descobrisse a análoga de Noys, e daí? Colocar Noys em seu lugar como arrumadeira, costureira, operária, ou o que fosse. Certamente. Mas o que, então, seria feito com sua análoga? com qualquer marido que a análoga pudesse ter? Família? Filhos?

Não havia pensado em nada disso, antes. Tinha evitado o pensamento. “Válido até dia…”

Mas agora ele não conseguia pensar em nada mais.

Então, escondeu-se em seu quarto, odiando-se, enquanto Twissell o chamava, com a voz cansada perguntando e um pouco confuso.

— Harlan, você está se sentindo mal? Cooper disse-me que você pulou diversos períodos de debate.

Harlan tentou aliviar a preocupação do rosto. — Não, Computador Twissell. Estou um pouco cansado.

— Bem, isso é desculpável, de qualquer forma, rapaz. Então, o sorriso em seu rosto tornou-se tão apertado quanto se tornaria para desaparecer inteiramente. — Ouviu dizer que o 482 foi Mudado?

— Sim — respondeu Harlan brevemente.

— Finge chamou-me — disse Twissell — e pediu-me que lhe dissesse que a Mudança obteve pleno êxito.

Harlan encolheu os ombros, e então notou o olhar de Twissell, na Comunitela, firme sobre si. Ficou embaraçado e disse: — Sim, Computador?

— Nada — disse Twissell, e talvez fosse o manto da idade passando sobre seus ombros, mas sua voz era inexplicavelmente triste. — Pensei que você estava prestes a dizer algo.

— Não — disse Harlan. — Eu nada tinha a dizer.

— Bem, então, vejo-o amanhã de manhã na Sala de Computação, rapaz. Tenho um bom bocado para dizer.

— Sim, senhor — disse Harlan. Ele fitou a tela por longos minutos, depois que esta se escureceu.

Aquilo tinha quase soado como uma ameaça. Finge tinha chamado Twissell, não tinha? O que teria ele dito que Twissell não comunicou?

Mas uma ameaça exterior era do que ele precisava. Combater um mal do espírito era como estar numa areia movediça e agitá-la com uma vara. Combater Finge era completamente outra coisa. Harlan havia se lembrado da arma à sua disposição e, pela primeira vez em dias, sentiu uma fração de retorno de autoconfiança.

Era como se uma porta tivesse se fechado e uma outra se houvesse aberto. Harlan tornou-se tão febrilmente ativo quanto fora catatônico anteriormente. Viajou para o século 2456 e induziu o Sociólogo Voy a agir exatamente de acordo com sua própria vontade.

Ele o fez perfeitamente. Conseguiu a informação que procurava.

E mais do que procurava. Muito mais.

A confiança é recompensada, aparentemente. Havia um provérbio de seu século natal que dizia: “Agarre a urtiga firmemente e ela se tornará uma vara com a qual golpeará seu inimigo.”

Em resumo, Noys não tinha análoga na nova Realidade. Nenhuma análoga, de forma alguma. Ela poderia assumir sua posição na nova sociedade da maneira mais imperceptível e conveniente possível, ou poderia permanecer na Eternidade. Não poderia haver razão para se negar sua ligação, exceto pelo fato altamente teórico de que ele tinha infringido a lei — e ele sabia muito bem como derrubar esse argumento.

Então ele subiu correndo a escala do Tempo para dar a Noys as grandes novas, para banhar-se em sucesso inesperado após alguns dias horríveis de falha aparente.

E nesse momento a caldeira parou.

Ela não reduziu a velocidade; simplesmente parou. Se o movimento houvesse sido um só ao longo de qualquer uma das três dimensões do espaço, uma parada tão súbita teria despedaçado a caldeira, feito de seu metal uma incandescência vermelha-escura, transformado Harlan numa coisa de ossos quebrados e carne úmida e esmagada.

Da maneira que foi, simplesmente o fez dobrar de náusea e estalar de dor interna.

Quando conseguiu enxergar, procurou pelo temporômetro e fitou-o com visão vaga. Marcava 100.000.

O que de alguma forma o alarmou. Era um número muito redondo.

Ele se voltou febrilmente para os controles. O que havia saído errado?

Isso também o alarmou, pois nada conseguia ver de errado. Nada havia desengatado a alavanca de direção. Ela continuava firmemente engrenada na direção ascendente.

Não havia curto-circuito. Todos os relógios indicadores estavam no limite preto de segurança. Não havia falta de energia. À minúscula agulha, que marcava o constante consumo de megacoulombs de energia, insistia calmamente que a energia estava sendo consumida na proporção normal.

O que, então, havia detido a caldeira?

Lentamente, e com considerável relutância, Harlan tocou a alavanca de direção, fechou sua mão em torno dela. Ele a empurrou para neutro, e a agulha do medidor de energia declinou para zero.

Ele puxou a alavanca na outra direção. Novamente subiu o medidor de energia, e desta vez o temporômetro se agitou para baixo

ao longo da linha de séculos.

Para baixo — para baixo — 99.983 — 99.972 — 99.959…

Novamente Harlan mudou a alavanca de posição. Para cima, outra vez. Lentamente. Bem lentamente.

Então, 99.985 — 99.993 — 99.997 — 99.998 — 99.999 — 100.000…

Estrondo! Nada além do 100.000. A energia da Nova Sol estava sendo silenciosamente consumida sem nenhum objetivo.

Ele desceu novamente, mais. Atirou-se para cima.

Estrondo!

Seus dentes estavam trincados, seus lábios repuxados para trás, sua respiração áspera. Sentiu-se como um prisioneiro lançando-se cruelmente contra as barras de uma prisão.

Quando parou, uma dúzia de estrondos depois, a caldeira permaneceu firmemente no século 100.000. Até aí, e não mais.

Ele mudaria as caldeiras! (Mas não havia muita esperança nesse pensamento.)

No silêncio vazio do século 100.000, Andrew Harlan saiu de uma caldeira e escolheu ao acaso uma outra coluna de caldeira.

Um minuto depois, com a alavanca de direção na mão, ele fitou a marcação dos 100.000 e percebeu que ali, também, não conseguiria passar.

Enfureceu-se! Agora! Desta vez! Quando as coisas se haviam quebrado tão inesperadamente em seu favor, chegaram a um desastre tão súbito. A maldição daquele momento de mal julgamento ao entrar no século 482 ainda estava nele.

Ele puxou selvaticamente a alavanca para baixo, pressionando-a firmemente até o máximo e conservando-a nele. Pelo menos, de certa forma, ele estava livre agora, livre para fazer qualquer coisa que desejasse. com Noys confinada por detrás de uma barreira e fora de seu alcance, que mais poderiam eles fazer-lhe? Que mais tinha ele a temer?

Ele se conduziu ao século 757 e saltou da caldeira com pouco caso imprudente pelos arredores que ele nunca sentira antes. Forçou seu caminho até a biblioteca do Setor, não falando com ninguém, sem considerar ninguém. Tirou o que queria sem olhar ao redor para ver se era observado. O que lhe importava?

De volta à caldeira e para baixo novamente, sabia exatamente o que faria. Olhou para o grande relógio, quando passou, medindo Fisiotempo Padrão, numerando os dias e marcando os três turnos de trabalho iguais do fisiodia. Finge devia estar em seus aposentos particulares, agora, e isso era um tanto melhor.

Harlan sentiu-se como se estivesse com febre, quando chegou no século 482. Sua boca estava seca e cotonosa. O tórax ferido. Mas

sentiu o duro contorno da arma sob a camisa quando a apertou firmemente contra o corpo, e esta era a única sensação que importava.

O Computador-Assistente Hobbe Finge levantou os olhos para Harlan, e a surpresa de seus olhos lentamente cedeu lugar à preocupação.

Harlan observou-o silenciosamente por um instante, deixando a preocupação aumentar e esperando que ela se transformasse em medo. Rodeou lentamente, ficando entre Finge e a Comunitela.

Finge estava parcialmente despido, nu até a cintura. Seu tórax era escassamente peludo, seus peitos inchados e quase femininos. Seu gordo abdômem dobrava-se sobre a cintura da calça.

Ele parece sem dignidade, pensou Harlan com satisfação, sem dignidade e repugnante. Tanto melhor.

Colocou a mão direita na camisa e fechou-a firmemente em torno do cabo de sua arma.

— Ninguém me viu, Finge, portanto, não olhe para a porta — disse Harlan. — Ninguém vem para cá. Você tem de compreender, Finge, que está lidando com um Técnico.

Sabe o que isso significa?

Sua voz era rouca. Sentiu raiva por não estar entrando temor nos olhos de Finge, somente preocupação. Finge ainda procurou por sua camisa e, sem uma palavra, começou a vesti-la.

Harlan continuou. — Conhece o privilégio de ser um Técnico, Finge? Você nunca foi um deles, portanto não pode avaliá-lo. Isso significa que ninguém observa onde você vai ou o que faz. Todos eles olham para outro lado e fazem tanto esforço para não vê-lo, que realmente o conseguem. Eu poderia, por exemplo, ir até a biblioteca do Setor, Finge, e servir-me de qualquer coisa curiosa, enquanto o bibliotecário se preocuparia ativamente com seus registros e nada veria. Posso descer os corredores residenciais do século 482 e qualquer passante desvia-se de meu caminho e jura depois que não viu ninguém. Isso é tão automático. Então você vê, posso fazer o que quero, ir aonde quero. Posso entrar no apartamento particular do Computador-Assistente de um Setor e forçá-lo a dizer a verdade a ponta de arma, e não haverá ninguém para deter-me.

Finge falou pela primeira vez: — O que você segura?

— Uma arma — respondeu Harlan, e tirou-a para fora.

— Reconhece isto? A boca da arma cintilava levemente e terminava numa lustrosa protuberância metálica.

— Se me matar… — começou Finge.

— Não o matarei — interrompeu Harlan. — Num encontro recente você tinha um revólver. Isto não é um revólver. É uma invenção de uma das Realidades passadas do século 575. Talvez você não esteja familiarizado com ela. Foi eliminada da Realidade. Muito

vil. Isto pode matar, mas a baixo poder, ativa os centros doloridos do sistema nervoso e paraliza, também. Isto é chamado, ou era chamado, de chicote neurônico. Funciona. Este aqui está completamente carregado. Eu o experimentei num dedo — ele mostrou a mão esquerda com o dedinho endurecido. — Foi bastante desagradável.

Finge agitou-se impacientemente. — A respeito de que é tudo isso, pelo amor do Tempo?

— Há alguma espécie de bloqueio nas colunas de caldeira do século 100.000. Eu o quero removido.

— Um bloqueio nas colunas?

— Não se esforce por parecer surpreso. Ontem você falou com Twissell. Hoje, há o bloqueio. Quero saber o que você disse a Twissell. Quero saber o que foi e o que será feito. Por Tempo, Computador, se não me disser, usarei o chicote. Experimente, se duvida de minha palavra.

— Agora ouça — Finge engoliu um pouco as suas palavras e a primeira ponta de medo se revelou, e também uma espécie de raiva desesperada — se quer a verdade, é esta.

Sabemos sobre você e Noys.

Os olhos de Harlan chamejaram. — O que sobre eu e Noys?

— Pensou que estava tendo sucesso com alguma coisa? — disse Finge. Seus olhos estavam fixos no chicote neurônico e sua testa começava a brilhar. — Por Tempo, com a emoção que você mostrou após seu período de Observação, com o que você fez durante o período de Observação, pensou que não observaríamos você? Eu mereceria ser rebaixado da posição de Computador, se tivesse deixado passar isso. Sabemos que você trouxe Noys para a Eternidade. Soubemos desde o início. Você queria a verdade. Ei-la.

No momento, Harlan menosprezou sua própria estupidez. — Vocês sabiam?

— Sim. Sabíamos que você a havia levado para os Séculos Obscuros. Sabíamos o tempo todo que você entrou no século 482 para supri-la com guloseimas apropriadas; fazendo-se de tolo, com seu Juramento de Eterno completamente esquecido.

— Então, por que não me detiveram? — Harlan estava experimentando os próprios refugos de sua própria humilhação.

— Você ainda quer a verdade? — repetiu Finge, e pareceu ganhar coragem à medida que Harlan afundava em frustração.

— Continue.

— Então, deixe-me dizer-lhe que não o considerei propriamente um Eterno desde o início. Um brilhante Observador, talvez, e um Técnico que passou pelos mecanismos.

Mas não Eterno. Quando o trouxe aqui, nesta última tarefa, foi para provar isso a Twissell, que o estima por alguma razão obscura.

Eu não estava apenas testando a sociedade na pessoa da garota, Noys. Eu estava experimentando você, também, e você falhou, como imaginei que falharia. Agora, guarde essa arma, esse chicote, ou seja lá o que for, e saia daqui.

— E você veio uma vez aos meus aposentos pessoais — disse Harlan esbaforidamente, esforçando-se por conservar sua dignidade e sentindo-a escapar de si, como se sua mente e espírito estivessem tão duros e insensíveis quanto o dedinho chicoteado de sua mão esquerda — para estimular-me a fazer o que fiz.

— Sim, é claro. Se quer a frase exatamente, eu o tentei. Disse-lhe exatamente a verdade, que você poderia conservar Noys somente na Realidade então presente. Você preferiu agir, não como um Eterno, mas como um hipócrita. Eu esperava isso de você.

— Eu o faria novamente, agora — disse Harlan asperamente — e desde que tudo isso é sabido, você pode ver que nada tenho a perder.

Avançou o chicote na direção da gorda cintura de Finge e falou por entre lábios pálidos e dentes cerrados: — O que aconteceu a Noys?

— Não tenho idéia.

— Não me diga isso. O que aconteceu a Noys?

— Estou-lhe dizendo que não sei.

O punho de Harlan apertou-se no chicote; sua voz era baixa. — Sua perna primeiro. Isto vai doer.

— Pelo amor do Tempo, ouça. Espere!

— Certo. O que aconteceu a ela?

— Não, ouça. Por enquanto é apenas uma quebra de disciplina. A Realidade não foi afetada. Fiz verificações nela. Rebaixamento de posição é tudo que você sofrerá.

Se me matar, contudo, ou ferir-me com intenção de matar-me, você terá atacado um superior. Há para isso a pena de morte.

Harlan sorriu, diante da futilidade da ameaça. Em face do que já havia acontecido, a morte ofereceria uma escapatória que, em finalidade e simplicidade, não tinha igual.

Finge obviamente entendeu mal as razões do sorriso. Disse apressadamente: — Não pense que não há pena de morte na Eternidade porque você nunca sofreu uma. Nós sabemos delas; nós, Computadores. O que é mais: têm havido execuções, também. É simples. Em qualquer Realidade, há grandes números de acidentes fatais nos quais os corpos não são recuperados. Foguetes explodem no ar, aviões afundam no meio do oceano ou reduzem-se a pó contra montanhas. Um assassino pode ser colocado num desses receptáculos minutos, ou segundos, antes dos resultados fatais. Isso vale a pena para você?

Harlan agitou-se e disse: — Se você está protelando para se salvar, isso não vai adiantar. Deixe-me dizer-lhe isto: não temo

punição. Além do mais, pretendo ter Noys. Eu a quero agora. Ela não existe na Realidade corrente. Não tem análoga. Não há razão por que não possamos estabelecer ligação formal.

— Isso é contra os regulamentos de Técnico…

— Deixaremos o Conselho Geral decidir — disse Harlan, e seu orgulho se manifestou, enfim. — Não temo uma decisão adversa, também, mais do que tenho medo de matá-lo.

Não sou um Técnico comum.

— Porque você é o Técnico de Twissell? — e houve uma estranha expressão no rosto redondo e suado de Finge, que poderia ter sido de ódio, ou de triunfo, ou de um pouco de cada.

— Por razões muito mais importantes do que essa — disse Harlan. — E agora… com firme determinação ele tocou o dedo no ativador da arma.

Finge gritou. — Então vá ao Conselho. Ao Conselho Geral; eles sabem. Se você é tão importante… — ele se calou, resfolegando.

Por um momento, o dedo de Harlan deteve-se, irresolutamente. — O quê?

— Acha que eu agiria unilateralmente num caso como este? Comuniquei o incidente todo ao Conselho, acompanhando-o com a Mudança de Realidade. Aqui! Aqui estão as duplicatas.

— Quieto, não se mova.

Mas Finge desprezou essa ordem. com velocidade, como o impulso de um demônio possesso, Finge estava em seus arquivos. O dedo de uma das mãos localizou a combinação-código da gravação que ele queria e os dedos da outra introduziram-na no arquivo. Uma lingueta de fita prateada deslizou para fora da mesa, com sua configuração de pontos quase visível a olho nu.

— Quer que ela seja tocada? — perguntou Finge, e sem esperar, enfiou-a no toca-fitas.

Harlan ouviu, paralizado. Era bem claro. Finge havia relatado por completo. Tinha detalhado cada movimento de Harlan nas colunas de caldeira. Não havia deixado passar um de que Harlan pudesse lembrar-se até o ponto em que fora feito o relatório.

Finge gritou quando o relatório terminou: — Agora, então, vá ao Conselho. Não pus bloqueio no Tempo. Eu não saberia como fazê-lo. E não pense que eles estão despreocupados quanto ao assunto. Você disse que falei ontem com Twissell. Contê-lhe que Técnico importante é você. E se quiser matar-me, primeiro, mate-me e vá para o Tempo.

Harlan não podia deixar passar a verdadeira exultação da voz do Computador. Naquele momento ele obviamente se sentiu suficientemente vitorioso para acreditar que mesmo uma chicotada neurônica o deixaria no lado proveitoso do resultado.

Por quê? Seria a bancarrota de Harlan tão cara para seu coração?

Seria o seu ciúme por Noys uma paixão tão completamente consumidora?

Harlan fez pouco mais do que formular as perguntas na mente, e então o assunto todo, Finge e tudo, pareceu-lhe subitamente insignificante.

Ele colocou no bolso a sua arma e atirou-se porta afora, em direção à coluna de caldeira mais próxima.

Fora o Conselho, então, ou Twissell, no final das contas. Ele não temia nenhum deles, nem todos juntos.

Com cada dia passado do último e incrível mês, ele havia se tornado mais convencido de sua própria indispensabilidade. O Conselho, mesmo o próprio Conselho Geral, não teria escolha, senão chegar a um acordo quando se tratasse de trocar uma garota pela existência de todos da Eternidade.

11. CÍRCULO COMPLETO

Foi com vaga surpresa que o Técnico Andrew Harlan, ao irromper no século 575, encontrou-se no período da noite. A passagem das fisio-horas havia-se dado sem ser notada, durante suas correrias desenfreadas ao longo das colunas de caldeira. Fitou profundamente os corredores escuros, a evidência ocasional da força dizimada da noite em ação.

Mas na força contínua de sua raiva, Harlan não parou muito tempo para observar inutilmente. Voltou-se em direção aos aposentos pessoais. Encontraria o quarto de Twissell na Galeria dos Computadores como havia encontrado o de Finge, e, da mesma forma, tinha pouco medo de ser notado ou detido.

O chicote neurônico estava ainda firme contra seu cotovelo quando ele parou diante da porta de Twissell (a placa com o nome assegurava-lhe o fato em letras claras e em baixo-relevo).

Harlan ativou impetuosamente a campainha da porta no nível zumbidor. Provocou o contato com a palma úmida e deixou o som tornar-se contínuo. Ele o podia ouvir vagamente.

Um passo soou atrás dele e ele o ignorou, na certeza de que o homem, fosse quem fosse, ignorá-lo-ia. (Oh, remendo vermelho-encarnado de Técnico!)

Mas o som de passos cessou e uma voz disse: — Técnico Harlan?

Harlan voltou-se. Era um Computador Júnior, relativamente novo no Setor. Harlan enfureceu-se intimamente. Este não era o século 482. Aqui ele não era simplesmente um Técnico, era o Técnico de Twissell, e os jovens Computadores, na ansiedade de se agraciarem com o grande Twissell, ofereceriam ao seu Técnico uma civilidade mínima.

— Deseja ver o Computador Sênior Twissell? — disse o homem.

Harlan impacientou-se e respondeu: — Sim, senhor.

(Imbecil! Para que achava ele que alguém ficaria tocando a campainha da porta de um homem? Para apanhar um caldeira?)

— Temo que não possa — disse o Computador.

— Isso é suficientemente importante para acordá-lo — disse Harlan.

— Pode ser — disse o outro — mas ele está fora. Não está no século 575.

— Exatamente onde está ele, então? — perguntou Harlan impacientemente.

O olhar do Computador tornou-se arrogante. — Eu não saberia.

— Mas tenho um encontro importante logo pela manhã — disse Harlan.

— Você tem — respondeu o Computador, e Harlan estava muito

embaraçado para explicar seu próprio divertimento diante do pensamento.

O Computador continuou, já sorrindo agora: — Você está um pouco adiantado, não está?

— Mas preciso vê-lo.

— Estou certo de que ele estará aqui pela manhã — o sorriso se alargou.

— Mas…

O Computador passou por Harlan, evitando cuidadosamente qualquer contato, mesmo de roupas.

Os pulsos de Harlan cerraram-se e descerraram-se. Fitou desamparadamente o Computador e então, simplesmente porque nada mais havia a fazer, caminhou lentamente, e sem tomar completo conhecimento dos arredores, de volta ao seu próprio quarto, Harlan dormiu espasmodicamente. Disse consigo mesmo que precisava dormir. Tentou relaxar através de grande esforço e, naturalmente, fracassou. Seu período de sono foi uma sucessão de pensamento fútil.

Primeiro de tudo, havia Noys.

Não ousariam fazer mal a ela, pensou ele febrilmente. Não poderiam mandá-la de volta ao Tempo sem antes calcular o efeito na Realidade, e isso levaria dias, talvez semanas. Como alternativa, poderiam fazer a ela o que Finge ameaçara fazer a ele: colocá-la no caminho de um acidente insondável.

Ele não levou isso em consideração séria. Não havia necessidade de uma ação drástica tal como essa. Não arriscariam, por fazê-lo, o descontentamento de Harlan. (Na quietude de um dormitório escuro e naquela fase de semi-sonolência, onde as coisas muitas vezes ficavam estranhamente desproporcionais em pensamento, Harlan nada encontrou de grotesco em sua confiante opinião de que o Conselho Geral não se arriscaria a causar o desagrado de um Técnico.)

Naturalmente, havia ocupações para as quais uma mulher em cativeiro poderia ser aproveitada. Uma linda mulher de uma Realidade hedonística…

Resolutamente, Harlan expulsou o pensamento tantas vezes quanto ele retornou. Isso era ao mesmo tempo mais provável e mais inimaginável que a morte, e ele não desejava nenhum deles.

Ele pensou em Twissell.

O velho estava fora do século 575. Onde estaria ele durante horas em que deveria estar dormindo? Um velho precisa de seu sono. Harlan tinha certeza da resposta.

Havia conferências do Conselho em andamento. A respeito de Harlan. A respeito de Noys. A respeito do que fazer com um Técnico indispensável que não se ousava tocar.

Os lábios de Harlan repuxaram-se para trás. Se Finge relatasse o

assalto de Harlan daquela noite, isso não afetaria de forma alguma as suas considerações. Seus crimes pouco poderiam ser piorados por isso. Sua indispensabilidade certamente não seria diminuída.

E Harlan não estava, de maneira alguma, certo de que Finge o denunciaria. Admitir ter sido forçado a encolher-se de medo diante de um Técnico colocaria um Computador-Assistente numa posição ridícula, e Finge poderia preferir não fazê-lo.

Harlan pensou nos Técnicos como um grupo, o que havia feito raramente nos últimos tempos. Sua própria posição, de certa forma anormal, como homem de Twissell e como meio Educador, conservara-o demasiadamente distante de outros Técnicos. Mas os Técnicos precisavam de solidariedade, de qualquer forma. Qual seria a razão disso?

Tinha ele de passar pelos séculos 575 e 482 raramente vendo ou falando com outro Técnico? Tinham eles de evitar até mesmo um outro Técnico? Tinham eles de agir como se aceitassem o status para dentro do qual a superstição dos outros os forçava?

Em sua mente, ele já havia forçado a capitulação do Conselho no que dizia respeito a Noys e agora estava fazendo mais exigências. Os Técnicos teriam de ser considerados uma organização própria, com encontros regulares — mais amizade — melhor tratamento por parte dos outros.

Seu pensamento final em si mesmo era como um heróico revolucionário social, com Noys a seu lado, quando finalmente afundou num sono sem sonhos.

A campainha da porta acordou-o. Sussurrou-lhe com rouca impaciência. Coligiu seus pensamentos a ponto de ser capaz de olhar o pequeno relógio do lado de sua cama e suspirou por dentro.

Pai Tempo! Depois de tudo aquilo, havia dormido demais.

Ele conseguiu alcançar da cama o botão certo e o retângulo de visão da porta ficou transparente. Ele não reconheceu o rosto, mas este aparentava autoridade, fosse quem fosse.

Abriu a porta e o homem, usando o distintivo alaranjado da Administração, entrou.

— Técnico Andrew Harlan?

— Sim, Administrador? O senhor tem algo a tratar comigo?

O Administrador não pareceu de forma alguma incomodado pela agressividade da pergunta. — Você tem uma entrevista com o Computador Sênior Twissell? — perguntou ele.

— Bem?

— Estou aqui para informá-lo de que está atrasado. Harlan fitou-o. — Que negócio é esse? O senhor não é do 575, é?

— Minha estação é o século 222 — respondeu o outro friamente. — Assistente de Administração Arbut Lemm. Estou encarregado dos

arranjos e estou tentando evitar demasiada excitação, deixando de lado a notificação oficial através da Comunitela.

— Que arranjos? Que excitação? Que negócio é esse? Ouça, tive entrevistas com Twissell antes. Ele é meu superior. Não há excitação envolvida.

Um olhar de surpresa passou momentaneamente pela falta de expressão estudada que o Administrador até então tinha conservado no rosto. — Você não foi informado?

— Do quê?

— Ora, de que um subcomitê do Conselho Geral está presidindo sessão aqui no século 575. Este lugar, disseram-me, está animado com as notícias há horas.

— E eles querem ver-me?

Tão logo perguntou isso, Harlan pensou: É claro que querem ver-me. A respeito de que mais poderia ser a sessão, senão de mim.

E ele entendeu o divertimento do Computador Júnior na noite anterior, diante da porta de Twissell. O Computador sabia da reunião programada do comitê e divertiu-lhe pensar que um Técnico poderia possivelmente esperar ver Twissell uma hora como aquela. Bastante engraçado, pensou Harlan amargamente.

— Tenho minhas ordens — disse o Administrador. — Nada mais sei.

Então, ainda surpreso: — Você não ouviu nada a respeito?

— Os Técnicos — disse Harlan sarcasticamente — levam vidas camufladas.

Cinco, além de Twissell! Todos os Computadores Sêniores, nenhum deles com menos de trinta e cinco anos como Eterno.

Seis semanas antes, Harlan teria sido dominado pela honra de sentar-se à mesa com tal grupo, teria tido a língua atada pela combinação de responsabilidade e poder que eles representavam. Eles lhe teriam parecido possuir duas vezes o tamanho natural.

Mas agora eles eram seus antagonistas; pior ainda, juizes. Ele não tinha tempo de ficar impressionado. Precisava planejar sua estratégia.

Eles poderiam não saber de que ele estava consciente de que tinham Noys. Poderiam não saber, a menos que Finge lhes falasse de seu último encontro com Harlan. Na clara luz do dia, entretanto, ele estava mais que convencido de que Finge não era o tipo de homem para espalhar publicamente que havia sido intimidado e insultado por um Técnico.

Parecia aconselhável para Harlan, então, resguardar essa possível vantagem, por enquanto, e deixar que eles fizessem o primeiro movimento, que dissessem a primeira sentença que iniciaria o verdadeiro combate.

Eles não pareciam apressados. Fitaram-no placidamente por sobre

um almoço abstêmio como se ele fosse um espécime interessante, preso, de membros abertos contra um plano de força, por leves repulsores. Harlan olhou para trás em desespero.

Conhecia todos eles por reputação e reproduções tridimensionais nos filmes fisiomensais de orientação. Os filmes coordenavam os desenvolvimentos por todos os vários Setores da Eternidade e suas projeções eram requeridas por todos os Eternos com grau de Observador para cima.

August Sennor, o careca (nem mesmo sobrancelhas ou cílios), naturalmente atraiu mais a Harlan. Primeiro, porque a estranha aparência daqueles olhos escuros e fixos contra pálpebras e testa nuas era notadamente mais forte em pessoa do que sempre parecera em tridimensional. Segundo, porque estava inteirado de colisões passadas de pontos de vista entre Sennor e Twissell. Finalmente, porque Sennor não se limitava a observar Harlan. Lançava-lhe perguntas em voz clara.

Na maior parte, suas perguntas foram irrespondíveis, tais como: — Como é que você veio a interessar-se pela primeira vez em tempos Primitivos, jovem? Acha o estudo compensador, jovem?

Finalmente, ele pareceu acomodar-se em sua cadeira. Empurrou seu prato casualmente para a rampa de transporte e afivelou despreocupadamente os grossos dedos diante dele. (Harlan notou que não havia pelos nas costas das mãos.)

Há algo que eu sempre quis saber — disse Sennor, — Talvez você possa me ajudar.

Certamente, agora, é o momento, pensou Harlan.

Em voz alta ele disse: — Se eu puder, senhor.

— Alguns de nós, aqui na Eternidade — não direi todos, ou mesmo vários (e lançou um rápido olhar ao rosto cansado de Twissell, enquanto os outros se aproximavam para ouvir) mas alguns, de qualquer forma, estão interessados na filosofia do Tempo. Talvez você saiba o que quero dizer.

— Os paradoxos da viagem no Tempo, senhor?

— Bem, se quer referir-se a isso melodramaticamente, sim. Mas isto não é tudo, é claro. Há a questão da verdadeira natureza da Eternidade, a questão da conservação de energia em massa durante Mudanças de Realidade e assim por diante. Agora nós da Eternidade estamos influenciados em nossa consideração de tais coisas por sabermos os fatos da viagem no Tempo. Suas criaturas da era Primitiva, entretanto, nada sabiam a respeito. Quais eram os pontos de vista deles quanto ao assunto.

O sussurro de Twissell espalhou-se pela extensão da mesa. — Armadilha!

Mas Sennor ignorou aquilo. — Quer responder minha pergunta,

Técnico? — disse ele.

— Na verdade — disse Harlan — os Primitivos não pensaram na viagem no Tempo, Computador.

— Não a consideravam possível, hem?

— Creio que seja isso.

— Nem mesmo especulavam?

— Bem, quanto a isso — disse Harlan, incerto — creio que havia diversas especulações em alguns tipos de literatura escapista. Não estou bem informado a respeito, mas creio que um tema recorrente era aquele do homem que voltava no Tempo para matar seu próprio avô quando criança.

Sennor pareceu encantado. — Magnífico! Magnífico! Afinal, esta é pelo menos uma expressão do paradoxo básico da viagem no Tempo, se presumirmos uma Realidade indesviável, hem? Agora os seus Primitivos, aventuro-me a declarar, nunca presumiram nada senão uma Realidade indesviável. Estou certo?

Harlan esperou para responder. Ele não via o que visava a conversa ou quais eram os propósitos mais profundos de Sennor, e isso o enervava. — Não sei o suficiente para responder-lhe com certeza, senhor — disse ele. — Creio que possam ter havido especulação quanto a caminhos alternados de tempo ou planos de existência. Não sei.

Sennor empurrou para fora o lábio inferior. — Estou certo de que você se engana. Você pode ter sido iludido por ler seu próprio conhecimento em várias ambigüidades por que pode ter passado. Não, sem verdadeira experiência de viagem no Tempo, as complexidades filosóficas da Realidade estariam totalmente além da mente humana.

Por exemplo: por que a Realidade possui inércia? Todos nós sabemos que possui. Qualquer alteração em seu fluxo deve alcançar uma certa dimensão, antes que uma Mudança, uma verdadeira Mudança, seja efetuada. Mesmo então, a Realidade tem uma tendência a fluir de volta à sua posição original.

— Por exemplo, suponha uma Mudança aqui no século 575. A Realidade mudará, com efeitos crescentes talvez até o século 600. Este mudaria, mas com efeitos continuamente menores até talvez o século 650. Depois disso, a Realidade não será mudada. Todos nós sabemos que é assim, mas algum de nós sabe por que é assim? O raciocínio intuitivo sugeriria que qualquer Mudança de Realidade aumentaria seus efeitos sem limite, à medida que os séculos passassem; contudo, não é assim.

— Tomemos outro ponto. O Técnico Harlan, conforme me foi dito, é excelente em escolher exatamente a Mínima Mudança Requerida para qualquer situação. Aposto como ele não consegue explicar como se decide quanto às suas próprias escolhas.

— Imaginem quão indefesos os Primitivos devem ser. Preocupam-se com um homem que mata o próprio avô porque não entendeu a verdade sobre a Realidade. Tomemos um caso mais provável e mais facilmente analisado e consideremos o homem que em suas viagens através do Tempo encontra consigo mesmo…

— Que é que tem o homem que encontra consigo mesmo? — interveio Harlan estridentemente.

O fato de Harlan ter interrompido um Computador era, em si, uma falta de polidez. Seu tom de voz piorou a falta, tornando-a de alcance escandaloso, e todos os olhos fixaram-se no Técnico de modo repreensivo.

Sennor agitou-se, mas falou no tom forçado de alguém determinado a ser polido apesar das dificuldades quase insuperáveis. Continuando sua sentença quebrada e assim evitando a aparência de responder diretamente à pergunta descortês que lhe fora dirigida, ele disse:

— E as quatro subdivisões na qual tal ato pode cair. Chamamos de A o homem anterior em fisiotempo, e o posterior, de B.

Subdivisão um: A e B podem não ver um ao outro, ou fazer qualquer coisa que afete significantemente um ao outro. Neste caso, eles não se encontraram realmente, e podemos rejeitar esse caso como trivial.

— Ou B, o indivíduo posterior, pode ver A enquanto A não vê B. Aqui, também, não se precisa esperar por conseqüências sérias. B, vendo A, vê-o numa posição e empenhado numa atividade da qual já tem conhecimento. Não há nada de novo envolvido.

— As possibilidades três e quatro são que A vê B enquanto B não vê A, e que A e B vêem-se um ao outro. Em cada possibilidade, o ponto sério é que A viu B; o homem, num estágio anterior de sua existência fisiológica, vê a si mesmo num estágio posterior. Observem que ele percebeu que estará vivo na idade aparente de B. Sabe que viverá o tempo suficiente para desempenhar a ação que presenciou. Agora, um homem, sabendo seu futuro em seu pormenores, pode influenciar esse conhecimento e conseqüentemente mudar seu futuro. Segue-se que a Realidade deve ser mudada a ponto de não permitir que A e B se encontrem ou, no mínimo, de evitar que A veja B. Então, desde que nada pode ser detectado numa Realidade tornada não-Real, A nunca encontrou-se com B. Similarmente, em todos os aparentes paradoxos da viagem no Tempo, a Realidade sempre muda para evitar o paradoxo, e chegamos à conclusão de que não há paradoxos na viagem no Tempo e que não pode haver nenhum.

Sennor parecia bem satisfeito consigo mesmo e com sua exposição, mas Twissell levantou-se.

— Creio, cavalheiros — disse Twissell — que o tempo urge.

Muito mais subitamente do que Harlan teria imaginado, o almoço estava terminado. Cinco dos membros do subcomitê retiraram-se em fila, acenando-lhe com a cabeça, com o ar daqueles cuja curiosidade, branda, no melhor dos casos, havia sido satisfeita. Somente Sennor estendeu a mão e acrescentou ao aceno um áspero — bom dia, jovem.

Com sentimentos mistos, Harlan observou-os sair. Qual teria sido o propósito do almoço? Mais que tudo, por que a referência aos homens se encontrando? Eles não haviam feito menção a Noys. Teriam eles estado ali, então, apenas para estudá-lo? Examiná-lo da cabeça aos pés e deixá-lo para o jugo de Twissell?

Twissell retornou à mesa, agora sem alimentos e talheres. Ele estava sozinho com Harlan agora e, como se para simbolizá-lo, brandia novo cigarro entre os dedos.

— E agora ao trabalho, Harlan — disse ele. — Temos um bocado a fazer.

Mas Harlan não podia, não esperaria mais. — Antes de fazermos qualquer coisa — disse ele de modo categórico — tenho algo a dizer.

Twissell pareceu surpreso. A pele de seu rosto contraiuse em torno dos olhos sumidos, e ele bateu a cinza do cigarro pensativamente.

— Sem dúvida, fale, se quiser — disse ele — mas primeiro sente-se, sente-se, rapaz.

O Técnico Andrew Harlan não se sentou. Andou para lá e para cá ao lado da mesa, mastigando suas sentenças para não deixá-las esquentar e efervescer em incoerência.

A cabeça em forma de maçã amadurecida do Computador Sênior Laban Twissell virava para trás e para a frente, à medida que ele seguia os passos nervosos do outro.

— Durante semanas estive vendo filmes sobre a história da matemática — disse Harlan. — Livros de diversas Realidades do século 575. As Realidades não importam muito.

A matemática não muda. A ordem de seu desenvolvimento não muda também. Não importa quanto a Realidade se altere; a história da matemática continua quase a mesma. Os matemáticos mudaram; matemáticos diferentes fizeram descobertas, mas os resultados finais… De qualquer forma, consegui com esforço entender um bocado a respeito. O que lhe parece isso?

Twissell franziu os sobrolhos e disse: — Uma ocupação estranha para um Técnico.

— Mas não sou apenas um Técnico — disse Harlan.

— O senhor sabe disso.

— Continue — disse Twissell, fitando o relógio que usava. Os dedos que seguravam o cigarro brandiam-no com nervosismo incomum.

— Houve um homem chamado Vikkor Mallansohn que viveu no século 24 — disse Harlan. — Este século faz parte da época primitiva, o senhor sabe. A coisa pela qual ele é mais conhecido é o fato de que foi o primeiro a construir com êxito um Campo Temporal. Isso significa, naturalmente, que ele inventou a Eternidade, desde que esta é somente um tremendo Campo Temporal em curto-circuito com o Tempo comum e livre das limitações do mesmo.

— Foi-lhe ensinado isso quando Aprendiz, rapaz.

— Mas não me foi ensinado que Vikkor Mallansohn poderia não ter inventado o Campo Temporal no século 24. Nem ninguém mais poderia. Suas bases matemáticas não existiam.

As equações fundamentais de Lefebvre não existiam; nem poderiam ter existido antes das pesquisas de Jan Verdeer, no século 27.

Se havia algum sinal pelo qual o Computador Sênior Twissell pudesse demonstrar completo assombro, era o de soltar o cigarro. Ele o soltou então. Até mesmo seu sorriso se foi.

— Foram-lhe ensinadas as equações de Lefebvre, rapaz? — perguntou ele.

— Não. E não digo que as entendo. Mas elas são necessárias para o Campo Temporal. Isso eu aprendi. E não foram descobertas até o século 27. Sei disso, também.

Twissell inclinou-se para apanhar seu cigarro e fitou-o indeciso. — E daí se Mallansohn tivesse descoberto por acaso o Campo Temporal sem estar consciente da justificação matemática? E daí se fosse simplesmente uma descoberta empírica? Têm havido muitas iguais.

— Pensei nisso. Mas depois que o Campo foi inventado, levou-se três séculos para elaborar suas implicações e, findo esse prazo, não houve sequer uma maneira pela qual o Campo de Mallansohn pudesse ser aperfeiçoado. Isso não poderia ser coincidência. Por centenas de maneiras, o projeto de Mallansohn mostrou que ele deve ter usado as equações de Lefebvre. Se ele as conhecesse ou as tivesse desenvolvido sem o trabalho de Verdeer, o que é impossível, por que ele não o teria dito?

— Você insiste em falar como um matemático — disse Twissell. — Quem lhe contou tudo isso?

— Estive vendo filmes.

— Nada mais?

— E pensando.

— Sem treinamento matemático avançado? Eu o estive observando cuidadosamente durante anos, rapaz, e não teria adivinhado esse seu talento particular. Continue.

— A Eternidade nunca poderia ter sido estabelecida sem a

descoberta do Campo Temporal por Mallansohn. Mallansohn nunca poderia tê-lo concluído sem um conhecimento de matemática que existia somente em seu futuro. Este é o número um. Entrementes, aqui na Eternidade, neste momento, há um Aprendiz que foi escolhido como Eterno contra todas as regras, desde que era idoso demais e, além disso, casado. O senhor o está educando em matemática e em sociologia Primitiva.

Este é o número dois.

— Bem?

— Digo que é sua intenção mandá-lo de volta ao Tempo de alguma forma, além do término da escala descendente da Eternidade, de volta ao século 24. Sua intenção é que o aprendiz, Cooper, ensine as equações de Lefebvre a Mallansohn. O senhor vê, então — acrescentou Harlan com tensa excitação — que minha posição como perito no Primitivo e meu conhecimento dessa posição dão-me o direito de tratamento especial. Tratamento muito especial.

— Pai Tempo! — murmurou Twissell.

— É verdade, não é? Chegamos a um círculo completo, com minha ajuda. Sem ela… — ele deixou a frase no ar.

— Você chegou bem perto da verdade — disse Twissell. — Contudo eu poderia jurar que nada havia para indicar… — ele caiu num pensamento profundo, do qual nem Harlan nem o mundo exterior pareciam tomar parte.

— Somente perto da verdade? — disse Harlan rapidamente. — Esta é a verdade.

Ele não poderia dizer por que estava tão certo do conteúdo do que disse, mesmo deixando-se totalmente à parte o fato de que ele queria desesperadamente que assim fosse.

— Não, não — disse Twissell — não exatamente a verdade. O Aprendiz, Cooper, não vai voltar ao século 24 para ensinar coisa alguma a Mallansohn.

— Não acredito no senhor.

— Mas deve acreditar. Você deve enxergar a importância disso. Quero sua cooperação para o que resta do projeto. Veja, Harlan, a situação é mais círculo completo do que você imagina. Muito mais, rapaz. O Aprendiz Brinel d'água d'águaey Sheridan Cooper é Vikkor Mallansohn!

12. O COMEÇO DA ETERNIDADE

Harlan não teria imaginado que Twissell pudesse ter dito qualquer coisa, naquele momento, que o surpreendesse. Estava enganado.

— Mallansohn. Ele… — disse ele.

Twissell, tendo fumado seu cigarro até a ponta, exibiu outro e disse: — Sim, Mallansohn. Quer um rápido resumo da vida de Mallansohn? Aqui está. Ele nasceu no século 78, passou algum tempo na Eternidade e morreu no século 24.

A mão pequena de Twissell colocou-se suavemente no ombro de Harlan e seu rosto gnômico quebrou-se na extensão enrugada de seu sorriso costumeiro. — Mas vamos, rapaz, o fisiotempo passa até mesmo para nós e hoje não somos completamente senhores de nós mesmos. Quer vir comigo até meu escritório?

Ele foi na frente e Harlan o seguiu, não inteiramente consciente das portas que se abriam e das rampas que se moviam.

Ele estava relacionando a nova informação ao seu próprio problema e plano de ação. com a passagem do primeiro momento de desorientação, sua resolução retornou. Afinal de contas, como é que isso mudava as coisas, senão para tornar sua própria importância para a Eternidade ainda mais crucial, suas exigências mais certas de serem satisfeitas. Noys com mais certeza de voltar para ele?

Noys!

Pai Tempo, eles não devem fazer mal a ela! Ela parecia a única parte real de sua vida. Toda a Eternidade ao lado era somente uma tênue fantasia, e não uma que valesse a pena, também.

Quando se encontrou no escritório do Computador Twissell, não conseguiu lembrar-se claramente de como se dera a sua passagem da sala de jantar para ali. Embora olhasse em volta e tentasse fazer o escritório parecer real por força bruta da massa de seus conteúdos, ele ainda parecia uma outra parte de um sonho que tinha conservado sua utilidade.

O escritório de Twissell era uma sala limpa e comprida de assepsia de porcelana. Uma parede do escritório era abarrotada, do chão ao teto e de parede a distante parede, de micro-unidades que, juntas, formavam o Computaplex da Eternidade mais particularmente operado e, na verdade, um dos maiores de todos. A parede oposta, cheia de filmes de referência. Entre as duas, o que restava da sala era um pouco mais que um corredor, interrompido por uma escrivaninha, duas cadeiras, equipamento de gravação e projeção e por um objeto incomum, com cuja aparência Harlan não estava familiarizado e que não revelou sua utilidade até que Twissell depositou nele os restos do

cigarro.

O cigarro faiscou silenciosamente e Twissell, em seu modo usual de prestidigitação, fez aparecer outro na mão.

Ao assunto, agora, pensou Harlan.

De maneira um pouquinho estridente demais, um pouco truculenta, ele começou: — Há uma garota no século 482…

Twissell franziu as sobrancelhas e agitou a mão rapidamente, como se colocando de lado impacientemente um assunto desagradável. — Eu sei, eu sei. Ela não será perturbada, nem você. Tudo estará bem. Cuidarei para que esteja.

— O senhor quer dizer…

— Digo-lhe que sei da estória. Se o assunto o tem preocupado, não mais precisa preocupá-lo.

Harlan fitou o outro homem, estupefato. Embora houvesse pensado concentradamente na imensidade de seu poder, não tinha esperado tão clara demonstração.

Mas Twissell falava outra vez.

— Deixe-me contar-lhe uma estória — começou ele, quase com o tom que teria usado ao dirigir-se a um Aprendiz recentemente empossado. — Eu não havia pensado que isso seria necessário, e talvez ainda não seja, mas suas pesquisas e compreensão merecem-no.

Ele fitou Harlan estranhamente e disse: — Sabe, ainda não consigo acreditar completamente que você elaborou tudo isso por conta própria — e então continuou:

— A maioria dos homens da Eternidade sabem como Vikkor Mallansohn deixou para a posteridade a história de sua vida, após sua morte. Não era bem um diário, nem bem uma biografia. Era mais um guia, deixado para os Eternos que ele sabia que algum dia existiriam. Ele foi encerrado num volume de estase do Tempo que somente poderia ser aberto pelos Computadores da Eternidade e que permaneceu lacrado durante três séculos após sua morte, até que a Eternidade foi estabelecida e o Computador Sênior Henry Wadsman, o primeiro dos grandes Eternos, o abriu.

Desde então o documento tem sido passado adiante na mais estrita segurança, por uma série de Computadores Sêniores, terminando comigo mesmo. Referem-se a ele como sendo a autobiografia de Mallansohn.

— A autobiografia conta a estória de um homem chamado Brinel d'água d'águaey Sheridan Cooper, nascido no século 78, nomeado Aprendiz na Eternidade com a idade de vinte e três anos, tendo sido casado durante pouco mais de um ano, mas não tendo filhos até então.

— Tendo entrado na Eternidade, Cooper aprendeu matemática com um Computador chamado Laban Twissell, e sociologia Primitiva, com um Técnico chamado Andrew Harlan.

Após uma instrução básica completa em ambas as disciplinas e em matéria tais como engenharia temporal, também, ele foi mandado de volta ao século 24 para ensinar certas técnicas necessárias a um cientista Primitivo chamado Vikkor Mallansohn.

— Uma vez tendo alcançado o século 24, ele iniciou primeiramente um lento processo para ajustar-se à sociedade. Nisso ele tirou grande proveito do treinamento do Técnico Harlan e do conselho detalhado do Computador Twissell, que parecia ter uma fantástica visão dos problemas que ele iria enfrentar.

— Passados dois anos, Cooper localizou um Vikkor Mallansohn, um eremita excêntrico nas regiões florestais da Califórnia, sem parentesco e sem amigos, mas dotado de mente intrépida e não-convencional. Cooper fez amizade lentamente, aclimatou o homem ao pensamento de ter encontrado um viajante do futuro ainda mais lentamente e começou a ensinar ao homem a matemática que ele devia saber. — com a passagem do tempo, Cooper adotou os hábitos do outro, aprendeu a se defender com a ajuda de um grosseiro gerador elétrico à base de óleo Diesel e com a instalação de dispositivos elétricos, que os livravam da dependência de irradiações de energia.

— Mas o progresso era lento, e Cooper achou-se algo menos do que um professor admirável. Mallansohn tornouse moroso e não-cooperativo, e então um dia morreu, subitamente, ao cair numa garganta da região agreste e montanhosa em que viviam. Cooper, após semanas de desespero, com a ruína da obra de toda a sua vida e talvez de toda a Eternidade diante de si, decidiu fazer uma tentativa desesperada. Não comunicou a morte de Mallansohn. Ao invés, passou a construir lentamente, com os materiais à mão, um Campo Temporal.

— Os pormenores não importam. Ele conseguiu êxito após muito trabalho penoso e improvisação e levou o gerador ao Instituto de Tecnologia da Califórnia, exatamente como esperara que o verdadeiro Mallansohn fizesse, anos antes.

— Você conhece a história por seus próprios estudos. Você sabe dos descréditos e recusas que ele enfrentou a princípio, seu período sob observação, sua fuga e a quase perda de seu gerador, da ajuda que ele recebeu do homem do restaurante, cujo nome ele nunca soube, mas que é hoje um dos heróis da Eternidade, e da demonstração final, pelo Professor Zimbalist, na qual um rato branco moveu-se para trás e para diante no Tempo. Não o aborrecerei com nada disso.

— Cooper usou o nome de Vikkor Mallansohn em tudo porque isso lhe dava uma cobertura e tornava-o um produto autêntico do século 24. O corpo do verdadeiro Mallansohn nunca foi encontrado.

— O restante de sua vida ele dedicou ao seu gerador e ajudou os cientistas do Instituto a duplicá-lo. Não ousou fazer mais que isso. Não podia ensinar a eles as equações de Lefebvre, sem esboçar três séculos

de desenvolvimento matemático que estavam por vir. Ele não podia, não ousou aludir à sua verdadeira origem.

Não ousou fazer mais do que o verdadeiro Vikkor Mallansohn teria feito, de acordo com seu conhecimento.

— Os homens que trabalharam com ele ficaram frustrados por encontrar um homem que podia sair-se tão brilhantemente e contudo ser incapaz de explicar os porquês de seu desempenho. E ele próprio ficou frustrado também, porque previu, sem ser de forma alguma capaz de apressar, a obra que levaria, passo a passo, às clássicas experiências de Jan Verdeer, e como a partir dela o grande Antoine Lefebvre elaboraria as equações básicas da Realidade. E como, depois disso, a Eternidade seria construída.

— Foi somente quase no fim de sua longa vida que Cooper, fitando o pôr do sol no Pacífico (ele descreve a cena com algumas minúcias em suas memórias), chegou à grande conclusão de que ele era Vikkor Mallansohn; de que não era um substituto, mas o próprio homem. O nome poderia não ser seu, mas o homem que a história chamava de Mallansohn era realmente Brinel d'água d'águaey Sheridan Cooper.

— Animado com a idéia e com tudo que ela envolvia, ansioso para que o processo de estabelecer a Eternidade fosse de alguma forma apressado, aperfeiçoado e tornado mais seguro, ele escreveu sua autobiografia e colocou-a num cubo de estase no Tempo na sala de estar de sua casa.

— E assim o círculo se fechou. As intenções de CooperMallansohn ao escrever a autobiografia foram naturalmente desconsideradas. Cooper deve passar sua vida exatamente como passou. A Realidade Primitiva não permite mudanças. Neste momento em fisiotempo, o Cooper que você conhece está inconsciente do que está à frente dele. Ele crê que vai somente instruir Mallansohn e retornar. Ele continuará a pensar assim até que os anos lhe ensinem o contrário e ele se sente para escrever suas memórias.

— A finalidade do círculo no Tempo é estabelecer o conhecimento da viagem no Tempo e a natureza da Realidade, construir a Eternidade antes de seu Tempo natural.

Por si mesma, a humanidade não teria descoberto a verdade sobre o Tempo, antes que seus avanços tecnológicos em outras direções houvessem tornado o suicídio racial inevitável.

Harlan ouviu com atenção, apanhado na visão de um imenso círculo no Tempo, fechado sobre si mesmo e atravessando a Eternidade em parte de seu curso. Ele chegou tão perto de esquecer Noys, no momento, quanto já conseguira.

— Então o senhor sempre soube tudo que o senhor ia fazer, tudo que eu ia fazer, tudo que fiz? — perguntou ele.

Twissell, que parecia perdido na narração da estória, olhando através de uma névoa azulada de fumaça de cigarro, voltou lentamente à vida. Seus olhos velhos e sábios fixaram-se em Harlan e ele disse de modo repreensivo: — Não, é claro que não. Houve um lapso de décadas de fisiotempo entre a permanência de Cooper na Eternidade e o momento em que ele escreveu sua autobiografia. Ele podia lembrar-se somente do equivalente, e somente do que ele mesmo havia presenciado. Você deve perceber isso.

Twissell suspirou e passou um dedo torcido por uma linha de fumaça que subia, quebrando-a em pequenos espirais turbulentos. — Isso se desenvolveu. Primeiro, fui encontrado e trazido à Eternidade. Quando, na plenitude do fisiotempo, tornei-me Computador Sênior, foi-me dada a autobiografia e fui colocado a cargo. Fui descrito como estando a cargo, portanto fui colocado a cargo. Novamente na plenitude do fisiotempo, você apareceu numa mudança de Realidade (havíamos observado cuidadosamente os seus análogos anteriores), e então Cooper.

— Acrescentei os pormenores usando meu senso comum e os serviços do Computaplex. Quão cuidadosamente, por exemplo, instruímos o Educador Yarrow em sua parte, sem revelar nada da verdade significante. Quão cuidadosamente, por sua vez, ele estimulou seu interesse pelo Primitivo.

— Quanto cuidado tivemos para evitar que Cooper descobrisse qualquer coisa que não provou ter aprendido por referência na autobiografia.

Twissell sorriu de modo abatido.

— Sennor diverte-se com assuntos tais como este. Ele chama isso de reversão de causa e efeito. Conhecendo-se o efeito, determina-se a causa. Felizmente não sou o tecedor de teias que Sennor é.

— Fiquei satisfeito, rapaz, por sabê-lo tão excelente Observador e Técnico. A autobiografia não havia mencionado isso, pois Cooper não teve oportunidade de observar seu trabalho ou avaliá-lo. Isso me agradou. Eu poderia ter usado você numa tarefa mais comum que teria tornado a essencial menos notável. Mesmo sua recente permanência com o Computador Finge se encaixou. Cooper mencionou um período de sua ausência durante o qual seus estudos de matemática ficaram tão difíceis que ele desejou o seu retorno. Certa vez, contudo, você me alarmou.

— O senhor quer dizer a vez em que levei Cooper pelas colunas de caldeira — disse Harlan rapidamente.

— Como adivinhou? — perguntou Twissell.

— Foi a única vez em que o senhor ficou realmente zangado comigo. Agora suponho que aquilo foi contra alguma coisa das memórias de Mallansohn.

— Não exatamente. Apenas que as memórias não falavam das caldeiras. Pareceu-me que o fato de ter evitado mencionar um aspecto tão saliente da Eternidade significava que ele tinha pouca experiência com ela. Era minha intenção, portanto, conservá-lo longe das caldeiras tanto quanto possível. O fato de você o ter levado para o futuro numa delas inquietou-me bastante, mas nada aconteceu depois disso. As coisas continuaram como deviam, portanto tudo está bem.

O velho Computador esfregou uma mão lentamente sobre a outra, fitando o jovem Técnico com um olhar composto de surpresa e curiosidade. — E todo o tempo você estava supondo isso. Isto simplesmente me assombra. Eu teria jurado que mesmo um Computador completamente treinado não poderia ter feito as deduções corretas, dado somente as informações que você deu. É fantástico que um Técnico o faça — ele se inclinou para a frente e bateu de leve no joelho de Harlan. — As memórias de Mallansohn nada dizem sobre sua vida após a partida de Cooper, naturalmente.

— Entendo, senhor — disse Harlan.

— Estaremos livres, então, num modo de falar, para fazer com ela o que quisermos. Você mostra um surpreendente talento que não deve ser desperdiçado.

Acho que você está destinado a ser algo mais que um Técnico. Nada prometo agora, mas presumo que você compreende que a posição de Computador é uma possibilidade distinta.

Foi fácil para Harlan conservar seu rosto sombrio sem expressão. Para isso tivera anos de prática.

Um suborno adicional, pensou ele.

Mas nada deve ser deixado para conjectura. Suas conclusões, superficiais e não-confirmadas no início, às quais ele chegou por uma singularidade de compreensão no decurso de uma noite muito incomum e estimulante, haviam-se tornado razoáveis como o resultado de pesquisa de biblioteca dirigida. Elas haviam se tornado certeza, agora que Twissell lhe havia contado a estória. Contudo, pelo menos em um aspecto houvera uma divergência. Cooper era Mallansohn.

Aquilo tinha simplesmente melhorado a sua posição, mas, estando errado num ponto, poderiam estar também em outro. Não devia deixar nada ao acaso, então. Tire a dúvida!

Certifique-se!

— A responsabilidade é grande para mim, também, agora que conheço a verdade — disse ele moderadamente, quase casualmente.

— Sim, realmente?

— Quão frágil é a situação? Suponha que algo inesperado estivesse para acontecer e eu tivesse de falhar um dia quando devia ter estado ensinando a Cooper algo vital.

— Não o entendo.

(Era imaginação de Harlan ou uma centelha de alarme havia aparecido naqueles olhos velhos e cansados?)

— Quero dizer, o círculo pode romper-se? Deixe-me colocar as coisas deste modo. Se um golpe inesperado na cabeça coloca-me fora de ação numa hora em que as memórias afirmam claramente que estou bem e ativo, o esquema todo é rompido? Ou suponha que por alguma razão eu decida deliberadamehte não seguir a autobiografia.

E daí?

— Mas quem colocou tudo isso na sua cabeça?

— Parece um pensamento lógico. Parece-me que por uma ação descuidada ou intencional, eu poderia quebrar o círculo; e daí, então? Destruir a Eternidade? Parece que sim. Se for assim — acrescentou Harlan calmamente — deviam dizer-me que devo tomar cuidado para não fazer nada inconveniente. Embora eu imagine que seria necessário uma circunstância bem incomum para conduzir-me a tal coisa.

Twissell riu, mas a risada soou falsa e vazia no ouvido de Harlan. — Isto tudo é puramente acadêmico, meu rapaz. Nada disso acontecerá, já que não aconteceu. O círculo completo não se quebrará.

— Poderia — disse Harlan. — A garota do século 482…

— Está em segurança — disse Twissell. Ele se levantou, impaciente. — Não há fim para este tipo de conversa e tenho o suficiente de lógica inconstante proveniente do resto do subcomitê encarregado do projeto. Entrementes, tenho ainda de dizer-lhe para que o chamei aqui a princípio, e o fisiotempo ainda está passando. Quer vir comigo?

Harlan estava satisfeito. A situação estava clara e sua força, indiscutível. Twissell sabia que Harlan poderia dizer, à vontade: “Nada mais terei a ver com Cooper”.

Twissell sabia que Harlan poderia destruir a Eternidade a qualquer momento, dando a Cooper informação significativa em relação à autobiografia.

Harlan sabia o suficiente para ter feito isso no dia anterior. Twissell pensara dominá-lo com o conhecimento da importância de sua tarefa, mas se o Computador havia pensado em forçá-lo a seguir aquele caminho, estava enganado.

Harlan havia deixado bem clara a sua ameaça com respeito à segurança de Noys, e a expressão de Twissell, quando havia vociferado “Está em segurança” mostrara que ele compreendia a natureza da ameaça.

Harlan levantou-se e seguiu Twissell.

Harlan nunca tinha entrado na sala que então entraram. Ela era grande e parecia que as paredes haviam sido derrubadas para o bem dela. Tinham entrado nela por um corredor estreito que estivera

bloqueado por uma cortina de força que não desceu antes de uma pausa suficiente para o rosto de Twissell ser inteiramente esquadrinhado por mecanismo automático.

A parte mais larga da sala era ocupada por uma esfera que chegava quase até o teto. Uma porta foi aberta, mostrando pequenos degraus que levavam a uma plataforma bem iluminada dentro dela.

Soaram vozes de dentro e, exatamente quando Harlan olhou, apareceram pernas na abertura e desceram os degraus. Um homem surgiu e outro par de pernas apareceu atrás dele. Era Sennor, do Conselho Geral, e atrás dele estava outro do grupo que estivera à mesa de almoço.

Twissell não pareceu satisfeito com isso. Sua voz, contudo, soou contida. — O subcomitê ainda está aqui?

— Só nós dois — respondeu Sennor casualmente — Rice e eu. Um lindo instrumento temos aqui. Tem o nível de complexidade de uma espaçonave.

Rice era um homem barrigudo, com o olhar perplexo de quem está acostumado a estar com a razão, embora encontre-se inexplicavelmente no lado perdido de uma discussão.

Ele coçou seu nariz inchado e disse. — A mente de Sennor tem estado absorvida por viagens espaciais, ultimamente.

A cabeça calva de Sennor brilhou na luz. — É um ponto claro, Twissell — disse ele. — Vou expô-lo para você. A viagem espacial é um fator positivo ou negativo no cálculo da Realidade?

— A pergunta é insignificante — disse Twissell impacientemente. — Que tipo de viagem espacial, em que sociedade e sob quais circunstâncias?

— Oh, vamos. Certamente há algo a ser dito referindo-se à viagem espacial teoricamente.

— Apenas que é autolimitadora, que ela se consome e desaparece.

— Então ela é inútil — disse Sennor com satisfação — e conseqüentemente é um fator negativo. Inteiramente o meu ponto de vista.

— Se quer saber — disse Twissell — Cooper logo estará aqui. Precisaremos ter a sala desimpedida.

— Sem dúvida.

Sennor enganchou o braço no de Rice e conduziu-o para fora. Sua voz declarou claramente quando saíram: — Periodicamente, meu caro Rice, todo o esforço mental da humanidade é concentrado em viagem espacial, que é condenada a um fim frustrado pela natureza das coisas. Eu lhe explicaria os fundamentos se não soubesse que isso é óbvio para você. com as mentes concentradas no espaço, há negligência no desenvolvimento adequado das coisas terrestres. Agora estou preparando uma tese para submeter à apreciação do Conselho,

recomendando que as Realidades sejam mudadas para se eliminar todas as eras de viagem espacial como um fato natural.

A voz penetrante de Rice ressoou. — Mas você não pode ser tão drástico. A viagem espacial é uma válvula de segurança valiosa, em algumas civilizações. Veja a Realidade 54 do século 290, por exemplo, da qual me lembrei por acaso. Agora aí…

As vozes interromperam-se e Twissell disse: — Um homem estranho, Sennor. Intelectualmente, ele vale o dobro de qualquer um de nós, mas seu valor se perde em entusiasmos passageiros.

— O senhor supõe que ele possa estar com a razão? — disse Harlan. — Quanto a viagens espaciais, quero dizer.

— Duvido. Teríamos uma melhor oportunidade de julgar, se Sennor realmente submetesse ao Conselho a tese que mencionou. Mas ele não o fará. Terá um novo entusiasmo antes que tenha terminado e deixado o velho. Mas não importa… — ele bateu a palma da mão na esfera, de maneira que ela produziu um ruído ressonante, e então puxou a mão de volta de modo a poder remover um cigarro da boca. — Consegue adivinhar o que é isso, Técnico?

— Isso parece uma caldeira descomunal com uma tampa — disse Harlan.

— Exatamente. Você está certo. Adivinhou. Entre.

Harlan seguiu Twissell para dentro da esfera. Era suficientemente grande para comportar quatro ou cinco homens, mas o interior era absolutamente inexpressivo. O chão era plano, e as paredes curvas eram interrompidas por duas janelas. Isto era tudo.

— Nada de controles? — perguntou Harlan.

— Controle remoto — respondeu Twissell. Ele passou a mão na parede lisa e disse: — Paredes duplas. Todo o volume entre as paredes é preenchido por um Campo Temporal autocontido. Este instrumento é uma caldeira que não está limitada às colunas de caldeira, mas que pode passar além do término da escala descendente da Eternidade.

Seu desenho e construção tornou-se possível por sugestões valiosas nas memórias de Mallansohn. Venha comigo.

A sala de controle era um canto isolado da grande sala. Harlan entrou e fitou sombriamente imensas barras coletivas.

— Pode ouvir-me rapaz? — disse Twissell.

Harlan sobressaltou-se e olhou em volta. Não havia notado que Twissell ficara para fora. Caminhou automaticamente até a janela e Twissell acenou para ele. — Posso ouvi-lo, senhor — respondeu Harlan. — Quer que eu saia?

— De forma alguma. Você está preso.

Harlan saltou para a porta, e seu estômago revirou-se numa série de nós frios e úmidos. Twissell tinha razão, e o que no Tempo estava acontecendo?

— Você ficará aliviado por saber, rapaz — disse Twissell — que sua responsabilidade acabou. Você estava preocupado por causa da responsabilidade; você fez perguntas perscrutadoras a respeito; e acho que sei o que você queria dizer. Isso não devia ser de sua responsabilidade. É só minha. Infelizmente, devemos deixar você na sala de controles, desde que está escrito que você estava aí e manejou os controles. Isto está registrado nas memórias de Mallansohn. Cooper vê-lo-á pela janela e cuidará disso.

— Além disso, pedir-lhe-ei para fazer o contato final de acordo com instruções que lhe darei. Se você acha que isso também é uma responsabilidade muito grande, pode ficar descansado. Outro contato paralelo ao seu está a cargo de outro homem. Se, por qualquer razão, você for incapaz de operar o contato, ele o fará.

Além disso, interromperei a transmissão de rádio de dentro da sala de controle. Você poderá ouvir-nos, mas não poderá falar conosco. Não precisa temer, conseqüentemente, que alguma exclamação involuntária de sua parte quebre o círculo.

Harlan olhou para fora em desamparo.

Twissell continuou. — Cooper estará aqui dentro de momentos e sua viagem ao Primitivo terá lugar dentro de duas fisio-horas. Depois disso, rapaz, o projeto estará concluído e você e eu estaremos livres.

Harlan estava mergulhando chocadamente no vórtice de um pesadelo vigilante. Twissell o teria enganado? Tudo que ele havia feito teria sido destinado somente a colocar Harlan calmamente numa sala de controle trancada? Tendo descoberto que Harlan conhecia sua própria importância, teria ele improvisado com inteligência diabólica, conservando-o absorvido em conversa, entorpecendo suas emoções com palavras, levando-o para cá, levando-o para lá, até que fosse o momento oportuno de prendê-lo?

Aquela rendição rápida e fácil quanto a Noys. Não farão mal a ela, havia dito Twissell. Tudo estará bem.

Como pôde acreditar nisso! Se não iam fazer mal a ela ou tocá-la, por que a barreira temporal nas colunas de caldeira do século 100.000? Isso somente deveria ter traído Twissell por completo.

Mas porque ele (idiota!) quis acreditar, deixou-se conduzir às cegas durante aquelas últimas fisio-horas, ser colocado numa sala trancada, onde ele não mais era necessário, nem mesmo para operar o contato final.

De um só golpe havia sido despojado de sua essencialidade. As cartas de sua mão haviam sido habilmente transformadas em derrota, e Noys estava fora de seu alcance para sempre. Não lhe importava que punição o poderia estar esperando. Noys estava fora de seu alcance para sempre.

Nunca lhe ocorrera que o projeto estivesse tão próximo do fim.

Isso, naturalmente, era o que realmente havia tornado possível a sua derrota.

A voz de Twissell soou indistinta. — O rádio será interrompido agora, rapaz.

Harlan estava sozinho, indefeso, inútil…

13. ALÉM DO TÉRMINO DA ESCALA DESCENDENTE

Brinel d'água d'águaey Cooper entrou. A excitação brotou em seu rosto magro, tornando-o quase juvenil, apesar do espesso bigode de Mallansohn que cobria seu lábio superior.

(Harlan podia vê-lo pela janela e ouvi-lo claramente pelo rádio da sala. Um bigode de Mallansohn!, pensou ele amargamente. É claro!)

Cooper dirigiu-se a Twissell. — Eles não me deixaram entrar até agora, Computador.

— Muito certo — disse Twissell. — Eles tinham suas instruções.

— É agora a hora, então? Serei enviado?

— Quase a hora.

— E serei trazido de volta? Verei a Eternidade novamente?

Apesar da segurança com que Cooper deu as costas, havia uma ponta de incerteza em sua voz.

(Dentro da sala de controle Harlan bateu as mão fechadas penosamente contra o vidro reforçado da janela, desejando rompê-lo de alguma forma, para gritar: “Parem!

Aceitem minhas condições, ou eu…” De que adiantava?)

Cooper olhou ao redor na sala, sem notar que Twissell havia deixado de responder sua pergunta. Seu olhar caiu em Harlan, na janela da sala de controle.

Ele acenou excitadamente com a mão. — Técnico Harlan! Saia. Quero apertar-lhe a mão antes de ir.

Twissell interferiu. — Agora não, rapaz, agora não. Ele está nos controles.

— Oh! Sabe — disse Cooper — ele não parece estar bem.

— Contei a ele a verdadeira natureza do projeto — disse Twissell. — Temo que isso seja o suficiente para deixar qualquer um nervoso.

— Grande Tempo! Sim! — concordou Cooper. Eu soube disso durante semanas e ainda não me acostumei — houve um traço de quase histeria em sua risada. — Ainda não meti na minha cabeça dura que esta é realmente a minha oportunidade. Eu… eu estou com um pouco de medo.

— Não o censuro por isso.

— É meu estômago, principalmente, sabe. É a minha parte menos feliz.

— Bem, isso é muito natural e passará — disse Twissell. — Entrementes, sua hora de partida em Intertemporal Padrão foi fixada e você ainda tem de passar por uma certa porção de orientação. Por exemplo, você ainda não viu realmente a caldeira que vai usar.

Nas duas horas que se passaram Harlan ouviu tudo, estando eles à vista ou não. Twissell conferenciava com Cooper de maneira formal, e Harlan sabia o motivo. Cooper estava sendo informado somente das coisas que iria mencionar nas memórias de Mallansohn.

(Círculo completo. Círculo completo. E nenhuma maneira de Harlan romper o círculo com uma última destruição do templo de Sansão. O círculo gira e gira; ele gira e gira.)

— As caldeiras comuns — ele ouviu Twissell dizer — são empurradas e puxadas, se podemos usar tais termos num caso de forças Intertemporais. Ao se viajar do século X ao século Y dentro da Eternidade, há um ponto inicial de propulsão e um ponto final de repulsão.

— O que temos aqui é uma caldeira com um ponto inicial de propulsão mas sem um ponto de repulsão limitado. Ela somente pode ser enpurrada, mas não puxada. Por esta razão, ela deve utilizar energia num índice mais alto do que o usado por caldeiras normais. Unidades especiais de transferência de energia tiveram de ser assentadas ao longo das colunas de caldeira para canalizar concentrações de energia suficientes da Nova Sol.

— Esta caldeira especial, seus controles e suprimento de energia, é uma estrutura composta. Durante fisiodécadas, as Realidades passageiras foram vasculhadas em busca de ligas e técnicas especiais. A 13.” Realidade do século 222 foi a chave. Ela desenvolveu o Constritor Temporal, e sem isso, esta caldeira não poderia ter sido construída. A 13.a Realidade do século 222.

Ele pronunciou isso com esmerada clareza.

(Lembre-se disso, Cooper!, pensou Harlan. Lembre-se da 13.a Realidade do século 222 para que você possa citá-la na autobiografia de Mallansohn, para que os Eternos saibam onde procurar e possam contar a você, para que você possa citá-la… O círculo gira e gira…)

— A caldeira não foi testada além do término da escala descendente, é claro — disse Twissell — mas fez numerosas viagens dentro da Eternidade. Estamos convencidos de que não haverá efeitos desfavoráveis.

— Não pode haver, pode? — perguntou Cooper. — Quero dizer que eu chego lá, ou Mallansohn não teria tido êxito na construção do campo, e ele teve.

— Exatamente — disse Twissell. — Você se encontrará num ponto protegido e isolado de uma área pouco populosa do sudoeste dos Estados Unidos da Amélica…

— América — corrigiu Cooper.

— América, então. O século será o 24; ou, para se dizer em centésimos mais aproximados, o século 23,17. Suponho que até podemos chamá-lo de ano de 2317, se quisermos.

A caldeira, como viu, é grande, muito maior que o necessário para você. Está sendo provida com alimento, água e com os meios de proteção e defesa. Você receberá instruções detalhadas que serão, evidentemente, insignificantes para qualquer pessoa que não você. Agora devo insistir com você que sua primeira tarefa será certificar-se de que nenhum dos habitantes nativos o descubra antes que você esteja pronto para eles. Você terá escavadores com os quais será capaz de escavar uma toca numa montanha para fazer um esconderijo. Você terá de remover rapidamente o conteúdo da caldeira. Este será empilhado de maneira a facilitar tal movimento.

(Repita! Repita!, pensou Harlan. Tudo isto deve ter sido dito a ele antes, mas repita o que deve constar na autobiografia. Gira e gira…)

— Você terá de descarregar em quinze minutos — disse Twissell. — Depois disso a caldeira voltará automaticamente ao ponto de partida, trazendo com ela todos os apetrechos que forem avançados demais para o século. Você terá uma lista destes. Após o retorno da caldeira, você agirá por conta própria.

— A caldeira deve retornar tão rapidamente? — perguntou Cooper.

— Um retorno rápido aumenta as probabilidades de sucesso — respondeu Twissell.

(Harlan pensou: A caldeira deve retornar em quinze minutos porque ela retornou em quinze minutos. Gira e…)

Twissell continuou apressadamente. — Não podemos tentar falsificar a média de valor de qualquer papel-moeda negociável deles. Você terá ouro em forma de pequenas pepitas. Você será capaz de explicar o fato de possuí-las de acordo com suas instruções detalhadas. Você terá vestuário nativo para usar ou, pelo menos, vestuário que passe por nativo.

— Certo — disse Cooper.

— Agora lembre-se. Movimente-se lentamente. Leve semanas, se necessário. Force entrada na época espiritualmente. As instruções do Técnico Harlan são uma boa base, mas não são suficientes. Você terá um receptor sem fio construído de acordo com os princípios do século 24, que lhe permitirá inteirar-se dos eventos correntes e, mais importante, aprender a pronúncia correta e a entonação da linguagem da época. Faça isso completamente. Estou certo de que o conhecimento de inglês de Harlan é excelente, mas nada pode substituir a pronúncia nativa do local.

— O que acontecerá se eu não parar no ponto certo? — perguntou Cooper. — Quero dizer, não no ano de 2317?

— Verifique isso com muito cuidado, é claro. Mas estará certo. Estará certo.

(Harlan pensou: Estará certo porque esteve certo. Gira…)

Cooper deve ter demonstrado não estar convencido, entretanto, pois Twissell disse: — A exatidão de foco foi cuidadosamente determinada. Eu tinha a intenção de explicar-lhe nossos métodos, e esta é uma boa ocasião. Por uma coisa, isso ajudará Harlan a entender os controles.

(Subitamente Harlan deu as costas para as janelas e fixou o olhar nos controles. Uma ponta da cortina de desespero levantou-se. O que aconteceria se…)

Twissell ainda conferenciava com Cooper no tom ansioso e superpreciso de professor, e, com parte de sua atenção, Harlan ainda ouvia.

— Obviamente — disse Twissell — um problema sério é o de se determinar a que distância no Primitivo um objeto é mandado após a aplicação de um dado impulso energético.

O método mais direto teria sido mandar um homem para o passado por esta caldeira, usando-se níveis de impulso cuidadosamente graduados. Fazer isso, contudo, teria signifi cado um certo lapso de tempo em cada caso, enquanto o homem determinasse o século em centésimos mais aproximados, através de observação astronômica ou obtendo informações apropriadas pelo receptor sem fio. Isso seria lento e também perigoso, pois o homem poderia ser descoberto pelos habitantes nativos, provavelmente com efeitos catastróficos em nosso projeto.

— Então, ao invés disso, o que fizemos foi o seguinte: mandamos ao passado uma massa conhecida do isótopo radioativo, nióbio-94, que se decompõe a isótopoo estável, molibdênio-94, por emissão de partícula beta. O processo tem meia duração de quase quinhentos séculos. À intensidade de radiação original da massa era conhecida.

Essa intensidade diminui com o tempo, de acordo com a simples relação envolvida em cinética de primeira ordem e, naturalmente, a intensidade pode ser medida com grande precisão.

— Quando a caldeira alcança seu destino em tempos Primitivos, a ampola contendo o isótopo é descarregada nas montanhas e então a caldeira retorna à Eternidade.

No momento, em fisiotempo, em que a ampola é descarregada, ela aparece simultaneamente em todos os Tempos futuros, tornando-se progressivamente mais velha. No lugar de descarga, no século 575 (no Tempo, realmente, e não na Eternidade), um Técnico detecta a ampola por suas radiações e a recobra.

— A intensidade de radiação é medida, o tempo que ela permaneceu nas montanhas é então conhecido e o século para o qual a caldeira viajou é também conhecido com duas casas decimais. Assim, dúzias de ampolas foram mandadas ao passado a vários níveis de impulso, e uma curvatura de calibragem foi estabelecida. A curva era

um controle sobre as ampolas mandadas não constantemente ao Primitivo, mas aos primeiros séculos da Eternidade, onde também podiam ser feitas observações diretas.

— Houve falhas, naturalmente. As primeiras ampolas foram perdidas, até que aprendemos a considerar as mudanças geológicas não muito maiores entre o Primitivo e o século 575. Então, três das ampolas, mais tarde, nunca apareceram no século 575. Presumivelmente, algo saiu errado com o mecanismo de descarga e elas foram enterradas profundas demais na montanha para serem detectadas. Nós paramos com nossas experiências quando o nível de radiação ficou tão alto que nós tememos que algum dos habitantes do Primitivo pudesse detectá-lo e imaginar o que estariam fazendo artefatos radioativos na região. Mas tivemos o suficiente para nossos propósitos e estamos certos de que podemos mandar um homem a qualquer centésimo de um século do Primitivo que seja desejado.

— Você compreende tudo isso, Cooper, não é?

— Perfeitamente, Computador Twissell — respondeu Cooper. — Eu vi a curva de calibragem sem entender o propósito, na ocasião. Está bem claro, agora.

Mas Harlan estava muitíssimo interessado, agora. Fitou o arco uniforme representado em séculos. O arco brilhante era porcelana sobre metal, e as linhas finas dividiam-no em Séculos, Deciséculos e Centiséculos. Metal prateado aparecia escassamente através das linhas de porcelana, marcando-as claramente. Os algarismos eram feitos com perfeição e, inclinando-se para mais perto, Harlan pôde distinguir os séculos, do 17 ao 27. A linha-ponteiro estava fixada na marca do século 23,17.

Ele havia visto medidores de tempo similares, e quase imediatamente lançou-se à alavanca de controle de pressão. Ela não cedeu à sua força. A agulha permaneceu no lugar.

Ele quase pulou quando a voz de Twissell dirigiu-se subitamente a ele.

— Técnico Harlan!

— Sim, Computador — gritou ele, e então lembrou-se de que não podia ser ouvido. Caminhou até a janela e acenou.

Twissell disse, como se em seqüência aos pensamentos de Harlan: — O medidor de tempo está regulado para um impulso de volta ao século 23,17. Ele não precisa de ajustes.

Sua única tarefa é emitir energia no momento próprio, em fisiotempo. Há um cronômetro à direita do medidor. Acene, se você o vê.

Harlan acenou afirmativamente.

Ele alcançará o ponto zero regressivo. No ponto em que faltar quinze segundos, una os pontos de contato. É simples. Entendeu como

é?

Harlan acenou novamente.

Twissell continuou. — A sincronização não é vital. Você pode fazer isso quando faltarem quatorze, treze, ou mesmo cinco segundos, mas, por favor, faça o máximo esforço para ficar acima de dez, por motivos de segurança. Uma vez que você tenha fechado o contato, um mecanismo de força fará o resto e dará certeza de que o impulso final de energia ocorrerá precisamente no tempo zero. Entendeu?

Harlan acenou outra vez. Ele entendeu mais do que Twissell disse. Se ele próprio não unisse os pontos de contato ao faltarem dez segundos, isso seria feito de fora.

Não haverá necessidade de intrusos, pensou Harlan inflexivelmente.

— Ainda nos resta trinta fisiominutos — disse Twissell. — Cooper e eu sairemos para conferir os suprimentos.

Eles sairam. A porta fechou-se atrás deles e Harlan foi deixado sozinho com o controle de propulsão, o de tempo (já movendo-se lentamente para trás em direção ao zero) — e com uma resoluta consciência do que deveria ser feito.

Harlan saiu da janela. Enfiou a mão no bolso e quase tirou dele o chicote neurônico que ainda estava ali. Durante tudo aquilo ele havia conservado o chicote. Sua mão tremia um pouco.

Tornou a ocorrer-lhe um pensamento anterior: a destruição do templo por Sansão!

Uma parte de sua mente pensou de modo doentio: “Quantos Eternos já ouviram falar de Sansão? Quantos sabem como ele morreu?”

Restavam somente vinte e cinco minutos. Ele não estava certo de quanto tempo duraria a operação. Não estava realmente certo de que ela funcionaria.

Mas que escolha tinha ele? Seus dedos lentos quase deixaram cair a arma antes que ele conseguisse desmontar a coronha.

Trabalhou rapidamente e em completa absorção. De todos os aspectos do que planejara, a possibilidade de sua própria passagem para a não-existência ocupou um mínimo de sua mente e não o perturbou de forma alguma.

Quando faltava um minuto, Harlan estava aos controles.

O último minuto de vida? — pensou ele imparcialmente.

Ele nada via na sala senão o movimento regressivo da agulha vermelha que marca os segundos que passavam.

Trinta segundos.

Ele pensou: Não vai doer. Isto não é a morte.

Tentou pensar somente em Noys.

Quinze segundos.

Noys!

A mão esquerda de Harlan moveu para baixo um interruptor, em direção ao contacto. Devagar!

Doze segundos.

Contacto!

O mecanismo de força assumiria agora. O impulso viria na hora zero. E isso deixava a Harlan uma última manobra. A destruição de Sansão!

Sua mão direita moveu-se. Ele não olhou para ela.

Cinco segundos.

Noys!

Sua mão direita mo-ZERO-veu-se outra vez, espasmodicamente. Ele não olhou para ela.

Seria isso a não-existência?

Ainda não. Não-existência ainda não.

Harlan olhou pela janela. Não se moveu. O tempo passava e ele não notava sua passagem.

A sala estava vazia. No lugar em que havia estado a gigante caldeira fechada, nada havia. Blocos de metal que tinham servido de base para a caldeira jaziam inutilmente, levantando sua imensa força contra o ar.

Twissell, estranhamente pequeno na sala que tinha se tornado uma caverna de espera, era a única coisa que se movia, que andava impacientemente para lá e para cá.

Harlan o seguiu por um momento com os olhos e então o deixou.

Então, sem qualquer som ou movimento, a caldeira estava de volta ao ponto de que havia saído. Sua passagem através da linha, do tempo passado para o tempo presente, nem sequer agitou uma molécula de ar.

Twissell estava escondido dos olhos de Harlan pelo corpo da caldeira, mas então ele a rodeou e ficou à vista. Ele estava correndo.

Um toque de sua mão foi o suficiente para ativar o mecanismo que abria a porta da sala de controle. Lançou-se para dentro, gritando com excitação quase lírica. — Está feito. Está feito. Fechamos o círculo. Não teve fôlego para dizer mais. Harlan não respondeu.

Twissell olhou pela janela, com as mãos achatadas contra o vidro. Harlan notou as manchas da idade sobre elas e a maneira como tremiam. Era como se sua mente não mais tivesse a habilidade ou a força de filtrar o importante do inconseqüente, mas estivesse selecionando material observacional puramente ao acaso.

O que importa? — pensou ele aborrecido. O que importa qualquer coisa, agora?

Twissell disse (Harlan o ouviu vagamente): — Digo-lhe agora que estive mais ansioso do que quis admitir. Sennor costumava dizer que a

coisa toda era impossível.

Ele insistia em que algo deveria acontecer para atrapalhar… Qual é o problema?

Ele havia se voltado ao resmungo estranho de Harlan.

Harlan sacudiu a cabeça e conseguiu um abafado — Nada.

Twissell deixou estar e deu as costas. Estava em dúvida se falara com Harlan ou para o ar. Era como se ele estivesse deixando anos de ansiedades reprimidas escaparem em palavras.

— Sennor duvidava — disse ele. — Nós raciocinamos com ele e debatemos. Usamos matemática e apresentamos os resultados de gerações de pesquisa que nos haviam precedido no fisiotempo da Eternidade. Ele colocou tudo isso de lado e apresentou seu caso, citando o paradoxo do homem que encontra a si mesmo. Você o ouviu falar sobre isso. É seu assunto favorito.

— Nós sabíamos nosso próprio futuro, Sennor disse. Eu, Twissell, sabia, por exemplo, que eu sobreviveria, apesar do fato de que eu estaria bem velho, até que Cooper fizesse sua viagem para além do término da escala descendente do Tempo. Eu sabia outros detalhes de meu futuro, as coisas que eu faria.

— Impossível, diria ele. A Realidade deveria mudar para corrigir seu conhecimento, mesmo que isso significasse que o círculo nunca se fecharia e a Eternidade nunca seria estabelecida.

— Por que ele disse isso, não sei. Talvez ele honestamente acreditasse nisso, talvez fosse um jogo intelectual com ele, talvez fosse apenas o desejo de nos chocar com um ponto de vista impopular. Em qualquer caso, o projeto continuou e um pouco da autobiografia começou a ser cumprido. Localizamos Cooper, por exemplo, no século e Realidade que a autobiografia nos deu. Somente por isso a hipótese de Sennor já foi desacreditada, mas isso não o perturbou. Naquela ocasião, ele havia-se interessado por algo mais.

— E contudo, e contudo — ele sorriu levemente, com mais de um traço de embaraço e, sem notar, deixou o cigarro queimar quase até seus dedos — você sabe que nunca estive totalmente tranqüilo. Alguma coisa poderia acontecer. A Realidade na qual a Eternidade estava estabelecida poderia mudar de alguma forma, de maneira a impedir o que Sennor chama de paradoxo. Ela teria de mudar para uma Realidade na qual a Eternidade não existisse. Às vezes, na obscuridade do período de sono, quando eu não podia dormir, eu conseguia quase convencer-me de que isso era realmente assim… e agora tudo está terminado e eu rio de mim mesmo como um tolo caduco.

— O Computador Sennor estava certo — disse Harlan em voz baixa.

Twissell voltou-se rapidamente. — O quê?

— O projeto falhou — a mente de Harlan estava saindo das sombras (por que e para o que, ele não tinha certeza). — O círculo não está completo.

— De que você está falando? — as mãos velhas de Twissell caíram sobre os ombros de Harlan com força surpreendente. — Você está doente, rapaz. A tensão.

— Doente, não. Farto de tudo. Do senhor. De mim. Doente, não. O medidor. Veja o senhor mesmo.

— O medidor?

A agulha do medidor estava no século 27, firme contra o extremo direito.

— O que aconteceu? — a alegria desapareceu de seu semblante. O horror a substituía.

Harlan tornou-se vulgar. — Dissolvi o mecanismo de fechamento, libertei o controle de impulso.

— Como você conseguiu…

— Eu tinha um chicote neurônico. Desmontei-o e usei sua micro-pilha em raios, como um maçarico. Aí está o que restou dele.

Ele apontou um pequeno monte de fragamentos de metal num canto.

Twissell não estava entendendo. — No século 27? Você quer dizer que Cooper está no século 27…

— Não sei onde está ele — disse Harlan bruscamente. — Acionei o controle de impulso para baixo, mais abaixo do que o século 24. Não sei para onde. Não olhei. Então eu o puxei de volta. Não olhei, também.

Twissell fitou-o, o rosto com uma cor amarelada, pálida e doentia, o lábio inferior tremendo.

— Não sei onde ele está agora — disse Harlan. — Está perdido no Primitivo. O círculo está rompido. Pensei que tudo terminaria quando eu fizesse a coisa. No tempo zero. Isso é tolice. Temos de esperar. Haverá um momento em fisiotempo em que Cooper compreenderá que está no século errado, em que ele fará algo contra a autobiografia, em que ele… — ele se interrompeu e então caiu numa risada forçada e rangente. — Qual a diferença? É somente um atraso, até que Cooper faça o rompimento final no círculo. Não há maneira de se evitar isso. Minutos, horas, dias. Qual a diferença? Já que o atraso está feito, não haverá mais Eternidade. O senhor está me ouvindo?

Este será o fim da Eternidade.

14. O CRIME ANTERIOR

— Por quê? Por quê?

Twissell olhou desamparadamente do medidor para o Técnico, seus olhos refletindo a frustração embaraçada de sua voz.

Harlan levantou a cabeça. Tinha apenas uma palavra a dizer. — Noys!

— A mulher que você trouxe para a Eternidade? — perguntou Twissell.

Harlan sorriu com amargura e nada disse.

— O que tem ela a ver com isso? — perguntou Twissell.

— Grande Tempo! Não o entendo, rapaz.

— O que há para entender? — Harlan ardeu de tristeza.

— Por que o senhor finge ignorância? Tive uma mulher. Fui feliz e ela também. Não fizemos mal a ninguém. Ela não existia na nova Realidade. Que diferença isso teria feito para alguém?

Twissell tentou em vão interrompê-lo.

Harlan gritou. — Mas há normas na Eternidade, não há? Eu as conheço a todas. Ligações exigem permissão; ligações exigem computações; ligações exigem status; ligações são coisas complicadas. O que o senhor estava planejando para Noys quando tudo isso estivesse terminado? Um assento num foguete por colidir? Ou uma posição mais confortável como dama da sociedade para Computadores dignos? O senhor não realizará seus planos, agora, creio.

Ele terminou numa espécie de desespero, e Twissell dirigiu-se rapidamente à Comunitela. Sua função de transmissor havia sido obviamente restabelecida.

O Computador gritou nela até que conseguiu uma resposta. Então disse: — É Twissell. Não permitam a entrada de ninguém aqui. Ninguém, ninguém. Entendeu?… Então cuide disso. Isso se refere aos membros do Conselho Geral. Refere-se a eles, particularmente.

Ele se voltou novamente para Harlan, dizendo distraidamente: — Eles farão isso porque sou velho e membro sênior do Conselho, e porque me acham excêntrico e esquisito. Eles concordam comigo porque sou excêntrico e esquisito.

Por um momento ele caiu num silêncio ruminativo. Então disse: — Você me acha esquisito? — e seu rosto pareceu prontamente a Harlan o de um macaco enrugado.

Grande Tempo, pensou Harlan, o homem está louco. O choque deixou-o louco.

Deu um passo para trás, automaticamente horrorizado com o fato de estar preso com um louco. Então, acalmou-se. O homem, por mais louco que fosse, estava fraco, e mesmo a loucura terminaria em breve.

Em breve? Por que não imediatamente? O que retardava o fim da Eternidade?

Twissell disse (não tinha nenhum cigarro nos dedos; sua mão não fez nenhum movimento para tirar um), numa voz bem insinuante: — Você não me respondeu. Você me acha esquisito? Suponho que sim. Esquisito demais para se conversar. Se me achasse amigo, ao invés de um velho excêntrico, extravagante e imprevizível, você teria me falado abertamente de suas dúvidas. Não teria assumido o modo de agir que assumiu.

Harlan franziu a testa. O homem achava que Harlan estava louco! Era isso!

— Meu modo de agir foi o mais correto — disse ele irritadamente. — Estou completamente são.

— Eu lhe disse que a garota não estava em perigo, você sabe — disse Twissell.

— Fui um idiota em acreditar nisso, mesmo por um instante. Fui um idiota em acreditar que o Conselho seria justo com um Técnico.

— Quem lhe disse que o Conselho sabia algo sobre isso?

— Finge sabia e mandou ao Conselho um relatório a respeito.

— E como você sabe disso?

— Arranquei de Finge à ponta de um chicote neurônico. A ponta ativa de um chicote elimina a comparação de status.

— O mesmo chicote que fez isto? — Twissell apontou para o medidor com a bolha de metal fundido e retorcido pousada sobre o mostrador.

— Sim.

— Um chicote ativo — então, com voz mais alta — sabe por que Finge levou isto ao Conselho, ao invés de cuidar pessoalmente do assunto?

— Porque me odiava e queria ter certeza de que eu perderia minha posição. Ele queria Noys.

— Você é ingênuo! — disse Twissell. — Se ele quisesse a garota, poderia ter arranjado uma ligação facilmente. Um Técnico não teria atrapalhado. O homem odiava a mim, rapaz. (Nada de cigarro, ainda. Ele parecia esquisito, sem um deles, e o dedo manchado que levou ao peito quando pronunciou o último pronome pareceu quase indecentemente nu.)

— O senhor?

— Há coisas, rapaz, tais como política de Conselho. Nem todo Computador é nomeado para o Conselho. Finge queria uma nomeação. Finge é ambicioso e desejava isso ardentemente.

Evitei isso porque eu o achava emocionalmente instável. Tempo, nunca avaliei bem quanta razão eu tinha… Olhe, rapaz, ele sabia que você era um protegido meu. Ele me viu tirar você do serviço de

Observador e torná-lo um Técnico superior. Viu você constantemente trabalhando para mim. Que maneira melhor para vingar-se de mim e destruir minha influência? Se conseguisse provar que meu Técnico preferido era culpado de um crime terrível contra a Eternidade, isso refletiria em mim. Isso poderia forçar minha demissão do Conselho Geral, e quem você supõe que seria então o sucesso lógico?

Sua mão vazia moveu-se para a boca, e como nada aconteceu, ele olhou inexpressivamente para o espaço entre o dedo e o polegar.

Ele não está tão calmo como tenta aparentar — pensou Harlan. Não pode estar. Mas por que fala todos esses absurdos agora! com a Eternidade terminando?

Então, em agonia: Mas por que ela não termina, então? Agora!

— Quando permiti que você procurasse Finge, bem recentemente — disse Twissell — quase suspeitei de perigo. Mas as memórias de Mallansohn diziam que você estava fora no último mês e não se oferecia nenhuma outra razão natural para a sua ausência. Felizmente, Finge jogou mal a sua cartada.

— Em que aspecto? — perguntou Harlan, enfastiado. Ele não se importava, realmente, mas Twissell falava cada vez mais, e era mais fácil tomar parte do que tentar expulsar o som de seus ouvidos.

Twissell disse: — Finge etiquetou seu relatório: "A respeito da conduta antiprofissional do Técnico Andrew Harlan". Ele estava sendo o Eterno conciencioso, você vê, sendo frio, imparcial, calmo. Estava deixando que o Conselho se enfurecesse e se atirasse contra mim. Infelizmente para si próprio, ele não sabia sua real importância.

Não sabia que qualquer relatório referente a você seria instantaneamente encaminhado a mim, a menos que a importância suprema deste fosse tornada perfeitamente clara bem diante das coisas.

— O senhor nunca me falou disso?

— Como poderia? Temia fazer qualquer coisa que o perturbasse com a crise do projeto à mão. Dei-lhe toda a oportunidade de trazer a mim o seu problema.

Toda a oportunidade? A boca de Harlan contorceu-se em descrença, mas então ele se lembrou do rosto cansado de Twissell na Comunitela, perguntando-lhe se nada tinha a dizer. Isto fora ontem. Apenas ontem.

Harlan sacudiu a cabeça, mas então desviou o rosto.

— Compreendi de imediato — disse Twissell amavelmente — que ele o havia incitado à sua… ação imprudente.

Harlan levantou os olhos. — O senhor sabe disso?

— Isto o surpreende? Eu sabia que Finge estava atrás de mim. Soube disso por um bom tempo. Sou um velho, rapaz. Sei destas coisas. Mas há maneiras pelas quais computadores suspeitos podem

ser examinados. Há alguns inventos protetores, separados do Tempo, que não são encontrados nos museus. Há alguns que são conhecidos somente pelo Conselho.

Harlan pensou amargamente na barreira do tempo do século 100.000.

— Do relatório e do que eu sabia independentemente, foi fácil deduzir o que devia ter acontecido.

— Suponho que Finge suspeitava que o senhor estivesse espionando? — perguntou Harlan subitamente.

— Pode ter suspeitado. Eu não ficaria surpreso.

Harlan lembrou-se de seus primeiros dias com Finge, quando Twissell demonstrou pela primeira vez o seu interesse anormal pelo jovem Observador. Finge nada sabia do pró jeto de Mallansohn, e estivera interessado na interferência de Twissell. "Já conhece o Computador Sênior Twissell?" perguntara ele uma vez e, recordando, Harlan conseguiu lembrar-se do tom exato de viva inquietação na voz do homem. Desde então, Finge devia ter suspeitado que Harlan fosse o espião de Twissell. Sua inimizade e ódio deviam ter começado daí.

Twissell estava falando. — Portanto, se você tivesse me procurado…

— Procurado o senhor? — gritou Harlan. — E o Conselho?

— Do Conselho todo, somente eu sei.

— O senhor nunca disse a eles? — Harlan tentou fazerse zombeteiro.

— Nunca o fiz.

Harlan sentiu-se febril. Suas roupas estavam-no sufocando. Este pesadelo iria continuar para sempre? Conversa despropositada, ridícula Para quê? Por quê?

Por que a Eternidade não terminava? Por que a paz total da não-Eternidade não os alcançava? Grande Tempo, o que estava errado?

— Você não acredita em mim? — perguntou Twissell.

— Por que deveria? — gritou Harlan. — Eles vieram para me observar, não vieram? No almoço? Por que teriam eles feito isso se não soubessem do relatório? Vieram para observar o estranho fenômeno que havia infrigido as leis da Eternidade, mas que não poderia ser tocado por mais um dia. Um dia mais e então o projeto estaria concluído. Vieram para regozijar-se com o amanhã que estavam esperando.

— Meu rapaz, não houve nada disso. Eles queriam vê-lo apenas porque são humanos. Os homens do Conselho são humanos, também. Eles não poderiam presenciar a viagem final da caldeira porque a autobiografia de Mallansohn não os colocou na cena. Eles não poderiam entrevistar-se com Cooper, desde que a autobiografia não mencionava isso, também. Contudo, eles queriam alguma coisa. Pai

Tempo, rapaz, você não vê que eles queriam alguma coisa? Você era o mais próximo a que eles poderiam chegar, portanto aproximaram-se de você e observaram-no.

— Não acredito no senhor.

— É a verdade.

— É? — disse Harlan. — E enquanto comíamos, o Sr. Sennor falou de um homem encontrando a si mesmo. Ele obviamente sabia de minhas viagens ilegais ao século 482 e de meu quase encontro comigo mesmo. Este foi o seu modo de me especular, divertindo-se inteligentemente às minhas custas.

— Sennor? — disse Twissell. — Você se preocupou com Sennor? Você sabe a pessoa patética que ele é? Seu século natal é o 803, uma das poucas culturas em que o corpo humano é deliberadamente desfigurado para satisfazer as exigências estéticas do tempo. Apresenta-se sem cabelos, na adolescência.

— Sabe o que isso significa na continuidade do homem? Certamente, sim. Uma desfiguração separa os homens de seus ancestrais e descendentes. Os homens do século 803 são riscos inúteis, como Eternos; são muito diferentes do resto de nós. Poucos são escolhidos. Sennor é o único de seu século que já se sentou no Conselho.

— Não vê como isso o afeta? Certamente você entende o que significa a insegurança. Já lhe ocorreu que um homem do Conselho poderia ser inseguro? Sennor tem de ouvir discussões envolvendo a erradicação de sua Realidade pelas mesmas características que o torna tão conspícuo entre nós. E erradicá-lo deixá-lo-ia o único desfigurado como ele é entre bem poucos de toda a geração. Algum dia isso acontecerá.

— Ele encontra refúgio na filosofia. Ele faz mais do que compensar, ao tomar a liderança nas conversas, expondo deliberadamente pontos de vista impopulares e não aceitos. Seu paradoxo do homem que encontra a si mesmo é um caso em questão. Eu lhe disse que ele o usou para predizer o desastre para o projeto, e era a nós, os homens do Conselho, que ele estava tentando aborrecer, e não a você. Aquilo nada tinha a ver com você. Nada!

Twissell excitara-se. Na longa emoção de suas palavras, ele pareceu esquecer onde estava e a crise que se lhes apresentava, pois transformou-se novamente no gnomo de gestos rápidos e movimentos inquietos que Harlan conhecia tão bem.

Tirou calmamente um cigarro do bolso de sua manga e quase o acendeu.

Mas então parou, voltou-se e olhou novamente para Harlan, recordando-se, através de todas as suas próprias palavras, do que Harlan havia dito por último, como se até aquele momento não o

tivesse ouvido adequadamente.

— Que quer dizer? — disse Twissell. — Você quase se encontrou consigo mesmo?

Harlan disse-lhe rapidamente e continuou. — O senhor não sabia disso?

— Não.

Houve alguns momentos de silêncio que foram tão bemvindos para o febril Harlan quanto a água o teria sido.

— É isso? — disse Twissell. — E daí se você tivesse encontrado consigo mesmo?

— Não me encontrei.

Twissell ignorou a negativa. — Sempre há lugar para variação ao acaso. com um número infinito de Realidades não pode haver coisas tais como determinismo. Suponha que na Realidade de Mallansohn, na volta anterior do círculo…

— O círculo continua para sempre? — perguntou Harlan com a admiração que ainda conseguiu encontrar em si.

— Você acha que só duas vezes? Acha que o dois é um número mágico? É uma questão de voltas infinitas do círculo em fisiotempo finito. Exatamente como você pode fazer uma caneta girar e girar infinitamente em torno da circunferência de um círculo e contudo abranger uma área finita. Em voltas anteriores do círculo, você não se havia encontrado consigo mesmo. Desta vez, a incerteza estatística das coisas tornou-lhe possível encontrar-se consigo mesmo. A Realidade teve de ser mudada para evitar o encontro e na nova Realidade você não mandou Cooper de volta ao século 24, mas…

— De que o senhor está falando? — gritou Harlan. — Onde o senhor quer chegar? Está tudo feito. Tudo. Deixe-me só, agora! Deixe-me só!

— Quero que saiba que agiu errado. Quero que compreenda que você fez a coisa errada.

— Não fiz. E mesmo que tenha feito, está feito!

— Mas não está feito. Ouça apenas um pouquinho mais — Twissell o estava adulando, quase sussurrando com agoniada gentileza. — Você terá sua garota. Eu prometi isso.

Eu ainda prometo. Ela não será molestada. Você não será molestado. Eu lhe prometo isso. É a minha garantia pessoal.

Harlan fitou-o de olhos arregalados. — Mas é tarde demais. De que adianta?

— Não é tarde demais. As coisas não são irreparáveis. com sua ajuda, podemos ter sucesso ainda. Eu preciso de sua ajuda. Você deve compreender que agiu errado. Estou tentando explicar-lhe isto. Você deve querer desfazer o que fez.

Harlan lambeu os lábios secos com uma língua também seca e

pensou: ele está louco. Sua mente não consegue aceitar a verdade — ou será que o Conselho sabe mais?

Saberia? Saberia? Poderia ele inverter o veredicto das Mudanças? Poderiam eles deter o Tempo ou invertê-lo?

— O senhor prendeu-me na sala de controle, deixou-me indefeso até que tudo estivesse terminado, pensou o senhor.

— Você disse que estava com medo de que algo pudesse sair errado com você; que você pudesse não ser capaz de levar adiante a sua parte.

— Isto, por intenção, era uma ameaça.

— Eu a interpretei literalmente. Desculpe-me. Eu preciso de sua ajuda.

Chegou a isso. A ajuda de Harlan era necessária. Estaria ele louco? Estaria Harlan louco? A loucura teria significado? Ou qualquer coisa mais, quanto a isso?

O Conselho precisava de sua ajuda. Por essa ajuda eles lhe prometeriam qualquer coisa. Noys. A posição de computador. O que eles não lhe prometeriam? E quando tivesse terminado com sua ajuda, o que receberia? Ele não seria logrado uma segunda vez.

— Não! — disse ele.

— Você terá Noys.

— Quer dizer que o Conselho quererá infringir as leis da Eternidade uma vez que o perigo tenha passado? Não creio.

Como pode passar o perigo? — perguntou uma parte sã de sua mente. Sobre o que era tudo isso?

— O Conselho nunca saberá.

— O senhor quereria infringir as leis? O senhor é o Eterno ideal. Passado o perigo, o senhor obedeceria as leis. O senhor não poderia agir de modo contrário.

Twissell enrubesceu as bolhas no alto de cada face. Do velho rosto, toda a perspicácia e vigor escoaram-se. Restou apenas uma estranha tristeza.

— Manterei minha palavra a você e transgredirei a lei — disse Twissell — por uma razão que você não imagina. Não sei quanto tempo nos resta antes que a Eternidade desapareça. Poderiam ser horas; poderiam ser meses. Mas gastei tanto tempo na esperança de trazer você ao raciocínio, que gastarei um pouco mais. Quer me ouvir?

Por favor?

Harlan hesitou. Então, por convicção da inutilidade de tudo, tanto quanto por qualquer coisa mais, disse cansadamente: — Está bem.

Tenho ouvido dizer (começou Twissell) que eu já nasci velho, que meus dentes nasceram num Microcomputaplex, que guardo meu computador portátil num bolso especial do pijama, quando durmo, que meu cérebro é composto de pequenos suprimentos de energia em

infinitas conexões paralelas e que cada corpúsculo de meu sangue é uma mapa espaço-temporal microscópico flutuando em óleo de computador.

Todas estas estórias chegam a mim eventualmente, e creio que devo estar um pouco orgulhoso delas. Pode ser que eu continue acreditando um pouco nelas. É uma tolice, partindo de um velho, mas isso torna a vida um pouco mais fácil.

Isso o surpreende? O fato de eu ter de achar um modo de tornar a vida mais fácil? Eu, Computador Sênior Twissell, membro sênior do Conselho Geral?

Talvez seja por isso que fumo. Já pensou nisso? Tenho de ter uma razão, sabe. A Eternidade é essencialmente uma sociedade de não-fumantes, e a maioria do Tempo é, também. Pensei nisso diversas vezes. Às vezes acho que isso é uma rebelião contra a Eternidade. Algo para substituir uma rebelião maior que falhou,…

Não, está tudo bem. Uma lágrima ou duas não me farão mal, e não é fingimento, creia-me. Apenas não pensei nisso por muito tempo. Não é agradável.

Uma mulher está envolvida, naturalmente, como no seu caso. Não é coincidência. É quase inevitável, se você parar para pensar. Um Eterno, que deve trocar as satisfações normais da vida familiar por um punhado de perfurações em folha, está propenso a influências. Esta é uma das razões por que a Eternidade deve tomar as precauções que toma. E, aparentemente, é por isso também que os Eternos são tão ingênuos ao burlar as precauções, de vez em quando.

Eu me lembro de minha mulher. É tolice minha fazê-lo, talvez. Não consigo lembrar de nada mais sobre o fisiotempo. Meus velhos colegas são apenas nomes nos livros de registro; as Mudanças que supervisei — todas menos uma — são apenas itens nas combinações de memória do Computaplex. Lembro-me dela muito bem, no entanto. Talvez você possa entender isso.

Eu tinha, há muito tempo, um pedido de ligação nos livros; e depois que alcancei a posição de Computador Júnior, ela me foi cedida. Era uma garota deste mesmo século, o 575. Não a vi antes da permissão, é claro. Ela era inteligente e amável. Não bonita ou mesmo atraente; mas então, mesmo quando jovem (sim, eu fui jovem; não ligue para os mitos), não fui notável por minha própria aparência. Concordávamos bem um com o outro em temperamento, ela e eu, e se eu fosse um Tempista, teria ficado orgulhoso por tê-la como esposa. Eu disse isso a ela várias vezes. Creio que isso a agradava. Sei que esta era a verdade. Nem todos os Eternos, que devem receber suas mulheres quando e como as Computações permitem, são tão afortunados!

Naquela Realidade específica, ela iria morrer jovem, é claro, e

nenhuma de suas análogas estava disponível para ligação. A princípio, recebi isso filosoficamente.

Afinal de contas, era o seu curto tempo de vida que possibilitava a ela viver comigo sem afetar a Realidade de modo nocivo.

Estou envergonhado, agora, pelo fato de ter ficado satisfeito por ela ter pouco tempo de vida. Isto é, apenas a princípio. Apenas a princípio.

Visitei-a tantas vezes quanto permitiu o mapa espaçotemporal. Espremi delegada minuto, renunciando a refeições e sono, quando necessário, livrando-me imprudentemente de minha carga de trabalho sempre que podia. A amabilidade dela ultrapassou as minhas esperanças, e eu estava amando. Exponho isso claramente. Minha experiência de amor é muito pequena, e entendê-la através de Observação no Tempo é uma coisa duvidosa. Até onde ia minha compreensão, contudo, eu estava amando.

O que começou como satisfação de uma necessidade física e emocional, tornou-se um bocado mais. A sua morte iminente deixou de ser uma conveniência e tornou-se uma calamidade. Submeti-a a Esboço de Vida. Não fui aos departamentos competentes, contudo. Fi-lo por mim mesmo. Isso o surpreende, imagino. Esta foi uma má conduta, mas não foi nada, comparada com os crimes que cometi depois.

Sim, eu, Laban Twissell. Computador Sênior Twissell.

Por três vezes isoladas, um ponto no fisiotempo veio e passou, durante o qual alguma ação simples de minha parte poderia ter alterado a Realidade pessoal dela. Naturalmente, eu sabia que tal Mudança, por motivos pessoais, não poderia ser autorizada pelo Conselho. Todavia, comecei a sentir-me pessoalmente responsável pela morte dela.

Isso foi parte da minha motivação, mais tarde.

Ela ficou grávida. Eu nada fiz, embora devesse. Eu havia feito seu Esboço de Vida, modificado para incluir sua relação comigo, e sabia que a gravidez era uma conseqüência de alta probabilidade. Como você pode ou não saber, os Eternos engravidam, ocasionalmente, as mulheres Tempistas, apesar das precauções. Isso não é incomum. Todavia, desde que os Eternos não podem ter filhos, tais gestações, quando ocorrem, são eliminadas sem dor e com segurança. Há diversos métodos.

Meu Esboço de Vida tinha indicado que ela morreria antes do parto, portanto não tomei precauções. Ela estava feliz em sua gravidez e eu queria que ela continuasse assim Então apenas observei e tentei sorrir quando ela me disse que podia sentir a vida movendo-se dentro dela.

Mas então algo aconteceu. Ela deu à luz prematuramente…

Não me admiro por você olhar desta forma. Eu tive uma criança. Um filho verdadeiramente meu. Você não encontrará outro Eterno, talvez, que possa dizer isso. Isso foi mais do que uma má conduta. Foi um crime grave, mas isso ainda não era nada.

Eu não o tinha esperado. O nascimento e seus problemas eram um aspecto da vida com o qual eu havia tido pouca experiência.

Voltei em pânico ao Esboço de Vida e encontrei a criança viva, num desvio alternado para uma pequena bifurcação de baixa probabilidade que eu havia desprezado. Um Esboçador de Vida profissional não a teria deixado passar, e eu havia agido mal por confiar a tal ponto em minhas próprias habilidades.

Mas o que poderia eu fazer, então?

Eu não podia matar a criança. A mãe tinha duas semanas de vida. Deixe o filho viver com ela, então, pensei eu. Duas semanas de felicidade não é um presente exorbitante para se pedir. A mãe morreu, como era previsto, e da maneira prevista. Sentei-me no quarto dela, durante todo o tempo permitido pelo mapa espaço-temporal, sofrendo de uma tristeza agudíssima, pelo fato de ter esperado pela morte, em pleno conhecimento, por mais de um ano. Em meus braços, segurei o filho meu e dela.

— Sim, eu o deixei viver. Por que você grita assim? Você vai me condenar?

Você não pode saber o que significa segurar nos braços um pequeno átomo de sua própria vida. Posso ter um computaplex no lugar de nervos e mapas espaço-temporais no lugar de corrente sangüínea, mas eu sei.

Eu o deixei viver. Cometi esse crime, também. Coloquei-o a cargo de uma organização apropriada e voltei, quando pude (em estrita seqüência temporal, mantida até mesmo com fisiotempo), para fazer pagamentos necessários e acompanhar o crescimento do garoto.

Dois anos passaram-se dessa forma. Periodicamente, eu examinava o Esboço de Vida do garoto (eu costumava quebrar esta regra particular, entrementes) e ficava satisfeito por descobrir que não havia sinais de efeitos nocivos na Realidade então corrente, a níveis de probabilidade acima de 0,0001. O garoto aprendeu a andar e a pronunciar algumas palavras. Não lhe ensinaram a chamar-me de "papai". Sejam quais forem as especulações que os Tempistas da instituição infantil possam ter feito a meu respeito, não sei. Receberam seu dinheiro e nada disseram.

Então, quando dois anos se haviam passado, as necessidades de uma Mudança que incluía o século 575 numa parte foram expostas ao Conselho Geral. Eu, tendo sido posteriormente promovido a Computador-Assistente, fui encarregado. Essa foi a primeira Mudança deixada para minha supervisão exclusiva.

Fiquei orgulhoso, é claro, mas também apreensivo. Meu filho era um intruso na Realidade. Mal se podia esperar que ele tivesse análogos. Pensar em sua passagem à não-existência entristeceu-me.

Trabalhei na Mudança e creio mesmo assim que fiz um trabalho perfeito. O meu primeiro. Mas sucumbi diante de uma tentação. Sucumbi ainda mais facilmente porque ela estava se tornando uma velha estória para mim, então. Eu era um criminoso calejado, um habitue do crime. Elaborei um novo Esboço de Vida para meu filho sob a nova Realidade, certo do que iria encontrar.

Mas então, durante vinte e quatro horas, sem comer ou dormir, sentei-me à mesa de meu escritório, lutando com o Esboço de Vida terminado, torturando-me num esforço desesperador para encontrar um erro, Não havia erros.

No dia seguinte, de posse de minha solução para a Mudança, elaborei um mapa espaço-temporal usando métodos rústicos de aproximação (afinal, a Realidade não iria durar muito tempo), e entrei no Tempo num ponto a mais de trinta anos acima do nascimento de meu filho.

Ele estava com trinta e quatro anos, a mesma idade que eu tinha. Apresentei-me como um parente distante, usando do meu conhecimento da família de sua mãe. Ele não sabia de seu pai, não se lembrava de minhas visitas durante sua infância.

Ele era um engenheiro aeronáutico. O século 575 era perito em meia dúzia de variedades de viagem aérea (como ainda o é na Realidade corrente), e meu filho era um membro feliz e bem sucedido de sua sociedade.

Era casado com uma garota ardentemente enamorada, mas não teria filhos. Nem a garota teria de forma alguma se casado na Realidade em que meu filho não tinha existido. Eu soubera disso desde o começo. Soubera que não haveria efeitos nocivos na Realidade. Caso contrário eu não teria tido ânimo para deixar o garoto viver. Não estou completamente abandonado.

Passei o dia com meu filho. Falei-lhe formalmente, sorri polidamente, retirei-me calmamente quando assim o exigiu o mapa espaço-temporal. Mas por baixo de tudo isso, observei e assimilei cada ação, completando-me com ele e tentando viver pelo menos um dia numa Realidade que no dia seguinte (por fisiotempo) não mais teria existido.

Quanto desejei visitar minha esposa uma última vez, também, durante aquela porção de Tempo em que ela viveu, mas eu havia usado cada segundo que me tinha sido disponível.

Não ousei nem mesmo entrar no Tempo para vê-la, sem ser percebido.

Retornei à Eternidade e passei uma última noite horrível, lutando

inutilmente contra o que tinha de ser. Na manhã seguinte, entreguei minhas computações juntamente com minhas recomendações para a Mudança.

A voz de Twissell tinha-se reduzido a um sussurro e depois cessou. Ele sentou-se ali com os ombros curvados, os olhos fixos no chão por entre os joelhos, os dedos trançando-se e entrando e saindo de um aperto intricado.

Harlan, esperando em vão cor uma outra frase do velho, pigarreou. Achou-se apiedando-se do homem, apiedando-se dele apesar dos vários crimes que tinha cometido.

— E isso é tudo? — perguntou.

— Não — murmurou Twissell — o pior… o pior… é que existiu um análogo de meu filho. Na nova Realidade, ele existiu… como um paraplégico, desde a idade de quatro anos. Quarenta e dois anos na cama, sob circunstâncias que me impediram de conseguir que as técnicas de regeneração de nervos dos séculos 900 fossem aplicadas ao seu caso, ou mesmo de conseguir que sua vida fosse tirada sem dor.

— A nova Realidade ainda existe. Meu filho ainda está lá, na porção apropriada do século. Eu fiz isso para ele. Foram minha mente e meu Computaplex que descobriram esta nova vida para ele, e minha palavra que ordenou a Mudança. Cometi uma série de crimes para o bem dele e de sua mãe, mas este último feito, embora estritamente em acordo com meu juramento de Eterno, sempre me pareceu ser o maior crime, o crime.

Nada havia a dizer, e Harlan nada disse.

— Mas você vê agora por que entendo seu caso — disse Twissell — por que quero deixar que você tenha sua garota. Isso não faria mal à Eternidade e, de certa forma, seria uma expiação para meu crime.

E Harlan acreditou. Tudo numa mudança de idéia, ele acreditou!

Harlan ajoelhou-se e levantou às têmporas os punhos cerrados. Inclinou a cabeça e balançou lentamente quando o selvagem desespero o atingiu.

Ele havia jogado fora a Eternidade e perdido Noys — enquanto que, se não fosse a sua destruição de Sansão, poderia ter salvo um e conservado o outro.

15. BUSCA ATRAVÉS DO PRIMITIVO

Twissell estava sacudindo os ombros de Harlan. A voz do velho chamava seu nome com insistência.

— Harlan! Harlan! Pelo amor do Tempo, homem! Harlan emergiu do desespero apenas lentamente. — O que devemos fazer?

— Não isto, certamente. Desespero, não. Para começar, ouça-me. Esqueça sua visão da Eternidade, da posição de Técnico e olhe-a através dos olhos de um Computador.

A visão é mais sofisticada. Quando você altera alguma coisa no Tempo e cria uma Mudança de Realidade, a Mudança pode ocorrer imediatamente. Por que deve ser isso?

— Porque a alteração tornou a Mudança inevitável? — disse Harlan com insegurança.

— Tornou? Você pode voltar atrás e anular a alteração, não pode?

— Creio que sim. Nunca o fiz, contudo. Ou alguém de quem eu tenha ouvido falar.

— Certo. Não há propósito em se anular uma alteração, portanto ela passa como planejada. Mas aqui temos algo mais. Uma alteração não intencional. Você mandou Cooper para o século errado, e agora eu pretendo firmemente anular essa alteração e trazer Cooper de volta para cá.

— Pelo amor do Tempo, como?

— Não estou certo ainda, mas deve haver uma maneira. Se não houvesse jeito, a alteração seria irreversível; a Mudança teria vindo de imediato. Mas não veio. Estamos ainda na Realidade da autobiografia de Mallansohn. Isso significa que a alteração é reversível e será revertida.

— O quê? — o pesadelo de Harlan estava se expandindo e girando, tornando-se mais sombrio e mais engolfante.

— Deve haver alguma maneira de se emendar o círculo no Tempo outra vez, e nossa habilidade quanto a descobrir o modo de fazê-lo deve ser uma coisa de alta probabilidade.

A partir do ponto em que nossa Realidade existe, podemos estar certos de que a solução continua com alta probabilidade. Se a qualquer momento, eu ou você tomarmos a decisão errada, se a probabilidade de se consertar o círculo cair sob alguma magnitude crucial, a Eternidade desaparecerá. Entende?

Harlan não estava certo de entender. Não estava tentando com muito empenho. Levantou-se lentamente e caminhou até uma cadeira. — Quer dizer que podemos trazer Cooper de volta…

— E mandá-lo para o lugar certo, sim. Apanhá-lo no momento em que deixar a caldeira e ele poderá chegar ao seu lugar adequado no

século 24, não mais do que algumas fisio-horas depois; fisiodias, no máximo. Isso seria uma alteração, é claro, mas não de grandes dimensões, sem dúvida. A Realidade seria agitada, rapaz, mas não perturbada.

— Mas como o traremos?

— Sabemos que há um modo, ou a Eternidade não estaria existindo neste momento. Quanto a qual seja o modo, é por isso que preciso de você, que fiz esforço para tê-lo de volta ao meu lado. Você é o perito em Primitivo. Diga-me.

— Não posso — suspirou Harlan.

— Pode — insistiu Twissell.

De súbito, sumiram-se os traços de idade ou de cansaço da voz do velho. Seus olhos estavam inflamados com a luz do combate e ele brandia seu cigarro como uma lança.

Mesmo para os sentidos insensibilizados de Harlan, o homem parecia estar divertindo-se, realmente se divertindo, agora que a batalha havia sido iniciada.

— Podemos reconstruir o fato — disse Twissell. — Aqui está o controle de impulso. Você está diante dele esperando pelo sinal. Ele chega. Você aciona o contato e ao mesmo tempo comprime a força de impulso em direção descendente. Até onde?

— Não sei. Estou-lhe dizendo que não sei.

— Você não sabe, mas seus músculos sim. Fique aí e pegue o controle. Fique seguro de si. Pegue-os, rapaz. Você está esperando pelo sinal. Você está me odiando. Odiando o Conselho. Odiando a Eternidade. Você está voltando o seu coração para Noys. Coloque-se de volta àquele momento. Sinta o que sentiu então. Agora colocarei o relógio em movimento outra vez.

Dar-lhe-ei um minuto, rapaz, para lembrarse de suas emoções e forçá-las de volta ao seu tálamo. Então, quando o ponteiro aproximar-se do zero, deixe sua mão direita empurrar o controle como fez antes. Então tire a mão! Não o mova para trás novamente. Está pronto?

— Não creio que possa fazê-lo.

— Você não crê… Pai Tempo, você não tem escolha! Há outra forma de você recuperar sua garota?

Não havia. Harlan forçou-se de volta aos controles, e quando o fez, a emoção retornou. Ele não teve de invocá-la. A repetição dos movimentos físicos trouxe-a de volta. A agulha vermelha do relógio começou a se mover.

O último minuto de vida? — pensou ele desinteressadamente.

Trinta segundos.

Ele pensou: Não vai doer. Isto não é a morte.

Tentou pensar somente em Noys.

Quinze segundos.

Noys!

A mão esquerda de Harlan moveu para baixo um interruptor, em direção ao contato.

Doze segundos.

Contacto!

Sua mão direita moveu-se.

Cinco segundos!

Noys!

Sua mão direita moveu e espasmodiraroente (sic).

Ele pulou para longe, ofegante.

Twissell aproximou-se, examinando o mostrador. — Século Vinte — disse ele. — Mil novecentos e trinta e oito, para ser exato.

— Não sei — desabafou Harlan. — Tentei sentir o mesmo, mas foi diferente. Eu sabia o que estava fazendo e isso fez a diferença.

— Eu sei, eu sei — disse Twissell. — Pode ser que tudo esteja errado. Chame isto de uma primeira aproximação.

Ele fez uma pausa, em cálculo mental, tirou um computador de bolso de seu estojo e colocou-o novamente sem consultá-lo.

— Que vá para o Tempo os pontos decimais. Digamos que é de 0,99 a probabilidade de você tê-lo mandado de volta ao segundo quarto do século 20. Algum lugar entre 1925 e 1950. Está bem?

— Não sei.

— Bem, agora, olhe. Se eu tomar a firme decisão de concentrar nessa parte do Primitivo com exclusão de tudo o mais e estiver errado, corro o risco de ter perdido minha oportunidade de conservar fechado o círculo no Tempo e a Eternidade desaparecerá. A própria decisão será o ponto crucial, a Mínima Mudança Necessária, a M.M.N., para se processar a Mudança. Tomo agora a decisão. Decido, definitivamente…

Harlan olhou em volta com cautela, como se a Realidade tivesse se tornado tão frágil que um movimento súbito da cabeça pudessse abalá-la.

— Estou plenamente consciente da Eternidade — disse Harlan. (A calma de Twissell o havia influenciado a ponto de sua voz soar firme em seus próprios ouvidos.)

— Então a Eternidade ainda existe — disse Twissell de maneira brusca e convicta — e tomamos a decisão certa. Agora nada mais há a fazer aqui, por enquanto. Vamos ao meu escritório e poderemos deixar o subcomitê do Conselho aglomerar-se aqui, se isso os deixar um pouco mais felizes. No que diz respeito a eles, o projeto terminou com sucesso. Se não terminou, eles nunca saberão Nem nós.

Twissell observou seu cigarro e disse: — A pergunta que agora se nos confronta é esta: o que fará Cooper quando descobrir que está no século errado?

— Não sei.

— Uma coisa é óbvia. Ele é bem jovem, inteligente, imaginativo, não concorda?

Bem, ele é Mallansohn.

— Exatamente. E ele pensou na possibilidade de chegar ao lugar errado. Uma de suas últimas perguntas foi: "O que acontecerá se eu não parar no ponto certo?"

Lembra-se?

— Bem? — Harlan não tinha idéia de onde ele queria chegar com isso.

— Então ele está mentalmente preparado para ficar deslocado no Tempo. Ele fará algo. Tentará chegar a nós.

Tentara deixar traços para nós. Lembre-se de que ele foi um Eterno, parte de sua vida. Este é um fato importante.

Twissell soprou um círculo de fumaça, enganchou-o com um dedo e observou-o espiralar-se e dispersar-se. — Ele está acostumado à noção de comunicação através do Tempo.

Não é provável que ele se renda ao pensamento de estar abandonado no Tempo. Saberá que nós o estamos procurando.

— Sem caldeiras e sem Eternidade no século 20 — disse Harlan — como ele faria para comunicar-se conosco?

— com você, Técnico, com você. Use o singular. Você é o nosso perito em Primitivo. Você ensinou a Cooper sobre o Primitivo. Você é a pessoa que ele esperaria ser capaz de encontrar seus vestígios.

— Que vestígios. Computador?

O velho rosto perspicaz de Twissell fitou Harlan, suas feições se enrugando. — A intenção era deixar Cooper no Primitivo. Ele está sem a proteção de um escudo envolvente de fisiotempo. Sua vida inteira está entrelaçada na estrutura do Tempo e continuará assim até que eu ou você anule a alteração. Do mesmo modo, o fato de estar entrelaçado na estrutura do Tempo é algum artefato, sinal ou mensagem que ele pode ter deixado para nós. Certamente, deve haver fontes particulares que você usou no estudo do século 20. Documentos, arquivos, filmes, artefatos, obras de referência. Refiro-me a fontes primárias, datando do próprio Tempo.

— Sim.

— E ele as estudou com você?

— Sim.

— E há alguma referência particular que seja a sua preferida, uma com a qual ele soubesse estar você intimamente familiarizado, de modo a reconhecer nela alguma referência dele?

— Entendo onde o senhor quer chegar, é claro — disse Harlan. Ele ficou pensativo.

— Bem? — perguntou Twissell com uma ponta de impaciência.

— Minhas revistas, quase com certeza — disse Harlan. — Revistas eram um fenômeno dos primeiros séculos 20. A revista da qual tenho uma coleção quase completa data do começo do século 20 e continua até o 22.

— Ótimo. Agora, há alguma maneira, você supõe, pela qual pudesse fazer uso dessas revistas para enviar uma mensagem? Lembre-se, ele saberia que você iria ler o periódico, que você estaria familiarizado com ele, que você saberia como procurar.

— Não sei. — Harlan chacoalhou a cabeça. — A revista assumia um estilo artificial. Era seletiva, antes que inclusiva, e totalmente imprevisível. Seria difícil ou mesmo impossível de se incluir em sua impressão alguma coisa que se planejasse ver impresso. Cooper não poderia criar notícias e estar certo de sua publicação. Mesmo que Cooper conseguisse obter uma boa posição no pessoal editorial da revista, o que é bem improvável, ele não poderia ter certeza de que suas palavras exatas passariam pelos vários editores. Não sei, Computador.

— Pelo amor do Tempo, pense! — disse Twissell. — Concentre-se naquelas revistas. Você está no século 20 e é Cooper com sua educação e conhecimento. Você ensinou o rapaz, Harlan. Você moldou seu pensamento. Agora, o que ele faria? Como faria ele para colocar alguma coisa na revista, algo com as palavras exatas que desejasse?

Os olhos de Harlan arregalaram-se. — Um anúncio!

— O quê?

— Uma propaganda! Uma notícia para que eles seriam compelidos a imprimir como pedido. Cooper e eu conversamos a respeito, ocasionalmente.

— Ah, sim. Eles têm essa espécie de coisa no século 186 — disse Twissell.

— Não como no século 20. O século 20 é o máximo nesse assunto. O meio cultural…

— Considerando-se o anúncio, agora — interrompeu Twissell com impaciência — de que tipo seria?

— Desejaria saber.

Twissell fitou a ponta acesa de seu cigarro, como se buscando inspiração. — Ele nada pode dizer diretamente. Ele não pode dizer: “Cooper, do século 78, encalhado no século 20 e chamando a Eternidade…”

— Como pode ter certeza?

— Impossível! Dar ao século 20 informações que sabemos que eles não teriam, seria tão prejudicial ao círculo de Mallansohn quanto uma ação errada de nossa parte. Nós ainda estamos aqui; portanto, durante toda a sua vida na Realidade corrente do Primitivo, ele não fez nenhum mal desse tipo.

— Além do que — disse Harlan, afastando-se da contemplação do raciocínio circular que parecia exigir tão pouco esforço de Twissell — não seria provável que a revista concordasse em publicar algo que lhe parecesse loucura ou que não se pudesse entender. Suspeitaria de fraude ou de alguma forma de ilegalidade e não desejaria se implicar. Portanto, Cooper não poderia usar Intertemporal Padrão na sua mensagem.

— Teria de ser algo sutil — disse Twissell. — Ele teria de usar um modo indireto. Teria de colocar um anúncio que parecesse perfeitamente normal para os homens do Primitivo. Perfeitamente normal! E contudo algo que fosse óbvio para nós, uma vez que saberíamos o que procurar. Muito óbvio. Óbvio a um olhar de relance, porque teria de ser encontrado entre incontáveis itens individuais. De que tamanho você supõe que seria, Harlan? Esses anúncios são caros?

— Bem caros, creio.

— E Cooper tinha de economizar seu dinheiro. Além disso, para evitar o tipo errado de atenção, o anúncio teria de ser pequeno, de qualquer forma. Imagine, Harlan. De que tamanho?

Harlan mostrou com as mãos. — Meia coluna?

— Coluna?

— Elas eram revistas impressas, o senhor sabe. Em papel. com a impressão distribuída em colunas.

— Oh, sim. Parece-me impossível separar literatura e filme, de certa forma… Bem, temos uma primeira aproximação de outro tipo, agora. Devemos procurar um anúncio de meia coluna que nos dará, praticamente à primeira vista, evidências de que o homem que a colocou veio de outro século (do futuro, é claro) e que, contudo, seja um anúncio tão normal que ninguém do século note qualquer coisa de suspeito nele.

— E se eu não o achar? — perguntou Harlan.

— Você achará. A Eternidade existe, não existe? Enquanto ela existir, estaremos no rastro certo. Diga-me: consegue lembrar-se de algum anúncio semelhante em seu trabalho com Cooper? Qualquer coisa que tenha lhe chamado a atenção, mesmo por um momento, por ser estranho, esquisito, incomum, sutilmente errada?

— Não.

— Não quero uma resposta tão rápida. Gaste cinco minutos para pensar.

— Não adianta. Na ocasião em que examinei as revistas com Cooper, ele não havia estado no século 20.

— Por favor, rapaz. Use a cabeça. O fato de mandar Cooper para o século 20 introduziu uma alteração. Não há Mudança; não é uma alteração irrevogável. Mas houve algumas mudanças com “c” minúsculo, ou micromudanças, como normalmente nos referimos a

elas nas Computações. No instante em que Cooper foi mandado ao século 20, o anúncio apareceu na edição apropriada da revista. Sua própria Realidade micromudou, no sentido de que você pode ter olhado a página com esse anúncio, ao invés da página sem ele, como você fez na Realidade anterior. Entendeu?

Harlan estava novamente espantado, quase tanto com a facilidade com que Twissell abria caminho através da floresta de lógica temporal, quanto com os "paradoxos" do Tempo. Ele sacudiu a cabeça. — Não me lembro de nada semelhante.

— Bem, então, onde é que você guarda os arquivos daquele periódico?

— Eu fiz uma biblioteca especial na Galeria Dois, usando a prioridade de Cooper.

— Ótimo — disse Twissell. — Vamos lá. Agora! Harlan observou Twissell fitar curiosamente os velhos volumes encadernados da biblioteca e então tirar um. Eram tão velhos que o papel frágil tinha de ser preservados por métodos especiais, e chiou sob o manuseio insuficientemente cuidadoso de Twissell.

Harlan retraiu-se. Em melhores tempos, teria ordenado a Twissell que se afastasse dos livros, embora fosse um Computador Sênior.

O velho examinou as páginas ondulantes e pronunciou silenciosamente as palavras arcaicas. — Este é o inglês de que os lingüistas estão sempre falando, não é? — perguntou ele, dando pancadinhas na página.

— Sim. Inglês — murmurou Harlan.

Twissell recolocou o volume no lugar. — Pesado e desajeitado.

Harlan encolheu os ombros. Para ser certo, a maioria dos séculos da Eternidade eram épocas de filme. Uma respeitável minoria eram épocas de gravação molecular. Contudo, a impressão e papel não eram incomuns.

— Os livros não exigem o mesmo investimento em tecnologia que os filmes — disse ele.

Twissell coçou o queixo. — Tem razão. Vamos começar?

Ele tirou outro volume da prateleira, abrindo-o ao acaso e olhando a página com estranha atenção.

Será que o homem pensa que vai encontrar a solução por um golpe de sorte? — person Harlan.

O pensamento deve ter sido correto, pois Twissell, encontrando os olhos apreciadores de Harlan, enrubesceu e colocou o volume no lugar.

Harlan pegou o primeiro volume do Contiséculo de 19,25 e começou a virar as páginas metodicamente. Apenas sua mão direita e seus olhos se moviam. O resto do corpo permanecia em rígida atenção.

A intervalos que lhe pareciam eternos, Harlan se levantava, resmungando, para apanhar um novo volume. Nessas ocasiões, haveria o intervalo para o café, ou para o sanduíche, ou outros intervalos.

— É inútil que o senhor fique — disse Harlan lentamente.

— Incomodo-o? — perguntou Twissell.

— Não.

— Então ficarei — murmurou Twissell. O tempo todo ele passeou, ocasionalmente, até as prateleiras de livros, fitando desamparadamente as encadernações. As faíscas de seus cigarros furiosos queimavam-lhes as pontas dos dedos, às vezes, mas ele as desprezava.

Um fisiodia terminou.

O sono foi pouco e esparso. No meio da manhã, entre dois volumes, Twissell protelou seu último gole de café e disse: — Às vezes fico imaginando por que não desisti de minha carreira de Computador, depois do transtorno do meu… você sabe. Harlan assentiu.

— Senti vontade — continuou o velho. — Senti vontade. Durante fisiomeses, esperei, em desespero, que não se atravessassem mais Mudanças em meu caminho. Fiquei mórbido quanto a isso. Comecei a imaginar se as mudanças eram uma coisa certa. Engraçado, as emoções falsas enganam a gente.

— Você sabe história Primitiva, Harlan. Você sabe como era. A Realidade do Primitivo fluía às cegas ao longo da linha de probabilidade máxima. Se a probabilidade máxima envolvesse uma pandemia, ou dez séculos de economia escravista, um acidente tecnológico, ou mesmo uma… uma… vejamos, o que é realmente ruim… mesmo uma guerra atômica, se tivesse sido possível uma, então, por que, por Tempo, acontecia! Nada havia para detê-la.

Mas onde a Eternidade existe, ela tem sido detida. Acima do século 28, coisas como essa não acontecem. Pai Tempo, elevamos nossa Realidade a um nível bem além de qualquer coisa que os tempos Primitivos pudessem imaginar; a um nível que, senão pela interferência da Eternidade, teria sido de probabilidade bem baixa, na verdade.

O que está ele tentando fazer? — pensou Harlan, envergonhado. Fazer-me trabalhar com mais empenho? Estou fazendo o máximo.

Twissell disse: — Se deixamos passar nossa oportunidade agora, a Eternidade desaparece, provavelmente através de todo o fisiotempo. Numa vasta Mudança, a Realidade reverte para probabilidade máxima, isso é indiscutível, com a guerra atômica e o fim do homem.

— É melhor eu passar para o próximo volume — disse Harlan.

No intervalo seguinte, Twissell disse desamparadamente: — Há

tanto a fazer. Não há um modo mais rápido?

— Indique-o — disse Harlan. — Parece-me que devo olhar cada uma das páginas. E olhar cada parte delas, também. Como posso fazê-lo mais rápido?

Ele virava as páginas metodicamente.

— Finalmente — disse Harlan — as legendas começam a se embaçar, e isso significa que é hora de dormir.

Um segundo fisiodia terminou.

Às 10:22 horas, por Fisiotempo Padrão, do terceiro dia de busca, Harlan fitou uma página em quieta surpresa e disse: — É isto!

Twissell não assimilou a exclamação. — O quê? — disse ele.

Harlan levantou os olhos, o rosto alterado pelo assombro. — Sabe, eu não acreditava. Por Tempo, nunca acreditei realmente, mesmo enquanto o senhor estava elaborando todas aquelas asneiras sobre revistas e anúncios.

Twissel havia assimilado, agora. — Você achoul.

Ele se lançou ao volume que Harlan segurava, estendendo a mão para ele com dedos trêmulos.

Harlan tirou o volume de seu alcance e fechou-o bruscamente. — Um momento. O senhor não acharia, mesmo que eu lhe mostrasse a página.

— O que está fazendo? — gritou Twissell. — Você perdeu a página!

— Não perdi. Sei onde está. Mas primeiro…

— Primeiro o quê?

— Há um ponto em pendência, Computador Twissell — disse Harlan. — O senhor disse que posso ter Noys. Traga-a para mim, então. Deixe-me vê-la.

Twissell olhou para Harlan, com seus poucos cabelos brancos desgrenhados. — Você está brincando?

— Não — respondeu Harlan rispidamente. — Não estou brincando. O senhor assegurou-me de que daria um jeito… O senhor está brincando? Noys e eu ficaríamos juntos. O senhor prometeu.

— Sim, prometi. Esta parte está decidida.

— Então traga-a viva, bem e incólume.

— Mas não o entendo. Eu não a tenho. Ninguém a tem. Ela está ainda no distante futuro, onde Finge disse que está. Ninguém a tocou. Grande Tempo, eu lhe disse que ela estava em segurança.

Harlan fitou o velho e ficou tenso. — O senhor está jogando com palavras — disse ele sufocadamente. — Está bem, ela está no distante futuro, mas o que tem isso de bom para mim? Tire a barreira do século 100.000…

— Tire o quê?

— A barreira. A caldeira não passará por ela.

— Você nunca me disse nada a respeito — disse Twissell furiosamente.

— Não disse? — perguntou Harlan com viva surpresa. Não teria ele dito? Ele havia pensado nisso diversas vezes. Nunca teria ele dito alguma palavra a respeito?

Ele não conseguia lembrar-se, afinal. Mas então ele recuperou a firmeza.

— Está bem. Digo-lhe agora, então. Remova-a.

— Mas a coisa é impossível. Uma barreira contra a caldeira? Uma barreira temporal?

— Está me dizendo que o senhor não a colocou?

— Não. Por Tempo, eu juro.

— Então… então… — Harlan sentiu-se empalidecer. — Então o Conselho o fez. Eles sabem de tudo isso e agiram independentemente do senhor e… e por tudo do Tempo e da Realidade, eles podem se cansar de esperar pelo anúncio e por Cooper, por Mallansohn e por tudo da Eternidade. Eles não terão nada disso. Nada.

— Espere! Espere! — Twissell sacudiu desesperadamente o cotovelo de Harlan. — Acalme-se! Pense, rapaz, pense. O Conselho não colocou barreira alguma.

— Mas ela existe.

— Mas eles não poderiam ter posto tal barreira. Ninguém poderia. É teoricamente impossível.

— O senhor não sabe de nada. Ela existe.

— Você sabe melhor do que qualquer um do Conselho que tal coisa é impossível.

— Mas ela está lá.

— Mas se está…

E Harlan notou os arredores o suficiente para perceber a presença de uma espécie de medo abjeto nos olhos de Twissell; um medo que não havia estado ali nem mesmo quando ele soube pela primeira vez da direção errada em que Cooper foi mandado e do fim iminente da Eternidade.

16. OS SÉCULOS OBSCUROS

Andrew Harlan observava os homens em trabalho com olhos distraídos. Eles o ignoravam polidamente porque ele era um Técnico. Normalmente, ele os teria ignorado um tanto menos polidamente, pois eles eram homens da Manutenção. Mas agora ele os observava e, em sua miséria, até mesmo pegava-se invejando-os.

Eles eram o pessoal de serviço do Departamento de Transporte Intertemporal, em uniformes cinza, com os emblemas do ombro mostrando uma flexa vermelha de duas pontas contra um fundo preto. Eles usavam intricado equipamento de campo de força para testar os motores das caldeiras e os graus de hiperliberdade ao longo das colunas de caldeira. Eles possuíam, imaginou Harlan, pouco conhecimento teórico de engenharia temporal, mas era óbvio que tinham um vasto conhecimento prático do assunto.

Harlan não havia aprendido muito sobre Manutenção, em seu tempo de Aprendiz. Ou, para ser mais preciso, ele não havia realmente desejado aprender. Os Aprendizes que não obtinham sucesso eram colocados na Manutenção. A "profissão não-especializada" (como era tida pelo eufemismo) era a indicação indiscutível de falha, e os Aprendizes medíocres automaticamente evitavam o assunto.

Contudo, agora, enquanto observava os homens da Manutenção em trabalho, eles lhe pareciam ser calma e pacientemente eficientes, razoavelmente felizes.

Por que não? Eles excediam em número os Especialistas, os "verdadeiros Eternos", de dez para um. Tinham uma sociedade própria, galerias residenciais destinadas a eles, prazeres próprios. Seus períodos de trabalho eram fixados em tantas horas por fisiodia, e não havia pressão social, no caso deles, para fazê-los relacionar suas atividades das horas de folga com a profissão. Eles tinham tempo, enquanto que os Especialistas não, para dedicar à literatura e à dramatização de filmes retirados das várias Realidades.

Eram eles, afinal de contas, que tinham provavelmente as personalidades mais bem formadas. Era a vida do Especialista que era atormentada e afetada, artificial, em comparação com a vida simples e doce na Manutenção.

A Manutenção era a base da Eternidade. Estranho que um fato tão óbvio não lhe tivesse chamado a atenção antes. Eles supervisavam a importação de alimento e água do Tempo, o controle de gasto e o funcionamento das usinas de energia. Eles conservavam todo o mecanismo da Eternidade em andamento regular. Se todos os Especialistas morressem de um ataque súbito, a Manutenção poderia conservar a Eternidade em andamento indefinidamente. Contudo,

fosse a Manutenção a desaparecer, os Especialistas teriam de abandonar a Eternidade em questão de dias ou morrer miseravelmente.

Será que os homens da Manutenção ressentiam-se da perda de seus séculos natais, ou de suas vidas sem mulheres e sem filhos? Seria suficiente compensação a segurança contra a pobreza, a doença e as Mudanças de Realidade? Seriam eles consultados sobre seus pontos de vista a respeito de qualquer assunto de importância? Harlan sentiu dentro de si um pouco do fogo do reformador social.

O Computador Sênior Twissell interrompeu a seqüência de pensamentos de Harlan, entrando quase que correndo, parecendo mais amedrontado do que parecera, uma hora antes, quando saíra, com os homens da Manutenção já trabalhando.

Como é que ele continua com isso? — pensou Harlan. Ele é um velho.

Twissell olhou em volta com vivacidade de pássaro, enquanto os homens se colocavam automaticamente em posição ereta, em respeitosa atenção.

— Que tal as colunas de caldeira? — perguntou ele.

— Nada errado, senhor — respondeu um dos homens. — As colunas estão limpas, os campos engrenados.

— Examinou tudo?

— Sim, senhor. Até onde vão as estações do Departamento.

— Então saiam — disse Twissell.

Não houve má interpretação da brusca insistência de sua ordem. Eles se curvaram respeitosamente, voltaram-se e saíram rapidamente.

Twissell e Harlan ficaram sozinhos nas colunas de caldeira.

Twissell voltou-se para ele. — Você ficará aqui. Por favor.

Harlan sacudiu a cabeça. — Devo ir, — Você certamente entende — disse Twissell. — Se me acontecer alguma coisa, você ainda sabe como encontrar Cooper. Se alguma coisa acontecer a você, o que posso eu fazer, ou qualquer Eterno, ou qualquer combinação de Eternos, sozinhos?

Harlan chacoalhou a cabeça novamente.

Twissell colocou um cigarro entre os lábios. — Sennor está desconfiado — disse ele. — Chamou-me diversas vezes nos últimos dois fisiodias. Quer saber por que estou isolado. Quando descobrir que ordenei uma revisão completa no mecanismo das colunas de caldeira… Preciso ir, agora, Harlan. Não posso atrasar-me.

— Não quero que o senhor se atrase. Estou pronto.

— Você insiste em ir?

— Se não houver barreira, não haverá perigo. Mesmo que haja, já estive lá e voltei. De que o senhor está com medo, Computador?

— Não quero arriscar algo desnecessário.

— Então use sua lógica, Computador. Tome a decisão de que Vou com o senhor. Se a Eternidade ainda existir depois disso, significará que o círculo ainda pode ser fechado. Significará que sobreviveremos. Se for uma decisão errada, então a Eternidade passará para a não-existência, mas ela passará de qualquer forma, se eu não for, porque sem Noys, não farei qualquer movimento para recuperar Cooper. Isso eu juro.

— Eu a trarei de volta para você — disse Twissell.

— Se é tão simples e seguro, não haverá mal, se eu for junto.

Twissell estava numa óbvia tortura de hesitação. — Bem, então venha! — disse ele asperamente.

E a Eternidade sobreviveu.

O olhar amedrontado de Twissell não desapareceu, uma vez dentro da caldeira. Ele fitava os números que voavam no temporômetro. Mesmo o mostrador de peso, que media em unidades de Quiloséculos e que os homens haviam ajustado para esse propósito particular, dava estalidos a intervalos de minuto.

— Você não devia ter vindo — disse ele. Harlan encolheu os ombros. — Por que não?

— Isso me inquieta. Nenhuma razão sensível. Chame isso de uma velha superstição minha. Deixa-me impaciente — ele juntou as mãos, apertando-as firmemente.

— Não o entendo — disse Harlan.

Twissell parecia ansioso por falar, como se para exorcisar algum demônio mental. — Pode ser que você tenha idéia disso, afinal — disse ele. — Você é perito no Primitivo.

Quanto tempo o homem existiu no Primitivo?

— Dez mil séculos — respondeu Harlan. — Quinze mil, talvez.

— Sim. Começando como uma espécie de criatura primitiva com forma de macaco e terminando como homo sapiens. Certo?

— Isso é conhecimento comum. Sim.

— Então deve ser conhecimento comum que a evolução ocorre num passo bem rápido. Quinze mil séculos de macaco a homo sapiens.

— Bem?

— Bem, sou de um dos séculos 30.000…

(Harlan não pôde evitar de se assustar. Nunca soubera o século natal de Twissell ou conhecera alguém que soubesse.)

— Sou de um dos séculos 30.000 — repetiu Twissell — e você é do 95. O tempo entre nossos séculos natais é duas vezes o espaço de tempo total da existência do homem no Primitivo, porém, que mudança há entre nós? Nasci com quatro dentes a menos do que os seus e sem um apêndice. As diferenças fisiológicas a respeito terminam com isso. Nosso metabolismo é quase o mesmo. A maior diferença é que seu corpo pode sintetizar o núcleo esterólico e o meu

não; portanto, preciso de colesterol em minha dieta e você não. Fui capaz de procriar com uma mulher do século 575. Eis quando se diferenciam as espécies, com o tempo.

Harlan não ficou impressionado. Ele nunca havia questionado a identidade básica do homem através dos séculos. Esta é uma daquelas coisas com as quais se vive e que se aceita. — Houve casos de espécies viverem durante milhões de séculos sem mudanças — disse ele.

— Não muitas, entretanto. E resta o fato de que a cessação da evolução humana parece coincidir com o desenvolvimento da Eternidade. Apenas coincidência? Esta questão não é considerada, exceto por uns poucos, aqui e ali, como Sennor, e eu nunca fui um Sennor. Eu não acreditava que a especulação fosse adequada. Se alguma coisa não pudesse ser examinada por um Computaplex, não adiantava tomar o tempo de um Computador. E contudo, em meus dias de jovem, eu às vezes pensava…

— Em quê? — bem, é algo para se ouvir, de qualquer forma — pensou Harlan.

— Eu às vezes pensava na Eternidade como ela era a princípio, quando foi estabelecida. Abrangia apenas alguns dos séculos 30 e 40, e sua função era, na maior parte, comércio. Interessava-se no reflorestamento de áreas desnudadas, transportando terra fértil para trás e para a frente, água fresca, substâncias químicas de boa qualidade. Aqueles eram dias simples.

— Mas então descobrimos as Mudanças de Realidade. O Computador Sênior Henry Wadsman, da maneira dramática com que estamos todos acostumados, evitou uma guerra removendo o freio de segurança do veículo terrestre de um dos congressistas. Depois disso, mais e mais, a Eternidade mudou seu centro de gravidade, de comércio para Mudança de Realidade. Por quê?

— Pelo motivo óbvio — disse Harlan. — Melhoramento da humanidade.

— Sim, sim. Em tempos normais, creio que sim, também. Mas estou falando de meu pesadelo. E daí se houvesse algum outro motivo, um não divulgado, um insconsciente?

Um homem que pode viajar no futuro infinito pode encontrar homens tão avançados em relação a si mesmo quanto ele próprio o é em relação a um macaco. Por que não?

— Pode ser. Mas homens são homens…

— …mesmo no século 70.000. Sim, eu sei. E nossas Mudanças de Realidade têm alguma coisa a ver com isso?

Nós extraímos o incomum. Mesmo o século natal de Sennor, com suas criaturas sem cabelos, está sob debate contínuo, e isso é bastante inofensivo. Talvez, com toda a honestidade, com toda a sinceridade, tenhamos impedido a evolução humana porque não queremos

conhecer os super-homens.

Nenhuma centelha fora acendida ainda. — Então está feito — disse Harlan. — O que importa?

— Mas e se o super-homem existir do mesmo jeito, muito mais acima do que podemos alcançar? Controlamos somente até o século 70.000. Além desse estão os Séculos Obscuros! Por que eles são desconhecidos? Porque os homens desenvolvidos não querem lidar conosco e nos impedem de entrar em seu tempo? Por que permitimos que eles continuem desconhecidos? Porque não queremos lidar com eles e, não tendo conseguido entrar em nossa primeira tentativa, recusamo-nos até mesmo a fazer outras tentativas? Não digo que esta seja a nossa razão consciente, mas, consciente ou inconsciente, é uma razão.

— Concordo com tudo — disse Harlan obstinadamente. — Eles estão fora de nosso alcance e nós estamos fora do deles. Viva e deixe viver.

Twissell pareceu surpreendido pela frase. — Viva e deixe viver. Mas nós não deixamos. Nós fazemos Mudanças. As Mudanças estendem-se somente através de alguns séculos, antes que a inércia temporal faça com que seus efeitos desapareçam. Você se lembra de que durante nosso almoço Sennor tocou nesse assunto como um dos problemas não resolvidos do Tempo. O que ele poderia ter dito era que isso tudo é uma questão de estatística. Algumas Mudanças afetam mais séculos do que outras. Teoricamente, qualquer número de séculos pode ser afetado pela Mudança adequada; cem séculos, mil, cem mil. Os homens desenvolvidos dos Séculos Obscuros podem saber disso. Suponha que eles sejam perturbados pela possibilidade de que algum dia uma Mudança pode atingi-los completamente até o século 200.000.

— É inútil preocupar-se com tais coisas — disse Harlan, com o ar de um homem que tem preocupações muito maiores.

— Mas suponha — continuou Twissell num sussurro — que eles ficassem bem calmos enquanto deixássemos vazios os Setores dos Séculos Obscuros. Isso significaria que não estaríamos agredindo. Suponha que essa trégua, ou seja lá como for que você queira chamar isso, fosse quebrada, e alguém aparecesse para estabelecer residência permanente acima do século 70.000. Suponha que eles pensassem que isso pudesse significar a primeira invasão séria? Eles podem nos impedir de entrar em seu Tempo, portanto a ciência deles é nesse ponto mais avançada que a nossa. Suponha que eles possam, além disso, fazer o que nos parece impossível e colocar uma barreira nas colunas de caldeira, impedindo-nos…

E agora Harlan estava de pé, completamente horrorizado. — Eles estão com Noys?

— Não sei. Isso é uma suposição. Pode ser que não haja barreira. Pode ser que houvesse algo errado com sua caldei…

— Havia uma barreira! — gritou Harlan. — Que outra explicação existe? Por que o senhor não me disse isso antes?

— Eu não acreditava nisso — gemeu Twissell. — Ainda não acredito. Eu não devia ter dito uma palavra desse sonho idiota. Meus próprios temores… a questão de Cooper… tudo… Mas espere, apenas alguns minutos.

Ele apontou o temporômetro. O medidor de tempo indicava que eles estavam entre os séculos 95.000 e 96.000.

A mão de Twissell nos controles diminuiu a velocidade da caldeira. O século 99.000 havia passado. Os movimentos do medidor de peso pararam. Os séculos distintos podiam ser lidos.

99.726 — 99.727 — 99.728 —

— O que faremos? — murmurou Harlan.

Twissell sacudiu a cabeça num gesto que falava eloqüentemente de paciência e esperança, mas talvez também de desamparo.

99.851 — 99.852 — 99.853

Harlan enrijeceu-se para o choque da barreira e pensou desesperadamente: preservar a Eternidade seria o único meio de encontrar tempo para combater as criaturas dos Séculos Obscuros? De que outro modo recobrar Noys? Lançar-se de volta, de volta ao século 575 e trabalhar freneticamente para…

99.938 — 99.939 — 99.940

Harlan prendeu a respiração. Twissell reduziu ainda mais a velocidade da caldeira, deixando-a mover-se bem lentamente. Ela respondeu perfeitamente aos controles.

99.984 — 99.985 — 99.986

— Agora, agora, agora — disse Harlan num sussurro, inconsciente de ter emitido qualquer som.

99.998 — 99.999 — 100.000 — 100.001 — 100.002

Os números aumentavam e os dois homens observavam-nos continuar a aumentar, em silêncio paralisado.

Então Twissell gritou: — Não há barreira!

E Harlan respondeu: — Havia! Havia! — então, em agonia — pode ser que eles a tenham apanhado e não mais precisem de uma barreira!

Século 111.394!

Harlan saltou da caldeira e ergueu a voz. — Noys! Noys!

Os ecos saíam das paredes do Setor vazio profundamente sincopados.

Twissell, saindo mais tranqüilamente, chamou atrás do homem mais jovem. — Espere, Harlan…

Foi inútil. Harlan, numa corrida, arremessava-se ao longo dos

corredores, em direção à parte do Setor em que eles haviam feito uma espécie de lar.

Ele pensou vagamente na possibilidade de encontrar um dos "homens desenvolvidos" de Twissell, e, momentaneamente, sua pele formigou, mas então isso foi sufocado pela sua urgente necessidade de encontrar Noys.

— Noys!

E tudo de imediato, tão rapidamente, que ela estava em seus braços, antes de ele ter certeza de tê-la visto; ela estava ali com ele e seus braços o envolviam e apertavam; sua face estava contra seu ombro e seu cabelo escuro, macio contra seu queixo.

— Andrew? — disse ela, a voz abafada pela pressão de seu corpo. — Onde você estava? Passaram-se dias e eu estava ficando com medo.

Harlan a manteve à distância, com os braços esticados, fitando-a com uma espécie de ansiosa solenidade. — Você está bem?

— Estou bem. Pensei que algo pudesse ter acontecido a você. Pensei… — ela se interrompeu, com terror brotando nos olhos, e falou, ofegando: — Andrew!

Harlan voltou-se.

Era somente Twissell, ofegante.

Noys deve ter ganho confiança com a expressão de Harlan. — Você o conhece, Andrew? — perguntou ela, mais calmamente. — Está tudo bem?

— Está tudo bem — respondeu Harlan. — Este é meu superior, o Computador Sênior Laban Twissell. Ele sabe de você.

— Um Computador Sênior? — Noys recuou.

Twissell adiantou-se lentamente. — Ajudarei você, minha criança. Ajudarei vocês dois. O Técnico tem minha promessa, se ele acreditar apenas nela.

— Minhas desculpas, Computador — disse Harlan formalmente e, contudo, não inteiramente arrependido.

— Desculpado — disse Twissell. Ele estendeu a mão e pegou a da garota, relutante. — Diga-me garota, esteve tudo bem com você, aqui?

— Estive preocupada.

— Ninguém esteve aqui desde que Harlan a deixou?

— N-não, senhor.

— Absolutamente ninguém? Nada?

Ela sacudiu a cabeça. Seus olhos escuros procuraram os de Harlan. — Por que o senhor pergunta?

— Nada, garota. Um pesadelo tolo. Venha, levaremos você de volta ao século 575.

De volta à caldeira, Andrew Harlan afundou, gradativamente, num silêncio profundo e preocupado. Não levantou os olhos quando a caldeira passou pelo século 100.000 na direção descendente e Twissell

soltou um óbvio suspiro de alívio, como se tivesse esperado ser preso no lado de cima do tempo.

Ele mal se moveu quando a mão de Noys se enfiou na sua, e o modo com que ele imitou a pressão dos dedos dela foi quase mecânica.

Noys dormia num outro quarto e agora o desassossego de Twissell chegava a um ponto de intensidade devorante.

— O anúncio, rapaz! Você tem sua mulher. Minha parte do trato está feita.

Silenciosamente, ainda distraído, Harlan virou as páginas do volume sobre a mesa. Encontrou sua página.

— É bem simples — disse ele — mas está em inglês. Eu o lerei para o senhor e então o traduzirei.

Era um pequeno anúncio no canto esquerdo superior de uma página de número 30. Contra uma linha irregular que funcionava como fundo, estavam as palavras simples, em letras de forma:

ALL THE TALK OF THE MARKET[2]

Embaixo, em letras menores, lia-se: “Boletim Informativo de Investimentos”, Caixa Postal 14, Denver, Colorado. Twissell ouviu atenciosamente a tradução de Harlan e ficou obviamente desapontado.

— O que é o mercado? — perguntou ele. — Que querem eles dizer com isso?

— A bolsa de valores — respondeu Harlan com impaciência. — Um sistema pelo qual o capital particular era investido em negócios. Mas este não é de forma alguma o ponto importante. O senhor não vê esse desenho de linhas contra o qual o anúncio está fixado?

— Sim. A nuvem em forma de cogumelo da explosão de uma bomba atômica. Algo que atrai a atenção. O que é que tem?

Harlan explodiu. — Grande Tempo, Computador! Que há de errado com o senhor? Olhe a data de emissão da revista.

Ele apontou o cabeçário, bem à esquerda do número da página. Lia-se 28 de março de 1932.

— Isso nem precisa de tradução — disse Harlan. — Os números são quase os mesmo do Intertemporal Padrão, e o senhor vê que é do século 19,32. O senhor não sabe que naquele tempo nenhum ser humano jamais tinha visto a nuvem em forma de cogumelo? Ninguém poderia reproduzi-la tão precisamente, exceto…

— Agora espere. É apenas uma configuração de linhas — disse Twissell, tentando manter o equilíbrio. — Poderia assemelhar-se à nuvem em forma de cogumelo apenas por coincidência.

— Poderia? Quer olhar as palavras novamente? — Os dedos de

Harlan destacaram as fileiras menores: — Ali the-Talk-Of the-market. As iniciais formam ATOM, que em inglês quer dizer átomo. Isso é coincidência, também? De modo algum.

— O senhor não vê, Computador, como este anúncio preenche as condições que o senhor mesmo estipulou? Ele chamou minha atenção instantaneamente. Cooper sabia que ele estaria fora de anacronismo abrupto. Ao mesmo tempo, ele não tem sentido outro que não seu valor nominal, sentido algum, para qualquer homem do século 19,32.

— Portanto deve ser Cooper. Esta é sua mensagem. Temos a data para a semana mais aproximada de um Centiséculo. Temos seu endereço postal. Apenas é necessário ir atras dele, e eu sou o único com suficiente conhecimento do Primitivo para conseguir isso.

— E você irá? — O rosto de Twissell resplandescia em alívio e felicidade.

— Irei… sob uma condição.

Twissell franziu as sobrancelhas numa súbita inversão de emoção. — Condições, outra vez?

— A mesma condição. Não estou acrescentando outras. Noys deve estar em segurança. Ela deve vir comigo. Não a deixarei para trás.

— Você ainda não confia em mim? De que modo eu o traí? O que pode haver que ainda o perturbe?

— Uma coisa, Computador — disse Harlan solenemente.

— Uma coisa, ainda. Havia uma barreira no século 100.000. Por quê? Isto é o que ainda me perturba.

17. O FECHAMENTO DO CÍRCULO

Isso não parou de perturbá-lo. Era um transtorno que crescia em sua mente à medida que se passavam os dias de preparação. Interpunha-se entre ele e Twissell; depois, entre ele e Noys. Quando chegou o dia de partida, ele estava apenas distantemente consciente do fato.

Foi tudo o que ele conseguiu fazer para levantar uma sombra de interesse, quando Twissell retornou de uma reunião com o subcomitê do Conselho. — Como foi? — perguntou ele.

— Não foi exatamente a conversa mais agradável que já tive — respondeu Twissell cansadamente.

Harlan estava quase querendo deixar a conversa chegar lá, mas quebrou seu silêncio momentâneo com um murmurado — Suponho que o senhor nada disse sobre…

— Não, não — foi a resposta impaciente. — Eu nada disse sobre a garota ou sobre sua participação na direção errada de Cooper. Aquilo foi um erro infeliz, uma falha mecânica. Assumi plena responsabilidade.

A consciência de Harlan, pesada como estava, conseguiu achar lugar para uma pontada. — Isso não o afetará de maneira satisfatória — disse ele.

— O que podem eles fazer? Eles devem esperar que a correção seja feita, antes que possam tocar-me. Se falharmos, todos nós estaremos além de ajuda ou mal. Se tivermos sucesso, talvez o próprio sucesso me proteja. E se não proteger… — o velho encolheu os ombros. — Depois disso, planejo retirar-me de participação ativa nos negócios da Eternidade, de qualquer forma — mas ele manuseou seu cigarro e desfez-se dele antes de tê-lo fumado até a metade.

Ele suspirou. — Antes eu não os tivesse metido em todo isso, mas, em caso contrário, não teria havido jeito de usar a caldeira especial para outras viagens além do término da escala descendente.

Harlan voltou-se. Seus pensamentos moviam-se ao redor dos mesmos canais que haviam estado ocupados com a crescente exclusão de tudo o mais durante dias. Ouviu vagamente a observação adicional de Twissell, mas foi somente quando ele a repetiu que ele disse com um sobressalto:

— Perdoe-me?

— Ora essa! Sua mulher está pronta, rapaz? Ela compreende o que tem de fazer?

— Ela está pronta. Contei-lhe tudo.

— Como ela recebeu a coisa?

— O quê?… Oh, sim, ahn, como eu esperava que recebesse. Não

está com medo.

— São menos de três fisio-horas, agora.

— Eu sei.

Isso era tudo para o momento, e Harlan foi deixado sozinho com seu pensamentos e uma maçante compreensão do que devia fazer.

Pronta a carga da caldeira e ajustados os controles, Harlan e Noys apareceram numa mudança final de vestuário, aproximando-se ao de uma área não urbanizada do antigo século 20.

Noys havia modificado a sugestão de Harlan para o seu guarda-roupa, de acordo com algum sentimento instintivo que ela declarava que as mulheres possuíam quando se tratava de roupas e estética. Ela escolheu pensativamente de ilustrações nos anúncios dos volumes apropriados da revista e examinou minuciosamente os artigos importados de uma dúzia de séculos diferentes.

Ocasionalmente, ela dizia a Harlan: — O que você acha?

— Se é conhecimento instintivo, deixo a seu encargo — respondia ele com indiferença.

— Isto é um mal sinal, Andrew — disse ela, com uma delicadeza que não pareceu bem verdadeira. — Você está muito flexível. Qual é o problema, afinal de contas?

Você não é o mesmo. Não tem sido durante dias.

— Estou bem — disse Harlan de modo monótono.

A primeira vez que Twissell os viu no papel de nativos do século 20 provocou uma débil tentativa de gracejo. — Pai Tempo! — disse ele. — Que feio o vestuário do Primitivo; e como fracassa em esconder sua beleza, minha… minha querida.

Noys sorriu cordialmente para ele, e Harlan, ali em pé e impassivamente silencioso, foi forçado a admitir que o espírito galanteador reprimido e enferrujado de Twissell tinha algo de verdadeiro. A roupa de Noys a cingia sem acentuála, como devia. Sua maquilagem limitava-se a toques de cor sem imaginação nos lábios e nas faces e um feio reajustamento da linha da sobrancelha. Seus graciosos cabelos (isso tinha sido o pior de tudo) haviam sido cortados desapiedadamente. Contudo, ela estava linda.

Harlan mesmo já estava se acostumando ao seu próprio cinturão desconfortável, à firmeza com que as roupas se assentavam sob as axilas e sob a bifurcação das pernas e a monótona falta de cores em sua roupa de textura grosseira. Usar vestuário estranho para adaptar-se a um século era uma velha conversa para ele.

Twissell estava dizendo: — Agora o que eu realmente queria fazer era instalar controles manuais dentro da caldeira, como debatemos, mas não há meio, aparentemente.

Os engenheiros simplesmente devem ter uma fonte de poder

suficientemente grande para controlar o deslocamento temporal, e isso não é praticável fora da Eternidade.

Tensão temporal enquanto ocupando o Primitivo é tudo que pode ser conseguido. Entretanto, temos uma alavanca de retorno.

Ele os conduziu para dentro da caldeira, abrindo caminho entre os suprimentos empilhados, e mostrou o dedo de metal intruso que agora desfigurava a lisa parede interna da caldeira.

— Isso consta da instalação de um simples interruptor — disse ele. — Ao invés de retornar automaticamente à Eternidade, a caldeira permanecerá no Primitivo indefinidamente.

Uma vez que a alavanca seja acionada para cima, entretanto, vocês retornarão. Haverá então o problema da segunda e, espero, última viagem…

— Uma segunda viagem? — perguntou Noys de imediato.

— Eu não expliquei isso — disse Harlan. — Olhe, a finalidade desta primeira viagem é simplesmente determinar precisamente a hora de chegada de Cooper. Não sabemos que espaço de tempo existe entre sua chegada e a colocação do anúncio. Nós o encontraremos pela caixa postal e descobriremos, se possível, o exato minuto de sua chegada, ou o mais próximo que pudermos, de qualquer forma. Poderemos então retornar cinco minutos antes daquele momento, para permitir que a caldeira tenha deixado Cooper…

Twissell interrompeu. — Não poderíamos ter a caldeira no mesmo lugar do mesmo tempo em dois fisiotempos diferentes, você sabe — e tentou sorrir.

Noys pareceu assimilar a explicação. — Compreendo — disse ela, não muito determinadamente.

— O fato de apanharmos Cooper no momento de sua chegada anulará todas as micromudanças — disse Twissell para Noys. — O anúncio da bomba atômica desaparecerá novamente e Cooper somente saberá que a caldeira, tendo desaparecido, como dissemos-lhe que desapareceria, apareceu de novo, inesperadamente. Ele não saberá que esteve no século errado nem nós lhe contaremos. Dir-lhe-emos que havia alguma instrução vital que esquecemos de dar-lhe (teremos de inventar alguma) e somente podemos esperar que ele considere a coisa como sendo de tão pouca importância que não mencione o fato de ter sido enviado ao passado duas vezes, quando escrever suas memórias.

Noys levantou as sobrancelhas depiladas. — É bem complicado.

— Sim. Infelizmente — ele esfregou as mãos e fitou os outros como se acalentando uma dúvida interior. Então se endireitou, tomou outro cigarro e até conseguiu certa graça quando disse: — E agora, rapaz, boa sorte.

Twissell apertou rapidamente a mão de Harlan, acenou para Noys e saiu da caldeira.

— Vamos partir agora? — perguntou Noys a Harlan, quando ficaram a sós.

— Dentro de alguns minutos — respondeu Harlan.

Ele olhou de lado para Noys. Ela estava com os olhos levantados para ele, sorrindo, sem temor. Momentaneamente, seu próprio entusiasmo reagiu àquilo. Mas aquilo era emoção, não razão, aconselhou-se ele; instinto, não pensamento. Desviou o olhar.

A viagem não foi nada, ou quase nada; nada diferente de uma viagem em caldeira comum. No meio do caminho, houve uma espécie de abalo interno, que poderia ter sido o término da escala descendente ou puramente psicossomático. Foi pouco perceptível.

E então eles estavam no Primitivo e entraram num mundo escarpado e solitário, iluminado pelo esplendor de um sol da tarde. Havia um vento suave e frio e, no mais, silêncio.

As rochas expostas eram tombadas e imensas, coloridas em frascos arco-íris por compostos e ferro, cobre e cromo.

— O esplendor das imediações sem homens e quase sem vida enfezava e oprimia Harlan. A Eternidade, que não pertencia ao mundo material, não tinha sol nem ar algum, senão o importado. Suas lembranças de seu próprio século natal eram vagas. Suas Observações nos vários séculos haviam sido com homens e suas cidades. Ele nunca havia experimentado isto.

Noys tocou seu cotovelo.

— Andrew! Estou com frio!

Ele se voltou para ela sobressaltado.

— Não seria melhor instalarmos o Radiante? — disse ela.

— Sim — respondeu ele. — Na caverna de Cooper.

— Você sabe onde é?

— É bem aqui — respondeu ele brevemente.

Ele não tinha dúvida disso. A autobiografia havia dado a localização e, primeiro Cooper, agora ele, haviam sido enviados para ali com precisão.

Ele não duvidava da precisão do envio da viagem do Tempo desde dias de Aprendizagem. Lembrava-se de si mesmo, então, encarando seriamente o Educador Yarrow, dizendo:

“Mas a Terra move-se ao redor do Sol, o Sol moveu-se ao redor do Centro da Galáxia, e esta moveu-se, também. Se o senhor partir de algum ponto da Terra e descer a escala do Tempo cem anos, o senhor estará em espaço vazio, pois levarão cem anos para a Terra alcançar aquele ponto.” (Aqueles eram os dias em que ele ainda se referia a um século como “cem anos”).

E o Educador Yarrow retrucara: “Não se separa Tempo de espaço. Movendo-se através do Tempo, compartilha-se dos movimentos da Terra. Ou acha que um pássaro voando no ar some no espaço porque a

Terra está correndo em volta do Sol a trinta quilômetros por segundo e desaparece de sob a criatura?"

Raciocinar por analogia é arriscado, mas Harlan obteve prova mais rigorosa em dias posteriores e, agora, depois de uma viagem quase sem precedentes ao Primitivo, ele podia voltar-se confiantemente e não fitar surpreso por encontrar a abertura precisamente onde lhe haviam dito que estaria.

Ele removeu para o lado a camuflagem de pedregulho solto e rochas e entrou.

Esquadrinhou a escuridão de dentro usando o facho branco de sua lanterna quase como um bisturi. Explorou as paredes, o teto, o chão, cada palmo.

Noys, permanecendo bem atrás dele, murmurou — O que você está procurando?

— Alguma coisa. Qualquer coisa — respondeu ele.

Ele encontrou sua alguma ou qualquer coisa bem no fundo da caverna em forma de uma pedra achatada cobrindo papéis esverdeados, como um peso para papéis.

Harlan jogou a pedra de lado e passou o polegar pelas notas.

— O que é isso? — perguntou Noys.

— Notas bancárias. Meio de troca. Dinheiro.

— Você sabia que elas estavam aí?

— Eu nada sabia. Apenas esperava.

Era apenas uma questão de usar a lógica inversa de Twissell, de calcular a causa a partir do efeito. A Eternidade existia, portanto Cooper devia estar tomando decisões corretas, também. Simular o anúncio trouxera Harlan ao Tempo correto, e a caverna era um óbvio meio adicional de comunicação.

Contudo, era quase melhor do que ele ousara esperar. Mais de uma vez, durante os preparativos para sua viagem no Primitivo, Harlan achara que abrir seu caminho numa cidade com nada além de ouro, em seu poder, resultaria em suspeita e atraso.

Cooper conseguira, naturalmente, mas Cooper tivera tempo. Harlan levantou o maço de notas. E ele devia ter gastado tempo para acumular tanto assim. Tinha se saído bem, o meninão, admiravelmente bem.

E o círculo estava se fechando!

Os suprimentos haviam sido levados para dentro da caverna, sob o brilho crescentemente vermelho do sol poente. A caldeira havia sido coberta por uma película refletora difusa, que a esconderia de quaisquer olhos curiosos, a não ser dos mais próximos, e para tomar conta destes, se necessário fosse, Harlan tinha um revólver. O Radiante foi instalado na caverna e a lanterna foi entalada numa fenda, de maneira que eles tinham aquecimento e luz.

Do lado de fora, era uma fria noite de março.

Noys fitou pensativamente o liso interior parabolóide do Radiante que rodava lentamente. — Andrew, quais são seus planos? — perguntou ela.

— Amanhã cedo — disse ele — partirei para a cidade mais próxima. Sei onde é… ou deve ser. (Em sua mente, ele mudou de novo para "é". Não haveria problemas. A lógica de Twissell, novamente.)

— Irei com você, não é?

Ele sacudiu a cabeça. — Em primeiro lugar, você não fala a linguagem, e a viagem será bastante difícil para um negociar.

Noys parecia estranhamente antiquada em seus cabelos curtos, e a súbita irritação em seus olhos fez Harlan desviar o olhar constrangidamente.

— Não sou idiota, Andrew — disse ela. — Você mal fala comigo. Você não me olha. O que é isso? A moralidade de seu século natal está fazendo efeito? Você acha que traiu a Eternidade e está me culpando por isso? Acha que eu o corrompi? O que é isso?

— Você não sabe o que sinto — disse ele.

— Então descreva — disse ela. — Você pode muito bem fazê-lo. Você nunca terá uma chance tão boa quanto esta. Você sente amor? Por mim? Você não poderia ou não estaria me usando como bode expiatório. Por que me trouxe aqui? Diga-me. Por que não me ter deixado na Eternidade, já que você não tem nenhuma utilidade para mim aqui e já que parece que você nem consegue tolerar o fato de olhar para mim?

— Há perigo — murmurou Harlan.

— Oh, vamos, agora.

— É mais do que perigo. É um pesadelo. O pesadelo do Computador Twissell — disse Harlan. — Foi durante nossa última viagem apavorada aos Séculos Obscuros que ele me contou os pensamentos que tivera em relação àqueles séculos. Considerou a possibilidade de variedades desenvolvidas de homem, novas espécies, super-homens, talvez, escondendo-se no distante futuro, colocando-se fora de alcance de nossa interferência, planejando terminar com nossas intromissões com a Realidade. Ele achou que foram eles que construíram a barreira no século 100.000. Então encontramos você, e o Computador Twissell renunciou ao seu pesadelo. Decidiu que nunca tinha havido uma barreira. Retornou ao problema mais imediato de salvar a Eternidade.

— Mas eu, como vê, fiquei influenciado pelo pesadelo. Eu tinha experimentado a barreira, portanto eu sabia que ela existia. Nenhum Eterno a tinha construído, pois Twissell disse que tal coisa era teoricamente impossível. Pode ser que as teorias de Eternidade não

estejam suficientemente avançadas. A barreira estava lá.

Alguém a tinha construído. Ou alguma coisa.

— Naturalmente — continuou ele pensativamente — Twissell estava enganado em certos aspectos. Ele acha que o homem deve evoluir, mas não é assim. A paleontologia não é uma das ciências que interessam aos Eternos, mas interessava aos últimos Primitivos, portanto eu mesmo compreendi um pouco a respeito. Sei o seguinte: as espécies evoluem apenas para satisfazer as pressões de novos ambientes. Num ambiente estável, uma espécie pode permanecer sem mudanças por milhões de séculos. Os homens Primitivos evoluíram rapidamente porque seu ambiente era desagradável e mutante. Uma vez, contudo, que a espécie humana aprendeu a criar seu próprio ambiente, ela criou um agradável e estável, de maneira que ela apenas deteve a evolução naturalmente.

— Não sei de que você está falando — disse Noys, não parecendo nem um pouco apaziguada — e você não está falando nada a nosso respeito, que é sobre o que quero falar.

Harlan conseguiu permanecer externamente imóvel. — Agora, por que a barreira no século 100.000? — disse ele.

— Para que propósito servia? Você não foi molestada. Que outro significado poderia ter ela? Perguntei a mim mesmo: o que aconteceu, por causa de sua existência, que não teria acontecido se não estivesse lá?

Ele fez uma pausa, olhando suas botas pesadas e grosseiras, de couro natural. Ocorreu-lhe que poderia contribuir para seu conforto, removendo-as durante a noite, mas não agora, não agora…

— Só havia uma resposta para essa pergunta — disse ele. — A existência daquela barreira mandou-me encolerizado de volta ao passado para conseguir um chicote neurônico para atacar Finge. Isso me incitou ao pensamento de ameaçar a Eternidade para conseguir você de volta e destruir a Eternidade de quando pensasse que havia fracassado.

Compreende?

Noys o fitou com um misto de horror e descrença. — Quer dizer que o povo do futuro queria que você fizesse tudo isso? Planejaram isso?

— Sim! Não me olhe deste modo. Sim! E você não vê como isso torna tudo diferente? A partir do momento em que aqui por mim mesmo, por motivos próprios, sofrerei todas as conseqüências, materiais e espirituais. Mas ser logrado, ser tapeado por pessoas controlando e manipulando minhas emoções como se eu fosse um Computaplex, no qual apenas fosse necessário inserir as folhas devidamente perfuradas…

De súbito, Harlan compreendeu que estava gritando e calou-se

bruscamente. Deixou passar alguns momentos e então disse: — Isso é impossível de se aceitar. Tenho de desfazer o que fui induzido a fazer. E quando eu desfizer, poderei descansar novamente.

E descansaria — talvez. Ele podia sentir a chegada de um triunfo impessoal, separado da tragédia pessoal que jazia atrás e adiante. O círculo estava se fechando!

A mão de Noys estendeu-se, incerta, como se para pegar sua mão rígida e firme.

Harlan afastou-se, evitando sua solidariedade. — Tudo foi planejado — disse ele. — Meu encontro com você. Tudo. Minha composição emocional foi analisada. Obviamente.

Ação e resposta. Aperte este botão e o homem fará isso. Aperte aquele botão e ele fará aquilo.

Harlan falava com dificuldade, das profundezas da vergonha. Sacudiu a cabeça, tentando tirar dela o horror, como um cão salivando, e então continuou. — Uma coisa eu não entendi a princípio. Como cheguei a supor que Cooper iria ser mandado de volta ao Primitivo? Era a coisa mais improvável de se supor. Eu não tinha base. Twissell não entendeu. Mais de uma vez ele imaginou como poderia eu ter suposto isso com tão pouco conhecimento de matemática.

— Contudo, supus. A primeira vez foi aquela… aquela noite. Você estava dormindo, mas eu não. Tive então o pressentimento de que havia alguma coisa de que eu devia me lembrar; alguma observação, algum pensamento, algo que eu havia notado na excitação e alegria da noite. Quando pensei longamente, todo o significado de Cooper brotou na minha mente, e junto com ele, entrou-me na mente o pensamento de que eu estava em posição para destruir a Eternidade. Depois vasculhei a história da matemática, mas isso foi realmente desnecessário. Eu já sabia. Eu tinha certeza. Como? Como?

Noys fitou-o atentamente. Ela não tentou tocá-lo, então. — Você quer dizer que os homens dos Séculos Obscuros planejaram isso, também? Colocaram tudo isso em sua mente e então o manobraram adequadamente?

— Sim. Sim. Mas ainda não terminaram. Ainda há trabalho para eles. O círculo pode estar-se fechando, mas ainda não está fechado.

— Como podem eles fazer qualquer coisa, agora? Eles não estão aqui conosco.

— Não? — ele disse a palavra com voz tão profunda que Noys empalideceu.

— Supercoisas invisíveis? — murmurou ela.

— Não supercoisas. Nem invisíveis. Eu lhe disse que o homem não evoluiria enquanto controlasse seu próprio ambiente. As pessoas dos Séculos Obscuros são homo sapiens. Pessoas comuns.

— Então eles certamente não estão aqui.

— Você está aqui, Noys — disse Harlan tristemente.

— Sim. E você. E ninguém mais.

— Você e eu — concordou Harlan. — Ninguém mais.

Uma mulher dos Séculos Obscuros e eu… Não finja mais, Noys. Por favor.

Ela fitou-o horrorizada. — O que está dizendo, Andrew?

— O que devo dizer. O que estava você dizendo aquela noite, quando me deu a bebida de hortelã-pimenta? Você estava falando comigo. Sua voz suave… palavras suaves… Nada ouvi, não conscientemente, mas lembro-me de sua voz delicada sussurrando. Sobre o quê? A viagem de Cooper ao passado; a destruição da Eternidade, de Sansão. Estou certo?

— Nem mesmo sei o que significa destruição de Sansão — disse Noys.

— Você pode supor bem precisamente, Noys. Diga-me: quando entrou no século 482? Quem você substituiu? Ou você apenas… se enfiou? Seu Esboço de Vida foi elaborado por um perito do século 2456. Na nova Realidade, você não existia de forma alguma. Nenhuma analogia. Estranho para uma Mudança tão pequena, mas não impossível.

E então o Esboçador de Vida disse uma coisa que ouvi com os ouvidos, mas não com a mente. Estranho que eu deva lembrar-me disso. Talvez mesmo então, algo tenha ressoado em minha mente, mas eu estava muito pleno de… você, para ouvir. Ele disse: “com a combinação de fatores que você me transmitiu, não vejo nem mesmo como ela se ajusta na Realidade anterior.”

— Ele tinha razão. Você não se ajustava. Você era uma invasora do distante futuro, manipulando a mim e a Finge, também, para satisfazer-se.

— Andrew… — disse Noys de imediato.

— Tudo se ajustaria, se eu tivesse olhos para enxergar. Um livro-filme em sua casa entitulado História Social e Econômica. Surpreendeu-me quando o vi pela primeira vez. Você precisava dele para ensinar-lhe como ser melhor uma mulher do século, não é? Outro item. Nossa primeira viagem aos Séculos Obscuros, lembra-se? Você deteve a caldeira no século 111.394. Você a deteve com destreza, sem se atrapalhar. Onde você aprendeu a controlar uma caldeira? Se você fosse o que parecia ser, aquela teria sido a sua primeira viagem numa caldeira. Por que o século 111.394, afinal de contas? Era o seu século natal?

— Por que me trouxe ao Primitivo, Andrew? — perguntou ela gentilmente.

— Para proteger a Eternidade — gritou ele subitamente. — Eu

não podia dizer que danos você poderia causar lá. Aqui você está indefesa, porque eu a conheço. Admita que tudo que eu disse é verdade! Admita-o!

Ele se ergueu num paroxismo de cólera, o braço levantado. Ela não recuou. Estava absolutamente calma. Ela poderia ter sido moldada em cera quente e bela. Harlan não completou o movimento.

— Admita-o! — disse ele.

— Você está tão incerto — disse ela — depois de todas as suas deduções? O que lhe importará se eu admitir ou não?

Harlan sentiu crescer a selvageria. — Admita-o, de qualquer forma, para que eu não precise sentir dor alguma. Absolutamente nenhuma!

— Dor?

— Porque tenho um revólver, Noys, e minha intenção é matá-la.

18. O COMEÇO DA INFINIDADE

Havia uma formigante incerteza dentro de Harlan, uma irresolução que o estava consumindo. Tinha o revólver na mão. Estava apontado para Noys.

Mas por que ela nada dizia? Por que persistia naquela atitude impassível?

Como poderia ele matá-la?

Como poderia ele não matá-la?

— Bem? — disse ele roucamente.

Ela se moveu, mas apenas para enganchar as mãos frouxamente no colo, para parecer mais relaxada, mais indiferente. Quando falou, sua voz mal pareceu a de um ser humano. Frente à boca de um revólver, novamente adquiriu segurança e assumiu uma qualidade de força impessoal quase mística.

— Você não pode querer matar-me apenas para proteger a Eternidade — disse ela. — Se fosse essa a sua vontade, você poderia deixar-me sem sentidos, amarrar-me firmemente, prender-me dentro desta caverna e então partir para as suas viagens ao amanhecer. Ou poderia ter pedido ao computador Twissell para conservar-me em prisão solitária durante sua permanência no Primitivo. Ou poderia levar-me junto, ao amanhecer, perder-me no caminho. Se é somente matando que você se satisfará, isso é apenas porque você acha que eu o traí, que eu o logrei com amor, a princípio, de maneira que eu poderia lográ-lo em traição, depois. Isso é assassinato por orgulho ferido, e não a retribuição justa que você diz a si mesmo que é.

Harlan se contorceu. — Você é dos Séculos Obscuros? Diga-me.

— Sou — respondeu Noys. — Você atirará, agora?

O dedo de Harlan tremeu no ponto de contacto do revólver. Contudo, ele hesitou. Algo irracional dentro dele ainda poderia defendê-la e salientar as sobras de seu próprio amor e desejo fúteis. Estaria desesperada por sua rejeitação a ela? Estaria ela mentindo deliberadamente para procurar a morte?

Estaria ela perdendo-se em tolo heroísmo nascido do desespero pelas dúvidas dele em relação a ela?

Não!

Isso poderia ser encontrado nos livros-filme das tradições literárias doentiamente adocicadas do século 289, mas não numa garota como Noys. Ela não era do tipo de enfrentar a morte nas mãos de um falso amante com o jovial masoquismo de um lírio quebrado e sangrante.

Então estaria ela duvidando desdenhosamente de sua capacidade de matá-la por qualquer razão que fosse? Estaria ela contando

confiantemente com a atração que sabia que exercia sobre ele ainda agora, certa de que ela o imobilizaria e paralizaria em franqueza e vergonha.

Isso acertava muito perto. Seu dedo se apertou um pouco mais no contacto.

Noys falou novamente. — Você está esperando. Isso significa que você espera que eu levante um resumo para defesa?

— Que defesa? — Harlan tentou dizê-lo zombeteiramente, contudo recebeu de bom grado a diversão. Esta poderia adiar o momento em que ele deveria abaixar os olhos para o seu corpo alvejado, para quais fossem os restos de carne ensangüentada que pudessem sobrar, e saber que o que havia sido feito à sua linda Noys fora feito por suas próprias mãos.

Encontrou desculpas para sua demora. Deixe-a falar, pensou ele febrilmente. Deixe-a dizer o que pode sobre os Séculos Obscuros. Muito melhor proteção para a Eternidade.

Isso colocou uma frente de firme astúcia em seus atos e, no momento, ele conseguiu fitá-la com rosto quase tão calmo quanto o dela.

Noys devia ter lido sua mente. — Você quer saber sobre os Séculos Obscuros? Se isso servirá como defesa, ela está facilmente pronta. Gostaria de saber, por exemplo, por que não há seres humanos na Terra depois do século 150.000? Estaria interessado?

Harlan não iria implorar por informações, nem iria comprá-las. Ele tinha o revólver. Tinha a firme intenção de não demonstrar fraqueza.

— Fale! — disse ele, e enrubesceu ao pequeno sorriso, que foi a primeira resposta dela à sua exclamação.

— Num momento em fisiotempo, antes que a Eternidade tivesse chegado muito acima na escala ascendente, antes que tivesse alcançado mesmo o século 10.000, nós, de nosso século — e você tem razão, era o século 111.394 — descobrimos sua existência. Nós, também, tínhamos viagens no Tempo, sabe, mas era baseada numa série de postulados completamente diferente da de vocês, e nós preferíamos ver o Tempo, ao invés de alterar massa. Além disso, lidávamos somente com nosso passado, nossa escala descendente.

— Descobrimos a Eternidade indiretamente. Primeiro, desenvolvemos o cálculos das Realidades e testamos nossa própria Realidade através dele. Ficamos assombrados por descobrir que vivíamos numa Realidade de probabilidade bem baixa. Era uma questão séria. Por que uma Realidade tão improvável?… Você parece distraído, Andrew! Está interessado, afinal?

Harlan ouviu-a dizer seu nome com toda a íntima ternura que ela havia usado em semanas passadas. Isso devia ofendê-lo, agora, irritá-

lo com a cínica incredulidade.

E contudo não o ofendeu nem irritou.

— Continue e termine com isso, mulher — disse ele desesperadamente.

Ele tentou equilibrar a tepidez do seu "Andrew" com a fria irritação da "mulher" dele, porém, ela apenas sorriu de novo, palidamente.

— Voltamos procurando através do tempo e deparamos com a Eternidade em expansão. Pareceu-nos óbvio, quase de imediato, que tinha havido, em algum ponto do fisiotempo (uma concepção que tínhamos, também, mas sob outro nome), uma outra Realidade. A outra Realidade, a de probabilidade máxima, nós chamamos de Estado Básico. O Estado Básico tinha-nos circundado uma vez, ou a nossos análogos, pelo menos. Na ocasião não podíamos dizer qual era a natureza do Estado Básico. Não poderíamos saber.

— Sabíamos, entretanto, que cada Mudança iniciada pela Eternidade no distante passado tinha conseguido, através de efeitos de acasos estatísticos, alterar o Estado Básico até o nosso século e além dele. Começamos a determinar a natureza do Estado Básico, na intenção de desfazer o mal, se mal fosse. Primeiro construímos a área isolada que vocês chamam de Séculos Obscuros, isolando os Eternos para baixo do século 70.000. Essa armadura de isolamento proteger-nos-ia de tudo, exceto de uma porcentagem decrescentemente pequena das Mudanças que estivessem sendo feitas. Não era segurança absoluta, mas isso nos dava tempo.

— Em seguida fizemos algo que nossa cultura e éticas normalmente não nos permitiam fazer. Investigamos nosso próprio futuro, nossa escalada ascendente. Descobrimos o destino do homem na Realidade que então existia, de maneira que poderíamos, eventualmente, compará-lo com o Estado Básico. Em algum lugar depois do século 125.000, o homem descobriu o segredo da viagem interestelar. Aprenderam como conseguir o Pulo através do hiperespaço. Finalmente, a humanidade conseguiu alcançar as estrelas.

Harlan ouvia suas palavras medidas com crescente interesse. Quanta verdade haveria nisso tudo? Até onde seria uma tentativa calculada de iludi-lo? Tentou quebrar o encanto falando, interrompendo a fácil fluência de suas sentenças.

— E uma vez que conseguiu alcançar as estrelas — disse Harlan — ela o fez e deixou a Terra. Alguns de nós haviam imaginado isso.

— Então alguns de vocês imaginaram erradamente. O homem tentou deixar a Terra. Infelizmente, entretanto, não estamos sozinhos na Galáxia. Há outras estrelas com outros planetas, você sabe. Há até mesmo outras inteligências. Nenhuma, nesta Galáxia, pelo menos, é

tão antiga quanto a humanidade, mas nos 125.000 séculos que o homem permaneceu na Terra, mentes mais jovens nos alcançaram e superaram; desenvolveram a viagem interestelar e colonizaram a Galáxia.

— Quando saímos pelo espaço, havia sinais. Ocupado! Não Ultrapasse! Afaste-se! A humanidade retirou seus exploradores e permaneceu em casa. Mas então ela conhecia a Terra pelo que ela era: uma prisão rodeada por uma infinidade de liberdade… E a humanidade extinguiu-se!

— Apenas se extinguiu — disse Harlan. — Absurdo.

— Não se extinguiu, apenas. Isso levou milhares de séculos. Houve altos e baixos mas, no total, houve uma perda de propósito, um senso de futilidade, um sentimento de desesperança que não podia ser superado.

Finalmente, houve um último declínio do índice de nascimento e, em seguida, a extinção. A sua Eternidade fez isso.

Harlan podia defender a Eternidade, agora, mais intensa e extravagantemente por tê-la atacado tão ardentemente, tão pouco tempo antes. — Deixem-nos penetrar nos Séculos Obscuros — disse ele — e nós corrigiremos isso. Ainda não falhamos em realizar o maior bem nos séculos que conseguimos alcançar.

— O maior bem? — perguntou Noys, num tom destacado que pareceu escarnecer da frase. — O que é isso? Suas máquinas dizem a vocês. Seus Computaplex. Mas quem ajusta as máquinas e diz a elas o que pesar na balança? As máquinas não resolvem problemas com maior critério do que os homens; apenas mais rapidamente. Apenas mais rapidamente!

Então o que é isso que os Eternos consideram bem? Eu lhe direi. Segurança e despreocupação. Moderação. Nada em excesso. Nada de riscos sem esmagadora certeza de uma retribuição adequada.

Harlan engoliu em seco. com súbita força, lembrou-se das palavras de Twissell, na caldeira, enquanto falava dos homens evoluídos dos Séculos Obscuros. Ele dissera:

“Nós extraímos o incomum.”

E não era assim?

— Bem — disse Noys — você parece estar pensando. Pense nisto, então. Na Realidade que agora existe, por que é que o homem está tentando continuamente a viagem espacial e continuamente falhando? Certamente, cada era da viagem espacial deve saber de falhas anteriores. Por que tentar novamente, então?

— Não estudei o assunto — respondeu Harlan. Mas ele pensou constrangidamente nas colônias de Marte, repetidamente estabelecidas e sempre falhando. Pensou na estranha atração que o vôo espacial sempre exercera, mesmo sobre os Eternos. Podia ouvir o Sociólogo

Kantor Voy, do século 2456, suspirando pela perda do vôo espacial eletrogravitante de um século e dizendo saudosamente: “Isso tinha sido muito bonito.” E o Esboçador de Vida Neron Feruque, que, para aliviar seu espírito, tinha praguejado amargamente pela extinção do vôo espacial e tinha-se lançado a um acesso de maledicência ao manejo da Eternidade em relação aos soros anticâncer.

Haveria coisa tal como um desejo instintivo, por parte de seres inteligentes, de se expandir externamente, de alcançar as estrelas, de deixar para trás a prisão da gravidade? Seria isso que forçava o homem a desenvolver dúzias de vezes a viagem interplanetária, que o forçava a viajar mais e mais vezes aos mundos mortos de um sistema solar em que somente a Terra era habitável? Seria a falha final, a certeza de que devia retornar à prisão do lar, que trazia os ajustamentos defeituosos que a Eternidade estava sempre combatendo? Harlan pensou no adicionamento de drogas naqueles mesmos séculos fúteis dos eletrogravitantes.

— Eliminando os desastres da Realidade — disse Noys — a Eternidade exclui também os triunfos. É encarando as grandes provas que a humanidade pode elevar-se a grandes alturas com maior sucesso. Do perigo e da agitada insegurança vem a força que impulsiona a humanidade a conquistas novas e mais grandiosas. Pode compreender isso? Pode entender que, evitando as armadilhas e misérias que cercam o homem, a Eternidade o impede de descobrir suas próprias soluções amargas e melhores, as soluções reais, que se alcança vencendo a dificuldade, não evitando-a.

— O maior bem do maior número… — começou Harlan, sem jeito.

Noys interrompeu. — Suponha que a Eternidade nunca tivesse sido estabelecida?

— Bem?

— Eu lhe direi o que teria acontecido. As energias que foram gastas em engenharia temporal teriam sido gastas, ao invés, em estudos nucleares. A Eternidade não teria sido estabelecida, mas o vôo interestelar sim. O homem teria alcançado as estrelas mais de cem mil séculos antes do que o fez nesta Realidade corrente. As estrelas teriam estado desabitadas, então, e o homem teria se estabelecido por toda a Galáxia. Nós teríamos sido os primeiros.

— E o que teria ganho? — perguntou Harlan obstinadamente. — Nós seríamos mais felizes?

— A quem você se refere com “nós”? O homem não seria um mundo, mas um milhão de mundos, um bilhão de mundos.

Teríamos o infinito em nossas mãos. Cada mundo teria o seu próprio curso dos séculos, cada um os seus próprios valores, uma oportunidade para buscar a felicidade por meios próprios num

ambiente próprio. Há muitas felicidades, muitos bens, infinita variedade… Isso é o Estado Básico da humanidade.

— Você está supondo — disse Harlan, e estava irritado consigo mesmo por sentir atração pelo quadro que ela havia invocado. — Como pode você dizer o que teria acontecido?

— Vocês riem da ignorância dos Tempistas, que conhecem somente uma Realidade — disse Noys. — Nós rimos da ignorância dos Eternos, que pensam que há muitas Realidades, mas que somente uma existe de cada vez.

— O que significa isso?

— Nós não calculamos Realidades alternadas. Nós as observamos. Nós as vemos em seus estados de não-Realidades.

— Uma espécie de fantasmagórica terra-do-nunca, onde os "poderiam-ter-sido" brincam com os "ses".

— Sem o sarcasmo, sim.

— E como vocês o fazem?

Noys fez uma pausa e então disse: — Como posso explicar isso, Andrew? Fui educada a saber certas coisas sem realmente entender tudo sobre elas, exatamente como você.

Você sabe explicar o funcionamento de um Computaplex? Contudo, sabe que existe e funciona.

Harlan enrubesceu. — Bem, então?

— Nós aprendemos a observar as Realidades e descobrimos ser o Estado Básico assim como descrevi — disse Noys. — Descobrimos, também, a Mudança que havia destruído o Estado Básico. Não era qualquer Mudança instituída pela Eternidade; era o estabelecimento da própria Eternidade: o mero fato de sua existência. Qualquer sistema como a Eternidade, que permita aos homens escolherem seu próprio futuro, acabará preferindo segurança e mediocridade, e em tais Realidades as estrelas estão fora de alcance. A mera existência da Eternidade destruiu o Império Galáctico. Para restaurá-lo, deve-se acabar com a Eternidade.

— O número de Realidades é infinito. O número de subdivisões de Realidades é infinito. Por exemplo, o número de Realidades que contêm a Eternidade é infinito; o número em que a Eternidade não existe é infinito; o número em que a Eternidade existe, mas é abolida, também é infinito. Mas meu povo escolheu do infinito um grupo que me envolvia.

— Eu nada tinha a ver com isso. Eles me educaram para minha tarefa assim como você e Twissell educaram Cooper para a dele. Mas o número de Realidades nas quais eu era o agente na destruição da Eternidade era também infinito. Ofereceram-me uma escolha entre cinco Realidades que pareciam menos complexas. Escolhi esta, esta que envolve você, o único sistema de Realidade que envolve você.

— Por que escolheu esta? — perguntou Harlan.

Noys desviou o olhar. — Porque eu o amava, sabe. Eu o amava muito antes de encontrá-lo.

Harlan estava perturbado. Ela dissera isso com profunda sinceridade. Ela é uma atriz… pensou ele doentiamente.

— Isto é bem ridículo — disse ele.

— É? Estudei as Realidades à minha disposição. Estudei a Realidade em que eu voltava ao século 482 e encontrava primeiro Finge e, então, você. A Realidade em que você vinha a mim e me amava, em que você me levava à Eternidade e ao distante futuro de meu próprio século, em que você dava direção errada a Cooper e em que você e eu, juntos, retornávamos ao Primitivo. Nós viveríamos no Primitivo pelo resto de nossos dias. Vi nossas vidas juntas, e elas eram felizes e eu o amava. Portanto isso não é ridículo, de forma alguma. Escolhi esta alternativa, de maneira que nosso amor poderia ser verdadeiro.

— Tudo isto é falso — disse Harlan. — É falso. Como espera que eu acredite em você?

Ele se deteve, e então disse subitamente:

— Espere! Você diz que sabia tudo isso com antecedência? Tudo que iria acontecer?

— Sim.

— Então você está obviamente mentindo. Você teria sabido que eu a manteria aqui a ponta de revólver. Teria sabido que falharia. Qual é sua resposta para isso?

Ela suspirou levemente. — Eu lhe disse que há um número infinito de subdivisões de Realidades. Não importa quão corretamente focalizamos uma dada Realidade, ela sempre revela um número infinito de Realidades muito similares. Há pontos indistintos. Focalizamos o mais correto, o menos indistinto, mas a perfeita nitidez não pode ser conseguida. O menos indistinto, o de menor probabilidade de variação ao acaso estragando o resultado, mas a probabilidade nunca é absolutamente zero. Um ponto indistinto estragou as coisas.

— Qual?

— Era para você ter voltado ao distante futuro depois que fosse retirada a barreira do século 100.000, e você o fez. Mas era para você ter voltado sozinho. Foi por esse motivo que fiquei momentaneamente tão alarmada por ver o computador Twissell com você.

Novamente Harlan ficou agitado. Como ela fazia as coisas se encaixarem!

— Eu teria ficado ainda mais alarmada — disse Noys — se eu tivesse compreendido o significado completo dessa alteração. Se tivesse voltado sozinho, você teria me trazido ao Primitivo, como fez.

Então, por amor à humanidade, por amor a mim, você teria deixado Cooper onde está. Seu círculo teria sido quebrado, a Eternidade teria acabado e nossa vida juntos, aqui, teria sido segura.

— Mas você voltou com Twissell, uma variação ao acaso. No caminho, ele lhe falou a respeito de suas idéias sobre os Séculos Obscuros e o encaminhou a uma série de deduções que terminaram por fazê-lo duvidar de minha boa fé. Terminou com um revólver entre nós… E agora, Andrew, esta é a estória. Pode atirar em mim. Não há nada para detê-lo.

A mão de Harlan doeu por seu espasmódico aperto no revólver. Ele o passou rapidamente para a outra mão. Não haveria falha na estória dela? Onde estava a resolução que ele devia ter ganho por saber com certeza que ela era uma criatura dos Séculos Obscuros? Ele estava mais do que nunca torturando-se em conflito, e o alvorecer aproximava-se.

— Por que dois esforços para terminar com a Eternidade? — perguntou ele. — Por que a Eternidade não poderia ter acabado de uma vez por todas quando mandei Cooper ao século 20? As coisas teriam terminado então e eu não teria tido essa agonia de incerteza.

— Porque — respondeu Noys — terminar com esta Eternidade não é o suficiente. Devemos reduzir a probabilidade de se estabelecer qualquer forma de Eternidade ao ponto mais próximo de zero que pudermos conseguir. Portanto há uma coisa que devemos fazer aqui no Primitivo. Uma pequena Mudança, uma pequena coisa. Você sabe como é uma Mínima Mudança Necessária. É uma carta para uma península chamada Itália, aqui no século 20. É agora no século 19,32. Dentro de alguns Centiséculos, desde que eu envie a carta, um homem da Itália começará a fazer experiências com o bombardeio neutrônico de urânio.

Harlan ficou horrorizado. — Vocês alterarão a história Primitiva?

— Sim. É nossa intenção. Na nova Realidade, na Realidade final, a primeira explosão nuclear ocorrerá não no século 30, mas no 19,45.

— Mas vocês sabem do perigo? Podem avaliar o perigo?

— Sabemos do perigo. Observamos o feixe de Realidades resultantes. Há uma probabilidade, não uma certeza, naturalmente, de que a Terra termine com uma crosta altamente radioativa, mas antes disso…

— Você quer dizer que pode haver compensação para isso?

— Um Império Galáctico. Uma verdadeira intensificação do Estado Básico.

— Vocês ainda acusam os Eternos de interferirem…

— Nós os acusamos de interferirem diversas vezes para conservar a humanidade em casa e aprisionada. Nós interferimos uma vez, uma vez, para voltá-la prematuramente ao estudo nuclear, de maneira que

ela nunca, nunca, possa estabelecer uma Eternidade.

— Não! — disse Harlan desesperadamente. — Deve haver uma Eternidade.

— Se você preferir. A escolha é sua. Se deseja ter psicopatas ditando o futuro do homem…

— Psicopatas! — explodiu Harlan.

— Eles não são? Você os conhece. Pense!

Harlan fitou-a com violento horror, porém não pôde deixar de pensar. Pensou nos Aprendizes descobrindo a verdade sobre a Eternidade e no Aprendiz Latourette tentando matar-se, como resultado. Latourette tinha sobrevivido para tornar-se um Eterno, não se podia dizer com que cicatrizes na personalidade, ainda ajudando a decidir Realidades alternadas.

Pensou no sistema de classes da Eternidade, na vida anormal que transformava sentimentos de culpa em raiva e ódio contra os Técnicos. Pensou nos Computadores, lutando contra si mesmos, em Finge, conspirando contra Twissell e Twissell espionando Finge. Pensou em Sennor, que combatia sua cabeça calva por combater todos os Eternos.

Pensou em si mesmo.

Então pensou em Twissell, o grande Twissell, também infringindo as leis da Eternidade.

Era como se ele sempre houvesse sabido que a Eternidade era tudo isso. Por que mais deveria ele ter ficado tão ansioso por destruí-la? Porém nunca admitira isso completamente para si mesmo; nunca olhara o assunto claramente até, de súbito, agora.

E ele viu a Eternidade com grande clareza como um antro de psicoses profundas, uma cova retorcida de motivação anormal, uma massa de vidas desesperadas tiradas de contexto brutalmente.

Ele olhou para Noys inexpressivamente.

— Quer ver — disse ela amavelmente. — Venha comigo à entrada da caverna, Andrew?

Ele a seguiu, hipnotizado, intimidado pela integralidade com que havia ganho um novo ponto de vista. Seu revólver abandonou pela primeira vez a linha que o ligava ao coração de Noys.

Os pálidos raios da alvorada acizentavam o céu, e a volumosa caldeira, do lado de fora da caverna, era uma sombra opressiva contra o calor. Seu contorno estava embotado e obscurecido pela película atirada sobre ela.

— Esta é a Terra — disse Noys. — Não a eterna e apenas lar da humanidade, mas apenas um ponto de início de uma aventura infinita. Tudo que você precisa fazer é tomar a decisão. Ela fica a seu critério. Você, eu e o conteúdo desta caverna seremos protegidos por um campo de fisio-tempo contra a Mudança.

Cooper desaparecerá com seu anúncio; a Eternidade se irá e

também a Realidade de meu século, mas nós permaneceremos para ter filhos e netos, e a humanidade ficará para alcançar as estrelas.

Ele se voltou para fitá-la, e ela lhe sorria. Era Noys como ela havia sido, com seu próprio coração batendo como costumara bater.

Ele nem mesmo havia notado que tomara sua decisão, até que a tonalidade acinzentada invadiu todo o céu, quando o casco da caldeira não se fez mais sentir em oposição a ele.

Com aquele desaparecimento, ele sabia que, mesmo quando Noys se moveu lentamente em seus braços, viera o fim, o definitivo fim da Eternidade.

— E o começo da Infinidade.

FIM

notes

Notas

1

O mesmo que Papai Noel nos E.U.A. *(N. do T.)*

2

Tudo que se fala sobre o mercado *(N. do T.)*